

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE
MESTRADO ACADÊMICO**

ROSIANE DE OLIVEIRA SILVA

PRINCESA DA BAIXADA E A BELLE ÉPOQUE PINHEIRENSE

**Aspectos políticos e culturais na
cidade de Pinheiro (1920-1930)**

**São Luís
2021**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE
MESTRADO ACADÊMICO

ROSIANE DE OLIVEIRA SILVA

PRINCESA DA BAIXADA E A *BELLE ÉPOQUE* PINHEIRENSE: aspectos políticos e
culturais na cidade de Pinheiro, MA (1920-1930)

São Luís

2021

ROSIANE DE OLIVEIRA SILVA

PRINCESA DA BAIXADA E A *BELLE ÉPOQUE* PINHEIRENSE: aspectos políticos e culturais na cidade de Pinheiro, MA (1920-1930)

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Arkley Marques
Bandeira.

São Luís

2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Silva, Rosiane de Oliveira.

Princesa da Baixada e a belle époque pinheirense :
Aspectos políticos e culturais na cidade de Pinheiro 1920-
1930 / Rosiane de Oliveira Silva. - 2021.

189 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Arkley Marques Bandeira.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Cultura e Sociedade/cch, Universidade Federal do Maranhão,
Pinheiro, 2021.

1. Belle Époque. 2. Cultura. 3. Memória. 4.
Pinheiro. 5. Representações Sociais. I. Bandeira, Prof.
Dr. Arkley Marques. II. Título.

ROSIANE DE OLIVEIRA SILVA

PRINCESA DA BAIXADA E A *BELLE ÉPOQUE* PINHEIRENSE: aspectos políticos e culturais na cidade de Pinheiro, MA (1920-1930)

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Arkley Marques Bandeira (Orientador)
Doutor em Arqueologia
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Klautenys Dellene Guedes Cutrim
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Marcelo Fagundes
Doutor em Arqueologia
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

A Vinícius, minha eterna lembrança.

AGRADECIMENTOS

Um dia li que “não existe nada tão nosso quanto nossos sonhos”, e, nesse processo do mestrado, ficou muito mais claro: que nós somos responsáveis por lutar por aquilo que almejamos. Os caminhos trilhados são de incertezas, medos e angústias. No entanto, durante essa trajetória, as forças superiores colocaram pessoas maravilhosas em minha vida e que compartilharam desse momento comigo.

Agradeço, em especial, aos meus pais, Maria de Oliveira e Julião Silva, início de tudo, que nunca mediram esforços para minha educação e sempre me apoiaram em todas as etapas da minha vida. Sem vocês, nada disso seria possível. Muito obrigada por tudo. Amo vocês.

Às minhas irmãs Danielle Silva e Raquel Silva e aos meus irmãos Wellington Silva e Domingos Sá, por sempre me motivarem a seguir em frente. É muito bom saber que posso contar com vocês em todos os momentos (até mesmo naqueles que vocês sabem que estou fazendo “burrada”).

A Vinicius Vilker, por ter compartilhado sua vida e suas experiências comigo. Todos os que passam pelas nossas vidas nos ensinam de alguma forma, deixando marcas profundas em nós. Eu sou muito agradecida por fazer parte da minha vida, você tem um lugar especial nesta conquista. Como diz Shakespeare, em *O Menestrel*,

[...] que, não importa quanto você se importe, algumas pessoas simplesmente não se importam... E aceita que não importa quão boa seja uma pessoa, ela vai feri-lo de vez em quando e você precisa perdoá-la por isso [...] e que ser flexível não significa ser fraco, ou não ter personalidade, pois não importa quão delicada e frágil seja uma situação, sempre existem, pelo menos, dois lados (SHAKESPEARE *apud* ITALO, 2017).

E que é nos momentos mais difíceis que sabemos quem realmente está disposto a nos apoiar e suportar a vida com companheirismo e humildade. Por me mostrar que, por mais que tentemos, não somos perfeitos; porém devemos apoiar e colaborar para o sucesso de quem gostamos, se gostamos. Tudo que me ensinou, mesmo do seu jeito, será levado por toda a vida.

Às minhas primas-irmãs Elcimar Amorim e Lucidalva Silva, pelos momentos, vinhos compartilhados, apoio incondicional e carinho imenso. Sem esquecer os puxões de orelhas que contribuíram muito para o meu crescimento.

Agradeço a Dona Rita Soares, minha segunda mãe, por todos os ensinamentos e incentivos. Sou imensamente agradecida por ter cruzado o seu caminho e compartilhar da sua companhia.

À minha amiga Luzinete, por compartilhar comigo as aflições e por estar disposta a me ouvir e sempre acalmar meu coração.

Às minhas amigas-irmãs Caroline, Licia, Monielle, Maricleide e Mirama. Minhas amigas, como sou grata pela nossa amizade de tantos anos, tudo que vocês me ajudaram a suportar na vida, pelos conselhos e horas dispensadas para que eu pudesse seguir com meus sonhos.

Agradeço às amigades antigas e às amigades recentes, que, mesmo com toda a ausência, compreenderam e torceram para meu sucesso, em especial, Princesa Ursa, pelos conselhos, incentivos e por ouvir incansavelmente as minhas angústias e tristezas. Obrigada por repetir muitas vezes: “isso vai passar, e tudo ficará bem”.

Agradeço às pessoas maravilhosas com quem o mestrado me permitiu conviver, que estiveram nas discussões, nas sextas no Reviver e dividindo as angústias e que se tornaram parte da minha vida. Em especial, agradeço:

Ao meu orientador, e (por que não dizer?) amigo, Arkley Marques Bandeira, por todo o conhecimento compartilhado, por não medir esforços para isso, pelas valiosas orientações e por ter confiado na realização deste trabalho, mesmo com todas as dificuldades que encontraríamos para a sua concretização. Não foi uma decisão fácil, no entanto era necessário iniciar discussões sobre questões culturais da cidade de Pinheiro. Eu só tenho a agradecer por ter embarcado nessa viagem rumo ao desconhecido comigo, foi uma viagem de praticamente três anos de companheirismo e compreensão. Obrigada.

Agradeço também, em nome da Coordenadora, Zilmara Viana de Carvalho, a todos os professores do PGCULT. Sem o apoio e conhecimento compartilhado, não seria possível chegar até aqui.

Ao meu amigo Alípio Monteiro, pelo companheirismo diário durante todo o mestrado e pelos ensinamentos. Devo muito do que aprendi a você, que tornou os dias muito mais leves e divertidos. Obrigada por me ajudar em todos os momentos que precisei. Sou muito grata a você.

Ao meu amigo e encontro de almas, Gabriel Vidinha, por todos os momentos, cafés e leituras compartilhadas nos corredores do CCH. E, também, pelo apoio nos momentos de dificuldades. Uma amizade que o mestrado proporcionou e que eu quero levar por toda vida. Para o resto da vida.

À Maria do Socorro, ser iluminado, exemplo de força e prova de que existem anjos na terra e que são colocados em nossos caminhos para que possam nos apoiar quando achamos que nossas forças estão esgotadas. Obrigada por oferecer palavras de conforto,

principalmente nessa fase final. A você, minha eterna gratidão.

À Imaíra, pessoa que aprendi a admirar pela determinação, pelo compromisso no que faz e, principalmente, por ser essa pessoa incrivelmente gentil.

À Samary, Danielle e Sussane pela convivência sempre muito agradável.

À Dona Sandra Mendes, que me ajudou com a disponibilização do material de pesquisa e abriu a porta da sua casa, mesmo num momento tão complicado por conta do covid-19, e seu acervo riquíssimo sobre a cidade de Pinheiro. Serei eternamente grata por toda a ajuda, os cafés, almoços e longas conversas que contribuíram imensamente para a construção deste trabalho.

Ao meu amigo Paulo Sérgio Amorim, pela amizade construída e que, mesmo com toda a ausência, não deixou de me dar apoio e ajudar quando solicitei.

Aos meus amigos do Câmpus Pinheiro que apoiaram, colaboraram e me ouviram muitas e muitas vezes com muita paciência. Em especial, agradeço a Evandicleia Carvalho, Dinalva Pereira, Ana Patricia Sodré, Fabiane Qu sia, Lucas Silva, Romulo Silva, Edilson Lima, Thiago Teixeira, Yllana Marinho, Igor Roberlando, Adriana Bordignon, Christian Flaker e Tércio Amorim; as bibliotecárias Letycya Vieira e Soraya Albuquerque e o bibliotecário Lucio Lago, seres incríveis, pelas contribui es neste trabalho. Um agradecimento especial a Marcelo Nunes, que me substituiu brilhantemente quando precisei me afastar das minhas atividades para a realiza o do mestrado, e a Ana Caroline Nunes que, por muitas vezes, esteve   frente das atividades do Centro para que eu pudesse realizar as pesquisas e escrita da disserta o. Obrigada a todos vocês, que entenderam minha ausência e colaboraram para que eu pudesse finalizar mais esta etapa.

A realiza o desta pesquisa não seria possível sem a colabora o das institui es que me deram as condi es necessárias para tanto, portanto fica meu agradecimento   Universidade Federal do Maranhão, especialmente ao Câmpus de Pinheiro, em nome do professor Alexandre Fonseca, a Coordena o de Aperfei amento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudo que permitiu o desenvolvimento do estágio na Universidade Estadual do Sudoeste Baiano (UESB), que, em nome da professora Livia, agradeço imensamente a acolhida e a experiência em aprofundar os conhecimentos na temática da memória.   Academia Pinheirense de Letras, Artes e Ciências (APLAC), que, na pessoa da vice-presidente, a acad mica Iranilda Fonseca, incansavelmente, procurou colaborar com este trabalho com muita presteza e simpatia.

Enfim, agradeço a todos que torceram pelo meu sucesso, àqueles que incentivaram e acreditaram neste projeto.   muito bom saber que posso contar com vocês em

todos os momentos.

E, para concluir, deixo aqui uma citação do livro *O Peregrino*:

E, apesar da grande dificuldade, eu cheguei aqui, mas agora não me arrependo de todos os conflitos por que passei para chegar aonde estou. Eu dou a minha espada àquele que me sucederá na minha peregrinação e minha coragem e habilidade para aquele que as conquistar. Minhas marcas e cicatrizes carrego comigo para que sejam minhas testemunhas que lutei as batalhas daquele que agora será meu recompensador (BUNYAN, 1678 *apud* UM PEREGRINO..., 2018).

Volveu os olhos para o fundo da praça e descobriu o “bangalô”. Ainda estava lá, a casa mais bonita da cidade, naquele tempo. O bangalô chamava a atenção pelas grades de ferro que o cercavam, pelas janelas de vidros coloridos e pela arquitetura recuada, diferente das demais residências que foram construídas rente às calçadas. Até mesmo as de estilo português, cujas entradas eram por um terraço, todas elas enfileiravam-se junto às calçadas. Daí a imponência do bangalô francês [...] viu-se na esquina da casa de Sr. Ladislau. Parou. Olhou em volta, sentindo as pernas tremerem. Passou a mão na parede lisa e sentiu novamente aquela magia que lhe devolvia o passado com tal intensidade como se o outrora estivesse acontecendo agora, tal qual um filme exibido na tela do tempo. (LEITE, 2000, p. 34-41).

RESUMO

Esta pesquisa investiga os processos históricos, sociais e culturais que foram preponderantes para a inserção da cidade de Pinheiro no movimento conhecido como *Belle Époque*. A investigação vem se estruturando por meio da identificação e análise das transformações culturais e urbanísticas que ocorreram no início do século XX, entre as décadas de 1920 e 1930, tendo as cidades de Paris, Belém, Manaus e o Rio de Janeiro como referências culturais da modernidade. O estudo traz à baila reflexões e interpretações sobre diferentes suportes documentais, como as produções bibliográficas, as fontes jornalísticas, a iconografia histórica e os relatos orais. A ideia é apreender as teias tecidas na memória coletiva, nas representações e nos imaginários construídos especialmente na dimensão cultural da cidade em uma perspectiva interdisciplinar entre a História e os Estudos Culturais. Para tal, serão discutidos os conceitos de Cultura, História Cultural, Representações Sociais, Memória, a fim de entender o contexto de ruptura de uma sociedade tradicional e agrária para outra, moderna e urbana.

Palavras-chave: *Belle Époque*. Memória. Representações sociais. Cultura. Pinheiro

ABSTRACT

This research investigates the historical, social and cultural processes that were preponderant for the insertion of the city of Pinheiro in the movement known as *Belle Époque*. The investigation, which is still in progress, has been structured by means of identifying and analyzing cultural and urban transformations that occurred in the early twentieth century, between the 1920s and 1930s, in France and Rio de Janeiro, as cultural references of modernity. The study brings up reflections and interpretations on different documentary supports, such as bibliographic productions, journalistic sources and oral reports. The idea is to apprehend the webs woven into the collective memory, representations and imaginations built especially in the cultural dimension of the city in an interdisciplinary perspective between History and Cultural Studies. For such purposes, the concepts of Culture, Cultural History, Social Representations, Memory will be discussed in order to understand the context of rupture from a traditional and agrarian society into a modern and urban one.

Keywords: *Belle Époque*. Memory. Social Representations. Culture. Pinheiro.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1	– Localização Geográfica da Cidade de Pinheiro.....	25
Imagem 1	– Cartazes da exposição universal de Paris dos anos de 1889 e 1900, com destaque para o marco da modernidade mundial, a Torre Eiffel e a arquitetura em ferro e vidro.....	64
Imagem 2	– Exemplos de Art Nouveau na arquitetura e na moda: Casa Batlló, em Barcelona, projetada pelo espanhol Antonio Gaudí, em 1875 e o cartaz representando uma mulher com as características típicas do movimento: florais, vestidos flutuantes e leveza.....	66
Imagem 3	– Capa de álbum <i>The City of Manáos and the Country of Rubber Trees</i> e a reprodução da fachada do Teatro Amazonas, símbolo de poder e opulência no seio da floresta tropical.....	72
Imagem 4	– Dois símbolos de modernidade na São Luís em fins do século XIX: o passeio público na Praça Gonçalves Dias e a Estação da Companhia Ferro Carril com os bondes do Maranhão.....	75
Imagem 5	– Montagem com os cabeçalhos do Jornal de Pinheiro entre 1922-1930.....	79
Imagem 6	– Notícias sobre o progresso de Pinheiro entre 1922 e 1930.....	80
Imagem 7	– Notícias sobre as construções de Pinheiro entre 1922 e 1930.....	81
Imagem 8	– Notícias sobre o progresso e melhoramento de Pinheiro entre 1922 e 1930.....	82
Imagem 9	– Opinião sobre o progresso de Pinheiro entre 1922 e 1930.....	83
Imagem 10	– Notícias chamando atenção sobre casas em ruínas e melhoramentos da cidade de Pinheiro entre 1922 e 1930.....	84
Imagem 11	– Notícias sobre o processo de arborização das ruas e praças de Pinheiro entre 1922 e 1930.....	85
Imagem 12	– Notícias sobre o progresso e conquistas de Pinheiro entre 1922 e 1930.....	86
Imagem 13	– Prédio onde funcionava a jornal Cidade de Pinheiro.....	92
Imagem 14	– Prédio onde funcionava a Biblioteca Pública de Pinheiro e Loja Maçônica Renascimento de Pinheiro.....	95
Imagem 15	– Grêmio Cultural e Recreativo Pinheirense.....	101
Imagem 16	– Alice Guterres, filha do comerciante português.....	108

Imagem 17	– Grupo de senhoritas pinheirenses, representantes da classe abastada da sociedade.....	109
Imagem 18	– Jovem pinheirense.....	110
Imagem 19	– Frontão do Cemitério Santo Inácio. Planta do cenógrafo francês Antonio Rabasa e construído pelo arquiteto Gonçalo Belém.....	126
Imagem 20	– Residência de José Gomes Junior.....	128
Imagem 21	– Residência de Josias Peixoto localizada na Rua Nova.....	130
Imagem 22	– Casa Veneza de Albino Paiva.....	138
Imagem 23	– Casa da família Gonçalves, vendida para a prelazia de Pinheiro.....	140
Imagem 24	– Casa de Américo Gonçalves, comerciante português.....	134
Imagem 25	– Residência localizada no trecho da Rua Nova e Mercado.....	144
Imagem 26	– Casa de Josias Abreu.....	145
Imagem 27	– Avenida Principal da Cidade de Pinheiro no século XX e ao fundo a primeira prefeitura, postes de iluminação, rua largas e com canteiro central.....	150
Imagem 28	– Praça da República, Pinheiro-MA, [19--].....	151
Imagem 29	– Trecho da rua vendo-se na esquina a casa de Casa de Clemente Sousa na esquina.....	152
Imagem 30	– Boulevard Frederico Peixoto, localizado às margens dos campos alagados de Pinheiro.....	154
Imagem 31	– Prédio do Grupo Escolar Odorico Mendes, construído em 1942.....	157
Imagem 32	– Rotas da Navegação Litorânea.....	160
Imagem 33	– Sobrado comercial e residencial do comerciante Albino Paiva, localizado às margens do campo de Pinheiro.....	162
Imagem 34	– Residência de Agostinho Marques Ramalho, vendida para a Prelazia de Pinheiro.....	165
Imagem 35	– Sobrado de Coló: 1ª casa comercial de Albino Paiva.....	164
Imagem 36	– Elisabetho Barbosa de Carvalho, juiz da Comarca de Pinheiro e principal idealizador de uma Pinheiro moderna e civilizada.....	166
Imagem 37	– Casa de Elisabetho Barbosa de Carvalho, Juiz de Direito.....	168

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APLAC	Academia Pinheirense de Letras, Artes e Ciências
CAEMA	Companhia de Esgoto e Saneamento do Maranhão
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCH	Centro de Ciências Humanas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MA	Maranhão
PGCult	Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste Baiano

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 CULTURA, HISTÓRIA CULTURAL, MEMÓRIA E SUAS IMPLICAÇÕES:	
análise teórica	27
2.1 A concepção do conceito de Cultura	27
2.2 Um olhar sobre a História Cultural	35
2.3 Reflexões sobre a memória	38
2.3.1 O conceito de memória em Bergson	38
2.3.2 O Espaço da memória em Halbwachs	40
2.3.2.1 A memória do espaço para Halbwachs	44
2.3.3 Epistemologias vividas: memória, espaço, lugar	49
3 A CIDADE E SUAS REPRESENTAÇÕES: o progresso e a modernidade	53
3.1 Contextualização da Belle Époque	56
3.1.1 A Belle Époque francesa	56
3.1.2 O Brasil durante o <i>fin-de-siècle</i> : a Belle Époque tropical	64
3.1.3 A modernização e o ideal parisiense	67
4 REPRESENTAÇÕES DO JORNAL CIDADE DE PINHEIRO SOBRE AS PRÁTICAS COTIDIANAS DE CONSTRUÇÃO DE UMA CIDADE MODERNA ENTRE 1920-1930	76
4.1 Pinheiro: origens do núcleo urbano e a Princesa da Baixada	84
4.2 Pinheiro progride: equipamentos culturais	87
4.3 Pinheiro Progride: a fina flor pinheirense	105
4.4 As origens do núcleo urbano e o embelezamento estratégico da cidade	114
4.5 Projeto urbanístico e redefinição do espaço urbano: casas de platibandas, boulevard, praças e a arborização	124
4.5.1 Casas de Platibanda	124
4.5.2 Arborização	143
4.5.3 Rua Nova e Praça da República	147
4.5.4 Boulevard Frederico Peixoto	151
4.6 Construindo uma sociedade civilizada: o mito da alta educação	153
4.7 Navegação Costeira: Belém, Pinheiro e São Luís	155
4.8 Pinheiro e a vida comercial: os comerciantes portugueses	159
4.9 Elisabetho de Carvalho: a personalidade pública	163

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	169
REFERÊNCIAS.....	176
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	185
APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	187

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo objetiva contribuir para o conhecimento histórico e cultural da cidade de Pinheiro-MA. Para tanto, esta dissertação analisa o processo de inserção do município no movimento denominado pela historiografia mundial de *Belle Époque*, por meio da identificação e análise das transformações culturais, sociais, econômicas e urbanísticas que ocorreram no início do século XX, entre as décadas de 1920 e 1930.

O estudo traz à baila reflexões e análises das produções bibliográficas, pesquisa documental, iconográfica e relatos orais. A ideia central da pesquisa é apreender as teias tecidas na memória coletiva, nas representações e nos imaginários construídos especialmente na dimensão cultural da cidade quanto a construção do título da cidade de Princesa da Baixada. Nessa perspectiva, o trabalho lança um olhar fenomenológico como método de análise do objeto de estudo. Sua originalidade está no âmbito dos estudos regionais, sobretudo, pela dimensão cultural que reflete no conhecimento sobre a história da constituição da cidade em um dos seus períodos mais punjanetes no recorte cronológico apresentado.

Tal perspectiva encontra coro nos trabalhos de Le Goff (1990, p. 129), que reconhece que “O passado não é estudado enquanto passado; ele é revivido e incorporado no presente [...]”. Logo, o interesse em estudar o passado, compreendê-lo e procurar vínculos com o presente foi o que motivou a desenvolver a pesquisa: Princesa da Baixada e a *Belle Époque* pinheirense: aspectos políticos e culturais da cidade de Pinheiro, entre as décadas de 1920 e 1930.

O nosso interesse pelo desenvolvimento da pesquisa, cujo tema versasse acerca da história de Pinheiro, despertou logo após o meu retorno para a cidade, após dez anos afastada desta terra, considerada por seus habitantes a Princesa Centenária da Baixada. Com base nessa visão de que Pinheiro foi e é o expoente maior da região, construímos a problemática que delineou as questões em torno da investigação.

A esse respeito, permaneci por muito tempo sendo instigada constantemente sobre a construção desse título, que permanece fortemente enraizado na memória coletiva e no imaginário da sua população como observamos na letra da música de compositores pinheirenses que cantam as belezas naturais, a cultura e os mitos da linda Pinheiro “[...] terra bonita e encantada, orgulha a Baixada e o Maranhão... Princesa linda, linda princesa. O azul que veste cada manhã reflete nas águas do Pericumã” (CARDOSO, 2020). O cantor, compositor, escritor e professor Elizeu Cardoso (2020) é autor de diversos trabalhos em homenagem à Princesa da Baixada, a cidade de Pinheiro, entre elas, a música “Linda

Princesa”.

Após problematizar sobre os possíveis motivos que a memória individual e coletiva e o imaginário da população pinheirense perpetuaram ao longo das décadas, esse título, buscamos trilhar um caminho interdisciplinar, por meio da Cultura, da História cultural, da Memória e Representações sociais, visando desenvolver uma pesquisa que pudesse enfocar o meu lugar de nascimento.

A ausência de estudos culturais sobre a história mais recente de Pinheiro foi um dos desafios que buscamos superar e que motivou a construção desta dissertação. Logo buscamos enfocar a dimensão cultural de Pinheiro e de seu espaço urbano, sobretudo no recorte temporal estabelecido na pesquisa. Sendo natural deste município, propusemo-nos a estudar um período da história da cidade que hipotetizamos, desde a fase de projetos, corresponder à construção do título de Princesa da Baixada. A esse respeito, logo que nos debruçamos sobre as pesquisas bibliográficas, observamos que as investigações sobre o tema quase inexistiam. Logo compreendemos que este trabalho poderia contribuir para preencher essa lacuna e poderia se constituir em uma importante fonte para pesquisas acadêmicas e um instrumento de registro e reconhecimento.

Por configurar-se como um trabalho inédito no que diz respeito à abordagem sobre Pinheiro, com o foco no movimento cultural e político do início do século XX, buscamos contribuir como um ponto de partida para futuros trabalhos mais aprofundados sobre a história da cidade, visto que não temos conhecimento de estudos sobre seus aspectos culturais, políticos e sociais.

Nesse contexto, realizamos um estudo pioneiro acerca de um período específico da cidade, ocorrido entre 1920-1930, que pode ser considerado um movimento cultural em torno de aspectos relacionados com uma profunda modernização de Pinheiro. Com base nessa constatação, buscamos identificar os sujeitos em tempos, lugares e espaços que colaboraram para o processo de transformação de uma cidade rural naquilo que as elites da época consideraram como um modelo de “civilização e progresso” na Baixada Ocidental. Além disso, pretendemos investigar as causas que contribuíram para a denominação da urbe de Princesa da Baixada. Para isso, utilizamos uma abordagem metodológica de análise de documentação histórica, principalmente das notícias do semanário Cidade de Pinheiro, iconografias e imagéticos, consubstanciada com relatos orais que foram coligidos por meio dos métodos da história oral. O obstáculo epistemológico (BACHELARD, 1996) está expresso no fato de que ainda são poucas e/ou ainda não houve interesse na produção do estudo sobre a dimensão cultural da história mais recente da cidade.

Para a realização do trabalho, optamos por um recorte temporal que se debruça entre as décadas de 1920 a 1930. Essa demarcação deve-se ao fato de que, nesse período, ocorreram mudanças significativas no contexto político, cultural, social e econômico que incidiram em uma tentativa por parte do poder público e da iniciativa privada em modernizar a cidade¹. As mudanças que ocorreram nesse curto espaço de tempo envolveram fatores internos e externos, cuja inspiração podemos situar em torno do movimento denominado *Belle Époque*, iniciado na capital francesa, que, a partir das reformas urbanas realizadas pelo Barão de Haussmann, responsável pela reformulação de uma nova Paris, transformou-a na capital do século XIX (BENJAMIN, 2009), exemplo seguido em várias partes do mundo.

Segundo Ortiz (1991), o movimento denominado de *Belle Époque* corresponde ao período entre o fim do século XIX e início do século XX, quando a Europa conseguiu se desenvolver tecnologicamente, principalmente o momento em que a capital francesa passava por uma reformulação para tornar-se uma sociedade moderna, reflexo de uma época em que, ao mesmo tempo que trazia o fim de uma era, surgia uma nova sociedade francesa que passaria a ser referência para a Europa e para o mundo. Paris continuou como a capital cultural do continente e passou por grandes reformas, tais como alargamento de avenidas e urbanização da cidade, criação de parques e passeios públicos, que a levaram a ser denominada de Cidade Luz. Assim, a França influenciou não só a Europa, mas todo o mundo. No Brasil, o processo de modernização iniciou-se pela Capital Federal à época, o Rio de Janeiro, que serviu de espelho para as demais cidades brasileiras e se estendeu até os anos de 1920, com a tentativa de modernização de várias cidades brasileiras.

Esse contexto histórico chega tardiamente em Pinheiro, se tomarmos como referência a capital do estado, São Luís, e cidades do norte do país, como Belém e Manaus. Não obstante, o início do século XX apresentou-se com vigor, poder e espírito de modernização sem precedentes na história da cidade. Semearam-se possibilidades de reconfigurações que deixaram marcas como signos de um período filtrados pelas elites² que idealizaram a reestruturação da cidade tendo como referência a modernidade observada na cidade de Paris.

Nesse sentido, o trabalho busca estudar as transformações urbanísticas e culturais

¹ O progresso, poder-se-ia dizer, esteve no centro do imaginário social do século XIX (PESAVENTO, 1995).

² Por “elite”, entende-se que seja uma minoria que detém o poder para manter a dominação em determinada sociedade, sendo política, econômica, cultural ou simbólica (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998). Tal elite empreende uma visão de mundo que elabora uma representação dominante da realidade. Esse conceito de visão de mundo é empreendido por Chartier (2002) que o interpreta de Lukács, Goldmann e Löwy, discutindo uma história das ideias/mentalidades, tal qual Febvre pensava no conceito de aparelhagem mental, e Panofsky (mais adiante, também Bourdieu) apreendeu com o conceito de “habitus”.

da cidade em um período mais tardio em relação ao apogeu da *Belle Époque* europeia, processo histórico dinâmico e múltiplo de construção de experiências vividas pelos pinheirenses. Assim, esta dissertação propõe uma leitura do processo de formação da sociedade moderna de Pinheiro, naquilo que estamos categorizando como a *Belle Époque* Pinheirense.

De acordo com este preâmbulo, construímos o seguinte questionamento chave: quais as relações de sociabilidade vivenciadas pela cidade de Pinheiro no período entre 1920 e 1930, para a construção/denominação do título de Princesa da Baixada e as possíveis relações com uma *Belle Époque* local? Ou seja, quais as representações construídas sobre a cidade e o cenário político-cultural no período denominado de *Belle Époque* que retratam a euforia da sociedade pinheirense da época, ato que gerou um clima cultural e intelectual que inseriu novas formas de pensar e viver o cotidiano da cidade de Pinheiro?

Para tanto, partiremos de alguns questionamentos, a exemplo de como as ações políticas, entre as décadas de 1920 e 1930, que resultaram nas melhorias das condições urbanas de Pinheiro, poderiam ser concebidas no âmbito de uma *Belle Époque* pinheirense? Além disso, em que medida a elevação de “vila” à categoria de “cidade” promoveu melhorias urbanas, embelezamento de praças, criação de equipamentos culturais e modernização das vias públicas? Quais fatores, no âmbito político, econômico e das mentalidades, foram responsáveis pela transformação de uma vila rural em uma cidade urbanizada e com ares modernos?

Na tentativa de responder a tais inquietações, partimos da pesquisa qualitativa, pautada em leituras bibliográficas, documentais e na história oral, cuja metodologia deu-se em quatro momentos: 1) levantamento, leitura, fichamento, sistematização e análise de produção de material bibliográfico no âmbito do tema em análise; 2) coleta, organização, análise e sistematização de dados secundários (pesquisa documental) com a Academia Pinheirense de Letras e Ciências de Pinheiro (APLAC); 3) realização das entrevistas semiestruturadas e 4) sistematização dos dados levantados, interpretação e escrita da dissertação.

Em um primeiro momento, foi realizada a análise de material já publicado (livros, artigos científicos), visto que isso permite ao investigador “[...] a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 1999, p. 65). Dessa forma, para desenvolver os conceitos norteadores deste trabalho, a pesquisa bibliográfica teve a função de fundamentar as categorias de cultura, história cultural, memória e imaginário social, aspectos essenciais para construir correlações com a formação histórica, política e cultural da cidade.

Em um segundo momento, o desenvolvimento da pesquisa documental foi predominante, uma vez que “[...] vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (GIL, 1999, p. 66). A característica da pesquisa documental é que as fontes de coletas de dados estão restritas a documentos, escritos ou não, “[...] construído o que se denomina de fontes primárias” (MARCONI; LAKATOS, 2012, p. 62).

No que se refere à pesquisa documental, esta foi realizada no acervo do arquivo que está sob a guarda da senhora Sandra Mendes, na cidade de Pinheiro-MA, com a finalidade de buscar informações em documentos (históricos, institucionais, oficiais) para obtenção de dados que forneceram informações do contexto do movimento cultural e político do período, a saber: textos diretivos, decretos, normas de conduta, discursos e notícias em periódicos.

Dentre esses, destacamos a principal fonte de informação do ponto de vista documental: os fascículos originais do *Jornal Cidade de Pinheiro*, no qual constam informações sobre a história do município. Dessa forma, foi realizada uma análise das representações apresentadas no periódico sobre como as questões cotidianas, principalmente no tocante à construção do imaginário e a ideia de uma cidade moderna com base nas representações sociais que foram produzidas sobre aquelas questões e que se objetivam em práticas sociais sobre a cidade entre 1920 e 1930.

Quanto à fonte documental, privilegiamos o uso do *Jornal Cidade de Pinheiro*. Ele nos ajudou a caracterizar a história do referido município, pois se constituiu como a principal fonte de pesquisa da dissertação, por permitir vislumbrar o cotidiano da cidade, possibilitando-nos acompanhar a memória e estabelecer a cronologia dos fatos históricos.

Fundado em 25 de dezembro de 1921 por Elisabetho Barbosa de Carvalho³, Bráilio Adonico de Castro Barroca e Clodoaldo Cardoso, o jornal *Cidade de Pinheiro*, periódico semanal, que retratou a vida e as aspirações do município, tornando-se um meio de divulgação das ações administrativas, culturais, economias, políticas, moda, comportamentos, ideias e empreendimentos não só da cidade, como também de toda a região da Baixada Maranhense.

O trabalho buscou além das notícias no *Jornal Cidade de Pinheiro*, informações nos impressos e em livros sobre a região, fotografias, leis e regulamentos e a produção

³ Natural da Cidade de Amarante do Piauí, nasceu em 11/11/1886. Mudou-se para Pinheiro quando foi nomeado no cargo de Juiz de Direito da Cidade na década de 1920. Casou-se com a pinheirense Fausta Guterres. Ao longo da vida, exerceu diversos cargos públicos como: promotor de justiça, chefe da polícia do Estado, interventor federal, Deputado Federal, entre outros. De 1960 a 1964, foi Prefeito de Pinheiro. Faleceu no ano em 18/03/1966, aos 80 anos, na cidade de Pinheiro. Convém ressaltar que estas informações foram fornecidas por Graça Leite em entrevista concedida em 11 de fevereiro de 2020.

historiográfica referente ao período.

Outra fonte utilizada para análise foram as fotografias, por meio das quais pudemos verificar as práticas sociais, sociabilidades e as iniciativas de embelezamento da cidade. Nessa perspectiva, as fotografias selecionadas retrataram os espaços públicos, a arquitetura, a moda, as atividades culturais, entre outros elementos.

No terceiro momento, consubstanciadas com a história oral, foram realizadas entrevistas com os “guardiões da memória local”: escritores que trataram de Pinheiro, residentes ou não na cidade que trouxeram referências sobre o recorte temporal adotado no presente estudo —, a exemplo de literatos, políticos, intelectuais, jornalistas, entre outros atores sociais, com vistas a refletir sobre as representações e imaginários construídos sobre a cidade de Pinheiro, especialmente quando ela começou a ser chamada de “Princesa da Baixada”.

Para isso, utilizamos a técnica metodológica *Snowball*, que é uma forma de amostragem utilizada nas Ciências Sociais, na qual os cada pessoa entrevistada indica uma outra para abordar sobre o mesmo tema, e assim por diante até que os nomes comecem a se repetirem e os temas se saturam. O ponto de saturação é atingido quando os novos participantes começam a repetir as informações obtidas anteriormente, sem acrescentar novas informações relevantes para a pesquisa.

Nessa pesquisa, a escolha dos entrevistados se deu por sua posição estratégica no contexto da cidade de Pinheiro. O contato inicial ocorreu pela escritora pinheirense Graça Leite. Essa opção se deveu ao fato de ela já ter desenvolvido trabalhos literários que tratam da temática da memória, principalmente nos seus livros: *O Sonho e o Tempo* (2000) e *La vêm elas* (2006), lidos anteriormente para elencar elementos que pudessem contribuir para o desenvolvimento da pesquisa.

Na concepção de Duarte (2010), a entrevista em profundidade busca saber como um fenômeno é percebido pelo conjunto de entrevistados e fornecer elementos para a compreensão de uma situação ou da estrutura de um problema.

Com o advento da Nova História Cultural, a pesquisa histórica buscou incluir novos objetos no campo da historiografia (BURKE, 2005), o que contribuiu para a utilização das narrativas de experiências pessoais como fonte para a pesquisa. Essa abordagem possibilita a utilização dos testemunhos para a compreensão do tecido sociocultural de uma determinada sociedade. Os relatos orais permitiram conhecer as interpretações do passado por meio das experiências e memórias, que não são apenas individuais, mas uma memória de grupos (HALBWACHS, 2006).

Na pesquisa bibliográfica, fizemos uso dos estudos voltados para as categorias de análise interdisciplinares que fundamentaram esta dissertação: História Cultural, Memória coletiva, Cultura e Representações sociais. Também subsidiaram a pesquisa autores maranhenses que fizeram o registro da história da cidade de Pinheiro, nos auxiliando para o entendimento das temáticas relacionadas à cidade de Pinheiro, de forma que pudéssemos compreender os contextos políticos e culturais.

Ao realizarmos um exaustivo trabalho em um contexto adverso e limitado de informações, conseguimos colher informações substanciais que possibilitaram alcançar os objetivos propostos no projeto de pesquisa, com destaque para: refletir, por meio de fontes documentais e orais, sobre o processo de inserção da cidade de Pinheiro-MA no movimento da *Belle Époque*, enfocando as transformações culturais e urbanísticas que ocorreram no início do século XX, entre as décadas de 1920 e 1930, tendo em vista a construção do título de cidade “Princesa da Baixada” na memória coletiva pinheirense, bem como mapear os instrumentos culturais e os comportamentos sociais e culturais que emergiram na cidade de Pinheiro, entre 1920 e 1930; identificar as representações e práticas discursivas do Jornal Cidade de Pinheiro sobre as práticas cotidianas de construção de uma cidade moderna entre 1920 e 1930 e analisar a memória que atrelou o título de “Princesa da Baixada”, por conta da opulência e do destaque da cidade de Pinheiro na região da Baixada Maranhense.

Destacamos a relevância deste trabalho, pois ele aborda novos aspectos para compreender a história da cidade, tanto pelo viés dos estudos culturais, da memória bem como das representações sociais em um período mais recente e que não costuma ser abordado nas pesquisas sobre Pinheiro. Nesta escrita, fomos levados a pensar sobre o imaginário que permeou o cotidiano da cidade nas primeiras décadas do século XX, especialmente uma evidente preocupação com o embelezamento e a “mudança de postura dos seus habitantes”, como também a preocupação com os espaços coletivos para uma elite de comerciantes e proprietários de terra que começava a se consolidar em Pinheiro (desde que esta fosse branca e de posses) e seu desenvolvimento rumo a modernidade. Tais elementos, ao permearem o processo de construção de uma nova cidade de Pinheiro, carregam na sua história emoções e expectativas que nos levam a vivenciá-las imaginariamente.

Em termos geográficos, Pinheiro era pertencente à capitania de Cumã e localizada entre Alcântara e Guimarães às margens do rio *Pericumã*, que, em Tupi, significa “o junco do alagadiço”. A povoação foi denominada de lugar de Pinheiro, uma homenagem ao Capitão-mor José Inácio Pinheiro (ALVIM, 2006) membro da aristocracia rural local, que instalou a sua fazenda para criação de gado, nos campos da Baixada Maranhense, em torno de 1819. A

localidade era inicialmente povoada por povos indígenas pertencentes às várias etnias que já viviam na região desde o período pré-colonial, a julgar pela grande quantidade de sítios arqueológicos que vem sendo descobertos na região. O período da ocupação e da tomada das terras para pastagem foi marcado por conflitos entre os povos originários e os novos colonos, que começaram a se fixar na região (VIVEIROS, 2007), fato que contribuiu para expulsão e genocídio dos indígenas e consolidou o povoamento colonial que seria a gênese do município Pinheiro.

Apesar da determinação do governador da Capitania do Maranhão, Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca (1819 - 1822), que reconheceu a localidade como terras dos índios (VIVEIROS, 2007), o lugar de Pinheiro, na primeira metade do século XIX já tinham instaladas algumas fazendas, roças, uma capela e um agrupamento de 23 novos habitantes (ALVIM, 2006). Mesmo após o falecimento do Capitão-Mor Inácio José Pinheiro, a povoação continuou a se desenvolver e, em 1831, foi considerada distrito de Alcântara (FURTADO FILHO, 2003).

No ano de 1838, de acordo com a Lei nº 65, a comarca de Alcântara foi dividida em duas. O então Lugar de Pinheiro, que, na época, já contava com 35 casas de telhas e 70 de palha, dispostas em 3 ruas e 6 povoados, passou a pertencer a Guimarães (VIVEIROS, 2007). Em 1855, foi criada pela Lei Provincial de 26 de maio a freguesia de Santo Inácio do Pinheiro, por Antônio Cândido da Cruz Machado, oficial da Imperial Ordem da Rosa e deputado da Assembleia-Geral Legislativa pela Província de Minas Gerais e pelo Presidente da Província do Maranhão (SOARES, 2006a).

Já em 3 de setembro de 1856, por meio da Lei Provincial nº 439, quando o povoado contava com “[...] trinta casas de telhas e sessenta e cinco de palhas, edificadas em três ruas principais”, foi elevado à categoria de Vila à Povoação de Pinheiro (ABREU, 2006, p. 169). Nesta época, ela contava com diversas atividades profissionais como “[...] delegado, professor público de primeiras letras [...] padeiro, alfaiate, ferreiro, seleiro, tecelão, ourives, com a finalidade de atender à demanda de uma população crescente” (SOARES, 2006b, p. 27).

Nesse período, a Vila sustentava-se por meio das atividades agropastoris, principalmente por agricultura família, como a roça dos principais produtos cultivados na região: cana-de-açúcar, algodão, gergelim, mamona, milho, feijão, macaxeira e mandioca, com destaque para o autoconsumo e a comercialização. Com a criação da Vila de Pinheiro, em 1856, a localidade caminhou para a organização de um núcleo populacional e o desenvolvimento de atividades econômicas para além da lavoura e da pecuária. Já em 1860, a

Vila de Pinheiro contava com uma população de 4.814 pessoas, sendo 3.185 livres e 1.629 escravos, e 8 engenhos, que produziam 3.000 arrobas de açúcar, além de melão e rapadura. O escoamento da produção econômica dava-se pelas precárias estradas que interligavam as fazendas e a Vila de Guimarães (ALVIM, 2006).

Faziam parte do contexto econômico da Vila de Pinheiro as atividades de pesca e pecuária de pequeno porte. Com relação a esta última, a Vila destacava-se por concentrar “[...] a maior parte do rebanho dos fazendeiros locais com a criação de gado vacum e cavalari” (SOARES, 2006b, p. 71).

A elevação de Vila à localidade de Pinheiro gerou demandas de uma população crescente e influenciada por novos hábitos sociais e culturais em busca de uma melhoria urbana tão desejada por uma elite pinheirense. Segundo Abreu (2006, p. 175),

[...] o dinamismo do seu povo fez desse pequeno lugarejo uma cidade moderna, com ruas largas e bem-alinhadas, em paralelas e ângulos perfeitos, dispondo de construções de alvenaria de belas linhas arquitetônicas, com mais de uma centena de platibandas, confortáveis e de belo acabamento.

As transformações políticas e administrativas resultantes da mudança do status de povoação para a categoria de Vila até sua elevação à categoria de cidade, em 1920, pela Lei nº 911, de 30 de março, foram assim descritas: “Formava êle (*sic*), então um grande trapézio, tendo 12 léguas do nascente ao poente, 16 do nascente ao sul, 16 do poente ao sul e 20 no último lado. Ficava-lhe ao norte e oeste Santa Helena, a leste e sul São Bento e ao sul e sudoeste Viana” (VIVEIROS, 2007, p. 168).

Em 1920, a cidade de Pinheiro contava com atividade comercial e com um pequeno setor industrial com usinas de beneficiamento de algodão e arroz, entre as quais se destacava a Fábrica Santa Fé, de propriedade de Izaias Franco de Sá. Esse desenvolvimento econômico punjante deu as condições culturais e políticas que no futuro resultou na cunhagem do título de Princesa da Baixada.

Outro aspecto de destaque foi o extrativismo, que se deu principalmente da exploração da amêndoa de coco babaçu, que, por ser manual, limitava-se ao abastecimento do comércio local. Visando ampliar a produção dos produtos derivados do babaçu, o juiz da comarca, Elizabetho Barbosa Carvalho, apoiou a instalação em Pinheiro, por meio do contrato celebrado em 15 de maio de 1928, a empresa francesa *Compagnie Francaise d'Entreprises Financières Industrielles et Commerciales* com a finalidade de explorar mecanicamente o fruto da palmeira. A concessão foi estabelecida pela Lei nº 1243, de 11 de abril de 1926. A usina foi instalada no lugar chamado Providência, localizado na Chapada Pinheirense. No entanto a usina encerrou suas atividades em 25 de julho de 1931, após um incêndio

ocasionado pelo teste de um equipamento que destruiu todos os maquinários (VIVEIROS, 2007).

Em termos territoriais, após a consolidação da configuração administrativa e política, a área que compreende o município de Pinheiro localiza-se na Mesorregião Norte Maranhense, mais precisamente na Microrregião da Baixada Maranhense, na parte mais extensa, que é situada em torno do golfo que lhe banha o litoral, na transição de uma área de campos aluviais, pontilhados de lagos, dividida em região de campos e tesos. Segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019), conta com uma população estimada de 83.387 habitantes, sendo considerada a cidade mais populosa da região e polo de desenvolvimento da Baixada Maranhense.

Mapa 1 – Localização Geográfica da Cidade de Pinheiro



Fonte: Souza (2021a).

A constituição histórica da cidade foi beneficiada por essa de produção, exportação, lavoura, pecuária e comércio de Pinheiro. Nesse percurso, destacamos as lutas pinheirenses em prol do desenvolvimento, assim como os benefícios e problemas trazidos

pelo processo de urbanização. Entre eles, a criação da Câmara Municipal e de sua Comarca, da primeira escola pública, do cemitério e a instalação da iluminação pública com a chegada da luz elétrica. No âmbito da cultura, destacamos a criação de equipamentos culturais, com a biblioteca, os teatros e clubes sociais.

Após essa descrição introdutória das bases que nortearam o desenvolvimento da pesquisa, cabe destacarmos a estrutura da dissertação, na qual cada capítulo abordará um eixo narrativo, que, ao término, resultará na análise dos aspectos que levaram a denominarmos o período de 1920 – 1930 como um momento de modernização, mudanças estruturais urbanas e civilidade que denominamos de *Belle Époque* Pinheirense.

Após estas noções introdutórias, no segundo capítulo, apresentaremos uma análise das categorias que nortearam o desenvolvimento da dissertação. Traz uma reflexão sobre os conceitos de memória, cultura e história cultural, enfatizando a importância da análise situacional e das relações e ações do cotidiano como fatores determinantes para a inserção da cidade de Pinheiro no movimento da *Belle Époque*. No terceiro capítulo, abordaremos o conceito acerca das representações sociais e a contextualização da *Belle Époque*. Buscamos compreender a configuração social da modernidade construída no final do século XIX em Paris e que influenciou cidades como Rio de Janeiro-RJ, Belém-PA, até chegarmos a São Luís e como tais tendências influenciaram cidades do interior, como Pinheiro.

No quarto capítulo, discutiremos os elementos que evidenciam as representações cotidianas da cidade de Pinheiro no início do século XX como um local de múltiplas sociabilidades. Nessa perspectiva, analisaremos as representações sociais por meio da pesquisa documental, com base nas notícias presentes no Jornal Cidade de Pinheiro e a análise iconográfica. Por meio de narrativa de experiências pessoais, enfocaremos as interpretações do passado por meio da memória e das experiências vivenciadas, com ênfase nos aspectos interpretativos, em que está sendo possível observar uma rígida composição da sociedade pinheirense, marcadamente o perfil patriarcal das famílias mais abastadas, além dos escritos de cronistas, memorialistas e historiadores e suas relações com a hipótese de uma *Belle Époque*.

Dessa forma, a disseminação dos resultados deste trabalho no meio acadêmico constitui uma grande contribuição para socializar o conhecimento sobre os processos político-culturais do município, como também servirá de estímulo para o desenvolvimento de novas pesquisas, assim como a reformulação das escritas sobre o processo de formação histórica da cidade em um período recente e sobre o processo imaginário de construção do título de Princesa da Baixada.

2 CULTURA, HISTÓRIA CULTURAL, MEMÓRIA E SUAS IMPLICAÇÕES: análise teórica

Este capítulo objetiva refletir sobre os conceitos de Cultura, Memória e História Cultural, enfatizando a importância da análise situacional e das relações e ações do cotidiano como fatores determinantes para a inserção da cidade de Pinheiro no movimento da *Belle Époque*. Esse período foi caracterizado por transformações econômicas, políticas e culturais, cujas diversas mudanças no dia a dia da cidade, na vida urbana e no comportamento das elites resultaram em um novo momento para Pinheiro. Como pano de fundo para a construção empírica da pesquisa, um panorama geral do conceito de cultura em diferentes campos semânticos, consubstanciada com a memória e a história. Nesse percurso, enfocaremos a cultura predominante no período da modernidade, eminentemente urbana e as categorias de modernidade e civilidade, que tomaram a cidade de Pinheiro caracterizando um arquétipo de uma nova ordem social.

2.1 A concepção do conceito de Cultura

O conceito de Cultura suscita reflexões que perpassam por diversas áreas do conhecimento como a antropologia, sociologia, história, comunicação, arqueologia e estudos culturais. A esse respeito, traçamos uma reflexão da evolução e das compreensões do termo numa perspectiva multidisciplinar. Trabalhada com base em diversas concepções, o conceito transversal da cultura relaciona os diferentes espaços da vida em sociedade, sendo também utilizado em diferentes campos semânticos em substituição a outros, tais como: mentalidade, espírito, tradição e ideologia (CUCHE, 2002), ou seja, o termo desempenha, na contemporaneidade distintos conceitos, cujo mais atual é a centralidade da cultura na vida das pessoas.

Denys Cuche (2002), no livro *A noção da Cultura nas Ciências Sociais*, faz uma abordagem do conceito de cultura, que vai da gênese da palavra, cultura como cultivo e cuidado com a terra, à ideia de invenção do conceito de cultura, apresentando os conceitos formulados por diversos autores; o triunfo desse conceito no século XX e as várias configurações recentes e diversas construídas acerca dele.

Do ponto de vista etimológico, o conceito de cultura tem significado originário na lavoura. De origem latina, a palavra estava inicialmente relacionada ao cultivo, cuidado ou ao ato de semear a terra, sobretudo no período medieval. A partir do século XVI, o termo se expandiu da agricultura para o processo de desenvolvimento humano, como o cultivo da

mente. Segundo Chaui (2008), o sentido o da palavra foi-se perdendo até que, no século XVIII, com a Filosofia da ilustração, ressurgiu como sinônimo do conceito de civilização. “A cultura passa a ser encarada como um conjunto de práticas (artes, ciências, técnicas, filosofia, ofícios) que permite avaliar e hierarquizar o valor dos regimes políticos, segundo um critério de evolução” (CHAUI, 2008, p. 55). No conceito, é introduzida a ideia de tempo “[...] contínuo, linear e evolutivo, de tal modo que, cultura torna-se sinônimo de progresso. Avalia-se o progresso de uma civilização pela sua cultura, e avalia-se a sua cultura pelo progresso que traz uma civilização” (CHAUI, 2008, p. 55).

A esse respeito, Cuche (2002) aponta que os séculos XVIII e XIX, como o período de consolidação do uso figurado da cultura nos meios intelectuais e artísticos, geralmente é seguido de um complemento, cultura das letras, culturas das artes, culturas das ciências, sendo necessário explicitar a coisa cultivada. Em seguida, no pensamento francês caracterizaria o estado cultivado pela instrução. “A cultura, para eles, é a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada como totalidade, ao longo de sua história” (CUCHE, 2002, p. 21). Nesse período, na França, o termo também era “[...] associado às ideias de progresso, evolução educação e razão que estão no centro do pensamento da época” (CUCHE, 2002, p. 21). Logo o homem adquire a cultura por meio do conhecimento e da instrução intelectual.

Neste sentido, “[...] cultura está então muito próximo de uma palavra que vai ter um grande sucesso na França do século XVIII: civilização” (CUCHE, 2002, p. 21). As duas palavras, apesar de pertencerem ao mesmo campo semântico, não são equivalentes, pois a primeira estava relacionada aos progressos individuais, ao passo que a segunda, aos progressos coletivos (CUCHE, 2002). Segundo Cuche (2002), a cultura no século XVIII era sempre empregada no singular, o que demonstrava o universalismo e como sendo uma característica própria do Homem.

O pensamento francês como característica do homem deu origem ao conceito universalista da cultura. No século XIX, a noção francesa de cultura se ampliaria para uma dimensão coletiva “[...] e não se referia mais somente ao desenvolvimento intelectual do indivíduo. Passou a designar também um conjunto de caracteres próprios de uma comunidade, mas em um sentido geralmente vasto e impreciso” (CUCHE, 2002, p. 29), aproximando-se do significado de civilização “[...] e às vezes é substituível por ela” (CUCHE, 2002, p. 29). Com base nessa percepção, “[...] a França foi uma referência cultural forte para as sociedades latino-americanas: não eram os Estados Unidos que serviam de espelho para o nosso ‘subdesenvolvimento’. Paris surgia com a capital do século XIX” (ORTIZ, 1991, p. 8).

O termo “*kultur*” no sentido figurado aparece na língua alemã no século XVIII. A noção alemã de “[...] *kultur* vai tender a partir do século XIX, para a delimitação e a consolidação das diferenças nacionais” (CUCHE, 2002, p. 28). Nesse sentido, trata-se então de uma noção particularista, que segundo Cuhe (2002, p. 28),

[...] A ideia alemã de cultura evolui então pouco no século XIX sob a influência do nacionalismo. Ela se liga cada vez mais ao conceito de “nação”. A cultura vem da alma, do gênio de um povo. A noção cultural precede e chama a nação política. A cultura aparece como um conjunto de conquistas artísticas, intelectuais e morais que constituem o patrimônio de uma nação, considerando como adquirido definitivamente e fundador de sua unidade.

O debate franco-alemão que teve início no século XVIII colocou em confronto duas concepções de cultura, uma particularista e outra universalista, que constituirão a base para a formação da concepção do conceito nas ciências sociais contemporâneas.

A invenção da ideia científica de cultura emerge da Etnologia para pensar a especificidade do homem na diversidade dos povos e dos costumes. A primeira definição etnológica do conceito, ainda utilizado até hoje, com algumas ampliações, que é tratar a definição do ponto de vista antropológico, foi formulada por Edward Tylor. Trata-se de uma concepção universalista que rompe com as definições restritivas e individualistas de cultura, caracterizando-se numa dimensão coletiva da vida social do homem. Segundo Cuhe (2002), na concepção de Taylor, é adquirida sendo, em grande parte, sua origem e seu caráter inconscientes. Nesse sentido, para Taylor, o termo cultura é neutro, o que permite pensar toda a humanidade. Tal conceito apresenta o caráter cultural em oposição à ideia de transmissão ideológica. Segundo Cuhe (2002), Tylor foi quem primeiro abordou efetivamente os fatos culturais sob uma óptica geral e sistemática, conforme citado a seguir.

Para Tylor, a cultura é a expressão da totalidade da vida social do homem. Ela se caracteriza por sua dimensão coletiva. Enfim, a cultura é adquirida e não depende da hereditariedade biológica. No entanto, se a cultura é adquirida, sua origem e seu caráter são, em grande parte, inconscientes. (CUCHE, 2002, p. 35).

No entanto, Tylor acreditava na perspectiva evolucionista, ou seja, para o autor, existia uma escala evolucionista de progresso cultural que as sociedades primitivas deveriam trilhar para chegar ao nível das sociedades civilizadas. Nesse sentido, os grupos indígenas das terras baixas da América do Sul estariam em um “estágio” cultural evolutivo muito incipiente, a exemplo de bandos e tribos, muito diferente dos povos europeus, que já estariam no apogeu cultural. Tylor ignorava a perspectiva do particularismo cultural, e sua visão, por demais eurocêntrica, estava perdendo espaço na antropologia do século XX.

Em oposição ao pensamento evolucionista de Tylor, Fraz Boas foi o primeiro antropólogo a desenvolver pesquisas usando a observação direta nas sociedades não

ocidentais, sendo, por isso, considerado o pai da etnografia e o pesquisador que mais influenciou o conceito na contemporaneidade. Além disso, os processos culturais estariam muito mais relacionados com as trajetórias históricas específicas do que com as respostas ao ambiente físico. Logo Boas se opunha ao determinismo ambiental e criou os parâmetros para a concepção particularista da cultura.

Boas (2010) considera que cada grupo humano possui um determinado comportamento e as diferenciações desses são explicados com base no fator cultural. “Tudo que podemos afirmar com certeza é que o fator cultural é da maior importância e poderia bem ser responsável por todas as diferenças observadas, embora isso não exclua a possibilidade de existirem diferenças biologicamente determinadas” (BOAS, 2010, p. 81). Boas (2010, p. 81) continua: “[...] a evidência etnológica toda fala em favor da suposição de que os traços raciais hereditários não são importantes quando comparados às condições culturais”. Para o autor, a diferença fundamental entre os grupos humanos é de ordem cultural, e não racial: “[...] não há razão para acreditar que uma raça seja naturalmente mais inteligente, dotada de grande força de vontade, ou emocionalmente mais estável do que outra, e que essa diferença iria influenciar significativamente sua cultura” (BOAS, 2010, p. 82).

Dessa forma, para estudar os costumes particulares de um determinado grupo, as explicações deveriam ser buscadas no contexto cultural e na reconstrução da origem e da história daquele grupo. Com base nessa perspectiva, o reconhecimento seria de culturas no plural, e não apenas de uma cultura universalista ou hegemônica.

Quando esclarecemos a história de uma única cultura e compreendemos os efeitos do meio e das condições psicológicas que nela se refletem, damos um passo adiante, pois podemos então investigar quanto essas ou outras causas contribuíram para o desenvolvimento de outras culturas. (BOAS, 2010, p. 37).

Com base nessa concepção, Cuche (2002, p. 45) afirmou que “[...] cada cultura é dotada de um estilo particular que se exprime, também da arte, mas não apenas dessa maneira. Esse estilo, esse ‘espírito’ próprio de cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos”.

Na acepção clássica, cultura é sinônimo de desenvolvimento intelectual. Com base nos estudos antropológicos do fim do século XIX, novas abordagens sobre esse conceito foram modificando a concepção elitista e erudita, a ponto de compreendê-la como um conjunto variado de valores, crenças, costumes, convenções, hábitos e práticas características de determinada sociedade ou período histórico; e a concepção simbólica, conforme cunhado por Clifford Geertz. No contexto da antropologia, para Geertz (2014), essa reflexão sobre a cultura deve ser pensada como um conjunto de fenômenos simbólicos.

Na concepção simbólica de Geertz, o conceito de cultura é essencialmente semiótico, contribuindo para maior acesso ao mundo no qual vivem os sujeitos com mais ênfase no significado do que no poder. Baseado na concepção simbólica da cultura, busca-se descobrir as estruturas conceituais que informam os atos dos sujeitos, o “dito” no discurso para a constituição do sistema de análise que pudesse diferenciar o que é específico das estruturas determinantes para o comportamento do homem (GEERTZ, 2014). Logo a cultura deve ser considerada como um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções para governar o comportamento. Geertz (2014) defende um conceito essencialmente simbólico, pois, segundo o autor, “[...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, sendo a cultura uma teia” (GEERTZ, 2014, p. 4) que está dentro de um contexto específico. Nesse sentido, o autor compreende que:

A cultura é tratada de modo mais efetivo, prossegue o argumento, puramente como sistema simbólico (a expressão-chave é, “em seus próprios termos”), pelo isolamento dos seus elementos, especificando as relações internas entre esses elementos e passando então a caracterizar todo o sistema de uma forma geral – de acordo com símbolos básicos em torno dos quais ela é organizada, as estruturas subordinadas das quais é uma expressão superficial, ou os princípios ideológicos nos quais ela se baseia. (GEERTZ, 2014, p. 12).

O debate contemporâneo vem interpretando a concepção de cultura de maneira ampla e plural, como uma construção de significados, incorporados nas formas simbólicas, incluindo ações, objetos, planos, ideias, modos de fazer, celebrações, ofícios, lugares, crenças que permitem a comunicação e a partilha entre indivíduos e grupos de uma sociedade.

Com base na concepção simbólica, Thompson (2000) propõe uma abordagem estrutural visando englobar os contextos sociais nos quais os fenômenos culturais estão inseridos, ou seja, essa concepção enfatiza o caráter simbólico dos fenômenos sociais e como eles estão inseridos em contextos sociais. Uma característica dessa abordagem estrutural de Thompson (2000, p. 181) é a definição da “análise cultural” como:

[...] o estudo das formas simbólicas – isto é, ações, objetos e expressões significativas de vários tipos – em relação a contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas. Os fenômenos culturais [...] devem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados; e a análise cultural [...] vista como o estudo da constituição significativa e da contextualização social das formas simbólicas. [...] Mas essas formas simbólicas estão também inseridas em contextos e processos sócio-históricos específicos, dentro dos quais, e por meio dos quais, são produzidas, transmitidas e recebidas. Esses contextos e processos estão estruturados de várias maneiras. (THOMPSON, 2000, p. 181).

Para o autor, essas formas simbólicas podem ser caracterizadas “[...] por relações assimétricas de poder, por acesso diferenciado a recursos e oportunidades e por mecanismos institucionalizados de produção, transmissão e recepção de formas simbólicas”

(THOMPSON, 2000, p. 181). A concepção estrutural da cultura desenvolvida por Thompson (2000) tem por pressuposto os contextos e processos socialmente estruturados, ou seja, a constituição significativa e a contextualização social das formas simbólicas.

No contexto dos estudos contemporâneos, Eagleton (2005) busca a construção de uma ideia de cultura que seja capaz de transcender as concepções isoladas. A cultura tem a propriedade de possibilitar que os indivíduos tenham “[...] o conhecimento pela qual negociam maneiras apropriadas de agir em contextos específicos” (EAGLETON, 2005, p. 56). Para o autor, “[...] as pessoas que pertencem a um mesmo lugar, mesma profissão ou geração constituem uma cultura” (EAGLETON, 2005, p. 56); quando “[...] começam a partilhar hábitos de linguagem, folclore, formas de agir, quadros valorativos, uma autoimagem coletiva” (EAGLETON, 2005, p. 56). Dessa forma, para Eagleton (2005, p. 52), a cultura pode ser resumida como “[...] o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico”.

A partir de 1960, para Eagleton, a ideia de cultura, como categoria universal do espaço a uma perspectiva como identidade nacional. Nessa perspectiva, a palavra cultura “[...] girou sobre o seu próprio eixo, passando a significar exatamente o oposto. Hoje significa a afirmação de uma identidade específica — nacional, sexual, étnica, regional — em vez da sua superação” (EAGLETON, 2005, p. 57). Numa perspectiva plural, o autor defende que todas as culturas estão em relação uma com as outras, e nenhuma é totalmente pura e isolada.

Do ponto de vista do hibridismo cultural, Canclini (2019), em uma primeira definição, entende a “[...] hibridização como processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2019, p. 19). A cultura é vista como um processo dinâmico e em constante transformação do espaço em sentidos e significações sociais, por isso não é possível compreender cultura de uma localidade com base em padrões estabelecidos, considerando-a como atrasada e não civilizada. Canclini (2019) afirma que todas as culturas têm formas de organização e características que lhe são próprias. Canclini (2019, p. 41) trabalha a concepção de Cultura como “[...] o conjunto de processos sociais de significação, ou, de modo mais complexo, abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social [...] algo constitutivo das interações cotidianas”.

Nessa perspectiva, Laraia (2008, p. 45), no livro *Cultura, um conceito antropológico* defende que “[...] o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado”, e não das determinações biológicas herdadas dos ancestrais de maneira hereditária. Ou seja, em vez de uma visão biológica da transmissão cultural, ela seria o

produto das experiências e vivências dos seres humanos acumuladas pelos contatos culturais. Mesmos as funções vitais comuns a toda a humanidade, como alimentação, o sono, a respiração, a atividade sexual, etc., a forma de satisfazê-las varia de acordo com a cultura na qual os indivíduos e os coletivos estão inseridos.

A esse respeito, Laraia (2008, p. 38) comenta que, para os humanos, seus comportamentos não são biologicamente determinados. A sua herança genética nada tem a ver com as suas ações e pensamentos, pois todos os seus atos dependem inteiramente de um processo de aprendizagem por meio de diferentes modos.

Para o autor, “[...] ele [homem] é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam” (LARAIA, 2008, p. 45), e não o produto de uma ação isolada, mas de todo o conjunto social e de um processo acumulativo do meio cultural.

Após perpassarmos, desde o seu surgimento até os conceitos atuais, as concepções sobre a compreensão da cultura a ser adotada neste trabalho será focada no modo de vida que caracteriza uma coletividade: atividade intelectual e do entretenimento e fator de desenvolvimento humano que contribuíram para as representações dos cidadãos e para a construção do imaginário de uma sociedade moderna. Baseados no conceito de cultura, vamos fazer a correlação com aspectos da história, uma vez que a problematização da pesquisa foi feita em função dos aspectos culturais da cidade de Pinheiro.

A noção de cultura também pode ser apropriada por um grupo social específico, no caso a elite cultural e política da cidade de Pinheiro, que a utilizou para projetar na sociedade uma homogeneização de usos, hábitos, costumes e ideário que tinham como fulcro construir uma nova identidade para os pinheirenses. A aspiração a uma equivalência com as cidades mais desenvolvidas foi o ponto de partida para a construção de um discurso, com base em referências externas, como modernidade, civilidade, sociabilidades, entre outros, que começavam a circular internamente na cidade.

Logo a cidade que tratamos neste trabalho é a Pinheiro desenhada pela memória coletiva, conceito desenvolvida por Halbwachs (2006), uma cidade de experiências, desejos e expectativas que está marcada em nossa memória. A cidade do “progresso” e desenvolvimento que origina a opulência e as novas relações sociais e culturais, que culminam no título de Princesa da Baixada. A memória é a responsável pela construção da cidade imaginada, o que não quer dizer que não seja a real, e nem temos a pretensão neste trabalho de adentrar na discussão se é real ou não, pois nas cidades são construídas infinitas

relações e representações, o que torna pertinente o conceito antropológico da cultura, perspectiva adotada nesta dissertação.

Para Laraia (2008), a cultura compreende as ações da sociedade, que vai desde a forma como nos comportamos em relação aos outros e que podem ser mediadas pelo que percebemos em torno das socializações dos grupos sociais. Ao fazer um apanhado das diversas teorias que tratam do conceito de cultura, o autor apresenta o termo alemão já utilizado no século XVIII “[...] para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *civilization* referia-se às realizações materiais de um povo” (LARAIA, 2008, p. 25).

Assim, o trabalho se embasa na perspectiva da noção ampliada da cultura, ou seja, um conceito antropológico amplo, que atua como uma espécie de guia de comportamento de cada sociedade. Ela determina o “[...] modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, resultado da operação de uma determinada cultura” (LARAIA, 2008, p. 68).

Com base na noção ampliada que engloba todas as manifestações, independentemente dos povos, vivem em um ambiente cultural, logo produz cultura. É justamente nesse viés que o nosso trabalho está baseado. Baseados nesse recorte, trabalhamos dentro daquilo que a historiografia trouxe para si, que é a História Cultural, ou seja, compreender os comportamentos culturais por meio da história, ou seja, em uma perspectiva diacrônica. Em nossa análise, a história da cidade enfoca os aspectos culturais do período que denominamos de *Belle Époque pinheirense*. Dessa perspectiva, buscamos o conceito de cultura desenvolvido por Laraia (2008), que trata da noção ampliada de cultura, pois, mesmo debruçados sobre a história da elite, não é proposta deste trabalho fazer a história da elite, ou seja, a história cultural vista de cima. Sendo assim, trabalhamos a História Cultural da cidade em que todos os autores fazem parte do processo de construção da cultura e a da identidade de uma Pinheiro moderna e de novas experiências.

Terry Eagleton (2005), ao trabalhar a ideia de cultura e os seus usos ao longo do tempo, mostra o potencial existente em sua dialética constitutiva. Ao mesmo tempo em que o conceito afirma contra o determinismo, está igualmente atento ao voluntarismo. “[...] A própria palavra ‘cultura’ contém uma tensão entre fazer e ser feito, racionalidade e espontaneidade, que censura o intelecto desagregado do Iluminismo tanto quanto desafia o reducionismo cultural de tanto do pensamento contemporâneo” (EAGLETON, 2005, p. 15). Assim, os debates contemporâneos em torno da questão da cultura apresentam uma

perspectiva de que não existem sujeitos exclusivamente individuais (CERTEAU, 2016), pois promovem significativas transformações na sociedade como um todo.

2.2 Um olhar sobre a História Cultural

No início do século XX, iniciaram-se mudanças no campo de estudo da história e da historiografia. Surgiram novas propostas para discutir a história, pensar temas e problemas “[...] pertencentes ao imaginário como forma de construção da realidade histórica” (PESAVENTO, 2005, p. 39). Essas mudanças têm como proposta um estudo interdisciplinar, com a abertura às demais ciências e ao estudo de temas até então relegados pela história, como o cotidiano, as representações e o imaginário, além de reconsiderar o conceito de fontes. Ao alargar a dimensão empírica, contribui para a mudança no discurso historiográfico. De acordo com o pensamento de Vieira (2015, p. 371) a seguir:

Marcada por uma incrível pluralidade de denominações e ênfases, a história cultural valoriza o cotidiano, a micro-história, a predileção pelo informal e pelo popular, distanciando-se da história dos “grandes pensadores”, da preocupação em resgatar o papel das classes sociais e do conflito social e da possibilidade de a história cultural apresentar caminhos alternativos para a investigação histórica.

A busca de novas formas de abordagem do passado levou os historiadores a uma aproximação do campo da história com a antropologia, etnografia, economia, psicologia, sociologia; crítica literária, artes possibilitando que os historiadores reconhecessem o papel ativo das representações, da linguagem, dos textos e das estruturas sociais na criação e descrição da realidade histórica.

A História Cultural constitui-se de uma perspectiva teórica e metodológica da história que tem como principal perspectiva o estudo do conceito de cultura como objeto de investigação. Para a História Cultural, as pessoas se constituem tendo por modelo o meio em que vivem, logo a cultura é um fato constituído por um grupo, e as novas práticas e os costumes que são incorporados na interação com outros grupos.

Para Roger Chartier:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 2002, p. 17).

Segundo o historiador britânico Peter Burke (2000, p.13), definir a História Cultural é “[...] como tentar prender uma nuvem em uma rede de caçar borboletas”. O cultural constitui-se num campo multidisciplinar capaz de articular temas e questões mais ou menos dispersos pelas disciplinas especializadas. Há estudiosos que definem a História Cultural

como algo que está relacionado entre o econômico, o mental e o social, dessa forma, ela não pode ser vista como uma denominação do campo da história, mas percebida como constituinte de diversas dimensões do saber historiográfico.

Ao escrever sobre as Variedades da História Cultural, Peter Burke (2000) aponta que muitos historiadores preferem definir-se como historiadores culturais, tendo em vista que o conceito de cultura possibilita duas concepções do campo de abrangência da história cultural.

Os historiadores culturais buscam cada vez menos um conceito único de cultura ou com oposições dicotômicas. A História Cultural relaciona diálogos interdisciplinares, envolvendo a história com outros campos do conhecimento, como a antropologia, a linguística, a psicologia. Além de ser uma área na qual se aplica um campo de estudo de objetos e temas específicos, tem por objetivo observar o passado e os mecanismos de produção dos objetos culturais.

A História Cultural “[...] dedica-se às diferenças, aos debates e conflitos, mas também aos interesses e às tradições compartilhadas” (BURKE, 2000, p. 7). A história cultural tem por principal objeto:

[...] identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler, [sendo necessário] considerar os esquemas geradores das classificações e das percepções próprias de cada grupo ou meio como verdadeiras instituições sociais, incorporando sob a forma de categorias mentais e de representações coletivas as demarcações da própria organização social. (CHARTIER, 2002, p. 17-18).

Para Chartier (2002), deve-se pensar a História Cultural como representações do mundo social que “[...] traduzem as suas posições e seus interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é ou como gostariam que fosse” (CHARTIER, 2002, p. 19).

Na obra *A Nova História Cultural*, Lynn Hunt apresenta uma nova perspectiva para o estudo da história tendo a cultura como principal objeto de investigação e o “[...] modo como uma nova geração de historiadores da cultura usa técnicas e abordagens para desenvolver novos materiais e métodos de análise [...]” (HUNT, 1992, p. 19). A Nova História Cultural começou a ser pensada como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar um espaço (HUNT, 1992). Assim, faz uma reflexão sobre a forma como os homens do passado viviam e agiam em sociedade por meio, sobretudo, do popular, distanciando-se da chamada história das ideias, história do pensamento formal, da filosofia ou de grandes pensadores.

A História Cultural trata as representações sociais, as práticas culturais e o

processo de apropriação, áreas em que a participação dos sujeitos que as vivenciam é fundamental.

A questão epistemológica da história cultural estaria centrada no conceito de cultura como objeto de investigação, no estudo das representações sociais, das práticas culturais e do processo de apropriação. As representações construídas sobre o mundo não só se colocariam no lugar do mundo, como fariam com que os homens percebessem a realidade e, com base nelas, pautassem sua existência. Seriam elas as geradoras de condutas e práticas culturais e sociais. Caberia à história cultural resgatar representações, construindo uma representação sobre o que já foi representado. A esse conceito, outro seria anexado: o de imaginário, como “um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”. (PESAVENTO, 2005, p. 43).

Por meio de um modelo alternativo para a escrita da história da cultura, “Foucault busca novas maneiras para o entendimento do passado. Uma das contribuições de Foucault encontra-se na importância que ele atribuiu à linguagem/ discurso como meio de apreender as transformações” (HUNT, 1992, p. 34). Para estudar a cultura, ele usa como base o poder, procurando apreendê-lo por meio das relações humanas como o amor, instinto, discursos, a loucura.

A cultura é estudada por meio de tecnologias do poder – não por meio das classes, do progresso ou do caráter indômito do espírito humano. O poder não pode ser apreendido pelo estudo do conflito, da luta e da resistência, a não ser em suas manifestações mais restritas. O poder não é característico de uma classe (a burguesia) ou de uma elite dominante, nem pode ser atribuído a uma delas. Para Foucault, o poder é uma estratégia atribuível a funções (disposições, manobras, táticas, técnicas). [...] O poder não só reprime, mas também cria. Entre todos esses aspectos, o mais polêmico de todos é a constatação de que o poder cria a verdade e, portanto, a sua própria legitimação. Cabe aos historiadores identificar essa produção da verdade como uma função do poder. (HUNT, 1992, p. 46).

A História Cultural permite, de maneira menos rígida, o estudo das práticas cotidianas como a abordagem para o diálogo entre os vários conhecimentos humanos, como a antropologia, linguagem, representação, o imaginário. Para estudar o passado, são introduzidas novas abordagens e métodos de investigação, em que não existe “uma verdade absoluta” e um único método de investigação. O recurso das imagens, dos textos e as ações cotidianas passaram a ter um lugar de destaque no entendimento e na interpretação do passado. “Todas as práticas, seja econômica ou cultural, dependem das representações utilizadas pelos indivíduos para darem sentido ao seu mundo” (HUNT, 1992, p. 25). A memória de uma pessoa comum pode ser investigada como elemento constituinte de uma camada social, o que Halbwachs (2006) conceituou como uma memória coletiva, ou seja, memória dos grupos.

2.3 Reflexões sobre a memória

Para desenvolver o conceito de memória, valemo-nos precisamente de dois autores que centram seus estudos na temática: Henri Bergson (1999) e Maurice Halbwachs (2004, 2006). No entanto voltamos a nossa atenção para o conceito de memória desenvolvido por Halbwachs (2004, 2006), uma vez que, ao desenvolver o conceito de memória, Bergson (1999) quer mostrar que a memória se conserva inteira e independente no espírito e que sua existência é um modo inconsciente. Embora importante para a compreensão da memória, o conceito desenvolvido pelo autor não se aplica a este trabalho, uma vez que buscamos alcançar uma memória social, familiar e dos grupos. Dessa forma, as proposições que nortearão o conceito de memória coletiva serão as reflexões desenvolvidas por Halbwachs (2004, 2006), visto que o autor estuda a memória com base nos “quadros sociais da memória”, ou seja, a memória do indivíduo está relacionada com a família, a classe social a que pertence, escola, ou seja, com os grupos de convívio e os grupos de referência desse indivíduo.

Ao passo que Bergson (1999) percebe a memória como conservação total do passado e evocação dele mantendo intacto o sistema de representações, hábitos e relações sociais. Halbwachs (2004, 2006) amarra a memória do indivíduo à memória do grupo, ou seja, se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar. A referência maior é a memória coletiva de cada sociedade e das pessoas.

2.3.1 O conceito de memória em Bergson

Na obra *Matéria e Memória* (1999), Bergson introduz uma fenomenologia da lembrança quando reconhece que a memória é o segundo componente da subjetividade, ou seja, uma percepção dinâmica da subjetividade, que é o tempo, situando-a temporalizada entre o perceber e o agir, e entre o agir e o sentir. “A subjetividade das qualidades sensíveis consiste, sobretudo em uma espécie de contração do real, operada por nossa memória (BERGSON, 1999, p. 31).

A este respeito, ele escreve:

Em suma, a memória sob essas duas formas, enquanto recobre com uma camada de lembranças um fundo de percepção imediata, e também enquanto ela contrai uma multiplicidade de momentos, constitui a principal contribuição da consciência individual na percepção, o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas; e, ao deixar de lado essa contribuição para tornar nossa ideia mais clara, vamos nos adiantar bem mais do que convém no caminho que empreendemos. (BERGSON, 1999, p. 31).

Bergson (1999) compreende a memória com base em duas perspectivas: uma memória que ele chama de memória de lembrança, que trata da “[...] lembrança espontânea, que se oculta certamente atrás da lembrança adquirida, é capaz de revelar-se por clarões repentinos, mas ela se esconde, ao menor movimento da memória voluntária [...]” (BERGSON, 1999, p. 96). Ao passo que a outra é a memória de contração (não necessita de reflexão), ou seja, uma memória que se apresenta nos gestos repetitivos expressos pelo corpo.

A memória de lembrança é a memória que dá ao homem a possibilidade de rememoração e elaboração. É digno observar que, para a realização do estudo sobre a *Belle Époque pinheirense*, valemo-nos das memórias dos indivíduos e grupos selecionados, que, por sua vez, buscaram lembrar, historiar e narrar o passado da cidade. Logo, buscamos as evocações das imagens de lembranças que possibilitaram depreender informações sobre a temática desenvolvida. Ou seja, para responder às questões elaboradas no âmbito da pesquisa, é necessário acionar as memórias. Mas tanto de uma forma quanto de outra, o ser humano não age no mundo sem evocar o passado, por meio dos gestos, atos, das recordações e outros sentidos e marcadores que evocam um tempo passado.

Para Bergson (1999), aquilo que se diz que é, é a condensação do passado influenciando no presente. É por meio das falas, dos gestos e das preferências que o indivíduo entra em contato com aspectos do passado em que se dá a confluência com o presente. Nesse sentido, o passado não passa, ele continua coexistindo com o presente e conscientemente (a partir de quando a rememoração é feita de forma consciente) ou inconscientemente (a partir do surgimento involuntário) nós estamos evocando o passado a todo momento e, portanto, o passado coexiste com o presente. Dessa forma, para o autor, uma das principais características da memória, baseado em uma função que ele descreve como a que vai proporcionar ao ser humano o acesso ao passado, é o reconhecimento.

Nesse contexto, o reconhecimento é uma atividade do intelecto pelo meio da qual é possibilitado ao ser humano reconhecer um determinado objeto para dele se servir, isto é, uma atividade intelectual a serviços práticos do homem, com base em determinado tipo de reconhecimento que coloca em cena a memória-lembrança. Assim, as imagens-lembrança nascem do reconhecimento dos objetos, pois:

[...] Por ela [imagem-lembrança] se tornaria possível o reconhecimento inteligente, ou melhor, intelectual, de uma percepção já experimentada; nela nos refugiaríamos todas as vezes que remontamos, para buscar aí uma certa imagem, a encosta de nossa vida passada. (BERGSON, 1999, p. 62).

Para Bergson (1999), a memória é a reelaboração do passado no presente, “[...] ela prolonga o passado no presente” (BERGSON, 1999, p. 247) e, “[...] para que uma lembrança

reapareça à consciência, é preciso, com efeito, que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso onde se realiza a ação” (BERGSON, 1999, p. 179). Ou seja, “[...] é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida” (BERGSON, 1999, p. 179).

Nesses meandros da percepção da memória, Bergson (1999) introduz uma teoria do tempo vertical, ou seja, a memória todos os tempos coexiste com o agora. Os acontecimentos passados não estão dispostos de uma forma sucessiva, eles estão sobrepostos numa lógica de preexistência. O passado conserva o que existe no presente do passado, não precisa retroagir no tempo para encontrar a lembrança pretendida, visto que:

[...] nossa memória escolhe, sucessivamente, diversas imagens análogas que lança na direção da percepção nova. Mas essa escolha não se opera ao acaso. O que sugere as hipóteses, o que preside de longe à seleção, são os movimentos de imitação pelos quais a percepção prolonga-se, e que servirão de quadro comum à percepção e às imagens rememoradas. (BERGSON, 1999, p. 116).

Bergson (1999) subverte, portanto, a concepção de que o presente existe no tempo e concebe o passado como aquela dimensão do tempo que deixou de existir e o futuro como a dimensão do tempo que ainda não existe. Normalmente, como pensamos o tempo, só o presente existe, o passado é aquilo que não existe mais e o futuro não existe ainda. Para nós, o presente é somente a materialidade física e o que é inevitável, porque, corporalmente, nós existimos no presente, porém a mente evoca o tempo inteiro o passado, isto é, fisicamente, estamos no presente e psicologicamente moramos no passado. O passado está ao lado do presente que está passando, ou seja, o passado não passa, o que passa é o presente.

O autor compreende que os acontecimentos que vivemos só são passados porque eles se conservam no passado e se conservam no tempo, e não na cabeça. Ainda para o autor, o passado puro é tão real quanto o presente. O presente passa, o passado conserva o presente que passa, porém, o passado puro é o tempo puro, não tem a materialidade do presente, por isso é preciso chamá-lo de virtual (BERGSON, 1999). O ser humano está no presente, pois tem um corpo e é atual, mas viaja na memória. Quando ele viaja nessa memória, mergulha no virtual para trazer a lembrança. Evoca as lembranças que aos poucos vão se desenvolvendo na consciência em forma de imagens, que ele chama de imagens-lembranças.

2.3.2 O Espaço da memória em Halbwachs

No intento de compreendermos como a memória é formada e categorizada no imaginário da sociedade, basear-nos-emos, inicialmente, nos trabalhos de Maurice Halbwachs, sobretudo, em suas obras *Los marcos sociales de la memoria* (2004) e *A memória*

coletiva (2006). Tal escolha se justifica, visto que essas obras abordam os aspectos sociais que configuram a memória e como reverberam na vida individual e coletiva em vários níveis.

A questão principal apresentada por Maurice Halbwachs (2006) consiste na afirmação de que a memória individual existe por conta da memória coletiva, visto que as recordações são constituídas no interior dos quadros de referências dos grupos.

O autor, no que se trata da memória individual, refere-se à existência de uma “instituição sensível”. “Assim, na base de qualquer lembrança, haveria o chamamento a um estado de consciência puramente individual que chamamos de instituição sensível — para distingui-lo das percepções em que entram alguns elementos do pensamento social” (HALBWACHS, 2006, p. 42). No entanto, para o autor, isso não é suficiente para explicar o fenômeno da memória. Dessa forma, ele desenvolveu o conceito de memória coletiva, pois, mesmo a consciência sendo individual, ela é influenciada pela coletividade. O autor confirma que, mesmo ausente, o outro de algum modo está presente:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que se confundem. (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Nesse ponto, Halbwachs (2006) fundamentava sua investigação nos diferentes contextos sociais. Para o autor, a memória individual é constituída pelas referências e lembranças do grupo, dependendo, portanto, da memória coletiva. Uma vez que o homem é um ser que vive em sociedade cujas recordações estão relacionadas aos quadros de referências tais como: momento, pessoas, lugares, “[...] a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças” (BOSI, 1994, p. 53). Halbwachs (2004, 2006) entende que, os espaços das lembranças são sociais e determinados pelos quadros de referência coletiva.

A recordação e a localização das recordações são possíveis se forem levados em consideração os contextos sociais que atuam como base para o trabalho da reconstrução da memória. Nesse sentido, a memória não é apenas na dimensão individual, visto que as memórias do indivíduo não são apenas suas, pois as recordações coexistem em um grupo social.

Para Halbwachs (2004), em vários momentos da vida, estamos reanimando as memórias do grupo ao qual pertencemos por meio de quadros sociais. Imagens se formam para compor as memórias individuais, frutos da memória coletiva. Por conseguinte, conseguimos recordar fatos e situações e localizá-los no tempo e no espaço baseados nas

lembranças dos outros. A esse respeito, citamos:

En consecuencia, el reconocimiento se encuentra acompañado de un primer intento de localización: orientamos nuestros pensamientos hacia diversos grupos sociales, familiares, amigos, compañeros de viaje [...] y nos preguntamos a cuál de estos grupos pertenece esta persona, averiguamos de donde proviene la orden de reconocerla que ella nos transmite; procede, certamente, de una colectividad en la que hemos participado o de la que todavía somos parte (HALBWACHS, 2004, p. 141)⁴.

A memória é, pois, a construção e a reconstrução do passado com base no “[...] quadro de referências de nossas lembranças que se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente” (HALBWACHS, 2006, p. 29), ou seja, as memórias individuais são dependentes das memórias coletivas. “Se essas duas memórias se interpenetram com frequência, especialmente se a memória individual, para confirmar algumas de suas lembranças, para torná-las mais exatas, [...] pode se apoiar na memória coletiva” (HALBWACHS, 2006, p. 29).

Para o autor, o fenômeno da recordação e localização das lembranças não é possível se não forem levadas em consideração as relações desenvolvidas nos diferentes grupos sociais, ou seja, os contextos sociais que atuam para a reconstrução da memória. As vivências nos grupos sociais possibilitam a construção de representações do passado. A memória é a reconstituição do passado com base nas referências sociais dos grupos: “A lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada” (HALBWACHS, 2006, p. 91).

Logo a sociedade é formada de grupos sociais, e a quantidade de memórias está relacionada com a quantidade de grupos que existem na sociedade, as lembranças estão relacionadas aos diferentes grupos sociais. Portanto, a memória é desenvolvida conforme as relações com os grupos sociais aos quais pertencem. As memórias estão associadas aos diversos grupos com predominância de um sobre o outro, ou seja, em determinados momentos, um grupo predomina sobre o outro. Para o autor, somos a unidade de um total, portanto, o individual constitui-se do coletivo. As vivências com esses diversos grupos possibilitam a construção das representações do passado institucionalizado como oficial (HALBWACHS, 2006).

Ao teorizar sobre memória de um grupo, Halbwachs (2006) afirma que os indivíduos participam dos dois tipos de memória, individual e coletiva, estas passando por um

⁴ Em consequência, o reconhecimento se encontra acompanhado de uma primeira tentativa de localização: orientamos nossos pensamentos para diversos grupos sociais, familiares, amigos, companheiros de viagem [...] e nos perguntamos a qual desses grupos pertence esta pessoa, averiguamos de onde vem a ordem de reconhecê-la que ela nos transmite; procede, certamente, de uma coletividade de que participamos ou da qual ainda somos parte (HALBWACHS, 2004, p. 141, tradução nossa).

processo de interpenetração constante. A memória coletiva contém as memórias individuais, porém, não se confunde com elas, evolui segundo suas próprias lógicas, e, às vezes, determinadas lembranças individuais também a invadem. Já a memória individual não está inteiramente isolada e fechada, pois, ao evocar o próprio passado, recorre a lembranças de outros agentes e busca referências externas sendo limitada no espaço e tempo (HALBWACHS, 2006).

A memória individual recorre aos testemunhos para reforçar ou enfraquecer e, mesmo não estando com o outro, precisa de referências que operem na memória baseada no relacionamento com o outro. “O primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso” (HALBWACHS, 2006, p. 29), ou seja, não está desconectado da coletividade. A todo momento, o autor afirma que mesmo que tenhamos as lembranças individuais, não estamos desconectados da coletividade.

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Para o autor, a memória individual sempre está acompanhada das relações coletivas e depende de referências. Essa é relacional ao tipo de referência que se tem, que pode ser tanto do grupo quanto da sociedade, pois:

Uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muitas exatidões fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras e circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACHS, 2006, p. 31).

A sociedade opera sobre nós, e agimos de acordo com a referência que se tem do grupo. O indivíduo se manifesta com base nos conjuntos de indivíduos. A lembrança chegará à memória coletiva de acordo com a intensidade, ou seja, a partir do ponto de observação de cada indivíduo.

Novamente, o autor afirma que, mesmo sozinhos, operamos com lembranças que nos reportam a tantas outras lembranças e não nos damos conta disso. “Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material ou sensível” (HALBWACHS, 2006, p. 31). Logo, para o autor, a todo momento, os indivíduos estão apoiados nas experiências de grupo.

O grupo não precisa estar presente fisicamente, pois o indivíduo, estando sozinho, continua sentindo a influência mesmo distanciando-se dele. A memória individual refletirá nos diversos pontos de vista dos grupos, de forma que, para reconstituir o passado, é

necessário retomar a memória coletiva de que fazia parte. Como indivíduos que fazem parte de diversos grupos ao mesmo tempo, vinculam a memória individual às múltiplas memórias coletivas e quadros de referências, e, nos grupos em que fazemos a rememoração, às vezes, há algumas questões que marcam e afetam mais que outras.

A memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e que passa por transformações constantes, mas que, no imaginário da sociedade, tomam uma importância significativa. A reflexão sobre fatos históricos, como um fenômeno social, se apresentarem como um processo que analisa as características culturais de uma determinada sociedade pode ser transmitida com um alto grau de identificação.

Ao utilizar as concepções de memória como um dos elementos para a pesquisa sobre o patrimônio cultural, Maurice Halbwachs, em sua análise sobre memória coletiva, “[...] enfatiza a força dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na memória da coletividade a que pertencemos” (POLLAK, 1989, p. 1).

Halbwachs (2006) afirma que alguns grupos que são passageiros não estabelecem relações e vínculos. Assim, por força das circunstâncias, a duração de uma memória desse tipo está limitada à duração do grupo. Ou seja, o que dura é a memória do grupo que permanece mais tempo junto e a duração da memória depende muito da força material que é esse grupo ou que a sociedade tem sobre ele, dependendo das circunstâncias e lugar. Não se constitui, portanto, uma memória. Para dar substrato à memória, faz-se necessário que se olhe para o passado pensando nas referências construídas.

2.3.2.1 A memória do espaço para Halbwachs

Um dos quadros da memória trabalhado pelo autor e que foram importantes para a condução da nossa pesquisa é a relação entre a memória coletiva e o espaço. Halbwachs (1990, p. 143), afirma que “[...] espaço é uma memória que dura”. Para recuperar o passado, buscamos o “meio material” que conserva a memória. O espaço é “[...] aquele que ocupamos, por onde passamos, ao qual temos acesso e que fixa as nossas construções e pensamentos do passado para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças” (HALBWACHS, 1990, p. 143).

Para ele, a memória recorre ao espaço, principalmente, porque ele que dá a noção de durabilidade. “As imagens espaciais desempenham esse papel na memória coletiva [...] o local recebeu a marca do grupo, e vice-versa” (HALBWACHS, 1990, p. 159). O espaço

permanece o mesmo, porém a forma como o grupo reconhece o mesmo é diferente a depender dos acontecimentos ocorridos.

Como afirma Halbwachs (2006, p. 160):

Um acontecimento realmente grave sempre traz consigo uma mudança nas relações do grupo com o lugar — seja porque este modifica todo o grupo, seja porque o grupo modifica o lugar. [...] A partir desse momento, este não será mais exatamente o mesmo grupo, nem a mesma memória coletiva, e, ao mesmo tempo, o ambiente material também não será mais o mesmo.

Nessa perspectiva, o autor reconhece que o espaço dura, principalmente, quando há memória ou quando é institucionalizado, pois ele é projetado para dar ritmo ao cotidiano, ou seja, ao espaço físico carregado de simbologia, estruturado para durar naquela perspectiva. “Se as lembranças se conservam no pensamento do grupo, é porque ele permanece estabelecido no solo, é porque a imagem do solo perdura materialmente fora dele, e ele pode retomá-la a qualquer instante” (HALBWACHS, 2006, p. 167).

O ponto de referência não tem nenhuma relação de continuidade espacial ou temporal, ou seja, cada indivíduo que passa por um lugar tem uma memória localizada, o espaço continua, mas os indivíduos mudam. O autor afirma que o indivíduo necessita de pontos de referência para organizar a memória. Nesse sentido, o espaço dura de acordo com a referência e a percepção que o indivíduo tem dele, pois é carregado de experiências vividas e, portanto, é referência baseada nas vivências, nas experiências vividas e nas noções constituídas (HALBWACHS, 2006).

Assim, o autor afirma que as noções constituídas e experienciadas modificam o espaço, mas ele dá finalidade de referências distintas.

A maioria dos grupos, não apenas aqueles que resultam da justaposição permanente de seus membros, nos limites de uma cidade, uma casa ou um apartamento, mas também muitos outros, esboçam, de algum modo, sua forma sobre o solo e encontram suas lembranças coletivas no contexto espacial assim definido. [...] há tantas maneiras de representar o espaço quanto grupos. (HALBWACHS, 2006, p. 187-188).

Nesse sentido, Halbwachs (2006) se contrapõe à noção de Bergson (1999) sobre o espaço. Para Bergson (1999), a memória não é a duração no espaço, ela reflete sobre esse, pois se trata um lugar de sociabilidade, critica o espaço tanto dentro de um contexto histórico quanto utilizado dentro da física, quantificado. Já para Halbwachs (2006), a memória tem uma localização que dura, pois, na verdade, é a duração no espaço por meio da articulação com todo o conjunto de simbologia e representação.

Incluso, cuando se lee de memoria, se consegue activar lo que queríamos recordar, puesto que todo nos conduce a movimientos o a rudimentos de movimientos: pero para percibir en todos sus detalles las imágenes sucesivas que representan los acontecimientos de nuestro pasado, sería necesario tener el mismo tiempo que ellas

duraron (HALBWACHS, 2004, p. 148)⁵.

Halbwachs (2004) diz que os pontos de referência vão ganhando importância e sendo classificados ao longo do tempo. Alguns pontos se tornam mais relevantes para um grupo enquanto, para outros, não. Quem vivenciou um determinado espaço saberá localizá-lo mesmo com o seu desaparecimento, ou seja, está relacionando com a experimentação.

A memória e o espaço para o autor estão diretamente relacionados com a visão de mundo ou com experienciado com a abstração e continuidade dele. Não é apenas o espaço físico, mas simbólico. A memória só tem duração enquanto a existência do espaço, a medida que este desaparece, conseqüentemente, a memória vai esfalecendo. Contudo a duração, mesmo para aqueles que não vivenciaram, volta com toda uma carga de memória que possibilita que se faça a constituição.

Halbwachs (2004) desenvolve os quadros sociais da memória, que seriam os pontos de referência, contudo não do indivíduo, mas comum a todo grupo, de modo que todos terão a memória de uma época, para o autor é uma memória individual, mas também dos grupos que experimentaram um determinado período, uma memória individual, mas baseada na perspectiva do grupo. “Os marcos de que falamos e que nos permitiriam reconstruir nossas memórias depois que eles desapareceram, não são exclusivamente individuais: são comuns aos homens de um mesmo grupo” (HALBWACHS, 2004, p. 157).

Para Halbwachs (2004), o espaço é um quadro de referências da memória e que só se movimenta por meio desta. É ela que dá vivacidade aos fatos, pois é compreendida como a experiência, ou seja, o grupo social se encontra inserido em um espaço, e molda-o com base nas suas concepções e valores, ao mesmo tempo que se adapta à materialidade do lugar baseado na recuperação da experiência, dos símbolos, na reconstrução e no reconhecimento.

Ainda para o autor, a lembrança é reconhecimento e reconstrução. No sentido de reconhecimento, pois se apresenta como algo já visto anteriormente. E reconstrução pelo fato de não ser uma repetição linear dos fatos e vivências do passado, porém faz um resgate dos fatos e das vivências com base em um quadro de interesses atuais.

Para que exista esse reconhecimento e reconstrução, é necessária a existência dos grupos de referências, uma vez que as lembranças estão ligadas às relações sociais, e não são apenas ideias ou sentimentos isolados, construídas por intermédio de experiências compartilhadas. Os grupos permitem a localização da lembrança no quadro de referência do

⁵ Inclusive, quando se lê de memória, consegue-se ativar o que queríamos recordar, já que tudo nos conduz a movimentos ou a rudimentos de movimentos: mas para perceber em todos seus detalhes as imagens sucessivas que representam os acontecimentos de nosso passado, seria necessário ter o mesmo tempo que elas duraram (HALBWACHS, 2004, p. 148, tradução nossa).

espaço e tempo, que possibilita a constituição das vivências.

A memória, nesse sentido, é reconhecimento e reconstituição, pois é atualizada com base nos quadros sociais de referências nos quais a lembrança pode ser conservada. Dessa forma, o espaço é movimento, espaço este que dura no movimento. Nesse sentido, Halbwachs coaduna com Bergson, pelo fato de ser é uma duração relativa, haja vista que toma as conotações a depender do ponto de referências, relacionando-se com a visão de mundo e comportamentos. É, portanto, o ponto de referência habitado pelas experiências ou visões da realidade, assim, memória é interpretação dos espaços. “Se as lembranças se conservam no pensamento do grupo, é porque ele permanece estabelecido no solo, é porque a imagem do solo perdura materialmente fora dele, e ele pode retomá-la a qualquer instante” (HALBWACHS, 2006, p. 167). O espaço é habitado pelas referências.

Para Halbwachs (2006), quanto mais institucionalizado o espaço, mais é forte, tem coerção sobre o homem. Assim, o autor, faz a inserção do espaço na memória coletiva:

Não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito, e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda” (HALBWACHS, 2006, p. 170).

A memória está permeada na materialidade dos espaços. A sociedade de nossa referência, diz Halbwachs (2004), é essa sociedade hegemônica, ou seja, os quadros de referências da sociedade. Por isso, para o autor, ela está o tempo todo nos comandando. Não há uma memória coletiva sem esse espaço, que não é necessariamente físico.

O autor recupera dentro da *Memória Coletiva*, a noção durkamiana de que memória e espaço não são independentes das relações econômicas nem religiosas. Quem determina, em última instância, é o processo do domínio do capital, porque ele especializa segundo a sua referência e, na memória, perdura, mas modificado. Halbwachs (2006) trabalha memória com base na perspectiva interseccional, pois, quando elucida o espaço, o autor fala de memória e religião, mas, segundo ele, na religião, há o domínio social da família, porque normalmente quem está ali não é o indivíduo fora desse constructo, mas o indivíduo que tem relação com a família e a religião, ou seja, não são quadros separados, mas que tem suas distinções, não existe uma separação absoluta. Halbwachs trabalha o espaço material e imaterial. “Cada sociedade recorta o espaço à sua maneira, mas de uma vez por todas ou sempre segundo as mesmas linhas, de maneira a constituir um contexto fixo em que ela encerra e encontra suas lembranças” (HALBWACHS, 2006, p. 188).

A memória, para o autor, é, sobretudo, reconhecimento. Se ele não existir,

difficilmente se opera a memória e a interpretação. Junto com a localização, constitui-se como elemento fundamental para a recordação. O espaço dura no sentido que tem uma localização física, que pode ser excluída, mas a memória está presente porque os grupos conseguem recuperar os espaços ou mesmo que esteja durando fisicamente, mas alguém não recupera porque não se reconhece nesse espaço. Halbwachs (2006) faz um contraponto nesse aspecto que é determinante, enquanto houver alguém que lembre um acontecimento, a memória permanece no grupo.

A memória, para Halbwachs (2006), é um processo de reconstrução analisado sob duas perspectivas: as recordações não se tratam de um fenômeno linear dos acontecimentos e vivências e só são evocadas e localizadas em um determinado tempo e espaço de acordo com o conjunto de relações sociais com as quais estão envolvidas.

Para o autor, a lembrança precisa estar ligada a uma comunidade afetiva, cuja construção é referenciada por meio do convívio social e, dessa forma, baseada nas lembranças dos grupos de que os indivíduos fazem parte. Assim, a memória de um indivíduo é constituída da combinação das memórias dos diversos grupos de que participa, ou seja, a família, grupo de trabalho, escola, igreja. Nessa perspectiva, o indivíduo tem as memórias individuais e a coletiva.

Porém, o indivíduo, para lembrar, deve estar inserido em um grupo de referência, assim a memória sempre é construída com base nos quadros de referências dos grupos nos quais está envolvido, haja vista que a memória individual é desenvolvida baseada no ponto de vista da memória coletiva. Nesse sentido, para o autor, o processo de rememorar constitui-se como um trabalho.

A lembrança é um processo coletivo que está inserido num contexto social específico. Para ele, por mais que somente o indivíduo esteja envolvido num determinado evento, as lembranças continuarão coletivas e serão lembradas por outros, isso porque estamos inseridos em um grupo social.

Para recordar um evento passado, é necessário que o indivíduo tenha pontos de rememoração, para que os conjuntos de testemunhos exteriores se constituam em lembranças. E, ainda, o indivíduo deve estar em harmonia com a memória do grupo social a que pertence. Essas lembranças devem ser reconstituídas e reconhecidas pelo grupo. A memória individual, para Halbwachs (2006), leva em consideração a memória coletiva, que sofre alterações conforme a posição que o indivíduo ocupa em determinado grupo e as relações que ele mantém com outros espaços. A memória individual toma como referência os acontecimentos externos ao indivíduo, qual seja, a memória coletiva.

É digno observar também que é a lembrança que ganha mais importância na memória coletiva, pois é aquela que é vivenciada pela maior parte do grupo. Dessa forma, a memória coletiva e a memória individual estão em estreita relação.

O indivíduo isolado do grupo não tem como construir as experiências e também não poderá ter registro do passado. Para reconstruir determinado momento, o sujeito deverá estar envolto de um contexto específico. Dessa forma, para a reconstrução do passado, é necessária, portanto, a memória que está na sociedade. Por conseguinte, a memória do indivíduo é a memória relacional dele próprio com o grupo.

Ao discutir o conceito de memória na perspectiva sociológica, desenvolvida por Halbwachs (2006) buscamos compreender as construções discursivas quanto a cidade de Pinheiro sendo um fator importante para a análise das narrativas memoriais dos grupos, pois estes mobilizam uma série de experiências e significados.

2.3.3 Epistemologias vividas: memória, espaço, lugar

Testemunhos, imagens, lembranças, lugares, traumas e muitos outros fenômenos que nos fazem reviver ou presentificar momentos, eventos, pessoas ou ideias pertencem aos domínios da memória, tal qual o imaginário mitológico de Mnemosine, mãe das musas, deusa que personifica a memória frente aos perigos da infinitude e do esquecimento absoluto. Os Estudos da Memória versam, assim, sobre como o indivíduo categoriza, experiencia e a evoca em muitos âmbitos da vida, haja vista que esse complexo é inerente à existência humana e, para além disso, compõe um dos elementos da identidade do homem.

Para Halbwachs (2006) portanto, com base nos quadros sociais gerais, que são, por exemplo, espaço, tempo, família, instituições e linguagem, é que ativamos nossas memórias. Apesar da presença da intuição sensível, aquela que diz respeito às subjetividades do homem e que, portanto, se encontra no nível afetivo da memória, ela não dá conta do fenômeno maior da memória coletiva, pois:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que se confundem. (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Assim, “La memoria individual no es más que una parte y un aspecto de la memoria del grupo”⁶ (HALBWACHS, 2004, p. 174). Percebemos que, para o autor, por meio

⁶ “A memória individual não é mais que uma parte e um aspecto da memória do grupo”. (HALBWACHS, 2004, p. 174, tradução nossa).

dos quadros da memória coletiva, conservam-se nossas lembranças mais íntimas. É importante, pois, lançarmos olhares a essa abordagem desenvolvida por Halbwachs (2004, 2006) e que será aprofundada por Michael Pollak em “Memória e Identidade Social” (1992).

Para o sociólogo e historiador Michael Pollak (1992), memória e identidade estão estritamente ligadas, uma vez que histórias de vidas emanam da memória coletiva para a formação do eu:

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 5).

Assim, a memória é um fenômeno construído e negociado, uma vez que “[...] grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p. 5).

É digno observar que, semelhante aos quadros sociais de Halbwachs (2004), nas predicções de Pollak (1992), a memória é construída por meio de acontecimentos, pessoas e lugares. Acerca dos lugares que congregam pessoas e experiências, o estudioso postula que “[...] existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico” (POLLAK, 1992, p. 3). É uma observação importante para analisarmos, uma vez que a memória pode, inclusive, vencer o tempo cronológico baseado em como cada pessoa encontra um recurso para animá-la por meio da experiência.

No que se refere aos lugares de memórias, Pierre Nora (1993) em *Entre memória e história: a problemática dos lugares* faz um debate sobre memória e história inserido dentro no contexto da sociedade contemporânea” o autor afirma que a memória, como narrativa, é definidora de tradição, herança que dá sentido e forma, é viva e dinâmica.

Entre uma memória integrada, ditatorial e inconsciente de si mesma, organizadora e todo-poderosa, espontaneamente atualizadora, uma memória sem passado que reconduz eternamente a herança, conduzindo o antigamente dos ancestrais ao tempo indiferenciado dos heróis, das origens e do mito. (NORA, 1993, p. 8).

Nora (1993, p. 7) afirma que não existe mais memória. A memória só é revivida e ritualizada na tentativa de identificação dos indivíduos para lhe conferir lugares de memória. “Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema em que subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora” (NORA, 1993, p. 12).

O autor reconhece que os lugares de memória são espaços criados pelos indivíduos onde se identificam, se unificam e se reconhecem agentes de seu tempo, isto é:

[...] a atomização de uma memória geral em memória privada dá à lei da lembrança

um intenso poder de coerção interior. Ela obriga cada um a se lembrar e a reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade. Esse pertencimento, em troca, o engaja inteiramente. (NORA, 1993, p. 18).

Nora (1993) conceitua os lugares de memória como um misto de história e memória, momentos híbridos. “O passado nos é dado como radicalmente outro, ele é esse mundo do qual estamos desligados para sempre. É colocando em evidência toda a extensão que dele nos separa que nossa memória confessa sua verdade como operação que, de um golpe, a suprime” (NORA, 1993, p. 19). O autor diz que os “lugares de memória” são como lugares simultaneamente materiais, simbólicos e funcionais (NORA, 1993, p. 21).

No que tange aos lugares que animam a memória, Halbwachs (2006, p. 157) assinala que “[...] nosso ambiente material traz, ao mesmo tempo, a nossa marca e a dos outros [...]”, o que possibilita um diálogo com os pressupostos do estudo das relações que o homem estabelece com os lugares. Yi-Fu Tuan, geógrafo humanista, se dedica, nas páginas de *Espaço e Lugar: à perspectiva da experiência* (2013), ao estudo da relação afetiva que o homem incorpora aos lugares em que vive. Para o autor, essas relações são estabelecidas por meio da experiência, o que dá margem à experiência da memória, pois ela é:

[...] construída de sentimento e pensamento. O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente, a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida do pensamento. (NORA, 2013, p. 19).

Ainda segundo Tuan (2012, p. 144), “[...] a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar”. O lugar, portanto, suscita a máxima segurança que podemos encontrar no ambiente vivido, que se diferencia do espaço por esse ser mais abrangente: “Lugar é a segurança, espaço é a liberdade. [...]”, diz-nos Tuan (2013, p. 11). E o elo afetivo que liga o homem ao lugar denomina-se “topofilia”, ou seja, todas as cargas de emoções, sentimentos são baseadas nas relações topofílicas que o homem nutre com o espaço no transcurso do tempo, implicando a experiência e a elucidação da memória.

Esses aspectos muito coadunam com as observações de Halbwachs (2006, p. 158) acerca dos lugares, uma vez que:

Não é uma simples harmonia e correspondência física entre a aparência dos lugares e das pessoas. Cada objeto reencontrado e o lugar que ele encontra no conjunto nos recordam uma maneira de ser comum a muitas pessoas e, quando analisamos esse conjunto e lançamos nossa atenção a cada uma dessas partes, é como se dissecássemos um pensamento em que se confundem as contribuições de certa quantidade de grupos.

Percebemos, portanto, que, pelo viés da memória, o espaço ganha significado na vida do homem. Essas acepções convergem com a topoanálise proposta por Gaston Bachelard em *A poética do espaço* (2008), por ser a topografia do nosso ser íntimo manifestada pela

expressão do lar. Baseado na toponímia bachelardiana, Tuan amplia o conceito para o incorporar à ciência geográfica denominando-o “Topofilia”. Toda experiência de lugar se equipara à do lar:

[...] a casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. [...]. Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. (BACHELARD, 2008, p. 26).

Assim, percebem-se as relações que se estabelecem quando há a aproximação do Lugar, do Lar e da Memória, enquanto um núcleo que forma a identidade do homem, como uma paisagem que contém lugares, lembranças, significados, continuidades, personagens e muitos outros elementos que caracterizam e compõem a razão e a emoção humanas. É o que constataremos da análise do movimento de modernização da cidade de Pinheiro, de onde emergem experiências que possibilitam olhares múltiplos sobre o espaço, o lugar e a memória, especialmente quando acessamos os relatos das pessoas entrevistadas e os aspectos relacionados com as narrativas expressadas nos impressos da cidade.

3 A CIDADE E SUAS REPRESENTAÇÕES: o progresso e a modernidade

O Cotidiano é uma das principais categorias da Nova História Cultural, caracterizada por ser marcada por diferentes “formas de fazer”, que age sobre o mesmo espaço/tempo. Segundo Certeau, Giard e Mayol (1996, p. 31):

[...] o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente”. [...] “O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior”. [...] “É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada”. [...] Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional”, ou desta ‘não história’, como o diz ainda A. Dupont. “O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível” [...].

A “invenção do cotidiano” se dá graças ao que Certeau, Giard e Mayol (1996) chama de “artes de fazer”, “astúcias sutis”, “táticas de resistência” que vão alterando os objetos e os códigos, e estabelecendo uma (re)apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um. Para Certeau, Giard e Mayol (1996, p. 31), a construção do cotidiano ocorre por meio de dois tipos de produção:

[...] à produção expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de “consumo”: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos por uma ordem econômica dominante.

Para o desenvolvimento deste capítulo, abordar-se-á a temática das representações sociais. Para tanto, faremos uma abordagem do desenvolvimento do conceito, não esgotando o tema em toda a sua extensão e profundidade. Faz-se uma reflexão sobre o surgimento do conceito, as perspectivas e os níveis como as representações são discutidas.

Para tanto, iniciamos a discussão buscando compreender as “representações coletivas” trabalhadas por Durkheim (2007), uma vez que ele é base de análise para outros teóricos que se debruçaram na compreensão do autor para a construção de suas teorias.

Considerado o pai da sociologia clássica, Émile Durkheim, com base no diálogo entre a sociologia e a psicologia ainda no início do século XX, apresentou o conceito de “representações individuais” e “representações coletivas”, deslocando a sua análise para a vida social. A esse respeito, o autor afirma que a vida coletiva, bem como a vida do indivíduo, é feita de representações.

Tornou-se quase clássico reduzir a memória a nada mais que um fato orgânico. A representação, diz-se, não se conserva enquanto tal; quando uma sensação, uma imagem, uma ideia cessou de nos ser representada, ela cessou, no mesmo ato, de existir, sem deixar nenhum traço de si. (DURKHEIM, 2007, p. 12).

As representações sociais são um campo de estudo que procura romper com o pensamento tradicional e hegemônico que concebia o sujeito separado do contexto social.

Para Durkheim (2007), embora as representações estejam vinculadas diretamente à consciência do indivíduo, tornam-se coletivas visto que têm a capacidade de continuar existindo por si, ou seja, de forma independente, social. Dessa forma, as representações, como trama da vida social, originam-se nas relações que se estabelecem entre os indivíduos ou entre os grupos secundários, que se intercalam entre o indivíduo e a sociedade total.

Todavia, se não se vê nada de extraordinário em as representações individuais, produzidas pelas ações e reações trocadas entre os elementos nervosos, não serem inerentes a esses elementos, que haveria de surpreendente nas representações coletivas, produzidas pelas ações e reações trocadas entre as consciências elementares de que é feita a sociedade, não deveriam diretamente dessas últimas (falta algum texto) e, em consequência, as ultrapassam? A relação que, na concepção, une o substrato social à vida social é, em todos os pontos, análoga ao que se deve admitir entre o substrato fisiológico e a vida psíquica dos indivíduos, se não se quer negar toda a psicologia propriamente dita. As mesmas consequências devem, portanto, se produzir de uma parte e de outra. (DURKHEIM, 2007, p. 33).

“Representações coletivas”, para Durkheim (2007), são categorias de pensamentos, baseadas nas quais as sociedades elaboram e expressam a sua realidade. Para ele, essas categorias são relacionadas aos fatos sociais. As representações são independentes, ao mesmo tempo em que podem ser reproduzidas e agregadas com outras representações individuais e/ou coletivas.

Para Durkheim (2007, p. 34), a maneira de agir e de pensar não são obras do indivíduo, pois “[...] emanam de uma potência moral que o ultrapassa”, ou seja, os fatos sociais. “Pode-se dizer, em certos traços, que as representações coletivas são exteriores às consciências individuais, é que elas não derivam dos indivíduos tomados isoladamente, mas de seu concurso; o que é bem diferente” (DURKHEIM, 2007, p. 34).

As representações têm o poder de se chamar, de se distanciar, de formar entre elas sínteses de todas as espécies, que são determinadas por suas afinidades naturais, e não pelo estado do meio no interior do qual evoluem. Em consequência, as representações novas, que são o produto dessas sínteses, são de mesma natureza: elas têm como causas próximas outras representações coletivas, não tal ou qual característica da estrutura social (DURKHEIM, 2007, p. 34).

Partindo das discussões apresentadas por Durkheim (2007), Serge Moscovici (1984) formulou o conceito de “representações sociais” no âmbito da Psicologia Social, considerando inseparáveis o sujeito, o objeto e a sociedade. Ao fazer a distinção entre as representações individuais (psicologia) e as representações coletivas, para ele interessa abordar a diversidade e a variação das ideias coletivas nas sociedades modernas. Na perspectiva de Moscovici (1984), os indivíduos não são apenas processadores de informações. Eles “[...] produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões que se colocam a si mesmo” (MOSCOVICI, 1984, p. 16). Moscovici (1984) busca referência nos estudos desenvolvidos pelo sociólogo Durkheim para

a construção da teoria das representações sociais, no entanto dá às representações coletivas uma configuração diferente da apresentada pelo sociólogo.

Nos estudos de Durkheim (2007), predominava a distinção entre as “representações individuais” e as “representações coletivas”. Para ele, as “representações coletivas” são entendidas como fatos sociais, assumindo características coercitivas, e têm como função conduzir os homens a pensar e agir de forma homogênea, possibilitando que os fenômenos tivessem estabilidade. Já para Moscovici (1984), as representações são um conjunto de conceitos, afirmações e explicações pelas quais se procede à interpretação e mesmo à construção das realidades.

Moscovici (1984) reconhece que as “representações coletivas” apresentadas por Durkheim não são suficientes para entender a complexidade das sociedades modernas, uma vez que a realidade social está em constante transformação. Assim, para Moscovici, as “representações sociais” são explicações e conceitos originados no contexto das comunicações interpessoais da vida cotidiana, que opera como uma maneira de aproximação com fenômenos estranhos a nós. Assim sendo, “o propósito de todas as representações é o de transformar algo não familiar, ou a própria não familiaridade, em familiar”. (MOSCOVICI, 1984, p. 23).

Para Moscovici (1984), quando a representação social está atribuída ao objeto, ela é figurativa, ao passo que, quando corresponde ao sentido do objeto pelo sujeito, ela é simbólica. Para o autor, não existe representação sem objeto. A representação é construída na relação sujeito e objeto representado e que é um fenômeno coletivo, ou seja, vai além de um trabalho psíquico individual. A teoria desenvolvida por Moscovici (1984) é, sobretudo, uma crítica à natureza individual assumida pela psicologia social, cuja preocupação principal era os processos psicológicos individuais.

Para Wagner (1995), o conceito de representação social pode ser definido como “[...] um processo social que envolve comunicação e discurso, ao longo do qual significados e objetos sociais são construídos e elaborados” (WAGNER, 1995, p. 149). Por outro lado, “[...] as representações sociais são operacionalizadas como atributos individuais com estruturas individuais de conhecimento simbólico e afetos distribuídos entre as pessoas em grupo ou sociedades” (WAGNER, 1995, p. 149).

Já para Angela Arruda (1998), as representações sociais “[...] constituem uma forma de metabolizar a novidade, transformando-a em substância para alimentar nossa leitura de mundo e assim incorporar o que é novo” (ARRUDA, 1998, p. 72). Certeau (1994) considera que são as “[...] representações aceitas que inauguram uma nova credibilidade, ao

mesmo tempo em que a exprimem” (CERTEAU, 1994, p. 34). O autor nos mostra que, de fato, “metaforizavam” a ordem dominante, fazendo funcionar as suas leis e suas representações em outro registro, no quadro da própria tradição, ou seja, “[...] a força de sua diferença se mantinha nos procedimentos de consumo” (CERTEAU, 1994, p. 40). Afirma que a presença e a circulação de uma representação não indicam, “[...] de modo algum, o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricaram” (CERTEAU, 1994, p. 40).

Devemos entender que as representações estão diretamente relacionadas com o contexto histórico e social, dessa forma espelham vivências específicas dentro de determinado espaço, para assim entender a constituição das representações com base no olhar de um grupo entremeadado pelos contextos sociais pelos quais esses sujeitos analisam a temática da modernização da cidade de Pinheiro.

3.1 Contextualização da *Belle Époque*

Correspondente ao final do século XIX e o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, o período conhecido como *Belle Époque* associou-se a um momento de paz e prosperidade na Europa, o que contribuiu para o desenvolvimento tecnológico e melhoria na qualidade de vida das pessoas, pós-revolução industrial. No Brasil, a *Belle Époque* aporta um pouco depois, já no início do século XX e se estendeu até, aproximadamente, 1922. O viés abrazeirado de um movimento francês se materializou em uma clara tentativa de modernizar as cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo, e ao norte, cidades como, Belém e Manaus são alguns exemplos mais tardios da *Belle Époque* no país, que influenciaram uma nova elite urbana, sobretudo relacionados às transformações urbanas e novos hábitos e costumes.

3.1.1 A *Belle Époque* francesa

A *Belle Époque* francesa corresponde ao período entre o final do século XIX, tendo como marco inicial a assinatura do Tratado de Frankfurt, em 1871, entre a Alemanha e a França, que consistiu em um “[...] tratado de paz entre a França e a Prússia que marcou o fim da Guerra Franco-Prussiana, o que deu início ao um período de relativa estabilidade política externa francesa até a década de 1910, permitindo um novo período de paz entre as potências europeias” (MÈRCHER, 2012, p. 1). Segundo Lima (2017), o período da *Belle Époque* francesa teve o auge nos anos de 1900 e vai até 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial, dando fim a um período de estabilidade política e prosperidade.

Para discutir os aspectos da modernidade na virada do século XIX para o XX, em um contexto mais específico como o de Paris, faz-se necessário o recuo ao século XVIII, pois:

Advém da necessidade de entender a experiência moderna dentro de uma duração mais longa e uma conjuntura mais ampla a compreensão das questões que permearam as experiências individuais europeias do final do século XIX. Pois as questões culturais que permearam Paris durante a Terceira República estão intimamente ligadas à Revolução Urbana que, por meio do processo de modernização proporcionado pela Segunda Revolução Industrial, criou as metrópoles como espaço de encontro: de um lado, as estruturas ainda vigentes do Antigo Regime; de outro, as forças modernizadoras que efetuavam mudanças no espaço urbano. Inicialmente, é nesse cenário mais amplo que localizo a experiência moderna *fin-de-siècle* parisiense. (HAIDUKE, 2014, p. 3).

O autor destaca ainda que, “[...] desde o século XVIII, o desenvolvimento humano individual surgiu como paradigma para a experiência moderna” (HAIDUKE, 2014, p. 3). Nesse processo, “[...] o Iluminismo foi marcante para a experiência moderna, como fator de consolidação do ideal de indivíduo emancipado, esclarecido e livre” (HAIDUKE, 2014, p. 3). No entanto, “[...] a modernização material movida pela Primeira Revolução Industrial foi decisiva nessa busca pela emancipação” (HAIDUKE, 2014, p. 3).

A expressão *Belle Époque* surgiu na França após a Primeira Guerra Mundial como uma forma de lembrar saudosamente esse período que a sociedade francesa passara por avanços econômicos, culturais e políticos que antecederam esse conflito. A nostalgia em torno de uma época considerada de progresso científico e tecnológico, além de um período de paz, contribuiu para a formação da ideia de *Belle Époque*. Entretanto, “[...] os historiadores se referem à existência de um longo século XIX” que se prolongaria de 1789 até 1914 [...]” (ORTIZ, 1991, p. 13), cujo marco foi o início da Primeira Guerra Mundial, quando foi desfeita a utopia da burguesia de um mundo sem conflitos. Destacamos que a ideia de uma “época de ouro” pela sociedade francesa não foi vivenciada da mesma forma por toda a população. Os benefícios da II Revolução Industrial (automóveis, eletricidade, moda, etc.) foram usufruídos por grupos bem específicos, da aristocracia, dos industriários e pela burguesia que se desenvolveu com a consolidação da vida nas cidades, o crescimento do comércio e da indústria, e o fortalecimento os estados nacionais.

A estabilidade político-econômica trouxe para a sociedade francesa “[...] uma sensação de segurança junto à noção de progresso atrelada ao desenvolvimento urbano-industrial” (MÈRCHER, 2012, p. 1). Esse cenário permitiu avanços em descobertas e trocas de tecnologias o que implicou uma mudança “[...] de comportamento individual e na compreensão sociopolítica dos cidadãos nas principais cidades europeias” (MÈRCHER, 2012, p. 1). Além disso, esse período de prosperidade permitiu à França — e a outros países europeus — o desenvolvimento de novas tecnologias que influenciariam a sociedade e o

modo de viver (MÈRCHER, 2012, p. 1).

Assim, a “[...] metrópole do final do século XIX surge então como espaço de novas experiências, por meio das relações com suas mutações modernizadoras que exigem dos indivíduos a busca de novas estratégias e ações” (HAIDUKE, 2014, p. 7-8). A recuperação econômica, marcada pelo otimismo da sociedade francesa, dá início ao período da *Belle Époque*:

O advento do nacionalismo nesse período é simbólico, como necessidade de salvar o organismo maior, que é a nação. E o higienismo surgiu também como campo extremamente fértil, espécie de prática de cura de uma sociedade moderna doente. A prática de esportes, emergente nesse período, em parte devido ao tempo livre para o lazer conquistado com a diminuição da jornada de trabalho, também surgiu como possibilidade de regeneração dos males modernos, intimamente ligados à crescente busca por atividades ao ar livre. (HAIDUKE, 2014, p. 11).

Nessa conjuntura da experiência em *fin-de-siècle* parisiense, “[...] o desejo de flânar⁷ pela sociedade e observá-la (*flânerie* e voyeurismo)” (HAIDUKE, 2014, p. 14) tornou-se quase uma exigência para os indivíduos que intencionavam estar conscientes e atualizados das mais novas inovações e descobertas.

Foi no período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial, entre fins do século XIX e início do século XX, que se viveu o movimento denominado de *Belle Époque*, momento em que a Europa passou por um período de paz e se desenvolveu tecnologicamente. No contexto da *Belle Époque*, a burguesia, vitoriosa com as conquistas do imperialismo, acreditava que vivia um momento de fartura e riquezas sem fim, que materializavam o lazer e bem-estar, com os espetáculos dos teatros, cinemas e de uma sociabilidade elegante, no qual surgem novas tecnologias — ferrovias, carros, energia elétrica — e com elas a imaginação de que esses inventos libertariam as pessoas de um passado de restrições.

Segundo Ortiz (1991), o século XIX pode ser distinguido em dois momentos, sendo um período marcado por rupturas e descontinuidades, conforme narrado:

Um, que se estende da Revolução Francesa até sua metade; um outro, que se inicia com a aceleração da própria Revolução Industrial. É importante marcarmos as diferenças que separam essas duas fases, pois elas constituem, por assim dizer, o quadro social em que a problemática cultural se manifesta. (ORTIZ, 1991, p. 14).

No texto *Paris, Capital do Século XIX*, Walter Benjamin (2009) faz uma reflexão sobre o momento histórico da cidade de Paris, da formação de uma nova e moderna metrópole que seria uma referência para o mundo como símbolo de modernização. Para conceituar a modernização, recorreremos a Marshal Berman (2007), que discorre sobre o processo histórico

⁷ “O *flâneur* é assim uma figura central da modernidade, principalmente entre os artistas do século XIX nas grandes cidades como Paris, que necessitavam da observação como meio de conseguir captar as matérias de suas obras” (HAIDUKE, 2014, p. 16).

de acumulação capitalista, projeto de transformação material de costumes e paisagem urbana das cidades e processos sociais que impulsionaram investimentos urbanos das elites. Berman define a modernidade como “[...] um conjunto de experiência” (BERMAN, 2007, p. 24) como a existência de “[...] um tipo de experiência vital — experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida — que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje [...]” (BERMAN, 2007, p. 24).

O autor trata da experiência da modernidade como algo que conecta as pessoas ao redor do mundo, fazendo uma análise do modernismo nas épocas modernas e como o modernismo estético se relaciona com a modernidade política e social. Esse impulso dialético da modernidade que se volta contra a burguesia que, nesse processo, não consegue manter os seus valores. Para o autor, ser moderno é “[...] encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas, ao mesmo tempo ameaça destruir tudo que temos, tudo o que sabemos, tudo que somos” (BERMAN, 2007, p. 24). Berman (2007, p. 24) afirma que a modernidade tem então esse caráter de uma era que imprime um novo modo de viver na qual:

A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade, angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo que é sólido desmancha no ar”. (BERMAN, 2007, p. 24).

Nota-se, nessa passagem, o reconhecimento de Berman (2007, p. 25) que “[...] no século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser, vêm chamar-se ‘modernização’”. Assim sendo, Berman (2007, p. 26) afirma que no século XX:

[...] o processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo, e a cultura mundial do modernismo em desenvolvimento atinge espetaculares triunfos na arte e no pensamento. Por outro lado, à medida que se expande, o público moderno se multiplica em uma multidão de fragmentos, que falam linguagens incomensuravelmente confidenciais; a ideia de modernidade, concebida em inúmeros e fragmentários caminhos, perde muita de sua nitidez, ressonância e profundidade e perde sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas. Em consequência disso, encontramos hoje em meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade.

Berman (2007) então se refere a dois aspectos da modernidade: modernismo relacionado à infraestrutura (economia e política) e modernização à superestrutura (manifestações artísticas e culturais). Dessa forma, a modernidade seria a experiência dos modernos, desde o início da modernidade até os nossos dias, numa tentativa de se tornarem não apenas objetos, mas também sujeitos da modernização (BERMAN, 2007).

Modernização: processo dinâmico, de passagem, que ocorre com a sociedade, gerando um ‘turbilhão’, que seriam processos importantes nesse momento como: descobertas científicas, industrialização, expansão urbana. Modernismo: uma visão mais cultural dentro desses processos sociais [...], uma cultura dentro do mundo das ideias. Modernidade: nem o processo econômico, nem visão cultural, mas a experiência histórica, a mediação entre um e outro. (MILAGRE JUNIOR; FERNANDES, 2013, p. 21).

Nesse sentido, a modernidade seria o resultado das mudanças ocorridas na conjuntura sócio-histórica do século XIX que mudou a estrutura da sociedade europeia na sua base e no seu modo de vida. Dessa forma, o processo de embelezamento estratégico da cidade de Paris, idealizado e realizado pelo administrador Haussmann entre 1853 e 1870 buscava atender aos desejos da burguesia que se fortalecia cada vez mais seu lugar na estrutura de poder que teve como ponto de partida não apenas a Revolução Industrial, mas também a Revolução Francesa, em que a modernidade foi inaugurada no que se conhece hoje:

Foi entre 1853 e 1870 que a cidade de Paris transforma-se radicalmente, época em que se realizam as grandes reformas urbanísticas do barão Haussmann, procurando remover a população do antigo centro, empurrando as classes populares para os bairros periféricos, onde se instalam as empresas fabris. Tudo se passa como se as mudanças estruturais da sociedade se refletissem no espaço urbano, que deve agora se distanciar das cidades vetustas do Antigo Regime, com suas ruas estreitas e tortuosas. Um novo modelo de modernidade urbanística se impõe, privilegiando as grandes vias, a circulação dos transportes e dos homens. (ORTIZ, 1991, p. 21).

Palco das revoluções de 1789, 1830 e 1848, a cidade de Paris, em meados do século XIX, era uma cidade burguesa marcada pela modernização e pelo surgimento de novas tecnologias. Considerada como capital cultural, entre o fim do século XIX e início do século XX, passou por grandes reformas, a exemplo do alargamento das avenidas, construção de pontes, edificações de prédios com outros estilos arquitetônicos e apagamento do antigo, como a demolição de moradias antigas, “higienização” urbana e investimento em urbanização, aspectos que a fizeram ser reconhecida mundialmente pelo nome de “Cidade Luz”. “O século XX talvez seja o período mais brilhante e criativo da história da modernidade, quando menos porque sua energia criativa se espalhou por todas as partes do mundo” (BERMAN, 2007, p. 34).

Esse período também coincide com grandes transformações econômicas, sociais, políticas e culturais:

Dentro desse contexto, a Revolução Industrial se instala, com a introdução de novas formas de energia (vapor), mecanização das fábricas (sobretudo as indústrias têxteis), crescimento da indústria de construção e da metalurgia e o advento das ferroviárias. Esses acontecimentos, que se manifestam no nível da infraestrutura econômica, têm consequências fundamentais na organização da sociedade. [...]. Paralelamente a eles, tem-se o movimento de imigração rural, com a população concentrando-se cada vez mais nas cidades. (ORTIZ, 1991, p. 14).

A capital da França, ao mesmo tempo em que era uma cidade proletária e

industrial, tinha uma identidade plural e cosmopolita que se sustentava no Segundo Império (1852 - 1870) pela burguesia industrial e financeira. Assim, a modernização de Paris era, para a burguesia, urgente e necessária à sua “civilização”, para que não fosse colocada em risco a nova ordem burguesa estabelecida.

Desta forma, a cidade de Paris em meados do século XIX, passou a ser para o mundo a referência de modernização e civilidade, logo objeto de admiração. Nesse período, a França “[...] foi a principal referência cultural para as sociedades latino-americanas. [...] Paris surgia como a capital do século XIX” (ORTIZ, 1991, p. 14). A partir da construção de uma nova imagem, a cidade passaria a ser a “cidade-luz” com “[...] nova iluminação a gás, amplas vitrines, novos tecidos, galerias, casas cujos interiores ostentavam a riqueza dos burgueses e grandes teatros” (ORTIZ, 1991, p. 14). O surgimento de novos inventos tecnológicos implicaria também mudanças profundas na esfera cultural, no redimensionamento do tempo e, proporcionalmente, em um padrão de conforto até então inexistente. Nesse contexto, a própria sociabilidade dos indivíduos passa por uma reorganização. As transformações estruturais pelas quais a sociedade francesa passou foram cumulativas e profundas, com base na necessidade da burguesia de construir uma cidade com base em parâmetros de modernidade.

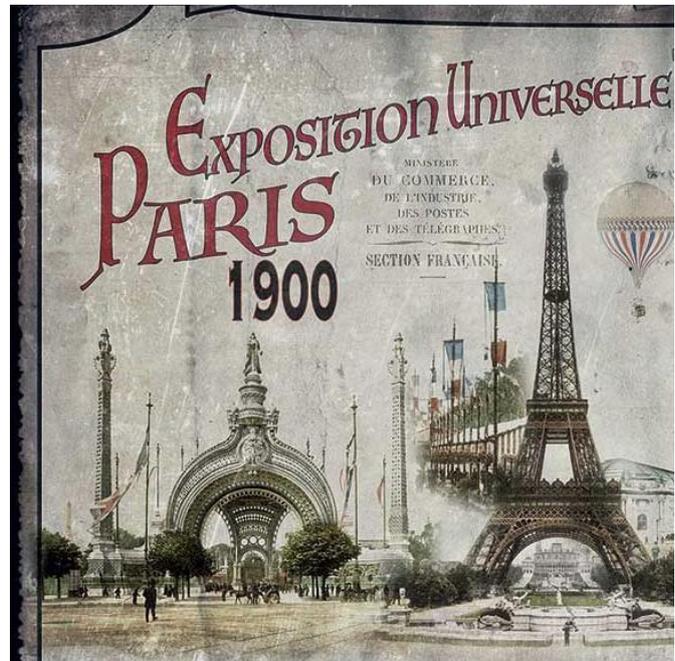
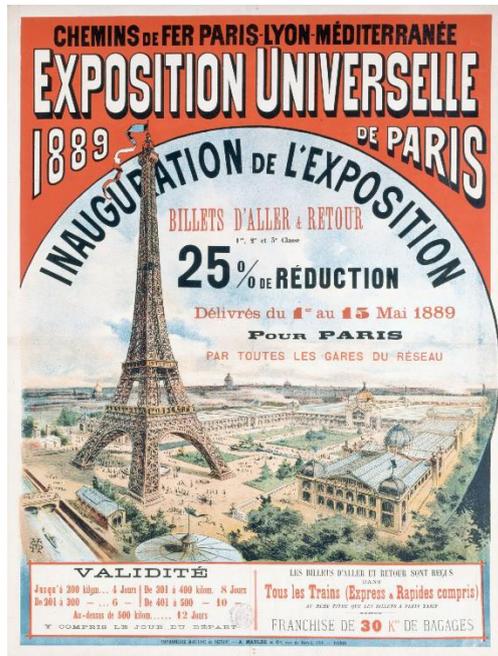
O período entre 1880 e 1914 tem muitas vezes sido imaginado como uma Belle Époque. A denominação em si é sugestiva. Cunhada já no século XX, quando a França conhece uma crise econômica e enfrenta as lembranças recentes da Primeira Guerra Mundial, ela encerra uma conotação nostálgica, algo como um passado áureo perdido para sempre. A Belle Époque seria o refluxo de uma época, seus excessos expressariam o fim de uma civilização. (ORTIZ, 1991, p. 52).

Ortiz (1991) afirma que, no momento em que a França se tornou uma sociedade moderna, “[...] se consolida uma imprensa de massa, uma literatura popular, e emerge uma cultura de entretenimento que se consubstancia no cinema, nos cafés-concertos, no show business” (ORTIZ, 1991, p. 53). Nas cidades, são introduzidas e reproduzidas novas sociabilidades. A partir das melhorias e reformas com a reurbanização realizadas pelo Barão de Haussmann, responsável pela reformulação da nova Paris, “A Belle époque é vista e aceita como um período de festas e divertimentos, se lançarmos nosso olhar com base nas elites, porém, verificamos que há nessa fase um encobrimento por parte dessa elite com relação aos pobres” (BRAGA, 2016, p. 164).

Segundo Lima (2017), o símbolo do otimismo da sociedade francesa quanto ao período é a realização da “*L’Exposition Universelle*, em que pavilhões de diversos países mostravam seus motivos de orgulho e progresso — como invenções ou coisas que os caracterizavam como nação” (LIMA, 2017, p. 3). As exposições universais de 1889 e 1900 tiveram por principal objetivo a difusão da imagem da França como um país de sucesso e

tendência para o mundo.

Imagem 1 – Cartazes da exposição universal de Paris dos anos de 1889 e 1900, com destaque para o marco da modernidade mundial, a Torre Eiffel e a arquitetura em ferro e vidro



Fonte: Bonvini ([20--]).

Com influência direta da Segunda Revolução Industrial, a Exposição de 1889 também marcou o centenário da Revolução Francesa, sendo esta “[...] celebrada como um legado francês para o mundo” (LIMA, 2017, p. 3). A exposição Universal de 1889 deixa como marca para a cidade a “estrutura nua da Torre Eiffel”. O sucesso da exposição se deu principalmente à evolução dos meios de comunicação, sobretudo, da imprensa, o desenvolvimento da tipografia e o surgimento da fotografia como meios de difusão do acontecimento e do sucesso da exposição para o mundo. Já a exposição de 1900 teve como tema “O balanço de um século”. Não deixou legado em monumentos, no entanto contou com a “[...] novidade dos transportes ferroviários, assim como os primeiros passos na aeronáutica e o advento do cinema e uma extensa utilização da energia elétrica” (LIMA, 2017, p. 3).

O *fin-de-siècle* francês (fim do século XIX) promoveu o desenvolvimento de uma sociedade de consumo tipicamente cosmopolita, o que se tornou evidente com a multiplicação das lojas de departamento, que:

[...] refletiram nos movimentos artísticos do período, como no próprio surgimento da *Art Nouveau*, que agregou em suas representações e em seu consumo os debates e as transformações do período: tanto na esfera socioeconômica com nas questões de gênero [...] (MÈRCHER, 2012, p. 2).

Nas exposições universais e no contexto da *Belle Époque*, o estilo *Art Nouveau* foi o principal representante da época e influenciou a arquitetura, a moda, vestuário, as artes e o design. Esse estilo foi marcado pelo uso de materiais tipicamente da indústria nas suas realizações arquitetônicas e decorativas, tais como o ferro e vidro.

A *Art Nouveau* foi um movimento internacional desenvolvido em países da Europa e nos Estados Unidos entre o final da década de 1880 e a Primeira Guerra Mundial, com o objetivo de criar uma arte moderna em resposta ao revivalismo histórico exaltado pela era vitoriana, e eliminar as distinções entre as belas-artes e as artes aplicadas. A denominação *Art Nouveau* inspirou-se no nome da galeria gerenciada por Siegfried Bing em Paris – La Maison de l’Art Nouveau. (PISSETTI; SOUZA, 2011, p. 18).

Além de ser considerada uma “estética do novo feminino”, o estilo *Art Nouveau* buscou uma concepção ligada ao místico, à natureza, à imaginação como forma libertadora das amarras trazidas pelo progresso e menos ligadas a máquinas e à rigidez das formas.

As transformações sociais e econômicas da *Belle Époque* desenharam um contorno sobre os novos debates da estética de gênero francesa que se inseriram na *Art Nouveau*. A estética da *Art Nouveau*, além de guiar a moda nas duas últimas décadas do século XIX e na primeira do século XX, também se utilizou dessas novas mulheres como inspiração, criando peças que registraram todos esses processos de busca por uma nova identidade feminina. (MÈRCHER, 2012, p. 9).

Relacionado à Segunda Revolução Industrial, a *Art Nouveau* foi um estilo que vigorou entre os anos de 1880 a 1920 e buscava refletir e acompanhar as inovações tecnológicas da Sociedade Industrial. O estilo “[...] teve visibilidade internacional em decorrência das Exposições de 1889 e 1900” (LIMA, 2017, p. 4).

[...] é considerada como o primeiro estilo fruto da Segunda Revolução Industrial e de fortalecimento do liberalismo socioeconômico na França, ela também foi a primeira estética consumida à exaustão em um ritmo muito elevado pela velocidade dos modismos que esse mesmo sistema socioeconômico instaurou. (MÈRCHER, 2012, p. 10).

Influenciando a arquitetura e as artes decorativas, suas formas eram caracterizadas pelas “[...] linhas fluidas, formas naturais, uso de simbolismo, influências exóticas e utilizações inovadoras dos materiais — como o ferro e o vidro. [...] um sinal do luxo elitista parisiense” (LIMA, 2017, p. 4). Também era um movimento “[...] contrário ao industrialismo robusto que se via no design e arquitetura, pregando a fluidez e o uso extenso de estampas florais, também caracterizando um espírito de retorno à natureza ou às formas naturais” (LIMA, 2017, p. 4). Estilo essencialmente elitista, a *Art Nouveau* “[...] surgiu como sinal do clima de luxo da sociedade francesa, moldando parte da cultura da época e, conseqüentemente, o modo de pensar e o cotidiano das pessoas” (LIMA, 2017, p. 4).

Uma das principais influências da *Art Nouveau* se refletiu na moda e no vestuário, principalmente feminino. “Nos primeiros anos do século XX, predominam ainda as formas de vestir do início do século XIX. A *Belle Époque* veste as mulheres de rendas, cobre-as durante

o dia e exibe-as em profundos decotes à noite” (SILVA, 2005, p. 52). Aos poucos, esse estilo vai se modificando, e a moda nos anos da década de 20 rompe com o vestuário do século XIX, principalmente no que diz respeito às roupas femininas.

A silhueta já vinha sendo destituída das curvas valorizadas no século anterior, e nos loucos anos 20 são abolidas de vez. O visual feminino torna-se retilíneo, as saias sobem quase à altura dos joelhos, deixando à mostra o que nunca antes fora devassado publicamente. Há uma atmosfera propícia à androginia, que aparece implícita nas formas retas e cortes curtos do cabelo, e explícita no uso de trajes masculinos por parte das mulheres, ternos e smokings são incorporados ao guarda-roupa feminino. (SILVA, 2005, p. 55).

Imagem 2 – Exemplos de Art Nouveau na arquitetura e na moda: Casa Batlló, em Barcelona, projetada pelo espanhol Antonio Gaudí, em 1875 e o cartaz representando uma mulher com as características típicas do movimento: florais, vestimentos flutuantes e leveza



Fonte: Rodrigues ([20--]).

Assim, o estilo que influenciaram a arquitetura e a moda pode ser vista como “[...] um reflexo da sociedade”, a forma de se vestir “criar uma imagem de como as pessoas pensavam e o que queriam passar ao usarem aquelas roupas que também tinham uma mensagem por trás” (LIMA, 2017, p. 12). Esses aspectos chamaram a atenção para a cidade de Paris, e então outros centros, tanto europeus como outras localidades, entre aquelas, diversas cidades do Brasil começaram a se projetar aos moldes parisienses.

3.1.2 O Brasil durante o *fin-de-siècle*: a *Belle Époque* tropical

Para além das cidades europeias, a influência francesa chegou às cidades brasileiras mais tardiamente, percorrendo o começo do século XX e se estendendo até a

Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo. Diferentemente do que aconteceu na Europa, o processo de modernização do Brasil — e de toda a América Latina — se deu de forma exógena e conservadora. No Brasil, o movimento de transformação que teve como referência a *Belle Époque* francesa teve início pela cidade do Rio de Janeiro devido às mudanças nos contextos sociais e nas transformações urbanísticas em fins do XIX e início do século XX.

O Rio de Janeiro assistiu ao fluxo de correntes migratórias nacionais e estrangeiras fomentarem o rápido crescimento de sua população. Os novos tempos trouxeram consigo a *electricidade*, o automóvel e o *telephone*, os tecidos finos, os *boulevards*, o calçamento das ruas e os palacetes, o aeroplano, o *poudre de riz*, o *theatro* e o *cinematographo*, a propagação de práticas desportivas, o surgimento do mercado fonográfico e a popularização da fotografia entre outras novidades. (SOUZA, 2008, p. 53).

A tentativa de dotar a cidade de uma nova infraestrutura compatível com a entrada do Brasil na era moderna teve clara inspiração na cidade de Paris. A *Belle Époque* carioca foi a mais importante e evidente do Brasil “[...] devido ao fato de ser a capital do país, na época, e abraçar todas as mudanças e influências que vinham do processo de modernização da França” (LIMA, 2018, p. 10).

O início da *Belle Époque* brasileira caracteriza-se pelo fortalecimento político da República, o crescimento econômico e dos centros urbanos. O Rio de Janeiro, no século XIX, tentou se reformular, além do espaço físico, a imagem dos habitantes da cidade, dando-lhes novo aspecto, orientando condutas e implementando uma visão de cidade moderna.

O Rio de Janeiro da *Belle Époque*, a então capital da recém-fundada República Brasileira, foi uma das cidades latino-americanas onde a elite dirigente melhor incorporou a urbanização como uma necessidade urgente de uma sociedade que precisava “civilizar se”. As reformas, que em poucos anos redefiniram funções para as áreas centrais da cidade, criaram condições para um novo ordenamento espacial com o surgimento de novas zonas de elite na parte sul da cidade. (SOUZA, 2008, p. 69).

Existia uma necessidade pujante pela modernização da cidade do Rio de Janeiro, uma vez que, até o início do século XIX, ela “[...] continuava uma cidade de ruas sujas e estreitas, vielas tortuosas e epidemias mortíferas” (BUENO, 2010, p. 285) e que “[...] embora tida mundialmente belíssima, era linda apenas vista de um navio” (BUENO, 2010, p. 285).

Em um período de transformações drásticas no modo de vida do cidadão da Cidade do Rio de Janeiro, a imagem sugerida pelo termo *belle époque* evoca abundância de riquezas, beleza arquitetônica à europeia, pessoas finas e bem-vestidas frequentando salas de baile e óperas, uma sociedade *glamourosa* habitando uma cidade moderna, republicana e ligada nos gritos da moda parisiense. (SOUZA, 2008, p. 54, grifo do autor).

Símbolo da modernização tropical, a inauguração da Avenida Central, em 1910, seria uma vitrine da civilização carioca proporcionado a seus frequentadores espaço de

requinte e, sem dúvida, “[...] principal palco de encenação do carioca moderno e atento às novas usanças” (SOUZA, 2008, p. 54). A nova avenida era um espaço de consumo e exibição das extravagâncias dos tecidos, chapéus, modernos restaurantes, cafés, das livrarias. “O novo *boulevard* tropical era o espaço principal da cidade, além de ser o local para se consumirem artigos importados em lojas luxuosas e elegantes e exibir vestuários à moda francesa ou inglesa” (SOUZA, 2008, p. 54).

Da construção da Avenida Central e seus prédios de fachadas art-nouveau, de inspiração francesa, dos clubes e cafés da moda, dos laços de amizade e favorecimento das famílias abastadas, de suas habitações, escolas, lazeres e trajes. Traça o quadro de uma elite urbana quantitativamente inferior, no entanto abastada e influente, principalmente no sentido de evidenciar as marcantes contradições do período. (SOUZA, 2008, p. 57).

Souza (2008) aponta que a *Belle Époque* carioca é um período marcado por incoerências e contradições como, por exemplo, a exclusão social. Nesse processo de embelezamento e higienização da cidade, as camadas mais pobres foram empurradas para os subúrbios, além da repressão dos costumes dessa população. No entanto, essas classes resistiram e contestaram os novos tempos e costumes, buscaram novos espaços, e continuavam circulando onde o seu acesso era vetado ou dificultado, como a principal avenida do centro da cidade.

Enquanto boa parcela da população precisou recompor sua vida nos subúrbios e morros, espaços onde efervescia a cultura popular, a fina flor carioca, tentando reproduzir o estilo francês, aumentaram intensamente a frequência nas ruas do centro da cidade. A nova avenida e suas lojas de artigos importados, seus cafés e restaurantes e principalmente seu charme trouxeram os ares da Europa para o tropical Rio de Janeiro, o novo *boulevard* sem dúvida, era o emblema dos novos tempos, palco perfeito para as novas práticas nele encenadas. (SOUZA, 2008, p. 70).

O fenômeno de crescimento das cidades no Brasil, responsável por modificar os vilarejos e as habitações que outrora aglomeravam e concentravam as pessoas em suas casas vinha se acentuando desde meados do Império. Juntamente com a abolição do tráfico de escravos e vários outros fatores, iniciou-se o desenvolvimento das cidades situadas no interior do país, mediante uma “modernização” que buscava a manutenção do poder das elites por meio da manipulação do desenvolvimento urbano e do desejo de experimentar o novo estilo de vida proporcionado pela urbanização das cidades, a criação de instrumentos culturais, entre outros.

A partir do final do século XIX, as cidades da periferia do Brasil experimentavam um profundo gosto pelo moderno. Esse processo era constituído especialmente pelo desejo da elite de se modernizar, e por toda a materialidade e o simbolismo que envolvia a *Belle Époque*, influenciando outras cidades a exemplo da Belém e Manaus, cidades estas que vivenciariam um momento de grande explosão econômica com o ciclo da borracha.

3.1.3 A modernização e o ideal parisiense

Na *Belle Époque* brasileira, a expansão urbanística e a reurbanização de várias cidades só foram possíveis graças à expansão agrária e o extrativismo. Evidencia isso as cidades de Belém, capital do Pará, e Manaus, capital do Amazonas, que se reurbanizaram à custa da produção gomífera. Belém e Manaus, cidades de topografias sociais e físicas distintas, integravam-se ao circuito mundial da cultura burguesa, na medida em que abrigavam elos da cadeia mundial do mercado da borracha (COELHO, 2011, p. 141).

A cidade de Belém, a partir da segunda metade do século XIX, sediou o mais importante centro comercial do látex, determinado pelas exigências do mercado internacional, experimentando um relativo crescimento econômico. Com o desenvolvimento dos transportes por meio da introdução do navio a vapor, em 1853, a produção do látex paraense teria papel destacado. “A navegação a vapor teve grande importância econômica para a exportação da borracha e para o comércio internacional, inicialmente sob o monopólio do Barão de Mauá” (SARGES, 2010, p. 94).

De acordo com Castro (2010, p. 9), “[...] situada na periferia da modernidade, a cidade Belém distanciada, em sua história e em sua geografia, do centro geopolítico brasileiro”, Belém, dialogou de maneira particular com a experiência do moderno que se formava na Europa. Enriquecida pelo comércio da Borracha⁸, “[...] obteve os recursos necessários para alegorizar a modernidade triunfante do século XIX um pouco mais que outras cidades brasileiras” (CASTRO, 2010, p. 10). A cidade reproduziu “[...] diversas experiências da sociedade moderna”, fenômeno comum no final do século XIX e início do século XX, fruto da expansão do capitalismo.

Cidade periférica ao capitalismo triunfante, mas vinculada a esse capitalismo de maneira estrutural, em razão de sua função econômica de centro mundial do comércio seringueiro — um produto fundamental e estratégico na produção industrial de então — ela constituiu uma intersubjetividade grandemente aberta à visibilidade dos processos centrais da modernidade. (CASTRO, 2010, p. 127).

O momento áureo da economia seringueira na Amazônia corresponde ao período entre 1880 e 1912. A cidade de Belém “[...] foi o ponto central de um discurso de poder — a modernidade — que lhe reformulou o plano urbano e os costumes” (CASTRO, 2010, p. 137). O monopólio do látex mantido pela Amazônia nesse período “[...] permitiu investimentos, públicos e privados, que tornaram Belém uma cidade única, de cores tradicionais acrescidas dos signos de sofisticação, higienização e agilização da vida cidadina do mundo europeu de

⁸ Importante lembrar que o uso do látex se constitui com elemento fundamental do maquinário industrial pesado e na produção automobilística nascente.

então” (CASTRO, 2010, p. 137), fazendo de Belém uma metrópole mercantil governada por uma burguesia ligada ao capital estrangeiro (CASTRO, 2010).

Principal entreposto do negócio da borracha, “[...] as mudanças econômicas transformaram Belém em um centro de negócios e, ao mesmo tempo, em local de residência e convívio da classe alta e da ampla classe média” (CASTRO, 2010, p. 144). Dessa forma, modernizar a cidade, antes de tudo, era criar estrutura de uma cidade civilizada: “[...] não se pretendia, meramente, o embelezamento pelo embelezamento, mas uma eficiência e uma agilidade ‘civilizatória’” (CASTRO, 2010, p. 146). Nesse processo de reurbanização de Belém, a referência a Paris sempre esteve presente. “A comparação da capital do látex, fonte produtora do produto que movia o mundo, à cidade-luz, signo central da modernidade urbano-comercial, a “capital do século XIX, era feita a todo momento” (CASTRO, 2010, p. 157).

A exemplo da capital francesa, a Belém modificada pela comercialização da borracha ampliou os espaços urbanos com grandes avenidas, construção de lagos e bosques e obras de infraestrutura “[...] baseadas na mais moderna tecnologia: iluminação a gás carbônico, transporte urbano, telefone, rede parcial de água e esgoto, cabo de comunicação submarina” (CASTRO, 2010, p. 176).

Devido às transformações pela qual a região passou a partir da segunda metade do século XIX, “[...] as oligarquias agrárias tenderam a se transformar e se adaptar à economia nascente” (SARGES, 2010, p. 110). Então preocupados com a formação de uma elite intelectual coesa que “[...] se colocasse à frente dos negócios públicos e da construção do poder de um Estado Republicano nascente [...]” (SARGES, 2010, p. 111), enviaram os filhos para estudar na Europa. A formação dessa nova elite intelectual contribuiu para a introdução de novos hábitos de vida inspirados culturalmente em Paris, cidade símbolo da modernidade.

O desenvolvimento econômico influenciado pelo comércio do látex também contribuiu para a reorganização da cidade e do seu espaço urbano, inspirada principalmente na *Art Nouveau*. “Esse reflexo se expressa na construção do Theatro da Paz, o Mercado Municipal do Ver-o-Peso, o Palacete Bolonha, o Palacete Pinho, a criação de uma linha de bondes, instalação de bancos e companhias seguradoras” (SARGES, 2010, p. 114).

Assim como a cidade de Belém, no período de 1895-1915, consequência do volume de capital em decorrência do capitalismo mercantil da região por meio do excedente obtido com o mercado internacional da borracha, a cidade de Manaus rapidamente transformou-se numa “metrópole das selvas”.

Considerada a “Paris das Selvas”, Manaus passou por um período de transformações urbanísticas e arquitetônicas, alicerçada na economia da borracha, processo

histórico dinâmico e múltiplo, permeado de oposições e contradições vivenciadas no cotidiano da coletividade da cidade. Os ideais de modernidade e civilidade de Manaus se deram no “momento áureo do ciclo da borracha”. O processo de formação da sociedade no período teve como principal expoente a reconfiguração deixada pela economia gomífera baseado nos olhares filtrados e idealizados pela elite.

Inspirados no ideal de urbanização de Haussmann, a elite, os coronéis da borracha e os políticos idealizaram o plano de melhorias e reformas urbanas para o embelezamento da cidade, criando o discurso modernizador e civilizatório. Logo, Manaus passaria por um surto de urbanização na tentativa de mudanças das características da cidade quer fossem culturais, quer geográficas e topográficas. (BRAGA, 2016, p. 167). De acordo com os coronéis da borracha e as elites:

Manáos precisava deixar de ser uma Tapera, para ser uma cidade civilizada, moderna, ampla. Para isso, era preciso mudar radicalmente a fisionomia da cidade, sua natureza seus prédios públicos. Com a descoberta das seringueiras, árvores produtoras da goma elástica, o vale amazônico ganhou notoriedade nacional e cobiça internacional. [...] chegou à *belle époque* amazônica, Manauara especificamente, que coincide com o que a historiografia convencional local denomina “período áureo da borracha”. A exploração de uma espécie nativa, rural, a seringueira, *Hevea Brasiliensis*, foi a grande proporcionadora da reurbanização pela qual passou a cidade. (BRAGA, 2016, p. 171).

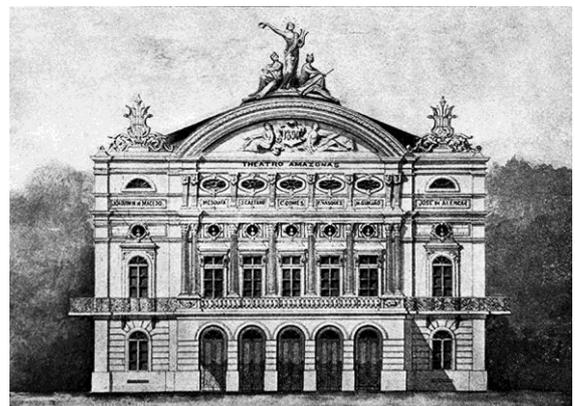
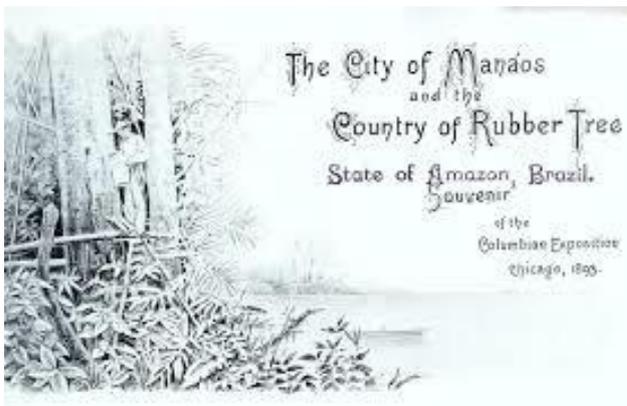
Com a supervalorização da borracha, Manaus mudou a sua composição social, atraindo para a cidade estrangeiros para além dos portugueses. Começaram a fazer parte da composição social da cidade “[...] franceses, italianos, sírio-libaneses, japoneses e ingleses em grande escala” (BRAGA, 2016, p. 172). A cidade “[...] precisava deixar de ser uma aldeia e correr para se tornar Paris, uma cidade moderna que exalasse civilidade” (BRAGA, 2016, p. 172). Para alcançar os objetivos propostos pelos ideais de civilização e modernidade que a época exigia, era necessário ressignificar a configuração espacial e impor mudança no comportamento dos habitantes inseridos no ambiente da cidade. “As elites e os governantes, inspirados por tais ideais, começaram a lançar estratégias de detenção e polimento do espaço público” (BRAGA, 2016, p. 172).

Um das estratégias traçadas para “mostrar” a cidade para o mundo foi a participação nas Exposições Universais, evento internacional que visava apresentar para o mundo o que cada localidade possuía de melhor. Então, participou de uma exposição realizada em Chicago, no ano de 1893.

Manáos, “orgulho da civilização”, referencial de progresso, não deveria mesmo perder a oportunidade de mostrar ao mundo sua ascensão em meio à selva. Esta Manáos foi apresentada pelo Álbum: “*The City of Manáos and the Country of Rubber Trees*”, que se traduz em “A Cidade de Manáos e o País das Seringueiras”. (BRAGA, 2016, p. 173).

A participação de Manaus na Exposição evidencia a reurbanização da cidade, buscando “[...] seduzir e apresentar para o mundo uma localidade pouco conhecida, a cidade era apresentada como uma cidade viva, celebrada, civilizada e opulenta, as pompas que a economia gomífera proporcionou” (BRAGA, 2016, p. 174).

Imagem 3 – Capa de álbum *The City of Manáos and the Country of Rubber Trees* e a reprodução da fachada do Teatro Amazonas, símbolo de poder e opulência no seio da floresta tropical



Fonte: The City... (2017).

O discurso de progresso da cidade era estampado nos prédios públicos, nas largas avenidas, no estilo europeu das casas, nos moldes afrancesados das vestimentas com o intuito de representar o belo, o ideal. Era necessário apresentar uma cidade urbanizada, moderna, branca e civilizada.

Já no que corresponde a tentativa de modernização da capital do Maranhão, São Luís, apresentou-se de forma diferenciada. Enquanto outros centros urbanos desejavam se desvincular do seu passado, a capital do Maranhão encontrou no seu passado as bases para sustentar-se como capital moderna, buscou no mito da fundação francesa elementos para mostrar sua superioridade e quanto essa sociedade estava ligada a esse moderno. Se a França era o símbolo de modernidade, a cidade estava mais próxima do que qualquer outra cidade brasileira do ideal de modernidade (BARROS, 2001). Dessa forma, a modernidade ludovicense estava atrelada à tradicionalidade daquela sociedade que até então não vinha apresentando mudanças significativas nas estruturas econômicas e sociais.

Baseada numa economia agroexportadora e escravocrata, a elite ludovicense mostrava a “[...] sua opulência e seu prestígio social pelo número de escravos. Ser servido e reverenciado presumia nobreza: honra, dignidade e poder de mando” (LACROIX, 2020, v. 1, p. 118). Isso garantia posição de destaque tanto no poder político quanto no poder econômico

e social. Além disso, os títulos de nobreza durante o império mantinham os privilégios dessa elite.

Grandes sacrifícios, até com prejuízo de necessidades básicas, fizeram pessoas de poucos haveres comprar escravos para ostentar certo *status* social. A origem da riqueza estava prestes a ruir, e esses senhores pobres sofreram duplamente com a abolição. A escravatura tinha seus dias contados, e as famílias mantinham o mesmo ritmo de vida, embora alertados pela intensa campanha abolicionista. (LACROIX, 2020, v. 1, p. 303).

As mudanças no sistema econômico e político trouxeram novos símbolos para a sociedade ludovicense. Com a abolição da escravidão, a elite escravocrata maranhense sofreu duro impacto econômico, a queda na lavoura foi inevitável e afetou sobremaneira a economia. Já com a mudança do regime de governo, essa elite perdeu os títulos mantidos durante o Império. Apesar da elite perder seus escravos e títulos, manteve o domínio na cadeia social e, para diferenciar-se socialmente, buscaram modernizar-se por meio da distinção seja no modo de vestir, seja nos comportamentos a serem adotados e os espaços a serem frequentados. “Na virada do século XIX - XX São Luís, a *Atenas Brasileira*, iria descobrir e conviver com a *Manchester do Norte*, idéia que construída com a febre industrial que tomou conta da elite econômica cuja atividade foi inviabilizada pelas sucessivas leis abolicionistas” (LOPES, 2008, p. 83).

Ao deixar os espaços privados das suas casas para outros onde podia ver e ser vista — espaços como teatros, clubes que foram construídos pela e para a elite mostrar quem podia usufruir o que havia de mais moderno, a vida social tornou-se mais intensa nos salões e no teatro. “Os trajes mudaram. Costureiras atendiam aos requintes da moda parisiense exibidos por senhoras e moças nos eventos da cidade. A tendência era aderir aos ditames de Paris” (LACROIX, 2020, v. 1, p. 285-286). A elite buscava se adequar ao novo ideal de civilidade e modernidade, definindo regras de comportamento e etiqueta com referência à cidade de Paris.

As senhoras dispunham de lojas para comprar os tecidos mais modernos e de costureiras, como a francesa Madame Ory, com ateliê na Rua Grande, e da costureira italiana Teresa Viotti Balisco, antes profissional na Corte de Turim, discípula da parisiense Mme. Fornach, com atelier no Largo do Carmo. A clientela de São Luís dispunha de estabelecimentos atualizados conforme as regras europeias. Eram anunciados nos jornais todos os modelos de vestidos, manteletes, segundo os últimos figurinos e modas de Paris, compatíveis com a escolha e o gosto das elegantes de bom-tom, garantida a qualidade do trabalho feito em suas oficinas. Profissionais da capital francesa fabricavam preciosidades artísticas em acessórios. (LACROIX, 2020, v. 1, p. 291).

Para diferenciar-se socialmente, novos e modernos mecanismos foram criados, como o modo de vestir, comportamento social a ser adotado e os espaços a serem frequentados. A cidade, na primeira metade do século, deslumbrava-se com a prosperidade

francesa:

A beleza e emoção estavam na parte antiga por contar um pouco da história maranhense, com suas peculiaridades e a riqueza dos edifícios coloniais. A elite vivia a *belle époque*. O ludovicense, deslumbrado com a inteligência, elegância e prosperidade francesas, demonstrados na Exposição Universal de 1900, tratava de seguir a moda parisiense. Acompanhava os lançamentos através das vitrines com manequins e grande variedade de modelos para todas as ocasiões e horas, complementados por acessórios. (LACROIX, 2020, v. 2, p. 11).

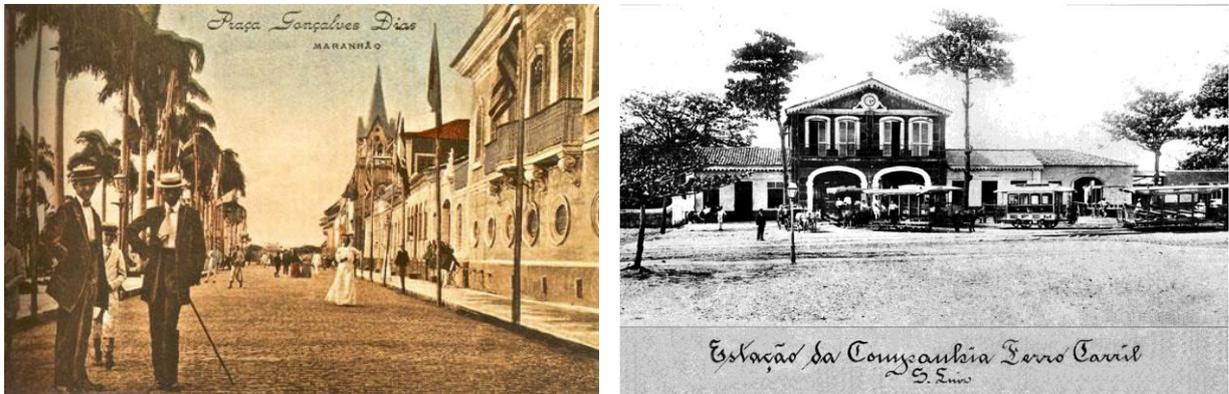
A modernidade da cidade foi enraizada na manutenção das estruturas existentes, visto que elementos do passado serviram para afirmar a ligação da cidade ao moderno, assim a cidade não passou por mudanças de grande proporção na estrutura política herdada do império.

No desejo de se modernizar nos moldes das cidades do Rio de Janeiro e Paris, nas primeiras décadas do século XX, a elite ludovicense cobrava do governo intervenções urbanísticas para o remodelamento de espaços públicos e prestações de serviços como transporte, serviço de iluminação e sanitarismo. Com relação à urbanização, a cidade não passou por grandes transformações e as mudanças concentraram-se no centro da cidade, espaço da circulação da elite.

A elite maranhense requeria do poder público melhorias que dessem aspecto de modernização dos espaços frequentados por ela, dessa forma, iniciou-se a adoção de medidas que buscassem atender as essas exigências.

Nos idos de 1900, foi construída a Avenida Silva Maia e reformada a Praça do Desterro. No ano seguinte, o intendente pensou em transformar a Rua da Paz em avenida, chegando a ser aprovada pela Câmara Municipal a desapropriação do Convento do Carmo, mas somente o trecho entre o Largo do Carmo e o Beco do Teatro foi alargado. Em 1905, nova feição foi dada à Avenida Maranhense, com passeios e canteiros, sacrificadas as árvores que a sombreavam. Em 1907, as praças e ruas passaram a ser iluminadas a gás com o Pico de Aver. (LACROIX, 2020, v. 2, p. 19).

Imagem 4 – Dois símbolos de modernidade na São Luís em fins do século XIX: o passeio público na Praça Gonçalves Dias e a Estação da Companhia Ferro Carril com os bondes do Maranhão



Fonte: Cunha (2008).

A remodelação da cidade, em sua maioria, era feita por meio dos Códigos de Postura e buscou estabelecer regras para o uso do espaço urbano e mudar os hábitos dos habitantes quanto à organização espacial, higiene e saúde. Essas medidas visavam melhorar o perfil urbanístico de São Luís, com a elaboração de um novo Código de Postura (1852) que:

Obrigou os proprietários a fazerem as calçadas das testadas de suas casas, quintas ou terrenos; calçadas de vinte palmos de largura e com meio palmo de elevação nas ruas principais, formando naturalmente sarjetas; alinhamento das ruas, seguido o plano elaborado pela Câmara. Em 1866, novas medidas disciplinadoras do espaço público urbano, inclusive: a proibição do corte de árvores frutíferas; alteração do nome das ruas e da numeração das casas; limpeza das testadas das casas até a metade da rua; alinhamento e imposição de oito braças das ruas a serem abertas; proibição de aves e animais soltos; espancamento, subalimentação e excesso de peso aos animais de tiro nos lugares públicos; prazo de oito dias, após a conclusão do calçamento das ruas, para os proprietários construírem suas calçadas, sob pena de multa de trinta mil réis. (LACROIX, 2020, v. 1, p. 191).

As construções particulares, seguindo as regras determinadas pelos Códigos de Postura, eram exaltadas pela elite, pois promoviam um ambiente mais salubre e arejado, além de facilitar o planejamento e a tentativa de organização do espaço urbano com a abertura de avenidas mais largas, um dos maiores símbolos do moderno tal qual se apresentava no Rio de Janeiro e Paris, tentando remodelar as ruas sinuosas que, nesse aspecto, remetia a uma herança do passado não moderno.

Elementos sofisticados como platibandas balaustradas com pináculos, frontões e colunatas neoclássicas, ornamentos decorativos de estuque como guirlandas, coroamentos de linhas verticais do Art Déco na platibanda ou esquadrias frontais arredondadas do Art Nouveau (LOPES, 2008, p. 83),

A inserção desses elementos, no entanto estavam concentradas no Centro da cidade, lugar de circulação da elite da capital.

Excluída a zona mais antiga, os bairros surgidos até a metade do século XX se

formaram sem planejamento, alinhamento das moradias, critério técnico, esgoto, água canalizada e luz, com arruamento fora de qualquer disciplinamento do poder público. À medida que as palhoças foram substituídas por edificações de alvenaria, embora melhorado o aspecto, tornou definitiva a constituição desregrada desses bairros periféricos. O maior zelo era com o Centro. (LACROIX, 2020, v. 2, p. 19).

No final do século XIX, o qual se estende pelo século XX, com o surgimento do parque fabril, o cenário urbano de São Luís sofreu modificações com alguns traços de desenvolvimento. O parque fabril promoveu um crescimento demográfico da capital, trazendo uma nova configuração do espaço e a formação de aglomerações urbanas no entorno das fábricas, surgindo assim os bairros de subúrbios e dos trabalhadores. A exemplo do que aconteceu no Rio de Janeiro, as classes mais pobres foram empurradas para locais mais afastados do centro urbanizado da cidade.

Além do Centro, alguns núcleos foram se formando pela população mais pobre no entorno dos bairros: de São Pantaleão e seus arredores, descendo até à Madre Deus, Macaúba, Lira e Belira; dos Remédios, estendendo-se à Cambaia, Matadouro e Diamante; casas se multiplicando às margens do Caminho Grande junto ao Cemitério dos Passos, formando a Vila Passos, os primeiros núcleos residenciais do Areal; do João Paulo, às margens dos trilhos do bonde e do trem e na Vila do Anil, ruas foram surgindo ao meio de sítios e casario de antigos afortunados. (LACROIX, 2020, v. 2, p. 20).

Ao chegar o século XX, o desejo de modernização dos espaços e práticas sociais em São Luís, a exemplo da cidade do Rio de Janeiro e Paris, se intensifica, e novos hábitos de sociabilidade eram adquiridos pela elite. A “decadência da economia não arrefeceu a euforia do antigo bem-estar, da passada riqueza da elite maranhense e o esforço na assimilação de costumes e projetos de modernização da Paris burguesa e neoclássica” (LACROIX, 2020, v. 1, p. 294). A influência da França, civilizada e de padrão de elegância, aumentava:

[...] quanto mais declinante a economia, mais rigor na obediência aos manuais de etiqueta que ensinavam os hábitos à mesa, a arte de cumprimentar, cortejar, comer, beber, vestir, dançar, falar em público e, para o sexo feminino, como sentar ao piano, declamar, chegando a minúcias como a regra de usar o leque. [...] O aumento da população, da atividade comercial e a dinamização do espaço citadino impuseram um novo estilo de vida urbana com maior contato social, oportunidades de exibição pública exigente de normas de conduta, refinamento e trajés adequados aos saraus, bailes e partidas. A fina flor da sociedade buscava mudar os hábitos e costumes considerados civilizados, reunindo-se nos amplos salões luxuosamente decorados, fazendo parte do encontro, declamação de poemas, comentários dos últimos romances e citações em francês. [...] O leque devia ser usado com elegância e conservado fechado ao conversar, rir com o cavalheiro ou na mão que pousa no ombro de seu par ao dançar, podendo ser aberto nos tempos de pausa da música. Onde e como entrar, o que usar, tudo era ditado. As linhas diretas de navios entre a Baía de São Marcos e a Europa facilitavam o intercâmbio cultural e o acompanhamento da moda europeia. A vestimenta dos homens, calções, casacas, coletes com botões de ouro ou prata, meias de seda pura e sapato com fivelas de prata, eram complementados com anéis de brilhante, relógios pendentes, bengala ou chapéu de sol de cabos trabalhados, chapéus, último modelo, alguns ainda portando punhais, espadins ou espadas, símbolo do poder econômico e do *status* social. (LACROIX, 2020, v. 1, p. 294).

Tudo que vinha da Europa causava deslumbramento, e o fascínio por Paris só

aumentava, a cidade contava com “[...] alfaiates franceses e com lojas nas ruas Grande, do Sol, de Nazaré e no Largo do Carmo, importadoras de roupas e adereços estrangeiros [...]” (LACROIX, 2020, v. 1, p. 299). A vontade de se modernizar da “única capital fundada pelos franceses” era cada vez maior. “A partir de 1870, a preocupação das elites era a de transformar a sociedade em moderna e civilizada, com o comportamento e a educação, conforme os ditames franceses, sempre exigidos em qualquer espaço requintado” (LACROIX, 2020, v. 1, p. 298-299).

Na tentativa de se adequar ao movimento de modernidade, a cidade precisava demonstrar também o seu desenvolvimento em relação ao crescimento urbano, surgindo a demanda por espaços de lazer e convívio social. As festas continuavam sendo acontecimentos espetaculares para apresentar o que havia de mais moderno na sociedade ludovicense e uma forma de distinguir-se socialmente dos demais habitantes da cidade.

Os bailes estavam em moda na segunda metade do século XIX. Os espetáculos líricos cediam o espaço do Teatro para a elite se divertir em festas carnavalescas. Os bailes de fantasia ou de traje a rigor ocorriam no salão ricamente decorado. Além do Teatro, a elite contava com clubes e associações carnavalescas efêmeras, porém de muito sucesso. (LACROIX, 2020, v. 1, p. 301).

Seguindo a tendência da cidade de Paris e aos moldes do Rio de Janeiro, clamou por melhorias para tirar a cidade do atraso. No entanto o que pode ser observado no final do século XIX e início do século XX em São Luís foram poucas transformações do espaço urbano, mas, do ponto de vista social, uma transformação significativa quanto às práticas de sociabilidade e os meios que essa sociedade criou para fazer a sua distinção social. O que se vê na São Luís economicamente decadente é que as transformações, em sua maioria, ficaram no discurso, restando à elite buscar nos hábitos, comportamentos e nas práticas uma forma de se equiparar à capital francesa.

4 REPRESENTAÇÕES DO JORNAL CIDADE DE PINHEIRO SOBRE AS PRÁTICAS COTIDIANAS DE CONSTRUÇÃO DE UMA CIDADE MODERNA ENTRE 1920-1930

Neste capítulo discutimos e apresentamos elementos que evidenciaram as representações sociais cotidianas da cidade de Pinheiro no início do século XX como um local de múltiplas sociabilidades. Nessa perspectiva, partimos da análise das notícias de jornais, especialmente daquelas que se relacionaram com aspectos sociais, culturais e da urbanidade da cidade. Convém destacarmos que, em muitas notícias, foram observadas iconografias sobre a cidade, registros essenciais para compreendermos as narrativas. De particular importância foi a consulta realizada em vários exemplares do Jornal Cidade de Pinheiro, bem como os registros e as crônicas de historiadores e literatos que abordaram os aspectos relacionados com a história da cidade.

Com base no estudo bibliográfico e documental, analisamos o processo de inserção de Pinheiro naquilo que ficou conceituado como *Belle Époque*, conforme caracterizado no capítulo anterior. A esse respeito, destacamos as principais transformações urbanísticas e culturais que ocorreram na cidade no início do século XX, que teve a França como referência e modelo de modernidade, civilidade e urbanidade.

Destacamos a seguir as publicações que fazem referência ao processo de modernização e embelezamento por meio da circulação do periódico semanal Cidade de Pinheiro como fonte para a história da cidade. Concentramos nossas atenções nas notícias com referência às caracterizações do processo de modernização, as representações no período estudado que representou a pujança cultural da cidade. Resultou desse esforço o arrolamento de uma amostragem significativa de edições que denota o potencial que essa fonte apresenta para a construção da história pinheirense.

A seguir, apresentamos as variações do cabeçalho do Jornal Cidade de Pinheiro entre o período de 1922 a 1930, marco temporal da pesquisa. Observamos uma variação quanto ao uso das fontes, tipografias e dos estilos. Quanto ao número de páginas, houve uma variação de 6 a 8 páginas em cada edição.

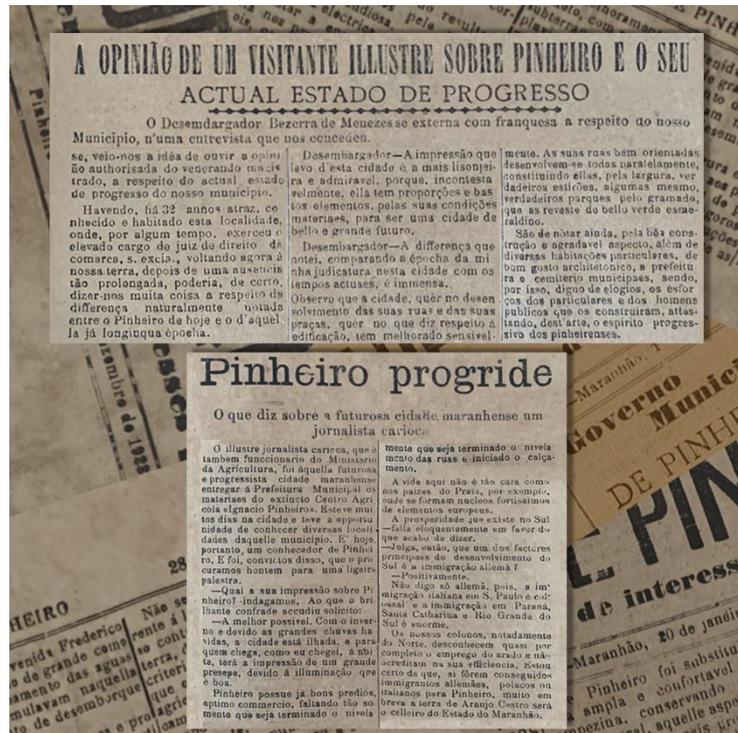
Imagem 5 – Montagem com os cabeçalhos do Jornal de Pinheiro entre 1922 e 1930



Fonte: Cidade de Pinheiro (1922-1930).

A análise identificou algumas representações sobre Pinheiro entre os anos de 1920 a 1930, por meio das notícias que abordavam os sentidos de modernização, desenvolvimento, progresso e civilização pela vista da elite política e econômica. Examinamos como a questão é tratada, principalmente, no tocante ao cotidiano para compreender como o imaginário do cidadão pinheirense foi construído para compreender o surto de desenvolvimento empreendido em Pinheiro, no sentido de divulgar a ideia de uma cidade moderna e que deveria adotar padrões condizentes com essa vivência civilizatória e urbana.

Imagem 6 – Notícias sobre o progresso de Pinheiro entre 1922 e 1930



Fonte: Cidade de Pinheiro (1922-1930).

A grande maioria das edições analisadas do Jornal Cidade de Pinheiro apoiava, praticamente sem restrições, a remodelação, o saneamento e o embelezamento da cidade à qual faz referência, desencadeados na gestão do prefeito Josias de Abreu (1922 - 1924 e 1927 - 1930) e que tiveram prosseguimento, com maior ou menor intensidade, nas administrações de seus sucessores. Tal perspectiva leva à conclusão de que o jornal foi um instrumento das elites para a ampla divulgação dos seus ideários, uma vez que a fundação do impresso situa-se no bojo de uma série de iniciativas econômicas, sociais e culturais vivenciadas por Pinheiro. Na imagem abaixo, é possível observar as constantes chamadas sobre as construções realizadas na cidade e como essas construções contribuíram para o processo de progresso e civilização.

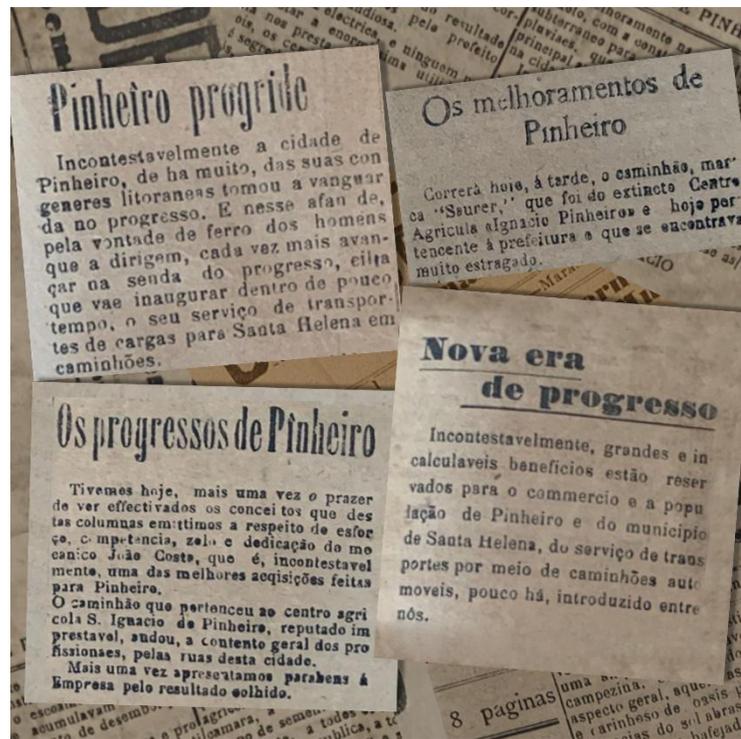
Imagem 7 – Notícias sobre as construções de Pinheiro entre 1922 e 1930



Fonte: Cidade de Pinheiro (1922-1930).

A antiga cidade agrária deveria passar por um processo de remodelação para permitir o surgimento de uma moderna, com avenidas largas e arborizadas e boulevares. Notamos que esse imaginário, que tinha como referência a ideia de moderno e da civilização, provocou, nas elites locais, uma tentativa de assemelharem-se aos padrões considerados civilizados, principalmente no que diz respeito aos hábitos cotidianos e urbanização vistos nas grandes cidades mundiais, como Paris, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Belém. Observamos, na imagem abaixo, que os títulos das notícias evidenciavam temas como progresso, melhorias e benfeitorias no município.

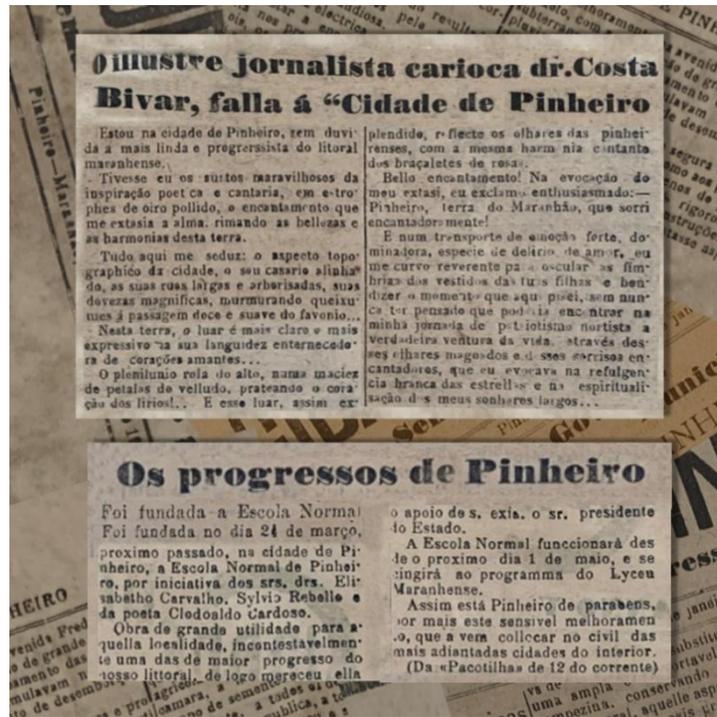
Imagem 8 – Notícias sobre o progresso e melhoramento de Pinheiro entre 1922 e 1930



Fonte: Cidade de Pinheiro (1922-1930).

Nesse sentido, o periódico representou um espaço privilegiado para orientar, construir e enaltecer práticas e hábitos que davam novos ares à cidade. Palavras como progresso, modernidade e civilidade eram frequentes e indispensáveis nas páginas do semanário pinheirense, trazendo o discurso do novo.

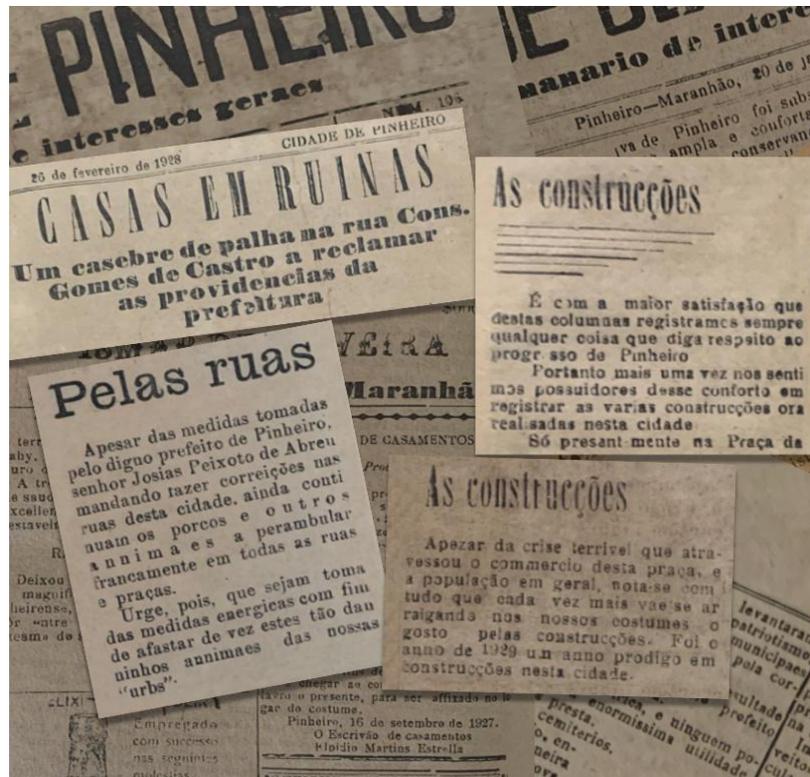
Imagem 9 – Opinião sobre o progresso de Pinheiro entre 1922 e 1930



Fonte: Cidade de Pinheiro (1922 - 1930).

Esse projeto modernizador não apenas excluía as camadas populares, como também as submeteu a um código de valores que rejeitava suas tradições e modos de vida. Defensor incondicional das reformas urbanas promovidas na cidade, o jornal publicava sistematicamente matérias sobre as reformas e obras em curso e como os cidadãos, inclusive os mais pobres, deveriam se portar, construir suas casas, se desfazer do lixo, entre outros aspectos, que, muitas vezes, promoviam a exclusão das pessoas mais humildes das áreas nucleares de Pinheiro.

Imagem 10 – Notícias chamando atenção sobre casas em ruínas e melhoramentos da cidade de Pinheiro entre 1922 e 1930



Fonte: Cidade de Pinheiro (1922-1930).

O Jornal Cidade de Pinheiro, semanário caracterizado como interesses gerais, começou a circular em 25 de dezembro de 1921. No primeiro ano do impresso, sobre o comando dos fundadores e redatores, Elisabetho Barbosa de Carvalho, Clodoaldo Cardoso e Basiliano Adanico de Castro Barroca, sintetizou, nas suas páginas, a história de Pinheiro, com enfoque para as melhorias registradas na área central da cidade. “Há um anno precisamente, pelas ruas largas e bellas d’esta próspera terra, circulou pela primeira vez apagadamente, modestamente, sem ruído festivo e trovejante das coisas espalhafatosas, o primeiro número d’esta folha” (NO LIMINAR..., 1922, p. 1).

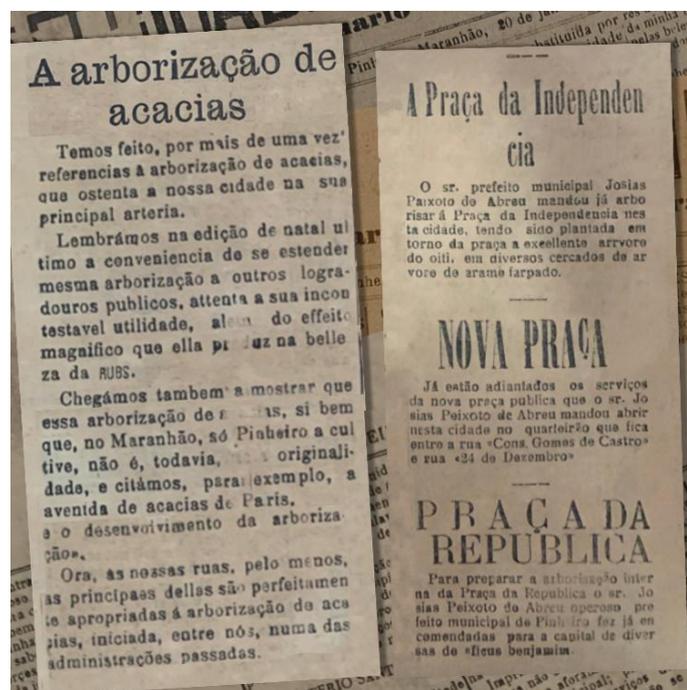
Entre outros interesses, o periódico propunha-se a “defender os interesses” da região “[...] trabalhando por seu desenvolvimento, especialmente pelo município de Pinheiro” (NO INICIO..., 1928, p. 1). As matérias versavam sobre o cotidiano e a vida da cidade nas páginas do semanário, enfocando as posturas adotadas, funcionando como um mecanismo de disciplinamento e orientação dos sujeitos e práticas que não estivessem dentro dos padrões de “civildade” considerados aceitáveis.

O jornal funcionava como um instrumento disciplinador que objetivou incutir no pinheirense hábitos e costumes considerados civilizados, bem como combater aqueles que estivessem fora dos padrões de civilidade desejados. O periódico, já no primeiro ano de circulação, chamava a atenção para as regras de comportamento, convívio social e, especialmente, para a urbanização e o embelezamento da localidade.

No Pinheiro da *Belle Époque*, tudo que remetesse a um “passado de atrasos” deveria ser eliminado, dando espaço à imagem de uma cidade que estava em franco desenvolvimento cultural e urbanístico, aos moldes de progressos e civilização oriundos das regiões mais desenvolvidas do mundo.

Elementos e práticas considerados atrasados e rurais em uma sociedade que buscava assemelhar-se com hábitos cotidianos de lugares “civilizados” deveriam ser banidos da “sociedade pinheirense”. Nesse sentido, foi a pequena elite intelectual e econômica, com o aporte da imprensa periódica, a responsável pela construção de um imaginário social de progresso e civilização, o que dava sentido à ordem social e moral.

Imagem 11 – Notícias sobre o processo de arborização das ruas e praças de Pinheiro entre 1922 e 1930

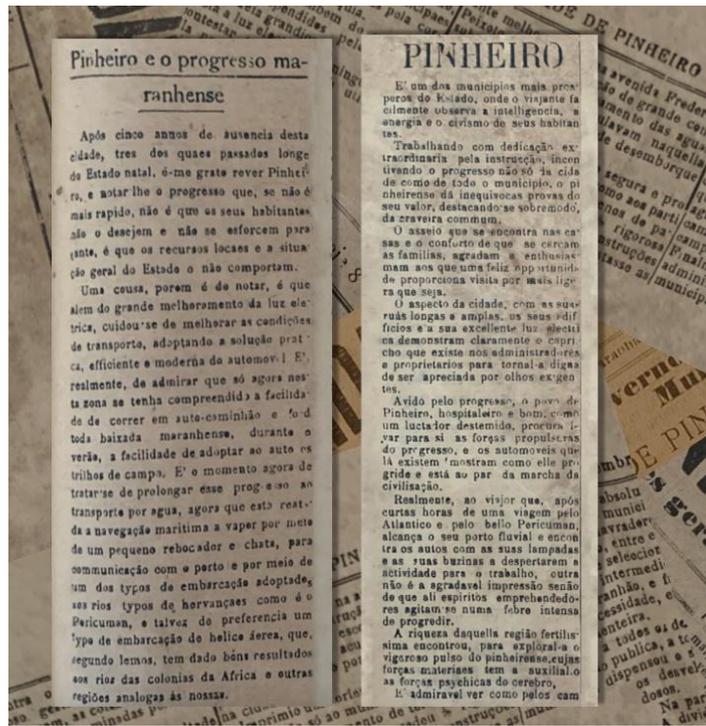


Fonte: Cidade de Pinheiro (1922-1930).

Para a elite pinheirense, a cidade deveria estar condizente com a posição que Pinheiro ocupava no cenário maranhense, a Princesa da Baixada e o berço de

desenvolvimento oriundo, em sua maioria, do comércio da amêndoa do coco babaçu. Nesse contexto, um argumento comumente utilizado nas páginas do periódico foi a recorrência de um imaginário coletivo atrelado a um desenvolvimento e à promoção de riquezas.

Imagem 12 – Notícias sobre o progresso e as conquistas de Pinheiro entre 1922 e 1930



Fonte: Cidade de Pinheiro (1922-1930).

Em síntese, após a leitura e análise crítica das fontes, percebemos que as representações construídas estavam diretamente ligadas ao imaginário de um pequeno grupo que dominava os espaços econômicos e sociais da cidade. Na análise da documentação, observamos que essas práticas, aos olhos da sociedade, era, ao mesmo tempo, afirmar uma Pinheiro moderna e civilizada, livre do que era na época considerado arcaico, rural e fora dos padrões dos grandes centros urbanos.

4.1 Pinheiro: origens do núcleo urbano e o epíteto da Princesa da Baixada

Se considerarmos a história da ocupação de Pinheiro pelo viés da colonização portuguesa e o posterior desenvolvimento urbano da sociedade surgida após o processo colonizador, podemos afirmar que o ponto de partida foi a fixação de gentes nos campos da Baixada Maranhense para utilização de pastagens naturais para a alimentação do gado. Com isso, vão surgindo as primeiras fazendas para criação de gado por volta de 1818 e 1819.

Nesse contexto, a história oficial lega ao Capitão-mor Inácio José Pinheiro, membro da aristocracia rural de Alcântara, as primeiras iniciativas de implantação de empreendimentos pecuaristas às margens do Pericumã, rio cujo nome em Tupi significa “o junco do alagadiço”. Esse marco colonizador da região é que dá início à formação do primeiro aglomerado urbano denominado Lugar de Santo Inácio de Pinheiro, em homenagem ao Capitão-mor (SOARES, 2006a).

Localizada em uma região de campos aluviais, pontilhados de lagos, dividida em campos e tesos, o município de Pinheiro iniciou o seu o processo de urbanização às margens do Rio Pericumã, onde, por volta da segunda metade do século XIX, em 6 de maio de 1855, foi criada a Freguesia de Santo Inácio de Pinheiro. Um ano mais tarde, em 3 de setembro de 1856, foi elevada à categoria de Vila pela Lei Provincial nº 429, conforme citado:

Art.1º - Fica elevada à categoria de vila a povoação de Pinheiro, da Camara de Guimarães e terá por limites todo o território, que compreendia o segundo distrito de paz do município de Santa Helena, ficando pertencendo a êste último todo o território que continha o primeiro distrito de paz, cujos limites serão a divisão das duas Comarcas de Guimarães e Turiaçu”. a. Formava êle, então, um grande trapézio, tendo 12 léguas do nascente ao poente, 16 do nascente ao sul, 16 do poente ao sul e 20 no último lado. Ficava-lhe ao norte e oeste Santa Helena, a leste e sul São Bento e ao sul e sudoeste Viana. (VIVEIROS; ALMEIDA, 2014, p. 103).

Em 1859, a Vila, assentada em uma península que se projetava para o leste, “[...] possuía 35 casas de telhas e 70 de palhas, dispostas em 3 ruas, na direção Leste-Oeste, com 250 braças de comprimento por 5 de largura, e por algumas travessas, beco e vielas” (VIVEIROS; ALMEIDA, 2014, p. 103). Naquele período, os habitantes da cidade dedicavam-se basicamente ao comércio, sendo de cunho atacadista e de primeiras necessidades, além do extrativismo e pecuária:

Em 1859, havia 14 casas de secos e molhados. Além dessas 14 casas comerciais, havia três padarias [...]. Abatiam-se de 180 a 220 reses por ano, sendo no inverno o maior consumo de carne. [...]. A população – 4.814 habitantes, sendo 3.185 livres e 1.629 escravos — dava serviços a 7 carapinas, 4 ferreiros, 7 alfaiates, 5 sapateiros, 4 seleiros, 2 tecelões, 2 ourives e 1 oleiro. (VIVEIROS; ALMEIDA, 2014, p. 105).

Em 26 de junho de 1863, pela Lei n. 649, foi aprovado o primeiro Código de Conduta da Vila, visando proporcionar aos moradores as condições urbanísticas da futura cidade:

1º Não é permitido a pessoa alguma edificar ou reedificar casas, construir ou reconstruir muros dentro desta vila sem licença da Câmara. 2º As ruas, que de novo se abrirem nesta vila, terão seis braças de largura, e as travessas, cinco [...] Zelando pela limpeza da vila, o Código estabelecia que proprietários de casas e chãos cercados e não cercados ficavam obrigados a limpar as suas testadas todos os meses, que os possuidores de terrenos não cercados deviam limpá-los uma vez cada trimestre, que era proibido lançar imundícias nas ruas, travessas e praças, assim como ter porcos e cães não açaimados. (VIVEIROS; ALMEIDA, 2014, p. 113).

Com a Proclamação da República, foram criados os Conselhos de Intendência,

que tinham por função a organização dos municípios, que objetivaram organizar a vida urbana, conforme a seguir:

Art. 11º. – Os Conselhos de Intendências Municipais deliberarão em geral sobre a manutenção da tranquilidade, segurança, saúde e comodidade dos habitantes, o asseio, segurança, elegância, regularidade e salubridade dos edifícios e ruas das povoações promovendo por suas posturas sôbre o seguinte:

1º. Alinhamento, limpeza e desempachamento das ruas, praias, cais e praças, conservação e reparo de muralhas feitas para segurança dos edifícios, calçadas, pontes e fontes, chafariz e quaisquer outras construções de benefício comum ou decoro e ornamento.

2º O estabelecimento de cemitérios fora dos recintos dos templos, o esgotamento de pântanos e qualquer estagnação de águas infectas, a economia e asseio dos currais e matadouros públicos, a colocação de costumes, depósitos de imundices e quanto possa alterar e corromper a salubridade da atmosfera. (VIVEIROS; ALMEIDA, 2014, p. 149).

O crescimento da cidade, o desenvolvimento das relações comerciais, o aumento populacional e o incremento da produção de bens e consumo foram fatores primordiais para que Pinheiro se tornasse independente da comarca de São Bento, conforme o registro a seguir:

O Governador do Estado, autorizado pela lei número 576, de 10 de abril de 1911, e atendendo a que, pelo desenvolvimento de suas relações comerciais e considerável aumento de sua produção, a vila de Pinheiro é atualmente um dos lugares do interior do Estado de vida econômica relativamente mais movimentada, com absoluta independência da de São Bento, de cuja comarca, entretanto, é apenas têrmo, sendo, portanto, mero ato de justiça o restabelecimento dos foros de comarca, que lhe foram conferidos pela Lei número 1333, de 8 de maio de 1884, e manteve até a organização judiciária de 1898 (VIVEIROS; ALMEIDA, 2014, p. 162).

No período entre 1914 e 1918, a cidade iniciou um franco desenvolvimento comercial, no entanto foi somente entre os anos de 1920 a 1925 que ganhou impulso “[...] com a exportação das amêndoas do coco babaçu” (VIVEIROS; ALMEIDA, 2014, p. 162):

Continua muitíssimo animado o comércio de Pinheiro, que, êste ano, ainda não teve um momento sequer, de esmorecimento. Observa-se todos os dias o mesmo movimento de animação, que chega, às vezes, a tomar proporções extraordinárias, como tivemos ocasião de verificar em dias da semana passada. A Satisfação é geral. Em toda a parte, quer na cidade, quer no interior do município, reina o mesmo entusiasmo [...] o babaçu, é o fator principal de todo esse impulso [...] admiravelmente, as roças de milho, mandioca, arroz e algodão. [...] um novo comerciante vindo de Viana, já com o estabelecimento aberto [...]. Já se fala que a firma Leão & Cia pretende abrir uma filial. (Cidade de Pinheiro, 01 de abril de 1923). Mas veio o côco, afinal, Encher a pança da gente, Não há bolsa mais doente, que não arrenegue do mal. E’só pegar do machado E correr para o coqueiro, Quebrar côco o dia inteiro. Oh! Que fartura, ho! Que achado. (Manoel Gromwel, Cartas de Camiranga, 21.1.1923) (VIVEIROS; ALMEIDA, 2014, p. 185).

Na década de 1920, “[...] com aproximadamente 19.820 habitantes” (SOARES, 1931, p. 34), e sua economia baseada no comércio, extrativismo e na agropecuária, a pequena Vila de campos alagados é elevada à categoria de Cidade, em 3 de setembro de 1920, o que significou uma mudança na organização administrativa do município. “As modificações no contexto urbano, social e político já eram evidentes, havendo uma certa organização

estrutural” (LEITE, 2006, p. 65). Assim, Pinheiro tornou-se o polo com a maior economia da região, sendo uma das maiores cidades do interior do Maranhão, resultando em aumento demográfico com a chegada de novos moradores, entre eles, comerciantes de origem portuguesa como veremos adiante.

O início do século XX apresentou-se para Pinheiro com um espírito de reestruturação sem precedentes na história. Nesse período, iniciou-se um processo de reconfiguração que deixaria marcas como signo de avanços para a sua modernização, signos esses implantados pela elite e idealizados para a reestruturação da cidade sob referenciais, em boa medida, inspirados pela capital do estado, São Luís, além de outras localidades que passaram pelo processo de remodelação naquela mesma época, como, por exemplo, Belém e Manaus, em decorrência da economia da borracha, conforme abordado anteriormente.

4.2 Pinheiro progride: equipamentos culturais

Na virada do século, a cidade começou a vivenciar um aumento da população e mudança nas relações sociais e econômicas. A nova ordem econômica que nascia com esse movimento impunha não somente uma reordenação por meio de uma política de medidas sanitárias e embelezamento, mas também da remodelação dos hábitos e costumes sociais.

Vários eventos contribuíram para que Pinheiro se passasse de uma cidade rural, do início do século XX, para uma cidade com padrões de organização e civilidade. Como exemplo, ilustramos a criação de clubes e equipamentos culturais, como em 11 de setembro de 1920, ano de fundação do clube de futebol Guarany Sport Club por um grupo de rapazes pinheirenses (VIVEIROS; ALMEIDA, 2014, p. 211). O futebol era uma forma de criar na cidade um elo entre os pinheirenses e o gosto por uma vida saudável tanto na qualidade de vida, quanto na estética do corpo. O esporte era praticado, principalmente, nas escolas, ruas e nos campos improvisados.

Assumindo a vanguarda social da região, no ano de 1921 foi fundada a Loja Maçônica intitulada “Renascimento Pinheiro”, assim descrita: “[...] Pinheiro, risonha plaga maranhense, ha-de descerto muito concorrer para a realização da obra maçônica, para alli projectada, procurando, desde já, e ao menos, libertar aos pequenos séres pinheirenses do jogo ignominioso da ignorância”. (SOARES, 1922, p. 5). A loja Maçônica tinha como proposta:

[...] operar uma radical e rápida transformação de mentalidade até então dominante no meio. A cidade passou, assim, a ter vida social. Difundiu-se, na alta sociedade, o gosto pelas reuniões familiares, pelos bailes a grande estilo. As festas religiosas adquiriram mais animação e esplendor (VIVEIROS; ALMEIDA, 2014, p. 168).

Essas medidas eram consideradas importantes e davam à cidade uma projeção de

pujança e novos costumes em relação a outros núcleos urbanos da região. Naquele momento, a sociedade em geral, os comerciantes e os funcionários públicos projetaram sobre a localidade uma representação de sociedade que estava em busca da civilidade e do progresso.

Seguida à fundação da Loja Maçônica, foi inaugurado em 13 de maio de 1921, o Teatro Guarany. “Esse teatro tornou-se um centro de desenvolvimento intelectual e de educação moral da mocidade pinheirense. Representavam nele moças e rapazes das famílias da cidade” (VIVEIROS; ALMEIDA, 2014, p. 213).

O teatro Guarany, fundado na década de 1920, tinha por objetivo criar um espaço de encenação de textos teatrais clássicos, sobretudo europeus. Ao fundar o teatro, o seu idealizador, Elisabetho de Carvalho, pretendia inaugurar um novo hábito cultural na cidade e, ao mesmo tempo, concretizar uma ação que era parte de um movimento cultural empreendido pela elite local no início do século XX, como o desejo de criar um gosto cosmopolita:

Esses teatros eram chamados de comédias, os temas eram variados. Sempre tinha um elenco fixo. A Dona Fausta, a esposa do Dr. Elizabeto, ela preparava as meninas para encenarem as peças, faziam ensaios longos às vezes de três, quatro, cinco até seis meses para poder apresentar. Ela apresentava pastorais no final do ano, na época de Natal, peças religiosas da vida de santa Teresinha... esse tipo de coisa e também ela... Havia... era um pouco eclético posto que havia números variados... de cantos, declamações, é... diálogos que ele chamavam de disquetes, nessa época era chamada de disquete e não abordavam temas locais. Era sempre baseado em temas, ela fazia muito é... parece... não tenho certeza se chegou a encenar, mas pelo menos estava preparando, mas parece que não chegou a encenar, O Cortiço, de Aluísio Azavedo, quer dizer, era peças clássicas, mas não era só isso o teatro, isso aí ela fazia tipo um resumo, fazia uma apresentação em dois, três atos curtos, um resumo daquele clássico. Agora o que ela fazia muito era música, cantos, declamações, leitura de textos literários, havia também muito isso. E com isso era a única coisa que tinha na cidade e foi chamando um pouco, foi aglomerando, Pinheiro era até quando eu nasci, eu nasci em 37. Era uma... a minha infância, início da minha juventude que logo depois eu vim para cá, era uma cidade excelente de se viver (saudosimo). Era uma família só. As famílias se visitavam, se entrosavam, participavam de... é... quando não tinha clube Carnavalesco Social, mas na época de carnaval eles faziam as festas e os bailes nas casas das famílias. Agora sempre foi uma sociedade elitista, havia bailes de brancos e bailes de morenas, assim que chamavam, só que nos bailes de brancos, embora tivesse posses, negros não entravam, mesmo que tivessem posses. Onde é hoje a sorveteria Oba Oba, mais ou menos, ali era uma casa residencial de um fazendeiro que veio de Alcântara. Seu Acrizio Cerveira, ele veio ser sobrinho de dona Zoé Cerveira, que tinha um colégio aqui em São Luis. Seu Acrizio, ele veio se estabelecer em Pinheiro, comprou uma fazenda, comprou eu não sei, porque naquele tempo se chegava e se apossava, e depois pedia geralmente... o governo dava, doava, só sei que ele se instalou numa fazenda em Santa Helena, aqui quase em Pinheiro e prosperou muito, mas ele já veio com bens mas ele era bem escuro, a esposa dele era clara. As filhas dele todas se formaram professoras, foram as primeiras professoras de Pinheiro, umas delas era até poetisa, dona Marildete Cerveira, era poetisa. Elas eram preparadas, competentes, e seu Acrizio como todo esse glamour minha filha, mas ele não frequentava as festas, as filhas dele e ele eram excluídos por causa da cor. Estava muito perto da Abolição, 88 estava no início do século então era natural que ainda houvesse repulsa, já que Pinheiro era reduto dos senhores de engenho da região. Então havia essa discriminação. Então,

para ir para os bailes da elite, precisava ser convidado, só entrava se fosse convidado. Quem não era era retirado do local. (Informação verbal)⁹.

O teatro Guarany, primeiro teatro inaugurado, trouxe para Pinheiro um processo de modernização com seu caráter prático e simbólico. A vida cultural da cidade é lembrada na memória coletiva da população como um grande momento vivido, conforme descrito abaixo:

Ah, tinha! Eu ouvi falhar, minha mãe falava que esse Elisabetho, Chico Leite [...], uma história de Pinheiro [...]. E tinha futebol, uma rivalidade, tinha o Guarany e o Pinheirense, meu pai jogava, uma rivalidade [...]. Jogava nessa praça. Tinha o teatro, o teatro muito evoluído, tinha uma senhora ... minha mãe dizia que era um show, o teatro. Durou muito tempo, o Guarany e o outro, essa cidade tem nome na história. Aquilo [referência ao jornal] é uma riqueza se tu pegar aquilo não precisa de nada mais, está tudo ali, toda a história que eu estou contando. O Teatro e o Futebol, tinha. Teve uma época, o promotor Luís Domingues, que dá nome à rua, gostava de esporte, escreveu sobre os times, os jogos de futebol não tinha televisão nem rádio, era escrito em artigo. Eu li um artigo, minha filha, que parece que eu estava vendo o jogo, meu Deus, como você pode escrever daquele jeito! Esse Dr. Domingues descrever um jogo, parece que eu estava vendo o jogo ... aquilo ali vale ouro (Informação verbal)¹⁰.

As memórias que trazem relação com um passado de progresso remetem a um período de grande euforia. “Grandes transformações ocorreram a partir de 1920, revelando-nos uma sociedade preocupada em aprimorar-se culturalmente, desejosa de crescer” (LEITE, 2006, p. 66).

Para além dos equipamentos culturais já citados, data desse mesmo período a criação de meios de comunicação¹¹, fato que referenda a pesquisa bibliográfica, sendo um dos pilares da estruturação de uma *urbe* em crescimento. A esse respeito, é inequívoca a importância da criação da imprensa local, como o Jornal Cidade de Pinheiro¹², fundado em 25 de dezembro de 1921, por Elisabetho Barbosa de Carvalho, Clodoaldo Cardoso e Basiliano Adanico de Castro Barroca. Esse jornal, desde suas primeiras edições, trouxe o espírito de defesa e valorização de uma cidade crescente e moderna na Baixada Maranhense.

⁹ A este respeito, Maria da Graça Moreira Leite, Graça Leite, escritora natural da cidade de Pinheiro. Autora de diversos livros a respeito dos costumes e memórias da cidade, relatou, em entrevista realizada em 11 de fevereiro de 2020, as memórias sobre a cidade e a formação da cultura da Princesa da Baixada.

¹⁰ Deusdédit Carneiro Leite, marido da escritora Graça Leite, nasceu na cidade de Pinheiro, em 1º de abril de 1935. As informações presentes na citação foram fornecidas por Deusdédit Leite em entrevista concedida em 19 setembro de 2020.

¹¹ Observamos, em diversas páginas do Jornal Cidade de Pinheiro, referência ao telegráfo, meio de comunicação rápido e considerado símbolo de modernidade. No entanto não foi possível identificar o início dos serviços do telegráfo em Pinheiro. Porém o telegrafo facilitava a comunicação, integrando a cidade às demais localidades do país, em sintonia com os desejos de fazer parte de um mundo “civilizado”.

¹² Para a realização da pesquisa documental, tivemos acesso às edições do Jornal Cidade de Pinheiro de 1922 a 1935. Para a pesquisa, contamos com a disponibilização dos periódicos pela Senhora Sandra Mendes, membra da Academia Pinheirense de Letras e Ciências “Usina de Ideias”. Das três encadernações, resta apenas uma, que está sob a guarda dela em sua residência, uma vez que se encontravam deteriorados e jogados num ambiente impróprio para a conservação. Ao restaurar a última encadernação do periódico, a senhora Sandra Mendes os mantém conservados à espera da oportunidade de digitalização dos vinte livros encadernados (1923 - 1956).

Na figura a seguir, observamos o prédio onde funcionava o Jornal Cidade de Pinheiro. Trata-se de uma edificação com características modernas: linhas verticais e racionais do *Art Déco*, epíteto da modernidade local, que apresenta partido arquitetônico remodelado e adaptado às condições e às necessidades estéticas que a cidade buscava se distanciar do passado “atrasado” e rural.

Imagem 13 – Prédio onde funcionava o jornal Cidade de Pinheiro



Fonte: Acervo pessoal da Sra. Sandra Mendes.

Esse periódico semanal tinha como missão ser o guia orientador da sociedade, além de divulgar seu progresso, embelezamento, arborização, códigos de postura, leis, costumes, hábitos, ditava padrões de comportamento, comunicava sobre eventos, comércio, crescimento, cultura, arte, lazer, esporte, política e transporte. Nos exemplares analisados para fins desta dissertação, era evidente que o Jornal Cidade de Pinheiro tinha uma franca orientação para propagandear o desenvolvimento material e cultural da elite da região, além de estabelecer a harmonia social e desenvolver na sociedade o gosto pelas letras, artes e tudo que de moderno a cidade pudesse oferecer ou se inspirar.

Além disso, o referido Jornal influenciava na adoção de estilos de vida vistos como “modernos” e que legariam à cidade um novo momento cultural, social e político. As notícias eram carregadas de subjetividades e estavam voltadas para a elite local. As mensagens trazidas formavam opiniões e causavam, em boa parte dos pinheirenses, uma predisposição a aceitar e reproduzir comportamentos, posturas e padrões sociais antes não

observados na cidade, conforme passagem transcrita em notícia datada de 1922:

Agora, que os dirigentes e os bons homens desta terra, numa só ação, num só esforço, se dedicam, com mais devotado amor, às coisas de Pinheiro, procurando introduzir importantes melhoramentos na cidade, e de palpitante utilidade para o municipio; agora que essa pleiade de homens contadosos, a cuja frente se encontram hoje os nossos destintos, se entregam numa dedicação extraordinaria, a todo o emprehendimento, que importe para nós num grande bem agora que no lazer das horas de trabalho, do seu gabinete, aparece o dr. juiz de direito, expontaneamente, ao lado desses homens, ou antes, ao lado de Pinheiro, num desprendimento admiravel, e actividade incontestavel dispendendo energias por tudo quanto possa ser agradavel e util para nós, agora, emfim, que tudo se movimenta em pról do progresso desta terra, num movimento confortavel e animador; agora, justamente agora, peza-nos dizer, é que ao lado de Pinheiro não se encontra grande parte dos seus filhos e dos seus hospedes.

Que os hospedes não saibam, ou queiram cumprir o caro dever de gratidão á hospitalidade, vá, é um crime, que não prevê o nosso Codigo Penal, e punido, apenas pela moral.

Que os filhos, porém, que estes viram a luz do sol nesta terra esplendida, que aprenderam aquí a balbuciar o doce nome de mae, e a levantar, pela primeira vez, os olhos para o céu, esse magnifico céu, que nos banha de luz prafuza e sadia, illuminando tão bellos campos, que os filhos de Pinheiro acompanhem o gesto impatriotico e ingrato dos hospedes de sua casa, coisa é de tal assombro, que faz tremer a propria natureza humana!

E' mais do que ingratição.

E' a inversão completa da ordem natural das coisas.

E' a negação dos sentimentos naturaes, producto de aberração de phenomenos extranhos. (AGORA, 1922, p. 5)¹³.

O Jornal Cidade de Pinheiro desempenhou importante meio de difusão de ideias e normas de condutas que visavam à preservação da moral da sociedade pinheirense. O periódico tinha a utilidade de divulgar o cotidiano, as formas de pensar de uma elite, bem como outros aspectos da vida social da cidade, funcionando como um espelho da elite local da época.

Ainda no campo dos impressos e da literatura, em meados do segundo semestre de 1923, iniciou-se a preparação para a criação da primeira biblioteca pública de Pinheiro, estando à frente Domingos Perdigão:

Realizou-se hontem ás 19 horas em a casa de residencia do sr. Josias Peixoto de Abreu, digno prefeito municipal, uma reunião convocada pelo sr. Domingos Perdigão para deliberar-se sobre a fundação entre nós de uma bibliotheca popular.

Estiveram presentes, os intellectuaes de Pinheiro e demais pessoas gradas, sendo trocadas diversas ideas sobre a formação da referida biblioteca [...]. (BIBLIOTHECA..., 1923, p. 1).

Concretizando-se a inauguração da referida Biblioteca Popular no dia 1º de janeiro de 1924:

¹³ As transcrições de notícias respeitaram a grafia original da época, possíveis erros ortográficos ou omissões foram mantidos, conforme a nota original.

[...] O assumpto que nos veem aqui neste momento é uma prova do que vos venho afirmando. Pareceu me ser de grande utilidade a esta prospera cidade, e a todo o municipio de Pinheiro, a installação de uma Bibliotheca de character geral e publica dedicada ao povo desta terra, pará nella illustrarem o espirito aproveitando as horas que lhes sobrar das fadigas da vida, com a leitura de obras de sciencias, artes e literatura.

Um povo que lê é um povo que sabe porque vive.

Saber ler é ter ao seu alcance todos os conhecimentos humanos mediante a benefica intervenção do livro, o maior thesouro que nos legaram os seculos passados, é alta felicidade.

[...] Pêssuas que tem tomado todo o interesse pelo progresso e desenvolvimento de Pinheiro, os quaes formam comigo, a commissão organisadora da nossa Bibliotheca. (BIBLIOTHECA..., 1924, p. 3).

A Biblioteca Popular de Pinheiro foi criada por iniciativa da comunidade para atender ao crescente letramento da cidade, conforme noticiado no Jornal Cidade de Pinheiro:

Recreio e cultura do povo de Pinheiro no Estado do Maranhão tem por fim:

- a) Reunir uma coleção de obras de escriptores nacionais e estrangeiros, cuja leitura possa ilustrar e iluminar o espirito do povo, trazendo-lhe os conhecimentos necessarios para ficarem a altura do progresso actual da humanidade;
- b) Manter uma sala de leitura onde será facultada a leitura dos mencionados livros a todos que se apresentarem decentemente trajados;
- c) Desenvolver por todos os meios o gosto pelo estudo, pela leitura a fim de elevar cada vez mais o nível da mentalidade dos pinheirenses. (REGULAMENTO..., 1924, p. 5).

Localizado na Rua Nova, o prédio desempenhou papel importante no processo de transformação da sociedade pinheirense. De fachada simétrica, em platibanda e um pavimento, originalmente, esse prédio foi construído para abrigar a Loja Maçônica e futuramente o salão da Biblioteca. Atualmente, restam dessa edificação apenas alguns pedaços de concreto da construção original.

Imagem 14 – Prédio onde funcionava a Biblioteca Pública de Pinheiro e Loja Maçônica Renascimento de Pinheiro



Fonte: Imagem do acervo pessoal da Sra. Sandra Mendes, mas retirada por ela do jornal Cidade de Pinheiro, edição do centenário, caderno 2, de 3 de setembro de 1956.

Além das transformações urbanísticas empreendidas, buscando-se diferenciar socialmente, a elite pinheirense criou novos e modernos padrões sociabilidades: modo de vestir, comportamento a ser adotado e os espaços urbanos a serem frequentados, reuniões sociais. Logo, não tardaram a surgir os primeiros clubes sociais, a exemplo do fundado em 1925, comandado por Elisabetho de Carvalho, denominado de Cassino Pinheirense, espaço onde a elite cultural e comercial da cidade poderia frequentar e afirmar seus lugares e papéis na sociedade local.

A aceitação social dependia, além do poder aquisitivo, de aspectos raciais e de classe dos participantes, conforme passagem narrada por Sr. Deusdédit Leite:

Ah, esses, eu era o rei, que eu dançava demais. Oh, meu Deus, o clube Guarany não era assim organizado, mas não tinha um clube de dança deles, da mesma época do teatro. Aí teve uma fase, quem me contou foi Chico, teve uma época da seringa na Amazônia, essa turma mais jovem tudo saía daqui atrás da seringa porque dava dinheiro, e muitos voltaram com dinheiro, cheios de dinheiro, e nós tínhamos a festa de Santo Inácio... elite, tinha os negros e vamos usar os termos “putarias”, sempre teve os cabarés. Chico me contou que, no tempo da seringa, que eles chegaram ricos, na festa de Santo Inácio, os caras encheram as carroças de raparigas, no largo, mas as famílias todas se retiravam, ... até de manhã ficavam com as putas, mandavam buscar mulher de fora, uma fase, dizem que era aqui que eram horríveis as festas ... uma fase que era horrível, nessa fase só vinha puta de fora, uma fase negra, Chico que me contou, mas foi mais ou menos abafado, mas teve isso (Informação verbal)¹⁴.

¹⁴ Informações fornecidas por Deusdédit Leite em entrevista concedida em 19 de setembro de 2020.

O nascimento de um clube social em Pinheiro, em 1925, surgiu como mais um espaço de sociabilidade para a elite local, permanecendo a noção de distinção social aos seus associados por meio de opções de lazer e empreendida pela modernidade.

Uma boa idéa - Fundação da Sociedade recreativa Casino Pinheirense

Preparativos para a fundação de uma sociedade recreativa, que se denominará CASINO PINHEIRENSE

Um grupo de cavalheiros pertencentes à nossa melhor sociedade, cogita, presentemente, da fundação entre nós, de uma associação recreativa e instructiva, de caracter puramente familiar, que se denominará “Casino Pinheirense”

E’ intuito dos promotores da idéa da criação do casino, dotarem Pinheiro de uma casa de diversões familiares, onde a nossa sociedade se possa reunir e recrear-se, promovendo festas do mais apurado bom gosto, à feição do que acontece, em S. Luiz, como no “Casino Maranhense”.

A’ nova casa de diversões, pretendem os seus fundadores, dar um cunho da mais alta elegancia, tornando-a digna da frequencia do nosso mundo “chic”, de modo que venha ella a constituir o ponto central das reuniões das nossas familias.

Segundo estamos informados, o Casino Pinheirense comprehenderá os seguintes generos de diversões:

I Dansas

II Representações theatraes, e cinema

III Festas civicas e literarias

IV Partidas carnavalescas

V Jogos não prohibidos

Haverá mensalmente, em dia previamente fixado, uma ou duas festas, a que só poderão comparecer os socios e suas respectivas familias.

O Casino terá uma directoria e commissões permanentes para organizarem os festivaes e velarem pelos interesses sociaes.

Estão interessados na fundação da sociedade recreativa, de que nos vimos ocupando, muitos chefes de família pertencentes ao alto commercio, authorities e funcionários públicos; de onde se infere que a idéa virá a ter plena realisação dada a quantidade e qualidade dos seus adeptos.

Esta marcada para hoje, ás 8 horas da noite, na prefeitura municipal, uma grande reunião, para a qual se distribuiram convites especiaes, e que serão tratados assumptos importantes, relativos à incorporação da sociedade acima alludida.

A “Cidade de Pinheiro”, que está sempre ao lado das idéas uteis e progressistas, não regateia os seus mais sinceros applausos ao novo empreendimento que ora se cogita, e faz votos por que o “Casino Pinheirense” venha ter uma vida longa e proveitosa.

No próximo numero daremos a rezenha do que se fizer e e resolver na reunião marcada para hoje à noite. (UMA BOA..., 1924, p. 1).

O Clube constituía um espaço de diversão da alta sociedade pinheirense uma vez que o acesso era exclusivo para uma parcela da população pertencente à elite da cidade, ou seja, privilegiava membros da sociedade que compartilhavam do mesmo convívio social. A implantação desse espaço de sociabilidade significava um avanço, do ponto de vista

recreativo, de elevar a cultura da cidade, pois os frequentadores acreditavam que estavam na direção do progresso e dos padrões de elegância.

Essa entidade era uma nova opção que buscava preencher “[...] uma lacuna que de há muito se vinha fazendo sentir no seio da sociedade pinheirense. Assim compreendendo e sentindo os melhores elementos do nosso escól¹⁵, a idéia da criação do Casino logrou, para logo, aprovação geral das famílias locais” (O CASINO..., 1925a, p. 1).

O Clube Cassino Pinheirense surgiu como a finalidade recreativa e esportiva. Caracterizado como espaço social, o Clube tinha por objetivo criar uma imagem de modernidade na cidade, além do lazer e da distinção social dos seus membros e demonstração simbólica de poder entre os pares. O Casino Pinheirense tinha por finalidade, conforme descreve seu estatuto:

Estatutos do Casino Pinheirense

Título 1

Capítulo Único

Do Casino Pinheirense e seus fins

Art. 1º Fica fundada, nesta cidade, sobre a denominação de “Casino Pinheirense, “uma sociedade cívica, theatral, e recreativa, de caracter puramente familiar, e que se regerá pelos presentes estatutos.

Art. 2º A sociedade, de que trata o artigo anterior, tem por fim:

- a) Proporcionar aos seus socios, e as famílias destes, diversões do mais puro gosto.
- b) Despertar no espirito da mocidade pinheirense, o amor pelo civismo, e pelas letras;
- c) Desenvolver, entre nós, a arte theatral.

Art. 3º O “Casino Pinheirense” compreende os seguintes generos de diversões:

I Dansas,

II Representações theatras,

III Festas carnavalescas,

IV Sessões civicas, literarias,

V Jogos [...] (ESTATUTOS..., 1925, p. 5).

Nesse espaço, podemos observar que a distinção social era demonstrada pelos trajés, danças e a utilização de termos em francês, o que simbolizava a distinção dos membros. Para o baile inaugural do clube, o traje deveria ser o mais distinto possível, sendo admitidos trajés à fantasia, como foi descrito minuciosamente nas páginas do Cidade de Pinheiro:

¹⁵ O termo escol era empregado para caracterizar a elite letrada e econômica de Pinheiro, utilizado geralmente para exaltar um grupo da sociedade pinheirense.

Conforme noticiamos na nossa ultima edição, realizou-se na noite de 15 do corrente, o baile inaugural do “Casino Pinheirense”.

Os amplos salões da séde provisória do club, a rua Dr. Luiz Domingues, se encontravam primorosamente decorados á phantasia.

Viam-se todas as côres do *arco-iris*, n’uma combinação harmonica e rigorosamente artistica, em que se misturavam, numa orgia de tons, desde o cinza-pallido ao carlete sanguineo, dando ás salas, um aspecto phantastico e agradável.

Aqui, eram immensas borboletas de côres vivas espanejado as grandes azas sedosas de encontro á alvura transparente e vaporosa das cortinas rendadas; alli, eram inumeraveis ordens de cadeias de seda ostentando em cada élo uma côr, e estendidas ao longo dos salões, em zi-zags phantasticos recortando o espaço immediatamente inferior ao tecto; além, eram enfeites de todo o genero pendendo dos humbraes das portas abertas de par em par, das paredes branquissimas, de toda parte emfim.

De uma multidão de fôcos electricos suspensos do forro, cahia cataratas de luz sobre o recinto, envolvendo os compartimentos de edificio, n’uma toalha alvíssima e brilhante.

Ondas de perfumes suavissimos, erravam pelo ambiente.

Dos seus instrumentos, a orchestra, na ente sala, extrahia catadupas de harmonias.

E a esse ambiente inundado de raios luminosos, pleno de perfumes, vibrante de harmonia, a graça vaporosa e semi divina de dezenas de mulheres magnificas de mocidade e belleza, emprestava um esplendor quase celestial.

Dir-se-hia estar-se assistindo a uma festa de Deuses celebrada no Olympo.

Luz, flores, mulher e musica, isto é, as expressões mais elevadas do Bello e da Arte Absoluta, alli estavam, de mãos dadas, resurgindo por uns rápidos momentos, das cinzas doiradas da mythologia da velha Helade gloriosa e immortal, o brilho offuscante das festas grandiosas das divindades olympicas.

OS CONVIDADOS

A’s 20 horas começaram de chegar os convidados.

Uma commissão, á porta da sala principal, introduzia as familias, ao som da orchestra, collocada no vestibulo. N’um momento, as duas, espaçosas salas do edificio encheram se do que a sociedade de Pinheiro possui de mais fino, illustre e *chic*.

Eram 21 horas quando começaram as dansas.

Foi, então, que tivemos occasião de notar os trages dos convidados.

Vimos um grupo de *pierrots*. Aproximamos nos curiosos de reconhecer as possuidoras das graciosas formas que se ocultavam sob aquelles interessantes disfarces:

Eram as gracios mles Antonia Soares, Zuleide Velloso, ambas de encarnado, que lascinavam os circumstantes, com o seu ar de nymphas em ferias.

Mlle Cora Jinkings, graciosamente vestida de pierrot amarello, estava encantadora. Era bem a “Estatua pagã de carne em flor,” de que nos fala Frank. O Elisabetho, hieraticamente empalhado no seu *smoulcing* prehistorico, não resistio ao desejo de solicitar de *mlle*, uma contradansa: *mlle*, accecedeu. Dansaram. O Elisabetho babou-se de contente.

Pelos amplos salões, passeavam, então de par, um casal de *pierrots*. Eram *madame* Leopoldina Campos e seu *sympathico* marido. Um outro casal se via também perambulando pelas salas. Eram *madame* Julieta Abreu, elegantemente disfarçada de *pierrot* escarlata, dando o braço ao seu gorducho *caro metade*.

O Josias tinha o ar de sachristão que pela primeira vez ajuda missa. Estava engraçado a valer e desajeitado a doer.

O Belem, mettido na sua indumentaria de *apache*, tinha um ar imponente de vaqueiro preparando-se para a vaqueijada. *Madame* Belém, vetia de gigolete:

Reunidas a um canto, vimos sympaticas bohemias, cheias de uma graça exquisita e adoravel. Eram *mle* Rosalina Castro, vestida de encarnado trazendo faixa amarela pontilhada de preto e com um diadema de contas, emmoldurando a fronta gentil e eburnea; *mle* Mariana Soares, de encarnado com faixa verde; *mle*. Noemi Soares, com trage idêntico; *mle*. Mariasinha Pereira, de azul com faixa escocesa, e *mle*. Lourenço Barros, de amarelo. Tambem *mle*. Esther Soares estava de bohemia e trazia veste encarnada e verde. *Mlle*, Carmen Pereira, fingia de borboleta azul com tonalidades róseas. *Mlle* Inah Araujo, de *pierrot* encarnado, era a própria Gráça personificada. *Mlle* Edith Costa e Lucy Soares, vestiam de *pierrots*, do mesmo modo que *mle* Carmen Costa.

Trajando de Columbia, vimos *mme* Fausta Barbosa de Carvalho, com veste, de setim amarelo, *mle* Alice Soares, *fraise*, e a menina Jeny Campos.

Mlle Zenaide Peixoto deu uma excellente *pierret*, trajando amarelo pallido.

Graciosamente fantasiadas, vimos ainda: *Mlle* Cotinha, Dedita, Elvira Pinheiro e *mme* Mundequinha Maya.

Circulando pelos salões notavam-se mais alguns outros *pierrots*. Eram o Alcides Reia, como uma indumentaria azul, do anno passado; Palmerio Hemeterio, de amarello Ulysses Durães e José Castro, de encarnado; Lulu Soares, *fraise*.

Mas não era só: Desde o commeço do baile, um dominó indecentissimo, bancando a *manguda*, fazia a hilaridade das salas. Era o Joaquim de Pompilhosa, que o Campos ageitara dentro daquelle chambrão feito com retalhos de velhas ehtas ramalhudas e já desbotadas pelo tempo. Dir se-hia um palhaço do tempo dos pharaós do antido Egipto que houvesse ressusitado. E as botinas do Joaquim, santo Deus?! Estavam mesmo de fazer inveja ás do Severo.

O Joaquim estava piramida!! E sympathiseu de tal modo com o Albino que só descansou quando lhe esvasiou um vidro inteiro de redó, nos olhos.

Ao lado do heroe da Pompilhosa via-se outro heróe: o André Souza Phantasiado de General Cancão.

Nas mesmas de jogos estavam: o Elisabetho, o Clodoaldo, o José Anastacio e o João Soares, na de *pooker*. O Albino, o Babá Guimarães e o José Schalcher, na de sólo. O Albino empalmou para logo, dos companheiros onze mil reis. O José Schalcher coçou a cabeça, e se lembrou com amargura que a importancia perdida representava um bom pedaço de uma das suas vaccas do Andarahy.

AS DANSAS

As dansas estiveram animadas. Até o José Anastacio walsou com a sua cara metade.

O Severo Ferreira não tirava a mira de uma certa *silhueta* graciosa, metida n'um *pierrot* encarnado. Mas o *pierrot* bancou o indiferente, dentro do seu terno marron e por detraz dos grandes seus óculos. Por ultimo, desiludido já de enternecer o coração impiedoso do *pierrot* encarnado, assentou as suas baterias contra uma graciosa beldade que Pinheiro hospeda presentemente.

NO BOTEQUIM

Fizeram as honras do botequim, o Abrahão e o Jinkings. Essas duas creaturas pareciam estar com uma fome de trez dias. Só elles consumiram cerca de trinta mil reis de *sandwiches*, Oh! monstros! O José Anastacio não bebeu nada.

OUTROS CONVIDADOS

Formando a segunda linha, isto é, compondo o batalhões dos que não estavam phantasiados, vimos as exmas. sras. d.d. Enóe Cardoso, Juju Araujo, Miriam Guimarães, Nhasinha Gomes, Raimunda Rocha Pinheiro, Julia pimenta, senhoritas Theresa Soares, Oneide Soares e Semiramis Saores.

Entre os marmanjos estavam Elisabetho de Carvalho, Clodoaldo Cardoso, José Anastacio, João Soares, Edmundo Jinkings, Viriato Costa, Albino Paiva, Baba Guimarães, José Schalcher, Raimundo Soares, José Maya de Abreu e Severo Gomes Ferreira. (O CASINO..., 1925, p. 3-5).

O nascimento do Grêmio Cultural e Recreativo Pinheirense, em Pinheiro, no início do século XX, surgiu como alternativa para a elite devido à necessidade de novos espaços para o lazer e a recreação por causa das mudanças que estavam em curso na sociedade pinheirense. Foi fundado em fevereiro de 1925, com o propósito de dotar a cidade de Pinheiro de uma “[...] casa de diversões familiares, onde a nossa sociedade se possa reunir e recrear-se, promovendo festas do mais apurado bom gosto, à feição do que acontece, em S. Luiz, como no Casino Maranhense” (UMA BOA..., 1924, p. 1). Noticiado pelo Jornal Cidade de Pinheiro “[...] um grupo de cavalheiros pertencentes à nossa melhor sociedade” (UMA BOA..., 1924, p. 1), no dia 15 de fevereiro de 1925, ocorreu sua festa inaugural. Nas notícias, via-se um lugar elitista, onde a distinção e a ostentação deveriam ser garantidos, enaltecidos como “[...] assim compreendendo e sentindo os melhores elementos do nosso escól, a idéa da criação do Casino logrou, para logo, aprovação geral das familias locais” (O CASINO..., 1925b, p. 1).

O prédio do Grêmio Cultural foi construído pelo Coronel José de Anastácio de Araújo e Souza para sua casa de residência, “[...] uma elegante vivenda, com linda platibanda, de agradável aparência” (O PROGRESSO..., 1956, p. 4). O prédio foi “[...] o segundo a ser construído sem beiral e sem cimalha [...]. Incontestavelmente, representa, o prédio do Grêmio uma das boas construções, que se enquadram nas obras do progresso material da terra” (O PROGRESSO..., 1956, p. 4).

A imagem a seguir registra em foto o Grêmio Cultural e Recreativo Pinheirense com a fachada eclética, com elementos coloniais tardios nas janelas e portas e frontões com colunas neoclássicas.

Imagem 15 – Grêmio Cultural e Recreativo Pinheirense



Fonte: Acervo pessoal da Sra. Sandra Mendes.

Além dos equipamentos culturais e sociais já mencionados, cumpre pontuar que, anos mais tarde, após a primeira tentativa de criação do teatro, foi fundado, em 1926, o Teatro Santo Inácio, cujo objetivo era produzir a representação de peças regionais escritas com base nas crônicas do periódico *Cidade de Pinheiro*. Observa-se, com a ação, o anseio de permanecer criando espaços de sociabilidade para os moradores do município, e o teatro era percebido como uma entidade que “[...] elevaria o nível da mentalidade dos pinheirenses [...]” (VIVEIROS; ALMEIDA, 2014, p. 264).

As artes, a literatura, a indumentária, a exaltação do bom-gosto, o ideal da cidade planejada, limpa, higienizada, o encobrimento da pobreza, a sociabilidade das elites e as aspirações estéticas estavam presentes no imaginário dos pinheirenses no início da década de 1920, cujo discurso trazia a representação do progresso e da civilidade, buscando introduzir a cidade aos movimentos globais de modernização e racionalidade típicos de uma *Belle Époque*.

Conforme apresentamos nas notícias do *Jornal Cidade de Pinheiro*, esse movimento ganhou ressonância em muitas frentes e engajou a elite local e o poder público. Exemplos não faltam, como bens de consumo vindos de fora, intercâmbios com outras regiões, a criação de equipamentos culturais e espaços de sociabilidade foram sendo materializados ao longo da década de 1920, chegando a fazer parte do cotidiano dos pinheirenses.

Um dos aspectos que também destacamos foi a abertura de vias de fluxo e transportes entre os pinheirenses e outros lugares, com destaque para a navegação a vapor pela costa litorânea, com a constituição de uma rota que ia da cidade de Belém com destino a

São Luís, passando por cidades como Cururupu, Guimarães e Pinheiro, bastante movimentada já em 1924. O movimento de pessoas entre as cidades aproximou essas regiões e introduziu a cidade nas rotas de comércio que começaram a influenciar os setores econômico e social de Pinheiro. Viajantes e cronistas que pela cidade passavam admiravam-se com o que viam, do cuidado com a *urbe*, das praças arborizadas, das ruas limpas, além dos novos valores e costumes incorporados aos ideais civilizatórios, progressistas e racionais da elite local.

Tais premissas ficam evidenciadas em um relato do Dr. Bower ao Jornal Cidade de Pinheiro, transcrito na íntegra:

O DR. TOM BOWER concede uma entrevista á “Cidade de Pinheiro”

O progresso de Pinheiro – As possibilidades do município – Sua capacidade agricola e pecuaria – A cidade – A “Renascimento de Pinheiro” – A luz electrica.

Aproveitando a estadia do engenheiro inglez dr. Tom Bower, nesta cidade, á serviço da Commissão Central da Exposição do Centenario, pedimos lhe a gentileza de nos dar a conhecer a impressão que leva de Pinheiro, - municipio que, pela primeira vez, visita.

[...]

Nós – Que impressão leva o dr. de Pinheiro?

Doutor- Excelente. Já me haviam por diversas vezes, fallado, como entusiasmo, em S. Luiz, a respeito do progresso que se nota em Pinheiro. Tudo, porem, quanto então me disseram, está aquem do que tenho observado nos poucos dias que hei passado aqui. Desde o momento em que dei entrada nesta terra, comprehendí, para logo, que estava n’uma das mais importantes e progresistas cidades do Maranhão. Tenho notado, com satisfação, que, em Pinheiro, todos os homens de responsabilidades, sem distincção de credo politico, trabalham denodada e desinteressadamente pelo engrandecimento do municipio.

As possibilidades progressitas de Pinheiro são enormes. A sua produção agro-pecuaria de importante que já é, elevar-se há, de certo, num futuro muito proximo, ao quadr(****)pulo e talvez a mais, dados o continuo e progressivo exforço que dependem os agricultores e criadores pinheirenses nesse sentido, e a uberidade e propriedade das terras e dos campos so municipio, para taes insdutrias.

Nós – Com relação ao desempenho da missão que o trouxe a Pinheiro como se tem dado dr.?

Doutor – Muito bem. O respeitaval corpo commercial e industrial desta cidade me tem facilitado enormemente o desempenho da minha incumbencia. Já posso para mais de cincoente amostras de productos pinheirenses destinados à Exposição. Convém notar, que esse numero só já foi superado, no Estado, pelo municipio de Caxias.

Nós – que nos diz o dr. sobre a feição material da cidade?

Doutor- Nesse particular, mais do que em outro qualquer, só posso emitir conceitos agradaveis aos pinheirenses.

Pinheiro é, pela feição architetonica dos seus edificios, pela largura das suas ruas, pela arborisação das suas praças, pela sua topographia em geral, a mais bella cidade do litoral maranhense, e uma das melhores do Estado.

Não posso deixar de nomear, muito especialmente, entre os bellos edificios que ornamentam as vias publicas desta cidade, o magestoso palacete ainda em reconstrução, da Loja Maçonica “Renascimento de Pinheiro”.

Edifícios como o da “Renascimento”, honram qualquer grande cidade.

E já que veio a propósito fallamos da “Renascimento”, permita o meu caro jornalista que deixe aqui consignado o grande entusiasmo que me despertou a existencia de um templo maçónico em Pinheiro.

Essa só circmstancia seria bastante para attestar a importancia desta cidade.

Estou verdadeira e sinceramente sensibilizado pelas provas de muita gentileza, de muito carinho, que diariamente tenho recebido dos meus presados irmãos da “Renascimento”.

Nós – A respeito da proxima installação da luz electrica nesta cidade, que pensa o dr.?

Doutor – Penso que esse empreendimento ira constituir a cupula do progresso de Pinheiro.

E’ um immenso passo que esta terra dá em direção á moderna civilisação.

Ao deixarmos o dr. Tom Bower, depois de terminada a entrevista acima, pedio-nos o illustrado engenheiro, consignassemos, em adiamento aos conceitos que emittira a respeito de Pinheiro, as expressões do seu sincero e profundo agradecimento ao sr. Prefeito Municipal, aos membros da “Renascimento de Pinheiro”, aos Redactores da “Cidade de Pinheiro”, e ao povo pinheirense em geral, pelas captivantes gentilezas de que o têm cercado durante os dias que aqui tem permanecido.

E despedimo-nos. (O DR..., 1922, p. 3).

A crônica supracitada constitui impressões elaboradas por um visitante nas primeiras décadas do século XX. São imagens elaboradas com base no aspecto visual da cidade, sonhada e executada pela administração pública e a elite local, em um esforço para inserir Pinheiro no contexto de desenvolvimento.

O jornalista Costa Bivar manifesta a admiração por Pinheiro, onde encontrou ruas largas e arborizadas, o que a tornou, aos olhos do jornalista, a mais bela e progressista cidade do litoral maranhense.

[...] Com effeito, Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas, Rio G. do Sul, são rincões brasileiros que refulgem através das manifestações da engrandecimentos economico, social, politico, industrial, etc; mas, convem notar que muito [...] para essa feição de prosperidade a collaboração do elemento estrangeiro, emquanto o norte vive e prospera sob a iniciativa essencialmente regional; isto é, contando com a capacidade de trabalho dos seus filhos, que representam, incontestavelmente, a mais forte organização da nossa raça.

O nortista não tem cancelas, não conhece obstaculos.

Desbrava as regiões do Amazonas, afrontando, impavidamente, as inclemencias do clima e toda sorte de dificuldades. [...]

Estou na cidade de Pinheiro, sem duvida a mais linda e progressista do litoral maranhense.

Tivesse eu os surtos maravilhosos da inspiração poetica e cantaria, em estrofes de ouro pollido, o encantamento que me extasia a alma, rimando as bellezas e as harmonias desta terra.

Tudo aqui me seduz: o aspecto topographico da cidade, o seu casario alinhado, as suas ruas largas e arborizadas, suas devezas magnificas, murmurando queixoumes á passagem doce e suas do favonio ...

- Mas, tem o sr. conseguido o que pretende no norte?

- Espere, deixe-me cantar os esplendores desta terra. Perdoe-me se me torno um tanto preloso, mas a minha alma de moça não se pode calar diante de tanta harmonia, de tanta beleza ...

Estou deveras encantado!

Nesta terra, o luar é mais claro e mais expressivo na sua languidez enternecedora de corações amantes...

O plenilunio rola o alto, numa maciez de pétalas de veludo, prateando o coração dos lírios! ...E esse luar, assim esplendido, reflecte os olhares das pinheirenses, com a mesma harmonia cantando dos braçaletes de rosas.

Bello encantamento! Na evocação do meu extrasi, eu exclamo entusiasmado: - Pinheiro, terra do Maranhão que sorri encantadoramente!

E num transporte de emoção forte, dominadora, espécie de delírio de amor, eu me curvo reverente para oscular as fimbrias dos vestidos das tuas filhas e bendizer o momento que aqui pisei, sem nunca ter pensado que poderia encontrar na minha jornada de patriotismo nortista a verdadeira ventura da vida através desses olhares magoados e desses sorrisos encantadores, que eu evocava na refulgência branca das estrelas e na espiritualização dos meus sonhos largos ...

- Phantazia, objectamos.

- Não é phantazia. O Jornalista não se impressiona facilmente, isto é, sem um motivo serio. Adquire na arena do publico debate, o habito da insensibilidade, maxime quando tem apertado a mão de sultanas da graça e da beleza e com ellas convivido em sociedade.

O perfume da mulher não tem para elle a embriaguez nova e exquêsita das essências orientaes; muito menos a seduzem os sorrisos desafadas. Mas se elle viaja no norte do Brazil e vem á cidade de Pinheiro, para sua felicidade ou para sua desgraça, perde a noção de si próprio para ser, simplesmente, um vencido, um captivo, um submisso.

Vence o a poesia bucólica de logar, os olhares magoados das pinheirenses o dominam, captiva o a gentileza de todos que aqui residem.

Como pagar essa divida de gratidão que contrahi com os habitantes de Pinheiro?

Offerendo-lhes, como lhe ofereço, um ramalhete das flores da minh'alma, com os protestes que formulo pela prosperidade de sua terra e os melhores votos para que essa tão apreciável iniciativa do operosidade pela grandesa ideal não tenha solução de continuidade.

- E o que pensa quanto agradiantemente material da terra que o encantou?

- Espere! Já ia tocar nesse ponto, que é aliás, o principal desta entrevista.

- Penso muita coisa. Lá fora eu direi aos que me perguntarem sobre pessoas e coisas do Maranhão: - Visitei uma cidade do interior do estado e fiquei maravilhado diante das manifestações de entusiasmo dos seus filhos. Todos trabalham sem canceiras, pela prosperidade de um municipio. E de tal ordem é essa influencia communicativa de amor regional, que os extranhos se identificam com esse entusiasmo e tornam se pinheirenses de coração.

O dr. Elisabetho de Carvalho, por exemplo, filho do Piauí, vindo residir em Pinheiro, em dado o melhor das suas energias a tudo que se relacione com o progresso local. Fundou um jornal, a "Cidade de Pinheiro"; tem tido a iniciativa da fundação de sociedade beneficentes e instructivas, de instituições sociaes, collaborando com a ahnegação, nos melhoramentos apreciaveis que se observam na cidade.

Será que Pinheiro tem o iman das dimpathias brilhantes?

Quero acreditar que a bella cidade de sorrisos encantadores foi outro'ora um ninho de fadas.

De modo que possui ainda o candão magico das atrações magnificas! ...

E' esta a impressão que dou, sinceramente, aos ilustres confrades da "Cidade de Pinheiro".

- Demos nos por satisfeitos e despedimos-nos do illustre à terra de Araujo Castro. (O ILUSTRE..., 1925, p. 1).

Conforme observado nessas ricas narrativas sobre a cidade, percebemos os efeitos que os equipamentos sociais e culturais causavam nos visitantes. Além da beleza natural, o aspecto material era exaltado como anseio por uma cidade moderna. Lançar o olhar sobre a cidade de Pinheiro é retomar uma memória coletiva, representações da cultura urbana e da sociabilidade pelos padrões e ritos culturais da elite, que permanecia tendo a Europa como referência de progresso e civilização, inclusive de inspiração europeia, caso ela recebesse colonos europeus:

Pinheiro progride – o que diz sobre a futuosa cidade maranhense um jornalista carioca

De volta a Pinheiro, onde se achava em comissão do governo federal, encontra-se entre nós, de passagem para a capital da Republica, o sr. Jorge Modesto de Almeida, da redação do "Rio de Janeiro"

O illustre jornalista carioca, que è tambem funcionario do Ministerio da Agricultura, foi áquella futuosa e progressista cidade maranhense entregar á prefeitura Municipal os materiaes do extinto Centro Agricola "Ignacio Pinheiro". Esteve muito dias na cidade e teve a oportunidade de conhecer diversas localidades daquelle municipio. E' hoje portanto, um conhecedor de Pinheiro. E foi, convictos disso, que o procuramos hontem para uma ligeira palestra.

- Qual a sua impressão sobre Pinheiro? indagamos. Ao que o brilhante confrade accudiu solícito:

- A melhor possivel. Com o inverno e devido as grandes chuvas havidas, a cidade está ilhada, e para quem chega, como eu cheguei, á noite, terá a impressão de um grande presepe, devido á iluminação que é boa.

Pinheiro possui já bons predios, optimo commercio, faltando tão somente que seja terminado o nivelamento das ruas e iniciado o calçamento.

[...]

A vida aqui não é tão cara como nos paizes do Prata, por exemplo, onde se formam nucleos fortissimos de elementos europeus.

A prosperidade que existe no Sul- fala eloquentemente em favor do que acabo de dizer.

- Julga, então, que um dos factores principaes do desenvolvimento do Sul é a imigração allemã?

- Positivamente.

Não digo só allemã, pois, a imigração italiana em S. Paulo é colossal e a imigração em Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul é enorme.

Os nossos colonos, notadamente do Norte, desconhecem quase por completo o emprego do arado e não acreditam na sua eficiência. Estou certo de que, si fôrem

conseguidos immigrantes allemães. Palacos ou italianos para Pinheiro, muito em breve a terra de Araujo Castro será o celeiro do Estado do Maranhão [...]. (PINHEIRO..., 1925, p. 1).

O impacto dessas mudanças no cotidiano da cidade rendeu muitas narrativas no Jornal Cidade de Pinheiro, sendo fartas as representações e os discursos sobre a vida urbana, sobretudo a pujança econômica e o legado cultural. E essas narrativas davam-se, principalmente, nas páginas do impresso que procurava capturar e registrar as visões radiantes sobre o caráter de civilidade e progresso dos pinheirenses. Não há dúvida da importância desse jornal para a construção de uma memória coletiva em Pinheiro. Pelas letras do impresso, circulava o discurso de progresso e da civilização almejados para a região, conforme transcrição:

Pinheiro tem vindo evoluindo admiravelmente nestes ultimos tempos.

Não lhe tem faltado para estimular o seu progresso, homens laboriosos e de responsabilidade, e nem a boa vontade do povo para seguir e riscar as apreguações elucidativas que não inspiradas para o caminho do direito e da justiça.

E' assim que convivendo hoje com aquelles que mais se tem esforçado para o desenvolvimento intellectual e material desta florescente cidade jamais poderia esquivar-me de cooperar com os meus humildes conhecimentos afim de fazer conhecer aos que de longe nos observam que ainda um pedaço do nosso Estado não está avassalado nem corrompido pela politicagem nefasta, politicagem, que cega, e que faz o cidadão esquecer os seus deveres perante a sociedade e o seu respeito as leis do paiz, afastando-o, destanciando o (****) um patrimonio historico e que conduz o homem a sentir o melhor bem estar que é a civilização.

Não deve o povo desta terra deixar nunca de apoiar com orgulho aquelles que com amor patriotico tem sabido conduzir os negocios desta terra.

E com prova evidente basta citarmos a criação do posto agricola que já possuímos e com a possibilidade da formação de um nucleo colonial de estrangeiros (****) trabalhar e explorar (****) fertelissimas terras, advindo (****) aprendizagem do trabalho agricola pelos methodos mais racionaes economicos como tambem outras vantagens e possibilidades (****) na lucta pela vida. (M.M, 1922, p. 3).

As passagens coligadas no jornal e os relatos orais apontam para compreender uma cidade urbanizada e dotada de equipamentos urbanos e culturais. Vale dizer, a urbe metaforicamente considerada como organismo gestado pela civilização e pelo progresso, cujo conjunto de representações encontra-se na Pinheiro idealizada em grande parte por Elisabetho de Carvalho, Josias Abreu, Clodoaldo Cardoso, cujas intervenções foram, além de tudo, disciplinadoras e segregadoras no sentido de manter os seus respectivos centros como reflexos de progresso e civilização. O panorama apresentado torna possível perceber que os equipamentos culturais reconfiguraram o modo de vida e a noção de tempo como nunca visto até então.

4.3 Pinheiro Progride: a fina flor pinheirense

As transformações ocorridas no início do século XX, em Pinheiro, objetivaram a implantação de uma nova dinâmica de sociabilidade que estivesse de acordo com o espírito de uma época moderna. Dessa forma, o comportamento dos habitantes deveria estar condizente com uma nova visão urbana e social da cidade. Além dos aspectos públicos, a relação dos pinheirenses com uma mentalidade civilizatória também é destacado nos registros documentais e orais.

Como exemplo, citamos as vestimentas e os modos de vestir com forte alusão à moda vinda da Europa, em especial da França. A esse respeito, o relato de Leite (2006, p. 54-55) ilustra os hábitos cívicos pinheirenses no período analisado nesta dissertação:

Os leques de plumas, as bolsinhas de filigrana de prata ou de veludo, faziam parte do conjunto dos trajes para festas; os cabelos eram longos, terminavam em coques na nuca, presos com pentes ou fivelas; na testa, caíam grandes ondas seguras por grampos dourados. Na “belle-époque”, predominava o estilo francês, e os decotes, nas roupas usadas em festas, eram ousados deixando à mostra os seios fartos que saltavam dos espartilhos.

O gosto pela moda parisiense é registrado em foto de Alice Guterres, datada do início do século XX, onde se observam os vestidos encurtados, corte diferenciado deixando braços à mostra. A maquiagem é explorada, marcada pelos lábios vermelhos e olhar escurecidos de carvão. Os colares de pérola e os chapéus apontam a moda da mulher moderna.

Imagem 16 – Alice Guterres, filha do comerciante português



Fonte: Acervo pessoal da Sra. Sandra Mendes.

As vestimentas e os hábitos “afrancesados” estavam em consonância com a nova dinâmica no espaço urbano da cidade, como o passeio nas praças públicas, as festas nos clubes sociais, as peças teatrais, aspectos relacionados com o viver a cidade de uma forma totalmente nova.

As sociabilidades femininas e o desejo de vivenciar a cidade ficam patente na fotografia, que registra as vestimentas femininas do início do século XX, de acordo com os ditames da moda, o que significava pertencer à elite cultural ou econômica do lugar. A imagem apresenta uma variação das mangas curtas, golas altas dos vestidos. Nela, o uso de cores claras era predominante, assim como as rendas, fitas, bolsas de mão e os bordados na ornamentação dos vestuários da classe abastada de Pinheiro.

Imagem 17 – Grupo de senhoritas pinheirenses, representantes da classe abastada da sociedade



Fonte: Acervo pessoal da Sra. Sandra Mendes.

Eram perceptíveis, nos trajes da época, a elegância e o bom gosto, demonstrando que as pinheirenses se empenharam para reproduzir o estilo de vida sofisticado em seu cotidiano. Na imagem, observamos os cabelos semipresos no alto da cabeça, além do uso de maquiagem e adereços elegantes.

Imagem 18 – Jovem pinheirense¹⁶



Fonte: Acervo pessoal da Sra. Sandra Mendes.

O processo de modernização era estabelecido conforme os padrões adotados pelas elites, com base em referências externas, tanto no Brasil, como fora dele. E, para a disseminação das regras de conduta social, as notícias do Jornal Cidade de Pinheiro ditavam moda e influenciavam a aceitação de estilos de vida tidos como “modernos”. Essa interferência alterou os hábitos e costumes da vida cotidiana na cidade, conforme passagem narrada a seguir:

O jornal estimulava as mulheres a participarem de encenações teatrais, reuniões para discutirem sobre festas sociais e religiosas etc. O Teatro Guarany e o Santo Inácio foram criados, e várias peças foram encenadas com senhoritas da sociedade compondo o elenco de dramas e comédias. [...] O Teatro Guarany, cujo elenco era composto de rapazes e moças da sociedade, fez sucesso nos anos 20, encenando peças de autores famosos, nacionais e estrangeiros (Romeu e Julieta, A vida de Sta.

¹⁶ Não foi possível a identificação da pessoa da imagem.

Terezinha), comédias, cânticos, danças, além dos papéis de “matutas”, que eram os mais aplaudidos (LEITE, 2006, p. 66-78).

A nova organização social exigia transformações nos espaços de sociabilidade e nas manifestações culturais de Pinheiro. Ganhou destaque como uma tentativa clara de “civilizar” e se constituir em uma alternativa moderna.

Na década de 1922, eram constantes as referências na imprensa escrita sobre o carnaval, festa de maior destaque no periódico analisado. O Jornal enaltecia o carnaval e as mudanças do entrudo, mais uma vez com base na polaridade “civilização” versus “atraso”.

O carnaval pinheirense passou do polêmico entrudo¹⁷ para os clubes e bailes. Essa era uma forma de criar hábitos de lazer condizentes com os ditames da civilização moderna pela qual a cidade de Pinheiro passava. Considerado polêmico e não condizente com a nova estética e a ordem vigente, o entrudo, além de causar sujeira, também se contrapunha ao anseio da elite pinheirense, pois, aos olhos dos gestores públicos, tratava-se de uma brincadeira de mau gosto, insalubre e que poderia causar uma série de enfermidades.

Para a realização do carnaval de rua, a Avenida Nova, símbolo da modernidade pinheirense com a moderna iluminação pública e o imponente vestuário dos transeuntes, a mais legítima ambiência moderna que o pinheirense poderia desejar, era, sem dúvida, o principal palco de encenação do moderno carnaval pinheirense.

[...] A Rua Nova foi o logar escolhido para o maior movimento, não só dos mascarados avulsos, como dos que se entregavam às alegrias em homenagens ao Deus da Folia [...] Domingo e terça-feira valia a pena, em verdade, abandonar-se a casa, e procurar a Rua Nova, o ponto chic naquelles dias de carnaval [...]. (O CARNAVAL, 1922, p. 5).

As festividades do carnaval eram um momento de mostrar que a elite estava atenta às novidades da época. “Alem das máscaras avulsas, percorreram a cidade dois cordões carnavalescos, um ‘Baralho’ e um ‘Guará’, estando este último muito bem-arranjado”. (O CARNAVAL, 1922, p. 6). O jornal exaltava a animação e o entusiasmo com a realização do carnaval de rua e os bailes:

“Grupos de cavalheiros em passeio pelas ruas davam também um tom alegre áquelles dias de festa.

Enfim, foi um bom carnaval, o deste anno, durante o qual apenas se registrou uma pequena manifestação de desordem de que resultou sair um sujeito com a cabeça quebrada.

Isto quanto ao carnaval das ruas. Nos bailes a animação não foi menor. Nunca menos de seis partidas carnavalescas se realizaram aqui em Pinheiro, e todas ellas com grande entusiasmo” (O CARNAVAL, 1922, p. 6).

¹⁷ “Carnaval realizado em Portugal que consistia em brincadeiras em que as pessoas invadiam as casas de parentes e vizinhos e atacavam-se uma as outras com lama, cinzas ou mesmo água. A palavra significa ‘entrada’ em referência ao início da primavera” (RUFINO, 1993, p. 243).

Basicamente, todas as narrativas refletem que tal festa constituía-se na manutenção do movimento progressivo do movimento que o carnaval apresentava. No ano de 1924, o carnaval ganhou mais expressividade e foi visto como um dos mais animados dentro do marco temporal da pesquisa. “Esplendido carnaval. Não há notícias de ter havido em Pinheiro carnaval igual ao de 1924. Festas por toda parte o mais vibrante entusiasmo” (O CARNAVAL, 1924a, p. 1).

Outra novidade do carnaval de Pinheiro foram os cursos de carros, formado por um grupo de adeptos de um de carnaval “cavalheiro e polido”, que pretendia apresentar a pompa do carnaval da cidade. “O curso de carros alegóricos, ao que parece, vai ser a nota chic do carnaval este ano” (O CARNAVAL, 1924b, p. 5). O enaltecimento das festividades do carnaval refletia as diferenças socioeconômicas que se operavam na estrutura social da cidade. O Curso consistia em desfiles de carruagens a princípio e, posteriormente, carros; os primeiros clubes e as sociedades carnavalescas consistiam em espaços de distinção social, nos quais “a alta sociedade pinheirense” podia exhibir seus prestígios.

Na realidade, nunca se observou em Pinheiro tão grande entusiasmo e animação pelo carnaval, como o que se tem verificado este ano.

Pode dizer-se que desde os primeiros dias de janeiro, entrámos francamente nessa época adorável de festas e de loucura, em que Bacho e Momo de mãos dadas, enleados pelo vapor do vinho e evaporação do ether, se confundem nas homenagens, que lhe são tributadas.

Desde os primeiros dias de janeiro percorrem mascarados avulsos e grupos diversos as ruas da “urbs” aos sábados e domingos, e as partidas carnavalescas se sucedem uma às outras, e todas ellas com o melhor successo.

Sabado e domingo ultimo, os chamados sabado e domingos magros, nada tiveram de rachíticos.

Ao contrario, elles se nos apresentaram com o mesmo aspecto dos dias gordos.

As partidas carnavalescas do “Recreio de Maria”, constituiram a nota chic desses dias.

Esteveram, divérsas, esplendidas.

O bellissimo palacete da familia Cruz, illuminado em profusão á luz electrica, com aquellas decorações proprias de carnaval, attraheu grande massa de foliões, que encheram os salões numa alegria obrisaltante.

Lá se viam todas as especies de phantasia e muitas dellas bem distinctas.

Homens, mulheres, creanças e até .. velhas, tudo se divertia.

Por falta de convite, lá não fomos, mas segundo colheu a nossa reportagem, pouca gente foi ao “Recreio”.

Nem mesmo o João Leie se conteve, e lá se achava á ouvir as pilheiras do Marcionilio Durans, que mettido num roupão de palhaço, constituiu o encanto do José Schalcher, que, ao lado do João Soares, não se cansava de lhe chamar a atenção para as galhofas do Marcionilio, se bem que, de modo diverso se externasse o Mariano Cunha, para quem todo o encanto da festa se resumio na phantasia de

Arthur Sá, com aquella cartóla dos tempos do pae Adão, e que, não se sabe, onde elle a desenterrou.

Essas apreciações eram feitas da meza do buffet, onde o Rabassa num grupo alegre de devotos, desempenhava o papel de “pacificador” das liberalidades do Chico Castro, que entendeu de, elle só, acabar com a cerveja da casa.

José Anastacio discutia politica; Abrahão fazia reclames das primeiras partidas do seu “Bar”; o nosso promotor, com um charuto de légoa e meia, olhava, embevecido, para aquella porção de malucos, o juiz, com um pé na tipoia, encarava aquillo tudo com uma immensa saudade dos tempos, que já se vão.

As moças e os rapazes se divertiam á vontade espalhados pelas salas, cheias á cunha.

Mas, a nossa reportagem nada mais pode observar.

A outra partida, que se effectuou domingo, alli á rua Dr. “Elisabetho” não ficou atraz da do “Recreio”. Apenas pouca luz, menos enfeite, e pouca cerveja.

Mas, o entusiasmo o mesmo. A alegria a mesma.

Os outros bailes la do bairro da matriz, estiveram, igualmente, esplendidos.

Quinta-feira, dia 28, inaugurou-se o vasto salão do “Bar Santo Ignacio”, com uma animada “soiré masqué”.

Esteve bôa a festa, e’ effectivamente tiveram bôa ideia os proprietarios do “Bar” preparando um salão amplo destinado á diversões.

Hoje, já não pode lamentar a falta de logar para reuniões. O salão do “Bar” adapta-se a diversas especies de divertimentos, e segundo nos consta, os seus proprietarios vão preparar um palco e o mais necessario no mesmo salão para representações theatraes.

Já se falla mesmo em adquirir-se um aparelho cinemetographico, que pode perfeitamente funcionar na ampla sala.

Mas, fallemos um pouco da festa da inauguração

Se bem que annunciada de vespera, os foliões não se fizeram de rogado.

Lá compareceram muitos e cada qual se divertia a seu gosto.

Iluminado á luz electrica o salão, que foi com um certo capricho e com um certo gosto aformoseado com adornos de diversas côres, e feitos, indo isto alliado ás extravagancias das phantasias dos dansantes formava um tom de agradável encanto.

Sexta-feira, antes de hontem, uma nova partida carnavalesca se realizou lá na praça da matriz, em a casa do velho Gentil, preparada para esse fim.

Correu tudo às mil maravilhas.

Homens extreou-se o “Terpsichore Carnavalesco”, num esplendido baile anciosamente esperado.

Nada, porém, podemos informar ao leitor do que por lá se passou porque o Alcides, que foi incumbido de nos traser as notas de reportagem, até a hora de entrar esta folha para o prèlo ainda não nos tinha apparecido.

Só, pois, no proximo numero alguma coisa dir e mos do que foi a estreia do “Terpsichore”.

Para, hoje, amanhã e depois damanhã estão annunciadas as seguintes diversões:

“Entusiasmo”. Este cordão carnavalesco organizado pelos moradores do bairro do cemiterio auxiliados por senhoritas diversas, se exhibirá nos tres dias em as casas de familias, fazendo um percurso pelas ruas da cidade, devendo encontrar-se com o

cordão “Delicias do Carnaval”, num trecho da rua “Dr. Elisabetho”, onde travar-se-á entre os dois clubs uma renhida batalha de rodós e confetes.

“Delicias do Carnaval”. Este club organizado por diversos rapazes e senhores da nossa escólsocial tambem percorrerá a cidade nos tres dias, exhibindo-se em casas de familias.

“Enthusiasmo”, dançará no salão do “Bar S. Ignacio’ hoje e terça-feira.

“Baralho das saias”. Este cordão, que sae todos os annos, fará hoje e terça-feira um passeio pela “urbs”, exhibe-se com phantasia, caprichosamente preparada, como ainda o não fizera nos annos anteriores, e segundo nos comunica um das “saias”, o cordão acha-se muito bem ensaiado.

“O Tambôr”. Ainda exhibir-se-á hoje, amanhã e depois, o tambor club, que vae conquistando já umas tantas simpathias do pessoal do brodio.

O Corso- como já noticiamos, deixa, por motivo de força maior, de sair o curso de carros allegoricos, preparam-se diversos carros izolados para percorrerem as nossas ruas na tarde de hoje.

Alem de tudo isto, muitos mascarados avulos e pequenos grupos sairão hoje e terça-feira, pelo que vamos ter um carnaval de rua muitíssimo animado.

O mesmo dar-se-á com o carnaval dos salões, em vista das partidas carnavalescas, que se preparam para os tres dias.

São elles:

“Terpsichore carnavalesca”. Este club dará mais duas partidas, sendo uma amanhã, e a outra na terça- feira.

“Prosepia club”. E’ hoje a estréa desse novo club dansante, a qual das-se-á no salão do “Bar Santo Ignacio”.

Terça-feira o “Proserpina” dará a ultima partida.

“Club de Pacas”. Não é somente na sède do municipio que Bacho e Momo são festejados.

Tambem alli na povoação “Pacas”, formaram um club canavalesco, que dará a sua partida hoje, numa casa da praça da igreja adredemente preparada para folias.

Os cartões de convites para os bailes estão assignados pelos foliões Hipolito Soares. Janeiro Dias e Antonio Nunes. (O CARNAVAL, 1924a, p. 3).

O carnaval era protagonizado por aqueles que, pertencendo à “camada social distinta”, detinham meios para custear as fantasias e as despesas das sociedades carnavalescas. Os clubes eram as entidades que congregavam a elite citadina e os setores mais elevados, integrando hierarquicamente os diversos grupos sociais com base em suas práticas de lazer, associadas diretamente aos fatores de ordem socioeconômica, conferindo distinção e prestígio aos seus frequentadores.

O carnaval promete ser bastante animado este anno, entre nós.

Diversos clubs carnavalescos estão anunciar as partidas, que tencionam realizar.

O Casino Pinheirense, club recreativo, que vem de ser fundado entre nós, dará a sua festa inaugural, segundo nos informam da sua secretaria, no dia 15 do corrente.

De acordo com a resolução da directoria, só terão entrada no recinto do baile inaugural, os socios fundadores e effectivos do Casino que estiverem quites, isto é, que já houverem até aquella data, pago a joia e a mensalidade deste mez.

Esse pagamento poderá ser feito pelos interessados, na tesouraria do club, em a casa do sr. Raimundo Pimenta.

OS OUTROS CLUBS

O PROSERPINA

O “Proserpina Club”, deu hontem a sua primeira partida masqué, no salão do “Bar S. Ignacio”, á rua Dr. Elisabetho. Promette realizar mais duas partidas, uma a 14 e outra 23 deste mez.

O TERPSICHORE CARNAVALESCO

Este já antigo e conceituado club, que no anno passado deu excellentes festas, está providenciando afim de que as partidas, que annunciou para 21, 22 e 23 do corrente, lograma maior concorrência e brilho possiveis.

A commissão directora do “Terpsichore” composta do srs. Manoel Campos e José Maria de Abreu, já esta mandando reformar e decorar a sede do club, para os bailes annunciados. (A PROXIMA..., 1925, p. 5).

O carnaval de Pinheiro representava um novo futuro e uma nova sociedade, manifestados pelo uso de elementos que caracterizavam uma cidade exclusivamente moderna. O aparecimento de figuras do carnaval veneziano são exemplos da preocupação com a elaboração de uma tradição carnavalesca que não estava desassociada do contexto nacional, além de refletir a influência da elite local no universo material e cultural.

O CARNAVAL

Si bem que o movimento de mascarados avulsos nas ruas fosse quase nenhum, todavia, o carnaval, este anno, obteve entre nós, a mesma animação do carnaval do anno passado.

Concorreram, poderosamente, para isso, os dois belos cordões carnavalescos, que passearam à cidade, um, formado por moças, intitulado “Alliança”, e outro, composto de homens, com o nome de “Fidalgos da Hespanha”.

Ambos os cordões, num conjunto encantador, largaram comunicar aos foliões, a quella alegria muito especial, que só se sabe ter nesses dias de loucuras carnavalescas.

O primeiro, o das moças, se compunha de trez interessantes grupos: hespanholas, japonezas e ciganas, todas garbosamente fantasiadas á feição dos povos, que representavam, salientando-se as japonezas metidas nuns bem feitos e ricos kimemos., trazendo cada uma, na elevada cabeleira nipônica, a predilecta flôr da raça amarella.

Puxa o cordão, o grupo de hespanholas, que cantam canções melodiosas das anda luzas, ao mesmo tempo que dansam e bailam ao som harmonico e cadenciado das castanholas, que misturados á suave e deliciosa voz, lembram o gorgueio fascinante das filhas de Cadiz.

Seguem-se as japonezas, que, entre alas das hespanholas, aparecem, duas á duas, emmolduradas naquelles grandes e astisticos leques, de que fazem uzam, com requintada elegancia, as que formam e encanto dos salões de Tokio, e cantam, com arte e gosto, sob ruidosos aplausos a apreciada canção das geishas.

Por fim, vem as ciganas, cantando ao rufo dos pandeiros, e querem ler a buenadicha das hespanholas e japonezas.

As errantes creaturas conquistam a simphathia dos dois grupos, que lhes estendem as mãos para a consulta.

Para não perder a graça de tão gentis companheiras, as improvisadas chiromantes, lisongeio nas nos vaticinios, que fazem. [...]

OS BAILES

Decididamente é o “Terpsichore”, entre nós, dos clubs carnavalescos, o mais distincto.

Os bailes, á phantasia, do carnaval, estiveram à altura dos melhores bailes da capital.

Não há nisto nenhum exagero.

E si Pinheiro pudesse dispor de boas orchestas de dansas, certamente, os bailes do “Terpsichore” em nada, absolutamente, ficariam aquém dos que, em São Luiz. Já grangearam o primeiro plano nas temporadas carnavalescas.

O predio, em que o simphathico club funciona, é, entre nós, o que mais se adapta a esse genero de diversões e, o Campos, o fundador e diretor de club, esmerou-se tanto quanto poude em lhe dar um aspecto extraordinariamente bello.

Acerescente-se a tudo isto, a garridice dos convivas, homens, mulheres e creanças, em phantasias chics, e ao inebriante encanto, que se evolava daquelle conjuncto de elegancias, e teremos, o que na opinião do Zuza, deveria ser o Eden dos tempos biblicos.

Grupos de senhoritas e rapazes, em constantes encaramuçãs de rodós, espalhavam se pelo vasto salão, e pelas trez espaçosas salas do baile, compartimentos estes, que, num dado momento, se encheram literalmente.

Impossivel se nos foi anotar, siquer, o numero dos dansante de qualquer uma das salas.

Tal a ocorrência de foliões.

Phantasias diversas, de cores cambiantes casavam, adoravelmente, com o aspecto bizarro e alegre, que soube dar o Campos a qualquer um dos pontos do predio, em que se distribuíam os canvivas.

Pierrots, pierrets, celumbinas, Japonezas, hespanholas, ciganas, gigolotes, apache, gigolots, borboletas, chrisanthenos, e uma infinidade de phantasias bellas se misturavam e se confundiam no rodopiar do *preto velho*.

Por sua excentricidade, destacavam-se as vestes carnavalescas de dois rapazes: um, de nome Pedro Barbosa, phantasiado à *Alferes Pio* e outro, o José Ramos, é modo de *Boi da rampa*, este pisando aos pés dos dansantes, impiedosamente, o que motivou, de uma feita, serias reclamações da parte do Severo, que por um triz, ia se denortando na sua toilette de *Javiré*.

Já não obtive o mesmo successo do anno passado, o “Proserpina”, que só na terceira partida conseguiu encher, à cunha, o vastíssimo salão do bar “Sant’Ignacio”.

Essa ultima partida, porem, valeu por todas as outras.

Que diga o alemão da uzina, a qual, depois de umas tantas escaramuçãs com o Campos, no primeiro baile do “Terpschore”, bandeou para o Bar. (O CARNAVAL, 1925, p. 3-5).

Uma característica percebida no universo do carnaval pinheirense é o caráter imitativo das práticas carnavalescas e a influência francesa na sociedade local, que se traduz

na representação de comportamentos e fantasias. Esse comportamento favoreceu a reprodução rápida e ampla dos clubes sociais na cidade, estimulando o desenvolvimento dos bailes carnavalescos, a festa mais concorrida e noticiada no periódico local, o que assegurou o prestígio e a superioridade do carnaval de Pinheiro frente às festividades das cidades vizinhas.

O CARNAVAL

Vamos ter, ao que parece, um excelente carnaval este anno. Os foliões preparam-se, com entusiasmo, para as festas do Momo, e já diversas soirées dansantes se realizaram em diversos clubs.

FLEUR PARISIEN

Abriu os seus salões hontem, numa optima partida, este novo club, no elegante palacete “Recreio de Maria”, á rua Dr. Luiz Domingues.

Está reservadas para o Fleur Parisien a nota chic do carnaval dos salões, deste anno.

No proximo sabado, dia 18, realiza este club e seu “segundo baile, á phantasia, promettendo revestir-se essa segunda partida de extraordinario brilho.

[...]

AS PARISIENSES

Organizado pelo club “Fleur Parisien”, estreará no proximo sabado gordo nos salões de dansa do mesmo club o bem ensaiado cordão carnavalesco intitulado “As Parisienses”, do qual fazem parte 16 senhoritas da nossa sociedade.

Esse cordão carnavalesco forma um conjuncto assás elegante, e concorrerá, por isso, para augmentar o bilho da soirée do proximo sabado do seu club.

Exibir-se-á novamente no baille de terça-feira gorda, dia 21, e no domingo de carnaval percorrerá as principaes ruas da cidade, precedida da pancadaria local. (O CARNAVAL, 1928, p. 8).

Para servir de modelo, a elite pinheirense importou práticas consideradas mais refinadas e adequadas a um carnaval veneziano, tanto nos comportamentos momescos, como nos trajés e indumentárias, além da forte alusão a elementos e termos franceses. Convém destacarmos a riqueza de detalhes descritos, que importaram modos de festejar das sociedades ditas modernas, como o uso de máscaras, de ricas fantasias, batalhas das flores, fantasias de pierrôs e clolombinas, típicos do carnaval veneziano. As festas de carnaval constituíam uma das dimensões que compunham o universo cultural que se pretendia transformar, atuando como espaço de distinção social e demonstração de poder entre os pares.

4.4 As origens do núcleo urbano e o embelezamento estratégico da cidade

A reconfiguração espacial era necessária para alcançar os objetivos propostos pelos ideais da modernização exigidos para a época, e essa reconfiguração demandava por mudanças na estrutura física da cidade. As elites e os governantes, inspirados pelos ideais de civilização e progresso, começaram a desenvolver estratégias de reformulação dos espaços

públicos.

Pela Urbs

Deu já o digno prefeito Josias Abreu inicio ao serviço, que, há muito tempo reclama a mais bella das arterias de nossa urbs.

Preocupado com o progresso de Pinheiro, e desejoso de trabalhar por sua terra, que está a pedir o auxilio de todos, o illustre prefeito, logo ao assumir o honroso cargo, que lhe confiou o eleitorado, volveu as suas vistas para as ruas e praças da cidade, muitas das quaes, completamente esquecidas, estavam a exigir uma proteção efficaz da administração municipal.

Deste modo, mandou para logo abater o matto de todas as ruas e travessas, que já estavam reduzidas a simples caminho de roça.

E em virtude da fiscalisação desse serviço há produsido optimo resultado. Agora, a Rua Nova, aquella rua intransitavel no inverno pelas poças d'água e de lama que as avolumam em diversos pontos, esta passando por uma verdadeira metamorphose.

Já se tem a impressão, embora ainda no começa da obra, de que aquella arteria poderá ser francamente enquadrada no numero das ruas de cidades modernizadas.

Está, effectivamente, ficando bella. Nivelado o terreno com o necessario declive para os lados, as aguas pluviaes correrão forçosamente para as sargêtas, que as conduzirão ao escoamento natural. E, sendo assim, depois das chuvas, as mais fortes, permanecerá a rua de transito livre. Com esse serviço sobresahio-se admiravelmente plantação de acacias, imprimindo á rua um tom alegre e agradável, como o de alameda de um jardim cuidadodamente preparado.

E para grandioso orgulho de todos nós que estimamos Pinheiro, não ficará na Rua Nova a acção do prefeito, pois, do que sabemos, o sr. Josias muito se empenha em dar ás primeiras ruas da cidade, a mesma feição da Rua Nova, tem aquella bonita plantação de flores ao centro, transformando, em taes condições, a nossa *urbs* numa cidade digna de visitas, como se fora um jardim. Que o sr. Josias consiga, por fim, reduzir a realidade, todas as boas intenções, que o absorvem pelo melhoramento de Pinheiro.

Verdade é que o meio não comporta esses grandes surtos de progresso, isto pela falta de comprehensão que, infelizmente, ainda se nota entre nós, da parte de muita gente, e de muita gente bôa, do que seja o verdadeiro, bem, que não é o bem de cada um, mas, o bem de todos.

Mas, o operoso moço tem a encorajar-lhe a actividade, a vontade forte de um homem, que trabalha.

E o homem quando quer, tudo vence, uma vez que o seu esforço seja para o bem da colletividade.

Não há barreiras, que não se transponham em taes cazos (PELA URBS, 1922, p. 5).

Modernizar a cidade significaria, inicialmente, criar estruturas de um sistema eficiente de serviços públicos. Observamos uma série de melhoramentos realizados na área central de Pinheiro, como abertura de ruas, construção de praças, limpeza urbana, proibição de circulação de carros puxados por bois, incentivo pelas melhorias das construções das casas, muros e passeios. Porém todo esse progresso estava localizado no núcleo central da cidade, onde viviam a elite e as classes mais abastadas empurrando a população mais pobre para os bairros periféricos da cidade, para as áreas alagadas e de mata fechada, tudo isso controlado

por um código de posturas, baseado em ideias progressistas, como podemos observar a seguir:

Pela Urbs. O código de posturas municipais promulgado em 1893 proíbe a construção de casas de palha, e a recobertura das existentes na principal via pública da cidade, a qual, já era, naquele tempo a rua Nova. Em toda a parte, a proporção que a cidade vai-se desenvolvendo, vão-se criando medidas dessa natureza para o embelezamento das ruas. Na promulgação do código, a não ser a rua Nova, e também a rua Luiz Domingues, se não estamos enganados, conhecida, então, pelo nome de rua do Sol, as demais vias públicas escaparam à proibição legal.

Compreende-se perfeitamente que vai assim proceder o legislador municipal, é que eram aquelas duas arterias as que mais desenvolvimento alcançaram na época, e para ellas pois, devia convergir a acção do governo no proposito de preparal-as decentemente. Não quer, portanto, isto dizer, que em qualquer tempo, somente as duas estejam á coberto das casas de palha. O intuito da lei é afastar das principaes vias públicas, essas casas de palha, antigas e feias, e, além de tudo, perigosas – e de perigo commum- uma vez unidas ás construções de telha, pela facilidade com que ellas se expõem ao fogo.

Ora, o desenvolvimento, que há alcançado a cidade de Pinheiro, de certa parte para cá, está exigir dos poderes municipais, a decretação de medidas para certas ruas, iguaes aquellas tomadas na promulgação do código para a rua Nova, e rua do Sol. Todo o mundo sabe que não se pode, e nem se deve mesmo, de uma só vez, tomar taes medidas para todas as vias públicas. Seria pôr em serias dificuldades a muita gente. Nem esse é o espirito da lei. Mas, pontos há na cidade, nos quaes não se pode mais tolerar a permanencia das casas de palha, pelo pessimo efeito que causam aos que percorrem ás arterias em que ellas se acham, dando-lhes um aspecto extraordinariamente desagradavel. Está nesse numero a Praça da Republica. E' como se sabe, a mais bella praça de Pinheiro. Alem do moderno palacete da prefeitura, é ella dotada ainda de bons predios particulares, e já está sendo convenientemente arborizada, tomando a feição das praças de cidades modernas.

Entretanto, lá se acham, como dois espectros, com cruces velhas e arunchosas de cemiterios abandonados, a quebrar toda a harmonia e elegancia da praça, duas casas de palha, que deixam no transeunte visitante nosso a impressão mais dolorosa.

Tempo é, pois, de se mexerem os nosso legisladores, e, seguindo a trilha do código de posturas, código confeccionado, como é sabido, pelo notavel tribuno conselheiro Gomes de Castro, tomar providencias no intuito de relegar para os logares proprios aquellas duas coisas de palha que estão impatrioticamente a desafiar o progresso da praça. (PELAS URBS, 1922, p. 1, grifo nosso).

Para manter a ordem, seria importante que os cidadãos fossem compelidos a adotar novos hábitos higiênicos e de comportamento em torno da saúde pública, nem que fossem controlados pela força das leis e dos códigos de posturas, fato que denotou uma forte estratégia de ordenação de uma moral educadora, com base no controle dos indivíduos. Esses ditames eram fartamente divulgados pelo impresso:

Esses pezadissimos e desengoados carros de bois, que porfiam, uns com os outros, em estragar as arterias da nossa cidade, esses horriveis monstregos, herança dos nossos avôs dos tempos coloniaes, bem poderiam já limitar-se a sua exhibição constante, fanhosa, e enfadonha lá pelos campos, lugar, que pode soffrer o pezo estupendo das rodas, e os gritos estridentes e insupportaveis dos guias.

Dentro da cidade, porém, é que não mais possivel torelal-o.

Nós tempos actuaes, em toda a parte, os vetustos vehiculos não mais se afastam dos campos e das estradas, que os conduzem aos canaviaes dos velhos engenhos, sendo-

lhes terminantemente vedado o ingresso, dentro do perimetro das cidades, e das villas.

Só aqui, entre nós, disfructam ainda taes monstrenços a mesma liberdade dos velhos tempos de D. João VI.

Outro dia, alli á travessa “Porciuncula”, em pleno coração da urbs, trez dessas coisas horriveis, feias, encommodas que são os taes carros, foram desastradamente de encontro a parede de uma casa, e os illustres senhores conductores, sem verificarem, primeiro, a causa do embaraço, que estorvava o rodar do “bicho”, por mais esforços empregassem os bois, investem, impiedosamente, com vergastadas répetidas, fortes, e brutaes, contra os pobre e desprotegidos animaes, como se estes pudessem arrastar não só os carros com a casa, em que uma das rodas se emperrara.

Agglomerou-se o povo na assistencia de tão vergonhoso espectaculo.

E terminada a scena, para o que houve mister e intervenção bondosa de um dos espectadores, continuaram os carros a rodar, cavando as ruas, com a mesma desatensão e indefferença dos seus conductores.

Gozarã, por ventrua da imunidades, entre nós, os illustríssimos senhores conductores de carros de boi? (ESSES, 1923, p. 1).

Ao adotar a postura sanitarista, propunha-se não apenas zelar pelo bem-estar dos cidadãos, mas de alguns aspectos da vida urbana, como o saneamento dos espaços públicos, a estética das vias públicas e, conseqüentemente, da cidade, para que o progresso pelo qual passava não fosse prejudicado pelos hábitos de uma cidade indisciplinada e rural. Tais códigos de postura pretendiam normatizar o comportamento individual perante o público, visando dar as condições necessárias para uma cidade que buscava modernizar-se.

Para a caracterização de uma nova estética e embelezamento, era necessária a reordenação do espaço urbano e disciplinamento dos hábitos da população. Para tanto, o poder público criou um aparato legal, editando leis e dotando as instituições que tinham como missão a manutenção da ordem pública por meio do poder municipal. Nesse contexto, muitas leis foram aprovadas e exerceram o papel de reguladoras dos aspectos da localidade, desde a higienização das vias públicas, perpassando pelos hábitos coletivos e o ordenamento dos estabelecimentos privados, conforme passagem transcrita do Cidade de Pinheiro:

Pela bellesa da cidade

Problema que muito deve interessar a todos quantos, pinheirenses ou não, habitamos esta boa e hospitaleira terra, é o que diz respeito ao embelesamento da cidade em que vivemos.

Bem longe vão os tempos em que do puder publico e só do puder publico, se esperavam as iniciativas e os serviços de interesses collectivo.

No estado moderno, cada individuo componente de um determinado agrupamento social, deve, contando com suas proprias forças e com a que naturalmente lhe vem da communitade de idéas que o ligam aos seus concidadãos, tomar a seu cargo a parcella que lhe compete no levantamento do nivel material e moral da sua cidade, e, conseguintemente, do seu paiz.

Assim fazem os povos cultos, nomeadamente o americano do norte, que tem obrado maravilhas, agindo independentemente da administração publica.

Isso, e nada mais, é o que necessitamos fazer no Brazil afim de que n'um futuro não mui remoto o nosso paiz atinja o grau de desenvolvimento que tem direito.

Particularizando a acção que nós, os brasileiros pudemos e devemos desenvolver em prol da grandeza material do paiz, os pinheirenses de nascimento ou não, mas que amem verdadeiramente este bello recanto da terra maranhense, devem, sem mais delongas, trabalhar por melhorar o aspecto material da cidade que nos obriga.

Temos notado que, de algum tempo a esta parte, cessaram as construcções entre nós, e mesmo os simples serviços de limpeza das fechadas das casas já se não fazem.

Sabemos que por demais asfixiante é a crise economico financeira em que se debatem todos; mas a verdade é que, com um pouco mais de gosto e de amor à belleza da "urbs" alguma cousa se poderia levar a effeito, no presente momento, no sentido de melhorar o aspecto de Pinheiro.

Bastava que os senhores proprietarios tomassem a deliberação de mandar passar uma simples mão de tinta nas fachadas dos seus predios, com o que pouco de certo, gastariam, para que a cidade apresentasse uma outra feição.

O tempo é o mais proprio possibile. Estamos em pleno verão e o material preciso em taes serviços, inclusive a mão de obra já vae barateando.

Com um pouco de boa vontade, far-se-hiam, certamente, maravilhas, no que concerne á belessa material da localidade.

Aqui fica o appello (PELA BELLESA..., 1926a, p. 3).

O processo de transformação do aspecto material mostra que a arquitetura aqui construída tinha o objetivo de demonstrar a modernização e o progresso. No anseio de embelezamento, ordem e organização da cidade, no que diz respeito aos aspectos estéticos, o Jornal cobrava dos proprietários dos prédios intervenções urbanísticas para o remodelamento do espaço.

As notícias dão conta de uma série de medidas para melhorar o perfil urbanístico de Pinheiro, para que a beleza da cidade pudesse impressionar os visitantes, e "então nos poderemos orgulhar de habitar a mais bella cidade do litoral maranhense", a limpeza das fachadas, limpezas de terrenos, construção de calçadas e muros. Por outro lado, os assinantes e proprietários dos prédios exigiam do governo e comerciantes medidas que pudessem nortear a limpeza e melhorias no aspecto da urbe, visto que era comum a manutenção de hábitos e higiene que não estavam de acordo com os padrões estabelecidos tais como o uso de passeios para secar arroz, lixos depositados nas ruas, como casca do arroz. Como se vê descrito a seguir, o impresso chama a atenção para o fato de que não somente a pintura das fachadas dos prédios contribuiria para as melhorias da fisionomia da cidade, mas também era necessário mudar velhos hábitos de higiene.

Pela belleza da cidade

Na nossa edição de domingo ultimo, fizemos, desta mesma columna, considerações a respeito do que se fez mister realizar para dar um aspecto mais agradável á cidade em que vivemos.

Concluimos o artigo que então escrevemos, afirmando que essa transformação do aspecto material da “urbs”, dependida apenas de um pouco de boa vontade dos srs. proprietários dos prédios que formam as nossas ruas e praças.

Com efeito, de mais não se precisa para chegar-se a dar a Pinheiro uma feição que impressione melhor o visitante.

Limpem-se as fachadas das casas e muito já se terá feito no sentido de embelecer a phisionomia da cidade.

E se os srs. proprietários dos terrenos baldios, situados nas principaes vias publicas, tomarem a deliberação digna de ancomios, de construir muros nos trechos occupados por esses terrenos, **então nos poderemos orgulhar de habitar a mis bella cidade do litoral maranhense.**

E não se diga que estamos a de sejar coisas impossiveis de levar a effeito.

Não, certamente, por que a grande maioria dos terrenos vagos que se veem nos melhores trechos da cidade, pertencem a pessoas que se encontram em condições de mural-os, sem sacrificio.

Exemplifiquemos:

Na rua Conselheiro Gomes de Castro, há um terreno cercado á pau á pique, pertencente aos srs. Gonçalves & Irmão, moços amigos do progresso e que dispõem de recursos.

Um pouco mais adiante, defronte da prefeitura municipal, há um outro de propriedade do sr. Babá Guimarães, commerciante de grande capacidade pecuniaria e cheio tambem de boa vontade pelo engrandecimento de Pinheiro.

Na praça da Republica o sr. Jacintho Guterres é proprietario de um trecho de terreno actualmente cercado com estacas.

Todos esses srs., para não citar outros, estão mais do que no caso de concorrer para o embellasamento de Pinheiro, construindo muros nos terrenos que lhe pertencem.

Outra irregularidade que se não comprehende como a prefeitura não tomou ainda providencias no sentido de fazel-a desaparecer, é a da permanencia de casas cobertas de palha em plena praça da Republica que representa o coração da cidade.

A impressão que essas casas dão aos visitantes, é francamente desoladora.

No emtanto, há, se nos não engamos, uma lei municipal prohibido a recobertura de taes choupanas.

Seria para desejar que a lei citada passasse, d’ora avante, a ser alguma coisa mais do que simples (***) morta.

Em resumo, insistamos: façam os srs. proprietários um pequeno esforço e auxiliem a municipalidade a dar melhor feição material á nossa “urbs”!

Todos nos devemos empenhar nessa crusada, sem tibias nem desfallecimentos.

Tem a palavra o sr. Argus

Escrevem-nos:

Sr. Redactor:

Li na edição passada do seu conceituado jornal, o artigo intitulado – “Pela Belleza da Cidade” – e, francamente dou o meu inteiro apoio ás considerações alli expendidas em torno do problema do embellasamento de Pinheiro.

Entretanto, só em parte concordo com o que diz o articulista, no trecho em que é de opinião de que a só limpeza das fachadas dos predios mudaria para logo o aspecto da “urbs” dando-lhe melhor apparencia.

Eu me explico:

A pintura das fachadas daria, nova roupagem á “urbs”, tornando-a mais bella e agradável de ver, se, tudo o mais estivesse de accordo com esse melhoramento.

Não acredito, porem, que faça grande figura, um predio pintadinho de novo que tenha o seu passeio a fazer de eira de seccar arroz, como se observa actualmentne em quase todos os passeios das casas fronteiras aos estabelecimentos commerciaes.

A continuarem taes passeios servindo de deposito ao arroz dos srs. commerciantes, melhor será fiquem com o seu caruncho as paredes dos predios, porque assim uma coisa se harmonisa com a outra, e a cidade não perde em nada o seu actual aspecto de grande fazenda de lavoira.

Quem não teve ainda occasião de ver a rua “Dr. Elisabetho”, aquellas longas fitas loiras de grãos de arroz com casca, estendidas ao longo dos passeios da Escola Normal, e das casas dos srs. José Lopes de Azevedo e José Gomes Junior?

Quem é, por accaso, que não admirou ainda igual belleza nas duas frentes do armazem dos srs. Albino Paiva & Cia?

Mas, sr. Redactor, isto de seccar arroz nas calçadas do proximo, nada é em comparação com o lixo de que os srs. commerciantes fazem as ruas deposito!

Os montes de coffos velhos, de farrapos de toda especie tresaudando a imundices, se nos deparam a cada instante, nos mehores trechos da cidade.

Vê, portanto, o sr. Redactor que a só limpeza das fachadas nada adiantará se o sr. prefeito municipal não tomar as necessarias providencias no sentido de fazer com que Pinheiro deixe de ser o vasto montuco que é.

Argus. (PELA BELLESA..., 1926b, p. 3, grifo nosso).

Conforme observamos nas citações acima, a ideia de construir uma cidade moderna ia de encontro às posturas antigas que ainda faziam parte da vivência da sociedade que, em grande parte, estava vinculada ao universo rural em detrimento do anseio por limpeza e embelezamento da localidade, ou seja, havia o contraponto de duas mentalidades: a elite interessada na modernização e os comerciantes ruralistas na manutenção de hábitos não condizentes com uma cidade moderna.

O controle do poder municipal ia além da estética e higiene, mas se estendeu à moralidade e hábitos dos seus habitantes: era preciso preservar os bons costumes dos habitantes da cidade que experimentava o progresso. Dessa forma, as manifestações consideradas atrasadas e que não estivessem de acordo com a civilidade e que arrastavam Pinheiro para anos anteriores, geralmente relacionadas à escravidão e manifestações afrodescendentes, deveriam ser proibidas, pois não estavam condizentes com o “nível de civilização” pelo qual passava a cidade:

Uma festa, que impressíou mal

Aquella festa de tambôr em pleno coração da cidade, domingo ultimo, á rua “Dr. Luiz Domingues”, deixou a todos que assistiram uma impressão assás desagradavel.

Admira até como o dono da festa obteve do executivo municipal e da policia, permissão para realizal-a naquele logar.

Como viram todos os que tiveram necessidade de transitar domingo ultimo pela rua “Dr. Luiz Domingues”, ninguem poude conter a admiração ou o espanto ao defrontar-se com um altar armado junto ao muro do predio Cruz Lima, do lado da rua e mais uma ramada obstruindo a via publica, e... uma esa de refeição ao centro da mesma rua rodeada de commensaes de todas as classes.

Essas festas podem ser realizadas, sem reparos ou sem escandalos, nos suburbios ou nos arrabaldes.

Mas, em pleno coração a cidade, ellas são intoleraveis.

Que juizo farão da apregoada civilisação de Pinheiro, aquellas por isso.

A tal festa de tambôr, alli á rua “Dr, Luiz Domingues”, attestava o nosso atrazo.

Que o sr. Dionisio Estrella, o dono da festa nunca mais se lembre de dar outra nas mesmas condições do espectaculo de domingo.

Quando fizer as suas promessas, nesse sentido, consulte primeiramente as leis, que regem a civilisação actual, e não procure arrastar Pinheiro a um récui de muitos annos atraz.

Mas, se tál insistir contra todos os dictames do bom senso, da moral da civilisação, cabe, então, ás autoridades o evitar a reprodução daquella coisa vergonhosa de domingo proximo passado. (UMA FESTA..., 1928, p. 3).

A influência atingia as dimensões da vida privada do indivíduo e crenças religiosas, principalmente na reformulação de conceitos e hábitos de uma sociedade, um esfacelamento de suas antigas crenças e valores. O papel regulatório do município encontrava apoio da própria sociedade por meio das veiculações no jornal local. Essas questões demonstram o controle exercido por um grupo social sobre o comportamento geral dos habitantes e a imposição de um padrão de hábitos.

O cuidado em tornar Pinheiro uma cidade progressista, moderna e civilizada constituía um dos aspectos prioritários para a elite política da época, principalmente nas gestões de Josias Peixoto (1921-1923 e 1927-1930). Foi nessa época que a luz elétrica foi inaugurada, precisamente em 08 de dezembro de 1922. O fato causou grande euforia e comoção da sociedade, que participou ativamente da cerimônia de ligação da rede. Esse momento foi encarado como um passo para a modernização e a concretização de um projeto político que almejava, pois “[...] de todas as obras publicas por mim empreendidas, ressalta, por sua grande vantagem, e pelo enorme impulso, que della adivira para o municipio, a installação da luz electrica” (RELATORIO, 1922, p. 3).

Este fato fica mais bem ilustrado na notícia a seguir:

Pinheiro, a bella e poetica cidade semi-circumdada de campos, que, sobrenceira e altiva se mira nas aguas claras e mansas do Pericumán, gosa, desde antem-hontem, a ventura immensa de ter as suas ruas e praças illuminada á noite, á electricidade.

Não é sem um intimo jubilo, sem uma profunda alegria que os individuos ou as coletividades, vêm passar ao plano concreto das coisas realizadas, os grandes e velhos sonhos que as acalentaram durante annos a tio, as aspirações ardentes que por dilatados tempos, lhes aqueceram os cerebros e lhes entumesceram os corações.

Em tudo subordinada, a essa regra da qual, aliás, não há fugir, a população pinheirense, que de há muito vinha sonhando vêr um dia sua risonha cidade envolta na brancura immaculada da luz electrica, e, de uma vez por todas liberta das trevas cahoticas que a asphixiavam nas noites sem luar, - principalmente durante as longas e frias noites hybernaes, - vibrou, ante-hontem cheia de um jubilo que lhe fora até então desconhecido, ao vêr, pelas primeira vez, jorrarem das lampadas electricas destruidas pela “urbs” as brancas ondas luminosas que n’um rapido momento, deram á cidade o aspecto de uma noiva que já estivesse preparada para as nupcias ... (PINHEIRO, 1922, p. 1).

Especificamente sobre este tema, a cidade já havia experimentado duas tentativas de iluminação pública: a primeira, a querosene, inaugurada em 1909, na administração do coronel José Anastácio de Araújo e Souza, e a segunda, três anos depois, em 1912, a carbureto, no governo municipal do capitão João Batista Soares, porém nenhuma das tentativas anteriores tinham logrado o êxito esperado.

A eletricidade, de fato, marcou um episódio memorável e colocava Pinheiro na vanguarda entre as cidades da Baixada Maranhense. Além disso, a possibilidade de popularização da energia elétrica entre as pessoas marcava também uma mudança nos hábitos e costumes, especialmente nas sociabilidades:

De todas as obras publicas por mim empreendidas, resalta, por sua grande vantagem, e pelo enorme impulso, que della adivira para o municipio, a installação da luz electrica.

[...] afastado, embora, da administração dos negocios desta terra, que é minha terra, nunca deixei de acompanhar, com vivo interesse, todas as suas phases de evolução, não me passando desapercibido os seus momentos de esmorecimento, nem as suas necessidades.

[...] a primeira illuminação publica de Pinheiro, á kerozene, inaugurada em 1909, na primeira administração do coronel José Anastacio de Araujo e Souza, foi tres annos depois, em 1912, substituida por illuminação á carboreto, na administração do capitão João Batista Soares, mas como é sabido tambem, nenhuma deu resultado, que se esperava. (RELATORIO, 1922, p. 3).

Visando melhorar as condições de salubridade exigidas pela sociedade, deu-se início ao melhoramento do cemitério Santo Inácio, que também se constituiu em um equipamento importante no processo de transformação da cidade em uma *urbe* saudável, pois, por meio dele, era possível ter o controle das causas dos óbitos e o apartamento cada vez mais dos assuntos das mortes do poder religioso. O novo cemitério foi dividido em quadras, como explicava Josias Abreu sobre o melhoramento e a organização de mais esse equipamento:

Cemiterio

Para melhor regularidade do serviço de inumação, e no proprio interesse dos particulares, parece acertado modificar – se a maneira de escolhas dos logares de sepulturas, dividinso se o cemiterio em quadros para adultos e parvultos, ao envez de distincção de classe, a que se vinha obedecendo.

Nesses quadros um haverá destinado exclusivamente á inumação dos indigentes.

Cemiterio S. Ignacio

Consoante dissemos numa das ultimas edições desta folha, o sr. prefeito municipal Josias Peixoto de Abreu mandou continuar as obras de remodelação do cemiterio Santo Ignacio, as quaes por falta de materiaes, haviam sido suspensas no começo do inverno, que ainda atravessamos.

Deante os serviços do mesmo cemiterio, salientamos a feitura de um passeio em torno do muro da frente, passeio já iniciado, e que, segundo ouvimos do operoso chefe do municipio, estender se-á ao muro do lado esquerdo que faz frente para a travessa.

Agora, temos a registrar outro importante melhoramento introduzido na nossa necropole.

Queremos nos nos referir ao bello frontão, em construção, e ao portão de ferro, que lá já se encontra colocado.

O portão, que é encimado por uma bem feita bandeira doi prepadado pelo serralheiro sr. Horacio Calmon. Sob desenho do habil scenographo Antonio Rabasa, a quem tambem encarregou o digno sr. prefeito municipal de preparar a planta do frontão, que o habil architecto Gonçalo Belem está executando.

Lá, no local das obras estivemos hontem, e podemos affirmar que, o serviço ficará não só com como bello. (CEMITERIO..., 1924, p. 5).

Na Imagem 19, a fachada descrita na matéria de 1924 fica evidente no frontão neoclássico. A obra do cemitério de Santo Inácio foi realizada pelo arquiteto Gonçalo Belém. Além do frontão e o portão de ferro, foram feitos outros serviços, como um passeio em torno do muro da frente.

Imagem 19 – Frontão do Cemitério Santo Inácio. Planta do cenógrafo francês Antonio Rabasa e construído pelo arquiteto Gonçalo Belém



Fonte: Acervo pessoal da Sra. Sandra Mendes.

4.5 Projeto urbanístico e redefinição do espaço urbano: casas de platibandas, boulevard, praças e a arborização

A preocupação com o embelezamento e a higienização contagiou não somente as esferas públicas, mas também foi transportada para as esferas privadas. O calçamento das ruas favorecia que a cidade melhorasse o aspecto urbano e facilitava o caminhar. A construção de prédios públicos, a iluminação, a arborização e as praças alçavam Pinheiro ao status de uma cidade aprazível e convidativa aos encontros para além o ambiente doméstico.

Os resultados das mudanças físicas e materiais se refletiram nas mentalidades e nos comportamentos, que transformaram tanto a esfera material como a simbólica. A esse respeito, a preocupação com o embelezamento da cidade, a sua manutenção e a as cobranças públicas para que os proprietários de imóveis fizessem o mesmo na esfera privada deveriam guiar o comportamento cotidiano da população. Desse modo, a redefinição do espaço urbano entre o público e o privado, além do emprego de mecanismos que visavam incentivar essa remodelação, se tornaram bastante visíveis na área central da cidade, destinada a um grupo seleto de comerciantes ricos e funcionários públicos.

4.5.1 Casas de Platibandas

Nas primeiras décadas do século XX, Pinheiro importava elementos construtivos para as suas edificações residenciais e comerciais e passou a ter uma tipologia de construção nova para a época. Uma característica que chama a atenção nas edificações das primeiras décadas do século XX são as construções em platibandas, muito propagado em diversas edificações no período estudado em Pinheiro. As construções em platibanda eram incentivadas e tinha como função evitar que as águas das chuvas caíssem diretamente nas vias públicas, além de não deixar o telhado à vista, o que contribuía para o melhoramento estético da área central da cidade. A opção pelas construções em platibanda, muito mais do que um elemento que contribuía para a higiene, tornara-se um elemento arquitetônico com a marca estética do novo, por isso encontramos nas casas da época vários tipos de desenhos e formas.

Em termos da arquitetura civil, a cidade vai ganhando novos contornos e, com isso, se transforma em palco de novas sociabilidades com as modificações que foram chegando e transformando, principalmente, com o incentivo de construções que pudessem embelezar a cidade. Essas edificações eram divulgadas pelo periódico, em enunciados do tipo: “O progresso de Pinheiro”. Para isso, iniciava um investimento em edificações públicas e privadas com novas estruturas físicas, em substituição a antigas como as “casas de palhas” visando moldar a cidade aos ditames da modernidade. Dessa forma, a edificação de prédios em platibanda estava calcada nos valores que serviam de pilares ao discurso de modernidade.

Na Imagem 20, observamos que as casas passaram a ter sua fachada alinhada com acesso e varanda laterais e comumente geminada com sua vizinha. A presença de porão era comum nas construções da época.

Imagem 20 – Residência de José Gomes Junior



Fonte: Acervo pessoal da Sra. Sandra Mendes.

O número de imponentes construções presentes em Pinheiro aponta para o aumento da riqueza, o que era refletido, especialmente, na expansão e no embelezamento urbanos com as substituições de condições precárias por edifícios de alvenaria e padrões estéticos importados de além-mar. Sobrados foram levantados, obedecendo a um projeto comum, destinados a comércio e residências e no desejo de se modernizar. As relações que se estabeleceram na cidade refletiam no próprio embelezamento da cidade, principalmente com a chegada do cenógrafo francês Antonio Rabasa e do arquiteto Gonçalo Belém, responsáveis por grande parte das construções em estilo neoclássico com suas vistosas platibandas e nas decorações do seu interior.

No Jornal Cidade de Pinheiro, eram constantes as notícias sobre a construção de novos edifícios e a reformulação dos prédios arquitetônicos antigos pelas vanguardas contemporâneas da época. Vejamos uma matéria referente às edificações:

As construções

Com a entrada do verão, temos chegado a epocha das construções. Ao que parece, muitas obras se farão ainda este anno, na cidade, tendentes, todas ellas, ao embellezamento.

Segundo nos informam, de entre os diversos proprietarios, que se preparam para remodelar os seus predios, encontram-se os srs. Octilio Castro, que pretende

construir uma platibanda na casa de sua residencia á rua Luiz Domingues, o sr. Mariano Costa, que pensa construir um muro vasado em substituição á cerca que está a afeiar a sua casa á rua Nova; os srs. José Cruz Lima, major Arthur Franco de Sá e o nosso companheiro Clodoaldo Cardoso que tambem vão fazer platibandas

Os nossos votos são que todos esses projectos cheguem a se transformar em realidades, afim de que Pinheiro continue a progredir sempre, e aos poucos, se vá transformando n'uma cidade modernizada, como já lh'o chamou o Congresso do Estado.

Praça da Independencia

O sr. prefeito municipal já se acha providenciando no sentido de serem ultimados os serviços da abertura da praça que se terá de denominar – Independencia- até começo de setembro proximo, afim de ser possível proceder-se á sua inauguração no dia do Centenario.

Como já tivemos ocasião de lembrar destas colunas, a inauguração da praça actualmente em obra, irá constituir um excellente numero para as festas com que devemos commemorar a passagem do nosso primeiro seculo de vida independente.

O cemiterio

Com intuito de fazer desaparecer uma grande necessidade que de há muito se vinha fazendo sentir entre nós, o sr. Prefeito Municipal está tomando providencias conducentes a melhorar o nosso cemiterio, ampliando-o.

Para esse fim, já mandou aquelle funcionario abater o matto comprehendido na área destinada a esse importante melhoramento. (AS CONSTRUÇÕES, 1922, p. 1).

A Imagem 21 representa um estilo arquitetônico que estava presente em Pinheiro a partir da década de 1920, a casa em estilo neoclássico e eclético com lindas platibandas com os ornamentos em excessos, gradis, porão e mirante como demonstra a imagem. Como exemplo, citamos a construção da residência de Josias Peixoto de Abreu, o prédio, “[...] a que deu o nome de Vila Magolia, passou a ser classificado como um dos mais belos da terra” (O PROGRESSO..., 1956, p. 4).

Imagem 21 – Residência de Josias Peixoto localizada na Rua Nova



Fonte: Acervo pessoal da Sra. Sandra Mendes.

A remodelação da cidade tornou-se um projeto das elites locais e do poder público municipal. Isso leva-nos a perceber a importância do Jornal, que se achava como principal incentivador da proposta do progresso, da civilização, da modernidade e do interesse coletivo, desejo de uma elite política e econômica da cidade. Essa proposta urbanística exigiu a construção de edificações com um novo padrão arquitetônico que contribuía para o embelezamento da *urbe*. Esse cenário é intensificado nas gestões de Josias Abreu e apoiada pelo então juiz da cidade, Elisabetho de Carvalho, que seriam os grandes idealizadores da metamorfose da cidade. Como podemos observar na passagem sobre as construções e o padrão que deveriam seguir:

Pelas Urbs. Entramos já no verão. Estamos, pois, na época das construções dos remodelamentos dos prédios velhos, dos serviços públicos de embelezamento: chegámos, enfim, a estação da vida.

E' o tempo da colheita.

Colhem agora os fructos desse serviço penoso de seis mezes de abundantes chuvas, aquelles que se entregaram, na estação triste, ao amanho da terra protectora e amiga.

Tudo revive e se anima.

E' o tempo das festas.

Alegra se a cidade nesse prurido agradável de preparativos para as festevidades religiosas, que agoram se iniciam.

As sociedades recreativas se movimentam. Os bailes se sucedem. Os passeios ao luar reaparecem.

Em summa, tudo é alegria.

E' nesse tempo que a nossa urbs se reveste de novos *toilettes*. Assim tem succedido nos verões passado, e assim, parece, será ainda este anno. Já esta folha, noticiario da edição ultima, transmitia aos leitores informes, que, nesse sentido, lhe ministraram, sendo todos elles de grande effeito para o embellezamento da cidade. São platibandas, que se erguem. Paredes de taipa, que se transformam em alvenaria. Muros vasados e elegantes, que substituem as velhas cercas de paparaúba em ruínas.

Como se vê, não são os nossos proprietarios refractarios ao progresso da terra.

Ao contrario disso, a elles muito se deve esse bello aspecto, com que nos illude Pinheiro. São effectivamente, as boas construções, que elevam o conceito de qualquer localidade na sua parte material, os donos de predios, pois, ao mesmo tempo que zelam por suas proprriedades, augmentando-lhes o valôr, com taes serviços, concorrem poderosamente para melhorar a cidade, na sua parte esthética que é o lado que mais prende e melhor impresiona as que nos visitam.

Convem que não desanimem taes senhores e levem a effeito esses melhoramentos em perspectiva, para que não soffra a nossa *urbs* a decepção de uma solução de continuidade nos grandes impulsos, que, nesse particular, vem recebendo dos verões passados. (THIRSO, 1922a, p. 4).

A preocupação com a estética da cidade tornou-se uma obsessão do poder municipal, inclusive sendo objeto de um discurso oficial propagandeado nos meios de comunicação da cidade, em especial o Jornal de Pinheiro. A adesão ao espírito progressista da cidade ocorria também por meio de uma série de medidas tomadas pelo poder público para melhorar as áreas centrais em espaços atraentes aos transeuntes, ao mesmo tempo que dificultava a permanência de moradores pobres no entorno desses. O processo de embelezamento, dessa forma, exigiu do poder público a criação da Lei nº 23, de 08 de maio de 1923, que dispunha sobre as construções e reconstruções no perímetro da cidade. A lei determinava uma reorganização das feições da *urbe*, basicamente o centro, considerado o *locus* cultural e econômico por onde circulava a “alta sociedade”. A esse respeito, transcrevemos na íntegra a lei:

Lei nº 23 de 8 de maio de 1923:

Dispõe sobre construções e reconstruções no perimetro da cidade, sobre terrenos baldios e toma outras providencias.

A CAMARA MUNICIPAL DE PINHEIRO

DECRETA

Art. 1 Ninguem poderá dar começo a construção ou reconstrução de predios no perímetro da cidade, sem primeiro requerer licença ao prefeito municipal, juntando à petição a planta e desenho exterior da obra, para obter a necessaria aprovação, e respectivo alinhamento.

Ao infrator, multa de cinquenta mil reis, e a demolição, á sua custa, do que houver construído, se estiver em construção fora do alinhamento, ficando também sujeito á mesma multa, quando se afastar, sem previo consentimento, da planta e desenho aprovados pelo prefeito.

§1 E' gratuita a licença, a que se refere este artigo, pagando-se, apenas, ao arrumador municipal, o estipulado nas leis orçamentarias.

§2 São dispensados ou exceptuados da disposição deste artigo, os casos de caiação, pinturas, ou pequenos reparos em partes restricta do predio.

§3 A construção de muros, grades, telheiros e obras semelhantes, fica igualmente dependente de licença, sobre pena de multa de vinte mil reis, e demolição da obra a custa do dono, quando esta não obedecer ao alinhamento.

§4 A reconstrução não compreende a abertura ou mudança nas dimensões de porta e janelas, abertura de óculos ou frestas, reforma de telhado ou substituição de parede, sem demolição da fachada, ou qualquer modificação importante da disposição interna do predio.

§5 A altura mínima do predio, entre a soleira e a cornija, não poderá ser inferior á quatro metros.

Art. 2 A'quelle que pretender levantar platibandas em predios de alvenaria, o municipio fará gratuitamente a condução dos materiaes necessarios para esse serviço, dentro do perimetro da cidade, gozando do mesmo auxilio os que quizerem construir muros vasados ou de cimento armado, acompanhados dos respectivos passeios, devidamente cimentados.

§1 O proprietario, que quizer construir platibandas ou muros nas condições nesta lei estabelecidas, dirigir se á, por petição ao prefeito municipal, requerendo a concessão do auxilio, juntando ao requerimento a planta ou desenho da platibanda ou muro, declarando a situação do predio, qualidade e quantidade dos materiaes, o logar em que estes se encontram, e o tempo em que pretende iniciar a obra, no que não poderá exceder de seis mezes.

§2 Se o proprietario não der começo ao serviço no tempo designado, ou não o fizer nas condições do compromisso contrahido no seu requerimento, pagará ao municipio o dobro do serviço, que lhe foi prestado na condução dos materiaes, acrescido da multa de vinte mil reis.

§ 3 Uma vez construída a platibanda com o auxilio ou não do municipio, não poderá mais o proprietario demolil-a sob pretexto algum, podendo, apenas, modifical-a para melhor, de fôrma, que fique o predio mais elegante. Ao infractor, a multa de cem mil reis.

§ 4 São prohibidas nas casas de platibanda, as calhas ou goteiras, para o despejo para a rua das aguas pulviaes dos telhados, o que deverá ser feito pelo interior das paredes por meio de canos.

Ao infractor, a multa de cem mil reis.

Art. 3 Ao proprietário de casa cobertas de palhas, e que quizer substituir a cobertura de palhas por telhas, o municipio fará gratuitamente a condução das telhas, nas mesmas condições do artigo antecedentes.

Art. 4 E' empresamente prohibido:

- a) A construção de portas e janellas de modo que as folhas abram para a rua. Ao infractor, multa de cinquenta mil reis.
- b) A construção de janellas sacadas ou grades, balções, sapatas, escadarias e degrãos acima dos passeios e fora do alinhamento das casas. Ao infractor, multa de cinquenta mil reis.

- c) A pintura de côr preta, das paredes e barras dos predios, grades, columnas e muros. Ao infractor, multa de cincoenta mil reis.
- d) A substituição de cobertura das casas de telhas por palhas. Ao infractor, multa de cem mil reis.
- e) A demolição de muros de tijóllos para vender os materiaes, ou dar lhes outro destino. Ao infractor, multa de cem mil reis.
- f) A destelhadura ou demolição das casas cobertas de telhas para vender as telhas e materiaes, ou dar-les qualquer destino. Ao infractor, multa de cem mil reis.
- g) Deixar crescer o matto no telhado. Ao infractor, multa de cem mil reis.
- h) Conservar espaques nos muros ou nas paredes que façam frente para as ruas, ou que dellas possam ser vistas. Ao infractor, multa de cincoenta mil reis.
- i) Fazer escadarias ou degráos nos passeios, quer no sentido do compromisso quer no da largura, não podendo ter o passeio de altura, mais de vinte centimentros, devendo a largura minima ser de um metro e vinte centimentros. Ao infractor, multa de cincoenta mil reis.
- j) Colocar marcos nos passeios. Ao infractor, multa de vinte mil reis.

Art. 5 Considera-se commetida a infracção a que se refere o art. Antecedente letras E, F, desde o momento do inicio da demolição, lavrado o fiscal incontinenti o respectivo auto, e intimando o infractor par o pagamento da multa, depois do que apresentará o auto ao prefeito, que, findo o prazo legal, e não havendo sido paga a multa, remeterá ao procurador da fazenda municipal, para, dentro de tres dias, promover a execução. Lavrado o auto e intimando o infractor, fará o fiscal intimação tambem ao chefe dos operarios ou pedreiro mestre da obra para não continuar a demolição, sob pena de multa de cem mil reis, que será convertida em prisão, nos termos da lei.

Art.6 As multas q que se referem as letras A, B, C, G, H, I e J, do art. 4 serão repetidas mensalmente, até que cesse a infracção.

Art 7 Todas as casas de telhas situadas no perimento da cidade, serão conservadas com o conveniente asseio e as paredes exteriores que derem para as ruas ou que dellas possam ser vistas, serão rebocadas, pintadas, ou, pelo menos, caiadas.

§1 O prefeito convidará por edital aos proprietarios de casas, cujas paredes exteriores não estejam rebocadas, pintadas, caiadas para fazerem esse serviço no prazo no prazo de seis mezes. Findo o prazo, e continuarem as casas com o mesmo defeito, ficam sujeitos os seus proprietarios ao pagamento da taxa semestral de seis mil reis, cobrada no mez seguinte ao do vencimento de cada semestre vencido, será extrahida a certidão de debito e remetida para a cobrança, ao executivo fiscal, acrescida da multa de cincoenta por centro.

Cessará essa taxa lodo que se inicie o serviço, mas será de novo cobra no fim dois mezes, se a obra não estiver concluida, e só cessará novamente depois da conclusão della.

Art. 8 As casa e muros arruinados que estejam desaprumados, ao ponto de ameaçar cahir, serão demolidas, sendo para esse fim compelidos os proprietários, ficando o terreno devidamente cercado.

Art. 9 Fica prohibida a construção de casas cobertas de palhas nos seguintes trechos da cidade:

- a) Praça da Republica.
- b) Praça da Matriz.
- c) Rua dr. Elisabetho.
- d) Rua Conselheiro Gomes de Castro, no trecho comprehendido entre a Praça da Republica e a travessa Martins Junior.
- e) Rua Luiz Domingues, no trecho comprehendido entre a rua Grande e a travessa Martins Junior.

§ 1 As casas de palhas já existentes na Praça da Republica não poderão mais ser recobertas de palhas, pagando o infractor a multa de cem mil reis.

§ 2 Os proprietários das casas cobertas de palhas nos outros logares prohibidos por este artigo, pagarão, findo o prazo de um anno, a contar da publicação desta lei, a taxa semestral de cinco mil reis, nas mesmas condições do art. §1.

Art. 10 Os proprietários dos terrenos baldios são obrigados a trazellos limpos e devidamente cercados, sendo prohibidos as cercas de palhas.

§1 O prefeito convidará por edital os proprietários dos terrenos baldios para os cercarem no prazo de seis mezes. Findo o prazo, e continuando os terrenos abertos, ficam sujeitos os seus proprietários ao pagamento da taxa semestral de dose mil reis, cobrado nas mesmas condições do §1 art.7.

Art. 11 Ficam dependente de licença do prefeito municipal, nos termos do art.1 desta lei, as contruções ou reconstruções, na povoação pacas, nos quarteirões a que se refere a lei n 17, de 9 de novembro de 1922.

Art. 12 regogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões da Camara Municipal de Pinheiro, em 8 de maio de 1923. (LEI, 1923, p. 4).

Se o embelezamento urbano tinha como proposta a transformação da cidade aos moldes das sociedades modernas, deveriam ser construídos boulevards, arborizar a cidade, construir e embelezar as praças, dotá-las de iluminação elétrica, por serem equipamentos da cidade, mas, também, sem descuidar das propriedades privadas:

AS CASAS DE PLATIBANDAS

Aproxima-se o verão, e com elle é chegado, entre nós, á época das construções.

A nossa urbe que, de certo tempo para cá, há tomando grande impulso no seu desenvolvimento material, de muita coisa está ainda a precisar para tomar o aspecto de uma cidade verdadeiramente moderna.

Com a inauguração da luz electrica, deu-se o primeiro passo para isto.

Dos muitos serviços, que a cidade está a reclamar, para o seu embelezamento, dois resaltam como mais urgentes: a melhoria das construções, e o preparo e asseio das ruas e praças.

O primeiro, depende dos particulares. O segundo compete ao executivo municipal.

Quanto a este, sabemos que terminado os serviços de reconstrução e aumento do cemiterio, no que está muito empenhado do cemiterio, no que está muito empenhado o sr. prefeito, é seu intuito voltar as vistas para as ruas pondo as á salvo desse insuportável lamaçal, que as tornam intransitaveis na estação invernosá.

Quanto ás construções, esta isto dependendo da vontade e patriotismo dos srs. proprietários.

Com o intuito de animal os a dar aos seus predios uma feição elegante, o governo municipal creou uma lei, que é já de todos conhecida, auxiliando, com a condução gratuita de materiaes áquelles que quizerem levantar platibandas, ou construir muros acompanhados dos passeios devidamente cimentados.

O auxilio municipal, como se vê, já não é pouco.

Mas, para reforçarainda o estímulo aos srs. proprietários, no embellezamento dos seus predios, o nosso conterranno deputado Arthur Sá conseguiu do Congresso a aprovação de uma lei izentando de imposto por dez annos, os predios de platibandas.

Não podem, portanto, os srs. proprietários queixar se falta se auxilio para o embelezamento de suas casas, e, pensamos, e comnosco todos os que se empenham

pelo progresso de Pinheiro, que, em atenção a taes auxilios, que importam num appello do governo, não só municipal, mas estadoal, devem os srs. proprietarios aproveitar-se delles, dando aos seus predios uma feição moderna.

E' esta a lei do Estado, a que nos referimos:

LEI Nº 1074, DE 24 DE ABRIL DE 1923

Concede isenções de imposto predial.

O Doutor Godofredo Mendes Vianna, presidente do Estado do Maranhão. Faço saber a todos os seus habitante que o Confresso decreta e eu sanciono a lei seguinte:

Artigo 1 – Ficam insentos do pagamento de imposto predial, por dez annos, os proprietarios que construírem e reconstruírem seus predios com platibandas, nas cidades do interior do Estado.

Artigo 2 – Começa a vigorar a insenção de que trata o artigo anterior, depois de terminada a obra e vistoriado por quem de direito.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e excução da presente lei pertencerem que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contem.

O Secretario de Estado do Maranhão, em São Luiz. 24 de abril de 1923. 34 da Republica.

GODOFREDO MENDES VIANNA (AS CASAS..., 1923, p. 3).

Nota-se que a cidade de Pinheiro não tinha ainda passado por um processo de urbanização tão intenso quanto o observado entre os anos de 1920 e 1930. No início do século, a cidade não passava de uma pequena vila, pouco povoada, desorganizada e sem uma urbanização adequada. Uma cidade pequena, rural e cercada por campos e tesos, cuja economia era fortemente assentada nas atividades agropastoris das famílias mais ricas e no extrativismo dos produtos da mata ou dos recursos vindos do rio Pericumã. Naquele período, o deslocamento ainda era feito com carros de boi ou em canoas, principais meios de transporte para o interior da cidade.

Esse cenário contrasta com os avanços consideráveis no curso de uma década, sobretudo, entre 1920 e 1930, conforme transcrito em notícia no Jornal Cidade de Pinheiro:

Um municipio que progride

Pinheiro, a bella e nova cidade maranhense, atravessa uma phase de progresso.

O seu prefeito, o sr. Josias Abreu falla ao “Diario de S. Luiz”.

Encontrando-se, nesta cidade, sr. Josias Peixoto de Abreu, prefeito de Pinheiro, e que veio tomar parte do Congresso de prefeitos, convocado para o dia 19 deste mez, procuramos ouvil o sobre as cousas da sua terra, a respeito da qual nos chegam de vez em quando, as noticias mais lisongeiras, e que nos levam a crer que naquelle municipio tudo macha bem.

Effectivamente, o sr. Josias Abreu, logo que o interpellamos sobre o motivo que nos levará à sua presença, foi nos disendo pleno de convicção: - Pode ficar certo, e tenho muita satisfação em lh'o affirmar que o municipio de Pinheiro está em franco progresso.

Basta ponderar que, orçada a sua renda para o exercício de 1923, na quantia de 27.200\$000, arrecadou ae a somma de 56.000\$000 isto tão somente motivado pelo acrescimo das rendas de exploração.

Quando assumi o exercício do cargo de prefeito, querendo resolver o problema da illumination publica da cidade, que estava ás escuras, recorri a um emprestimo de 45.000\$ para a inauguração da luz electrica, emprestimo contrahido lá mesmo na praça de Pinheiro.

[...]

A luz electrica, que é esplendida, veio ainda augmentar o patrimonio municipal em valor não pequeno, e proporcionar aos meus municipies a facilidade de term em suas casas o conforto de uma boa illumination, porque, o municipio, alem da illumination publica, faz instalações em casas particulares, a preços modicos, e portanto ao alcance de todos.

Resolvido, deste modo, o problema da luz, voltei as vistas para o cemiterio da cidade, o qual estava a exigir uma remodelação completa, remodelação por que já está passando, com as mesmas adaptações dos cemiterios das Capitaes.

Tenho aberto ruas, praças, incentivdo melhorias das construções particulares, auxiliando a remodelação das fachadas por meio de platibandas, procurando desenvolver a lavoura, pela propaganda no seio dos lavradores, a povoação “Pacas” abrindo lhe ruas e alinhando casas, fora outros serviços menores, tendentes a dar um aspecto agradável aquella povoação, que é um centro importantissimo de lavoura e commercio, tenho enfim, procurado tantoquanto possivel, levantar as forças da minha terra, que está talhada para ser um dos maiores celeiros do Estado, e ao mesmo tempo, um dos seus grandes centros commerciaes. [...] (UM MUNICIPIO..., 1924, p. 3).

É preciso observar que a modernização de Pinheiro exigiu uma reorganização do espaço urbano em função da condição da cidade de se transformar em principal polo comercial da região. Essa nova característica proporcionou a composição de uma nova elite com destaque para os comerciantes, geralmente oriundos de famílias vindas de Portugal. Foi esse novo grupo social que, em nome do progresso, ditou a remodelação da cidade.

As construções

O movimento de construções no presente verão tem sido mais animado do que o do anno proximo findo.

Assim é que alem de duas casas e taipa construidas á rua “24 de Dezembro” e Rua de Alcantara, uma em cada rua, o sr. Miguel Martins poz abaixo a sua de residencia a rua “Cel Raimundo Araujo, e construiu no mesmo terreno um pedio de alvenaria.

Proximo aquelle ponto, ainda na mesma rua, está em construção um predio nodo do sr. José Cruz Lima, e na rua “Dr. Luiz Domingues”, o sr. Josias Abreu, com a modificação que mandou proceder no seu palacete, está levantando outro predio.

Alem disto diversos foram os proprietários que mandaram fazer a necessaria limpeza na fachada de suas propriedades, salientando se dentre outras, aquelle velho predio do boulevard “Frederico Peixoto”, de Albino Paiva & Comp., o quel desde muitos annos, vinha cheio de caruncho, afeiando e aprazivel trecho.

Felizmente, hoje e dito predio offerece um aspecto novo (*****) aggradavel.

Outros proprietarios estão se preparando para reformarem tambem as fachadas inesthetics de suas casas, imprimindo lhes um tom de casa moderna como o sr. Agostinho Ramalho Marques, que já fez para S. Luiz a encomenda dos materiaes.

Seria conveniente que não se descuidassem de mandar revestir afrente das suas casas, que continuam descascadas e attentorias á belleza da cidade, os proprietarios daquellas duas da rua Cons. Gomes de Castro, unidinhas uma a outra, no quarteirão da “Casa Portoense”.

Segundo nos informaram quando reclamamos destas colunas contra a recobertura de palhas daquela casa da Praça da Republica, em offensa á disposição de uma lei municipal, prestou a prefeitura o seu consentimento á transgressão legal, baseada na allegação, que lhe fizera o proprietario da referida casa, de não se encontrar, na occasião, telha á venda, mas, que logo funcionássem as olarias, cumpriria o dispositivo da lei, substituindo a cobertura de palha por telhas.

Já lá se vão os mezes, e a casa da Praça da Republica continua no mesmo, não prevalecendo mais a allegação de falta de telhas, porque todos as olarias de Pinheiro estão trabalhando.

Que diz a isto a prefeitura? (AS CONSTRUÇÕES, 1927, p. 3).

A cidade, em decorrência do crescimento populacional, começou a distanciar-se do núcleo fundacional, às margens do rio Pericumã e para avançar para as áreas mais altas, seguindo a princípio a Rua Nova, as construções residenciais e alguns prédios públicos, projetados pelo arquiteto Gonçalo Belém, autor de numerosas obras de inegável valor arquitetônico para a cidade:

Pela *urbs*

E' por demais louvavel a resolução tomada por diversos proprietarios, de mandarem proceder á necessaria limpeza na fachada dos seus predios. O movimento, se observa, nesse sentido, na *urbs*, agrada, sobre modo, aos que não se mostram indiferentes a essas coisas, que concorrem para o embellezar da cidade. A prefeitura por sua vez há ultimamente, desenvolvido actividade admiravel no intuito de não ficarem os seus predios em condições inferiores no tocante á pintura das fachadas aos predios dos particulares. Assim é que está ella procedendo ao revestimento da casa da prefeitura e da uzina electica, havendo tambem o prefeito municipal determinado a limpeza rigorosa das vias publicas. E' para lamentar, porem, que continue de braços cruzados diante tudo isto o dono daquella casa da Praça da Republica, o qual, transgredindo as leis municipaes, teimou em recobrir de palhas a dita casa e neste estado, lá está ella a destoar da esthetica da praça. (PELA URBS, 1927, p. 1).

Sob a óptica da remodelação e da construção desses ideais de que se buscou compreender a relevância de alguns signos da urbanização e as relações de sociabilidade na permanência de hábitos e costumes nesses espaços.

A Imagem 22 ilustra a casa residencial e comercial do comerciante português Albino Paiva, denominada de Casa Veneza devido à sua localização à beira dos campos alagados da cidade. A imagem representa uma casa com fachada em estilo em platibandas. Observamos ainda a presença de calçadas, ruas largas e alinhadas, além de poste de iluminação pública.

Imagem 22 – Casa Veneza de Albino Paiva



Fonte: Acervo pessoal da Sra. Sandra Mendes.

Como exemplo, podemos citar a Casa Veneza, assim denominada por estar localizada em uma área próxima ao campo inundável de Pinheiro, fato que, no período de inverno, alagava a edificação. A Casa Veneza, posteriormente, deu espaço a uma construção saneada, conforme descrito:

As Construções

Pinheiro está de parabens.

De parabens, na parte da remodelação da cidade.

Todos os annos, e nenhum se há passado, sem que novas construções venham realçar a estethica da cidade.

Da anno atrasado para cá então as melhoras se tem acentuando muito.

Tivemos a reconstrução da residencia do snr Agostinho Ramalho Marques, que incontestavelmente está uma bella vivenda com acabamento artistico de muito gosto.

Logo apóz no mesmo anno a construção do grande sobrado residencia do snr Albino Paiva obra de enorme segurança e linhas de perfeita architectura.

[...]

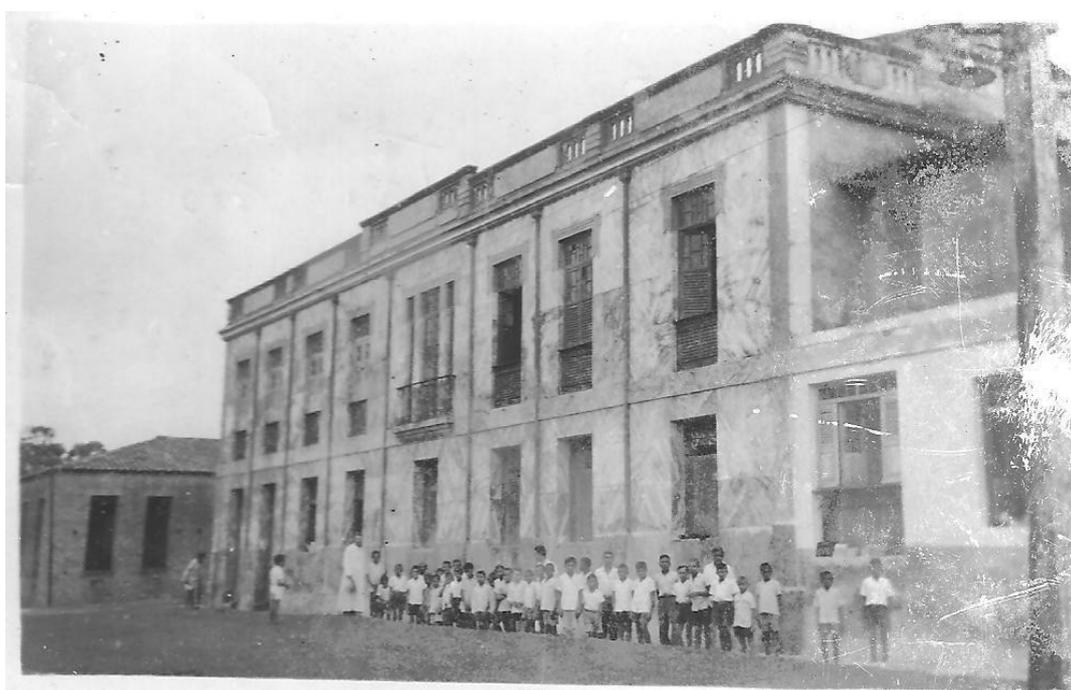
Nós que sempre nos batemos pelo melhoramento de Pinheiro, não podmos deixar de patentear a nossa satisfação por mais este avanço material que vem se verificando na nossa elegante cidade, que já tem o nome, aliás, bem justificado de princesa do litoral. (AS CONSTRUÇÕES, 1934, p. 3).

Com a nova ordem econômica e social, a cidade deveria não somente primar pela reordenação urbana por meio de uma política de saneamento e embelezamento, mas também a remodelação dos hábitos e costumes sociais. Era preciso alinhar a cidade aos padrões de

civilidade. Desse modo, era necessário mudar a imagem da cidade desordenada, insalubre e sem expressão cultural por meio do alargamento e da construção de ruas, praças, implantação de escolas, criação de teatros, calçamento das ruas e uma política sanitária que tornaria a cidade uma referência de urbanismo da região.

A Imagem 23 representa as construções em estilo de sobrado, com porões e, na maioria das vezes, adornadas com detalhes decorativos nas fachadas, cuja construção era vista como um sinal de progresso da Pinheiro moderna.

Imagem 23 – Casa da família Gonçalves, vendida para a prelazia de Pinheiro



Fonte: Acervo pessoal da Sra. Sandra Mendes.

Era comum aparecer, nas páginas do Jornal Cidade de Pinheiro, referência às mudanças das construções arquitetônicas das residências e a noção de “progresso” e “modernidade”. Outrossim, tais mudanças são ligadas ao embelezamento da cidade que a época exigia, substituindo as velhas habitações por sobrados, o que daria um caráter de modernidade e progresso à cidade:

Como em todos os anos, nas épocas do verão ---facto, que se vem observando entre nós, de certo tempo para cá--- já se movimentam os nossos proprietários na melhoria dos seus prédios. Assim é que aquella cerca da comercial do sr. Cruz Lima foi já substituída por um muro de alvenaria, notando-se, apenas, a falta do passeio acompanhando o dito muro, o que veria completar o melhoramento. Com esse serviço, a cerca de paparauba da casa comercial do sr. Guimarães, cerca, que se limita com o novo muro que nós referimos, tomou um aspecto bem desagradável, como era aliás de se esperar. É, possível, pois, que sendo, como é referida cerca, a única existente naquelle lado, no quarteirão, que vae da casa do sr Guimarães á do sr Cruz Lima, se resolva o proprietário a substituil a por alvenaria. É isto possível, e até

provável, atendendo a que o seu proprietário não é outra pessoa sinão e sr. Maia Junior, rapaz que sabe apreciar as boas coisas. Isto se verifica, como se sabe, no principal trecho da rua Pedro Tavares. Lá no boulevard Frederico Peixoto os comerciantes Abreu & Campos deram começo a construção dos alicerces de um grande prédio, que virá aformosear a entrada da nossa urbs, fazendo desaparecer ao mesmo tempo, aquelle lamaçal, que, todos os anos, no inverno, dificulta o tranzito no boulevard. Segundo ouvimos dos ailudides comerciantes, que são também industriaes de tinar-se-à o prédio ao estabelecimento da sua casa de commercio e o assentamento das suas machinas, não sendo possível a conclusão da obra este anno devido tão somente a falta de materiaes de construção. (AS CONSTRUÇÕES, 1924, p. 3).

A Imagem 24 registrou a residência de Américo A. Gonçalves, símbolo do bom gosto e modernidade, além de representar o poder aquisitivo oriundo do comércio. O palacete, demolido recentemente, estava localizado na Avenida Senador Vitorino Freire, “[...] no local adormecia uma casinha muitíssima ordinária, a afeiar o trecho da avenida, que é uma das mais belas da cidade” (O PROGRESSO..., 1956, p. 4). De propriedade do comerciante Américo de Almeida Gonçalves, essa propriedade contribuiu para o melhoramento da avenida “[...] que concorreu para dar ao ponto em que está o prédio, defronte do sobrado do Palácio Episcopal, e de esquina com a Av. Paulo Ramos, uma agradável perspectiva, um aspecto de cidade moderna” (O PROGRESSO..., 1956, p. 4). A construção do prédio com característica moderna “[...] tendo do lado da Avenida Senador Vitorino Freire um interessante terraço que o torna mais belo, além de constituir um excelente ornamento a uma das peças ou compartimento da casa” (O PROGRESSO..., 1956, p. 4). Como se vê, o prédio era considerado um símbolo do progresso material da cidade.

Imagem 24 – Casa de Américo Gonçalves, comerciante português¹⁸



Fonte: Acervo pessoal da Sra. Sandra Mendes.

¹⁸ A casa em questão, umas das mais belas e modernas e símbolo do progresso pinheirense, foi demolida para dar lugar a um posto de combustível, construído em 2020

A remodelação de Pinheiro tornou-se um projeto das elites locais que a propunham, em nome do progresso, o embelezamento e as transformações nas feições da cidade, concentradas no centro econômico e cultural, que também consistia na área central por onde circulava a elite. A proposta de transformação da cidade deveria obedecer a modelos das cidades “civilizadas”. Dessa forma, as construções deveriam atender aos padrões estéticos da *Art Nouveau*, e hoje temos apenas um exemplar na antiga Praça da República, hoje Praça José Sarney, o bangalô francês, construção de residências inspiradas no *Art Nouveau*:

O bangalô chamava a atenção pelas grades de ferro que o cercavam, pelas janelas de vidros coloridos e pela arquitetura recuada, diferente das demais residências que foram construídas rente às calçadas. Até mesmo as de estilo português, cujas entradas eram por um terraço, todas elas enfileiravam-se junto às calçadas. Daí a imponência do bangalô francês. (LEITE, 2006, p. 34).

O discurso empreendido na época prezava pelas melhorias na condição de vida dos habitantes, conciliando o belo e o bom para transformar a sociedade em moderna e civilizada conforme o modelo dos grandes centros da época. O aformoseamento da ‘Princesa da Baixada’, com embelezamento de trechos importantes prevaleceu entre 1920 e 1930.

Particulares melhoraram e embelezaram a cidade, ainda no século XX. As construções imponentes contribuíram para melhorar o perfil urbanístico de Pinheiro, que seria visto como um cartão de visita da cidade. As melhorias das residências determinaram definitivamente uma nova estética da cidade, que era orientada por sua vez pelas páginas do Cidade de Pinheiro.

Observamos que era constante o desejo de transformar a cidade utilizando-se palavras como: civilização, progresso, moderno, no sentido de legitimar o título de Princesa da Baixada, epíteto que caracteriza a cidade até os dias atuais, e que constitui uma alusão às mudanças realizadas no espaço urbano de Pinheiro, na década de 1920.

As minhas impressões

Afastado, há onze anos, desta promissora terra que é meu torrão natal, tive, agora, a ocasião propiciada de visitala. Confesso que não julgava vir encontra la aureolada de um progresso crescente.

A atividade aqui é colossal, os seus edificios elegantes e outros melhoramentos, são as provas cabaes desta atividade.

O comercio e a agricultura, progridem assombrozamente.

A administração que està sob a direcção de um cavalheiro distinto, que sabe honrar seu nome e o cargo que ocupa, é digna de louvores.

Emfim por todo recanto desta abençoada terra, o progresso domina em grande extensão.

Pacas, este lugarejo obscuro de outrora, é hoje uma povoação florescente, cujo desenvolvimento causa admiração, para quem a conheceu, há poucos anos passados.

São estas as minhas impressões que levo de meu querido Pinheiro e deixo gravadas nestas poucas e toscas linhas.

Podemos dizer sem receios de contestação que Pinheiro é a Cidade Princesa da baixada do litoral maranhense.

Parabens aos meus compatriotas (ESTRELLA, 1930, p. 1).

A instalação das novidades era exaltada como símbolos do “progresso” e denunciadores do nível de civilidade da localidade. A crônica acima apresentou as transformações de Pinheiro como um modelo a ser seguido pelas cidades da região. Pinheiro é propagandeada como uma cidade moderna e civilizada, com destaque para a arborização, as edificações e a iluminação. Esses benefícios que modificaram a estética da cidade são apresentados como símbolo de progresso.

A crônica também chama a atenção para o nível de desenvolvimento material, presente no traçado, calçamento, fachadas das residências e casa comerciais, entre outros, o que deu à cidade de Pinheiro um lugar de destaque entre as demais cidades da região. A adoção das construções era um sinal de progresso na Pinheiro moderna como podemos ver nos trechos de uma publicação da época, onde encontramos, pela primeira vez, a referência ao título da cidade de Princesa da Baixada.

A crônica abaixo narra as impressões acerca da cidade, rica em detalhes, descreve as construções, os espaços e as paisagens. Nesta narrativa, observamos elementos que eram considerados característicos de Pinheiro, como o aspecto moderno:

As Construções

Pinheiro está de parabens.

De parabens, na parte da remodelação da cidade.

Todos os annos, e nenhum se há passado, sem que novas construções venham realçar a estethica da cidade.

Da anno atrasado para cá então as melhoras se tem acentuando muito.

Tivemos a reconstrução da residencia do snr Agostinho Ramalho Marques, que incontestavelmente está uma bella vivenda com acabamento artistico de muito gosto.

Logo após no mesmo anno a construção do grande sobrado residencia do snr Albino Paiva obra de enorme segurança e linhas de perfeita architectura.

No anno passado apresentou se o snr. Americo Gonçalves, reformando o sobrado á rua Siqueira Campos, adquirido pelo mesmo, por compra a de Ester Carneiro.

Ficou uma obra excellentemente bõa. De Acabamento perfeito, com linhas architeticas de gosto e grande realce, veio melhorar extraordinariamente aquelle trecho da rua.

Fina pintura, feita por profissional competente deu o melhor acabamento interno ao bello predio.

Neste anno registram se, entre outras, duas bellas construções em Pinheiro.

Alli na Praça da Republica na parte mais linda da cidade está o snr Izaias Franco de Sá edificando um bello predio, em modelo bangalow – todo de alvenaria, ferro e cimento. Pelo que, se pode verificar até agora, irá ficar uma obra de muito gosto e acabamento perfeito.

A avenida Frederico Peixoto tambem não ficou esquecida.

Lá está ainda o snr Albino Paiva preparando um enorme sobradão, com o maximo de segurança e as divisões necessarias, a fim de ser adaptado ao estabelecimento de firma Albino Paiva & Cia, da qual faz elle parte, como socio chefe.

Depois (****) da avenida Frederico Peixoto, ficará Pinheiro com uma entrada magnifica que certamente agradará a todos os nossos visitantes.

Nós que sempre nos batemos pelo melhoramento de Pinheiro, não podiamos deixar de patentear a nossa satisfação por mais este avanço material que vem se verificando na nossa elegante cidade, que já tem o nome, aliás, bem justificado de **princesa do litoral**. (AS CONSTRUÇÕES, 1934, p. 3, grifo nosso).

Os avanços materiais, principalmente as melhorias no aspecto urbano, no que tange às construções residenciais e comerciais com a importação de elementos arquitetônicos que compõem ou deveriam compor as construções modernas, permite compreender, com base na citação, os motivos estético-higienizados que levaram à denominação do título de Princesa da Baixada, título esse cunhado por causa das melhorias empreendidas em Pinheiro entre as décadas de 1920 e 1930 como um projeto de modernização. Dessa forma, foi possível compreender como as melhorias no aspecto urbano e cultural adequaram a cidade ao conceito idealizado para a Pinheiro moderna e civilizada. Assim, a cidade era vista como um espaço privilegiado para experimentação do moderno, descrito por meio de signos comuns, baseado no imaginário das elites, dos autores, anunciadores e construtores do próprio projeto de modernidade.

Símbolo de uma cidade que se diferenciava das demais na região, observamos, na imagem a seguir, o modelo de casa idealizada para contribuir para o embelezamento da cidade. Localizada na principal rua da Pinheiro antiga, o prédio é composto pelo conjunto da platibanda seguindo legislação municipal.

Imagem 25 – Residência localizada no trecho da Rua Nova e Mercado



Fonte: Acervo pessoal da Sra. Sandra Mendes.

Os prédios construídos e reformados nessa época serviram para legitimar a passagem por um processo de transformação tendo por base o discurso de progresso, civilização e modernidade, uma forma de dar à cidade características de uma nova era, em que seria reconhecida com a “Princesa da Baixada”, em sintonia com as mudanças que vinham sendo realizadas nas cidades brasileiras, sobretudo São Luís, Belém e Manaus, exemplos que serviam de inspiração para a elite.

A imagem a seguir demonstra a remodelação da arquitetura da cidade. Era necessário evidenciar a riqueza, o poder e o prestígio e, nesse caso, a residência continuava sendo o meio importante de ostentar tais tributos. Na imagem, observamos a inserção de elementos como entrada lateral, terraço aberto e mirante. Atualmente, o prédio abriga a Companhia de Esgoto e Saneamento do Maranhão (CAEMA).

Imagem 26 – Casa de Josias Abreu



Fonte: Acervo pessoal da Sra. Sandra Mendes.

Ao dialogar com outras cidades que estivessem num nível de desenvolvimento urbano e cultural avançado, Pinheiro acabava por produzir uma história peculiar, marcada no imaginário e que se reproduzia no plano urbano. As residências em platibanda, mais do que um elemento de higiene, tornou-se um elemento arquitetônico que buscava modernizar e remodelar a estética da cidade.

4.5.2 Arborização

Outro ponto importante no projeto urbanístico da cidade foi a arborização e o paisagismo das praças e avenidas, cujo propósito foi o embelezamento e conforto dos espaços públicos aos seus habitantes. A esse respeito, o Jornal discorreu sobre a arborização com acácias roxas nas travessas e acácias brancas nas ruas, como, por exemplo, na arborização da Rua Nova:

O digno prefeito de Pinheiro, sr. Joias Abreu já mandou dar início ao serviço da arborização das Travessas, começando pela travessa das Flores, que fica à entrada da cidade, seguindo-se depois as travessas Perciuncula, e Pedro Tavares, completando-se a arborização dessas tres travessas ainda este mez. A arborização será feita de acacias rôxas, não só das tres travessas acima referidas como das demais, sendo as ruas arborizadas de acacias brancas, como as da Rua Nova. (A ARBORIZAÇÃO, 1923, p. 3).

Observamos, nas páginas do impresso, o destaque para a arborização das ruas com acácias, ao modelo da Avenida de Acácias de Paris e a utilidade de amenizar o clima da *urbe*.

Logo houve a necessidade de reformular a estrutura urbanística da cidade e remodelar seu padrão estético.

Essa reformulação também buscava direcionar o crescimento da cidade para além das margens do rio Pericumã. Iniciou-se um intenso processo de arborização dos espaços públicos. “A prefeitura conseguiu ornar a antiga Rua Nova, hoje Rua Doutor Elisabetho, com aquela belíssima fileira de acácias, e a Praça da República, com figueiras” (VIVEIROS; ALMEIDA, 2014, p. 171). A esse respeito afirmava o Jornal:

A arborização de acacias

Temos feito, por mais de uma vez referencias à arborização de acacias, que ostenta a nossa cidade na sua principal arteria.

Lembrámos na edição de natal ultimo a conveniencia de se esternder mesma arborização a outros logradouros publicos, attenta a sua incontestavel utilidade, alem do effeito magnifico que ella produz na belleza da RUBS.

Chegámos tambem demonstrar que essa arborização de acacias, si bem que, no Maranhão só Pinheiro a cultive, não é, todavia (****) originalidades, citâmos, por exemplo, a avenida de acacias de Paris.

Agora, deparámos (****) dos ultimos numeros, que nos vieram ás mãos do “Jornal do Brazil”, do Rio, uma correspondencia da Argentina de Julio Auzerem, na qual esse apreciado jornalista se refere, com entusiasmo, à arborização de acacias de Buenos Aires, dentre outras plantas cultivadas na capital platina cujas mudas ainda tenras, diz elle, merecem allí de cuidados especiaes de amanho em viveiros, que, para esse fim são creados em varias zonas da cidade.

E conclue Julio Azurem:

“O resultado pratieo desse bom espirito de previdencia em face de um problema urbano de tamanha transcendencia, pode ser ajuizado pelos que aqui chegam e gabam o viço e o desenvolvimento da arborização”.

Ora, ás nossas ruas, pelo menos, as principais dellas são perfeitamente apropriadas á arborização de acacias, iniciada, entre ós, numa das administrações passadas.

Entretanto, a arborização, á falta de cuidados, que ella, em começo exige, não passou de uma rua, convindo ainda notar que nessa mesma já se encontra um claro pelo desaparecimento de uma das acacias nela plantadas.

Preciso è, pois, que a prefeitura de Pinheiro volva as suas vistas e os seus cuidados à arborização, de que nos occupamos, estendendo a ás ruas Dr. Araujo Castro, Cons. Gomes de Castro, cel. Raymundo Araujo, e outras mais que, como estas, offerecem espaço suficiente para recerber tão util ornamento.

Já se vio que essa arborização é tratada nos centros cultos e adiantados com carinho especial.

Pois, façamos o mesmo, que dentro em pouco, teremos a cidade toda arborizada, e, em consequencia, mais bella, mais higienica e saudavel. (A ARBORIZAÇÃO..., 1928, p. 1).

De acordo com essas notícias, observamos que existia uma preocupação em seguir os padrões adotados em Paris, símbolo de progresso e civilização, desejosos por estruturar Pinheiro a fim de torná-la um lugar desenvolvido e esteticamente mais atraente. Nesses termos, os conceitos de modernização, embelezamento, civilização e progresso eram

constantemente utilizados. As ruas eram arborizadas; e a praça, ornamentada. Com isso, o poder municipal pretendia uma estética atraente ao espaço por onde as famílias abastadas desfilavam e ostentavam seu poder econômico. Tal perspectiva pode ser evidenciada quando afirma que:

Quando o prefeito municipal de Pinheiro, há quatro annos atrás, houve por acertado ajardinar a nossa “urbs” arborizando as suas ruas e praças, estas de figueiras, e aquellas de acacias, manifestou se da parte de não se sabe quem, uma tenaz e estúpida opposição ao util serviço, a ponto de horas altas da noite, mãos criminosas inutilizarem a arborização, arrancando as plantas menores, quebrando os galhos das plantas maiores.

Travou-se, então, uma verdadeira luta, de um lado a prefeitura, apoiada em nossas autoridades, e grande maioria da população pinheirense, insistindo na arborização. E de outro lado, a ignorancia, e estupidez, tudo aniquilando, não diremos apoiadas por estes ou aquellos, mas incontestavelmente tolerada por alguns (embora poucos) que sinão sythematicamente opposição á tudo quanto de melhoramento se procura introduzir em Pinheiro.

Verdade dolorosa, mas, verdade.

Pois bem, da lyta travada, annos atrás, entre a prefeitura e a alma daninha do quebrador de arvores, saio, afinal, vencedora a prefeitura, que conseguiu, por fim onear a antiga rua Nova, hoje rua Dr. Elisabetho, com aquella bellissima fileira de accacias, e a Praça da Republica com os figueiros, que lá se desenvolveram admiravelmente.

Para isto conseguir, porem não foram poucas, as despezas e os esforços daquelles, que estão á frente dos serviços publicos municipaes.

A luta foi realmente, cruel.

De noite, os miseraveis inutilizavam todas as plantas.

De dia, a prefeitura insistia na replanta com novas arvores preparadas em viveiros de diversas casas de pessoas amigas.

E isto perdurou por semanas e semanas, sendo preciso que a policia estabelecesse uma ronda permanente nos pontos arborizados, para que o abuzo cessasse, havendo a prefeitura chegado ao extremo de cercar de arame farpado a Praça da Republica, cerca que se retirou, a final, por incompativel com o progresso da localidade.

Por ultimo, cessaram as hostilidades contra as arvores daquela praça, apparecendo, apenas, uma vez por outra, um ou outro gaiato, a quebrar uma ou outra acacia, da arborisação das ruas.

Parecia-nos, a nós, portanto, que a febre louca de mutilizar, por completo, a arborização de Pinheiro, havia desaparecido.

A arborização tinha legrado, afinal, de todos, os mesmos applausos, que se não recuzam hoje ao serviço da luz, serviço, que igualmente soffreu grandes revezes no começo, da parte, já se vê, dos mesmissimos oppositores ao progresso da terra.

Mas, desgraçadamente estamos enganados.

A locura de dammificar a arborisação da cidade, já voltou, á furindos primeiros dias.

Assim é que, domingo ultimo, no ve figueiras, da praça, algumas já de trez annos, amanheceram inutilizadas, quebradas umas, arrancadas outras, afora o destroço de diversos pés de acacia da travessa Porciuncula.

Acto inqualificacel, como se vê, só merece elle de todos nós, a mais franca repulsa.

Não há uma justificativa, nem huma absolutamente que attennue o abominavel crime.

Nem mesmo pudemos a(****) que intuitos inconfessaveis se (****) no recanto da alma pequenina de quem, com tal, crueldade, se revela inimigo perigoso do progresso do municipio.

Se, porém, quem quer que seja, se persuade de que, aginado de tal forma, se vinga dos dirigentes locaes, e só por se esforçarem estes, em pról da causa comum – o bem dos municipes – elabora em gravissimo erro, por que não será por isso, nem por qualquer outro gesto criminoso, por mais ameaçador e terrivel, que possa ser, que deixarão os homens, dirigentes do municipio, e a quem Pinheiro deve tudo quanto de melhoramento possui, de continuar a envidar todos os esforços, despender toda a dedicação por esta terra, já por elles elevada ao ponto de destaque, em que se encontra, aos meio das demais unidades, do nosso estado.

Se é, pois, movido por tal persuasão que quero quer que seja se atira contra a arborização da cidade, que volte atraz o sequaz.

O municipio de Pinheiro emquanto perdurar a situação politica, que o domina, há de sempre progredir, queiram ou não queiram os seus deshumanos adversarios.

E' sempre assim.

Deus nunca se collocou sinão ao lado das boas causas. (QUANDO, 1924, p. 1).

O processo de arborização da cidade teve resistência por parte de uma parcela da população, além das constates reclamações do extravio das mudas por gados de todos os tipos, sendo o Jornal o principal meio de denúncia por parte da danificação da arborização das ruas e praças. Os atos eram considerados de selvagerias e não estavam condizentes com uma sociedade que gozava um nível de civilização adequada. A esse respeito, as notícias sobre a depredação dos espaços públicos persistem:

Selvageria

Depois das providencias tomadas, há dois annos atraz, contra a destruição da arborização de nossas ruas, niguem mais se persuadiaria de que semelhantes actos de mal adez ainda se reproduzissem entre nós.

Infelizmente, porém, a furia daqueles que se entregam a destruição da nossa arborização, não cessou ainda, como, ao contrario disto, nos estava pareendo.

Assim é que, pela manhã do dia 10 deste mez, ao passar um dos nossos companheiros pela travessa “Pedro Tavares”, observou que diversas pessoas se aglomeravam em torno dos cercados das plantas, que ornam mesma travessa, e, para logo verificou que lamentavam todos, visivelmente contrariados, o acto de selvageria da noite anterior consistente na damnificação das referidas plantas.

Fazia pena, effectivamente, vêr-se o destroço feito, tanto mais quando em se tratando de acacia roxa uma planta que veio directamente do Rio de Janeiro, para a arborização das ruas de Pinheiro, planta bellissima e pouco conhecida no nosso Estado.

O sr. prefeito municipal levou o facto ao conhecimento da autoridade policial, que vae tomar serias providencias para descobrir-se o autor do crime. (SELVAGERIA, 1923, p. 2).

Para que o processo de arborização se tornasse uma realidade para o embelezamento da cidade, era necessário construir na população uma consciência coletiva.

4.5.3 Rua Nova e Praça da República

As intervenções urbanísticas para o remodelamento de espaços e o melhoramento nas áreas centrais da cidade consideravam o projeto de urbanização como uma necessidade de uma sociedade que precisava civilizar-se. Assim buscavam a ampliação de avenidas, o saneamento, a construção e arborização de passeios públicos, canteiros, alinhamento das moradias, critérios, planejamento das quadras e a remodelação arquitetônica dos edifícios e residências. Entre as principais novidades, estava a Rua Nova (atual Avenida Getúlio Vargas), que figurava como símbolo da modernização de Pinheiro.

O ponto central da transformação da cidade era construído, por meio da construção da Rua Nova, larga avenida e praças, “[...] marcos simbólicos da modernidade, isto é, uma concepção estética burguesa do urbano” (SARGES, 2010, p. 188), de uma nova concepção de espaço nas cidades. Esse plano urbanístico constituía-se em modificar os hábitos e a sociabilidade dos cidadãos numa onda modernizadora.

Nesse contexto, a Rua Nova é o principal marco simbólico da cidade naquele período. O mais novo *boulevard* irradiava nos seus espaços mais ambiência moderna que o pinheirense poderia desejar. O traçado amplo, as belas edificações, arborização, deram importância e caracterizaram como marco de transformação da cidade. As construções arquitetônicas implementadas, sem dúvida, elevaram a cidade a outro patamar de beleza, progresso, civilização e modernidade:

Doutor Elizabetho quando juiz em Pinheiro, em 1920, quando chegou, ele levou um Arquiteto em Pinheiro para fazer o traçado das ruas da cidade. Você vê que Pinheiro é uma cidade que tem traçado, as ruas são amplas, Pinheiro não tem beco, dificilmente você encontra um beco em Pinheiro, agora já encontra na periferia nesses novos bairros, mas não tinha becos [...]. A única rua que nós temos torta em Pinheiro, que ver você observa que as ruas convergem percebe. Que as ruas do Norte para o Sul, da matriz daquela parte de baixo vai até Pacas naquela região naquela região da Universidade, para li. Elas são todas ruas retas, tem uma curvinha ou outro, mas a gente percebe que elas foram traçadas, delimitadas. A única que não é a Rua da Matriz, as duas ruas que dão até a Matriz porque eram estradas, o aglomerado se formou lá na praça da Matriz. (informação verbal)¹⁹.

Como signo de espaço moderno, foi eleita a Rua Nova, considerada “a mais bela artéria da cidade”. A imagem da Rua Nova revela a sua constituição larga com o estabelecimento de diversas casas comerciais, com o que era considerado mais inovador, e prédios públicos.

A larga rua era destinada não somente à ida e vinda dos transeuntes, mas também para passeios regulares. A arborização do calçamento sugere uma tentativa de imitação do

¹⁹ Informações fornecidas por Graça Leite em entrevista concedida em 11 de fevereiro de 2020.

ajardinamento da Avenida da Acácias, em Paris, como indica o jornal Cidade de Pinheiro em 05 de março de 1922. A rua tornou-se um espaço digno de visitação ao se enquadrar no número das ruas de cidades modernizadas. O espaço era considerado uma passarela para a exteriorização de hábitos da elite e ambiente para encenações da vida cotidiana.

Na Imagem 27, é possível observar algumas das características, como, por exemplo, a largura da Rua Nova, as casas em novo estilo arquitetônico com fachadas em platibanda e nos desenhos sinuosos dos postes de iluminação.

Imagem 27 – Avenida Principal da Cidade de Pinheiro no século XX e ao fundo a primeira prefeitura, postes de iluminação, rua larga e com canteiro central



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ([1959]).

A Imagem abaixo representa o início do processo de melhorias da Praça da República (Atual Praça Sarney) como estratégia social no sentido de mostrar uma cidade urbanizada e símbolo de progresso na região.

Imagem 28 – Praça da República, Pinheiro-MA, [19--]²⁰



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ([1959]).

A Praça da República, construída anteriormente à gestão de Josias Abreu, foi uma forma que os amantes do embelezamento da cidade encontraram na busca de criar uma cidade moderna. Junto ao incentivo das construções em platibanda, arborização, um outro fator viria a compor o quadro de modernidade em Pinheiro. “As praças eram lugares públicos de lazer e lugar que todos queriam ir para serem vistos. Ser visto é o *hobby* da nova elite” (SARGES, 2010, p. 190).

A imagem abaixo possibilita visualizar a dimensão das transformações urbanas pelas quais passou a cidade de Pinheiro, construído em 1920, um dos sinais de progresso e civilização.

²⁰ Atualmente a Praça da República é denominada de Praça José Sarney.

Imagem 29 – Trecho da rua vendo-se na esquina a casa de Casa de Clemente Sousa na esquina



Fonte: Acervo pessoal da Sra. Sandra Mendes.

Dessa forma, modernizar a cidade significava, inicialmente, criar um amplo projeto de modificação urbana. É importante ressaltar que esse processo não pretendia o embelezamento pelo embelezamento, mas “civilizar” a cidade.

Pela Urbs

A Rua Nova é, como todos conhecem, a principal arteria de Pinheiro, e está fadada a ser uma rua effectivamente digna das cidades modernizadas. Temos dito, desta mesma secção, que, com a conclusão dos serviços já nella iniciados pela administração publica actual, poderá Pinheiro orgulhar-se de possuir uma via publica immune de qualquer reclamação.

Melhor ainda seria, porém, se alem da beneficente e patriotica acção municipal. logasse a rua os especiaes cuidados dos seus moradores, e dos proprietarios dos predios, que a marginam.

Outro dia, registramos com satisfação a destruição da única casa velha de palha, que a envergonhava, e isto por iniciativa de um particular.

Livre, porém, do aleijão, ainda alguma coisa resta a fazer-se por ella.

A substituição, por exemplo, das poucas cercas existentes, por muros de alveraria, é uma necessidade, que está a entrar nos olhos de todos, e mui principalmente dos que amam as coisas bellas, e as coisas bellas desta terra. Assim já comprehendeu o sr. Antonio Abrahão Soares, que, pondo abaixo uma cerca de paparaúba de sua casa, a substituiu por um muro que diga-se a verdade, condiz perfeitamente com a belleza da rua.

Ora, com uma dose de bôa vontade dos senhores propretarios, facilmente desaparecerá, por vez, o defeito das cercas.

Felizmente ao que estamos informados, não ficará isolado o gesto do sr. Antonio Abrahão Soares: o conceituado e estimado lavrador deste municipio, sr. Mariano Costa, proprietario da casa sitaá dita rua e alugada a Maia Junior, vae mandar

substituir a velha cerca por um muro ligado aos da casa coronel Manoel Carneiro, obedecendo, porém, a mesma planta do muro do sr. Antonio Abrahão.

Ahi está uma nova, que não será indiferente ao leitor amigo de Pinheiro, o qual, certamente receberá com os mesmos applasos com que a acolhemos.

Em verdade, com esse muro e o passeio cimentado extendido ao longo da Rua Nova e justamente num dos pontos mais necessarios, que é o da entrada della na praça.

Que tudo isto se realiza, afinal, e que, atraz destes venham outros melhoramentos, por iniciativa particular, embora pequenos, porém sempre impulsionados pelo desejo de vêr a cidade de Pinheiro á vanguarda das cidades do interior do Estado. (THIRSO, 1922b, p. 4).

As alterações urbanísticas estimuladas em Pinheiro procuravam modernizar os espaços públicos e dotar de certas características, imprimindo uma estética elegante e de modo que a renovação urbana promovesse a sensação de que Pinheiro era uma das melhores cidades do estado. Era indiscutível que, ao desejo de transformar em símbolos de progresso e civilização, criava, na memória dos habitantes, a euforia e vanguarda em relação à Baixada Maranhense, retratada nos acontecimentos culturais e sociais, conforme registrava o Jornal.

4.5.4 Boulevard Frederico Peixoto

A reforma e ampliação dos equipamentos citadinos, práticas e políticas de melhorias privada ou pública, estratégias de zoneamento social, eram estampados nas páginas do jornal para que visibilizasse as medidas empreendidas para o melhoramento das áreas urbanas e a construção dos novos espaços de sociabilidade, como observamos a seguir:

Lá no boulevard Frederico Peixoto os commerciantes Abreu & Campos deram começo a construção dos alicerces de um grande predio, que virá aformozear a entrada da nossa *urbs*, fazendo desaparecer ao mesmo tempo, aquelle lamaçal, que, todos os annos, no inverno, difficulta o transito no boulevard. (AS CONSTRUCÇÕES, 1924, p. 3).

Resente-se Pinheiro da falta absoluta de predios de aluguel.

Depois do fallecimento do coronel Frederico de Sá Peixoto, fallecimento que data de mais de 15 annos ninguem mais de occupou, entre nós, da construcção de casas para alugar;

O coronel Frederico Peixoto, como se sabe, transformou um quarteirão de lama em quarteirão das casas habitaveis, dando a cidade daquelle apreavel boulevard, a que a camara, unio o seu nome, num geto de muita gradidão e justiça.

Depois d'elle, apenas seu signo sobrinho Josias Peixoto de Abreu se revelou dotado de mesmo genio emprehendedor, fazendo construir nesta cidade trez predios, um dos quaes, o mais vistoso que se ostenta na urbs: a “Casa Veneza”.

[...]

Sabe-se que, muitas familias residentes em S. Luiz e que desejam veraneiar nesta cidade, todos os annos deixam assim de o fazer por falta de casas, em que possam habitar.

Que se mexam, pois os nossos capitalistas, e nos prestem esse servicinho, quando não seja por amor á terra, ao menos, para nos prestarem alguma utilidade. (FALTA..., 1927, p. 5).

O Boulevard foi construído pelo coronel Frederico Peixoto, que transformou o quarteirão de casas residenciais e de comércio, uma área pantanosa e alagada, localizada às margens dos campos alagados de Pinheiro. Podemos dizer que essa obra se constitui como o ponto inicial do movimento de construção em Pinheiro. A imagem a seguir apresenta um quarteirão que compreende um conjunto de prédios, situado entre a Avenida Paulo Ramos e a rua onde estava instalada a usina elétrica do município. Esse conjunto arquitetônico constituía-se, para a época, símbolo do progresso e desenvolvimento do comércio local e o emprego do excedente na cidade.

Ao fundo da imagem observamos o sobrado de Albino Paiva, comerciante português. Atualmente, uma parte do sobrado abriga o Tribunal Regional do Trabalho, e no terraço fica uma agência de correspondente bancário. Observamos a manutenção, em parte, das características originais no que corresponde à instalação do TRT, recentemente reformado. O detalhe é que a principal via de acesso a Pinheiro, atualmente, utiliza-se dessa avenida.

Imagem 30 – Boulevard Frederico Peixoto, localizado às margens dos campos alagados de Pinheiro



Fonte: Acervo pessoal da Sra. Sandra Mendes.

4.6 Construindo uma sociedade civilizada: o mito da alta educação

A educação era vista como um dos pilares de sustentação de uma cidade progressista e civilizada. A falta de instrução dos cidadãos passou a ser vista como um empecilho ao “progresso”, como observamos na edição de 28 de maio de 1922:

Vamos, ao que parece, ter brevemente em Pinheiro, um estabelecimento de ensino primário e secundário.

Pinheiro, que, de há dois annos a esta parte, vem atravessando uma promissora quadra incontestavel progresso. Pinheiro, que em menos de meio lustro fundou uma loja maçonica, um teatro, dois bons clubs sportivos, um jornal, um syndicato agricola, uma escola nocturna gratuita, para creanças pobres, e está tratando agora de illuminar-se á electricidade, precisava bem de possuir uma casa de instrucção capaz e dar o mais decidido combate á praga do analphabetismo, que tantos males lhe tem causado.

Ambas são luzes, ambas illuminam, ambas aclaram o caminho ao transeunte. Há, porem, entre as duas, uma profunda differença a favor a primeira: E’que a luz-electricidade apenas clareia alguns pequenos trechos de ruas, enquanto a outra, a luz-instrucção espanca as trevas do caminho da vida, tão logo, tão tortuoso, tão cheio de abysmos e de espinhos [...] a outra é, o magnifico pharól que guia o homem, da infancia ao tumulo, e que só o vento da morte apaga.

E já que há essa tão profunda differença entre as duas, já que uma não puppre a outra façamos um esforço para conseguirmos illuminar o nosso espirito, ao mesmo tempo que vamos illuminar as nossas ruas. (VAMOS. Cidade de Pinheiro, Pinheiro, 28 de maio de 1922, p. 1, nº 23)

A educação era vista como um princípio de modernidade, civilidade e progresso, logo houve tentativas de criar espaços para o aprendizado, como a primeira iniciativa de construção de uma escola em Pinheiro. A notícia foi anunciada em 21 de maio de 1922, com o início das aulas no dia 1º de julho do mesmo ano. No entanto, dois meses depois de iniciadas, as atividades foram encerradas²¹.

Pinheiro vai ter, pela primeira vez, um estabelecimento de ensino que muito o honrará [...], com todos os requisitos exigidos pela moderna pedagogia e em tudo igual aos colégios da Capital do Estado [...] formado por um corpo docente com longa prática no magistério. (UM INSTITUTO..., 1923, p. 3).

Com o propósito de modernizar o ensino do município, com a oferta de uma proposta de ensino diferenciada, professores competentes e métodos de ensino modernos, a escola propunha-se a ofertar um ensino semelhante ao que vinha sendo praticado em São Luís. O Instituto Pinheirense, diferentemente das escolas anteriores, que funcionavam nas residências ou em locais inadequados, utilizou-se de prédio próprio e adaptado para as atividades de ensino. A escola, sob a direção de Elisabetho de Carvalho, professor de português e francês, estava direcionada à educação primária, secundária, cívica e moral, para

²¹ Sobre os motivos do encerramento das aulas da primeira escola, não conseguimos informações orais e documentais sobre os fatores que levaram ao fechamento do estabelecimento.

ambos os sexos, mantinha internato, semi-internato e externato.

Os idealizadores da Escola Normal buscaram referência na Escola Santa Teresa, localizada na capital do estado. Entretanto, em setembro do mesmo ano, a escola encerrou suas atividades.

Após essa primeira tentativa, em 1º de julho de 1925, os agentes públicos locais, por iniciativa do Dr. Sílvio Rebello, em parceria com alguns membros da Associação Maçônica, fundaram uma escola noturna denominada Antonio Souza, homenagem póstuma a um dos fundadores da maçonaria em Pinheiro.

O sucesso da Escola Antônio Souza despertou em Elisabetho de Carvalho, Sílvio Rebello e Clodoaldo Cardoso o interesse pela formação dos professores que atuavam na região, que, na sua maioria, eram leigos, o que precarizava o ensino. Assim, criaram a Escola Normal de Pinheiro em 24 de março de 1926, direcionada para a formação de professores primários. (VIVEIROS; ALMEIDA, 2014, p. 169). Segundo Viveiros e Almeida (2014), o programa de ensino dessa escola obedecia à estrutura curricular do curso Normal do Liceu Maranhense, com a oferta de uma estrutura curricular voltada à cultura geral, às letras e às ciências modernas. No entanto, após um episódio de desentendimento entre membros da elite local, a escola findou suas atividades escolares em novembro de 1926:

Em virtude da desagradável scena de que foi teatro hontem esta escola, agredidad à mão armadada colocando professores e alunos em estado de intranquillidade, ficam suspensos os exames das cadeiras de arithmetica, francez e geografia, até que a congregação resolva a respeito. ([ENCERRAMENTO...], 1926, p. 5).

Após diversas iniciativas sem êxito do grupo político local de instalar em Pinheiro uma escola pública primária nos moldes que a modernidade republicana requeria, em 4 de fevereiro de 1927, o Governador J. Magalhães de Almeida, por meio do Decreto nº 1.128, que estabelecia: “Art.1º - É criado, na cidade de Pinheiro, um grupo escolar que se denominará ‘Odorico Mendes’, ficando extinta a escola mista da mesma cidade” (GRUPO..., 1927, p. 1). Em abril do mesmo ano, iniciavam-se as atividades da escola, que contava com 104 alunos.

O Grupo Escolar Odorico Mendes, nos primeiros anos de criação, desenvolveu suas atividades em imóveis alugados pelo Estado, a exemplo do imóvel de propriedade de Acrisio de Araujo Cerveira e, posteriormente, no prédio onde funcionou a Coletoria Federal e a Escola Mista Estadual. A Construção da edificação que abrigaria a escola somente foi construída quinze anos após a implantação do Grupo Escolar, em 1942, por determinação do Interventor do Maranhão, Dr. Paulo Sousa Ramos (COSTA, 2012).

A ilustração abaixo registra a concretização de um sonho central da elite pinheirense da educação formal para a preparação cultural, com base nas ideias de civilização

e modernidade da cidade por meio de uma educação laica.

Imagem 31 – Prédio do Grupo Escolar Odorico Mendes, construído em 1942



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ([1959]).

Com a criação do Grupo Escolar Odorico Mendes, esperava-se criar uma sociedade civilizada e que caminhasse rumo ao progresso. Nesse contexto, “[...] a educação passou a ser uma espécie de chave capaz de resolver os problemas sociais relativos ao atraso e ignorância da população” (COSTA, 2012, p. 35). A implantação das escolas mistas e dos grupos escolares deseja modificar, entre outros aspectos e principalmente, “[...] o caráter multisseriado das aulas das escolas domésticas, pela implantação da escola graduada” (COSTA, 2012, p. 38). Portanto, para o fortalecimento da imagem de uma cidade moderna, era necessário oferecer educação formal e escolas que se coadunassem para civilizar, moralizar e disciplinar a população a fim de refinar o perfil dos cidadãos.

4.7 Navegação Costeira: Belém, Pinheiro e São Luís

A navegação a vapor foi um fator importante para a progressiva redefinição das bases da economia e da cultura de Pinheiro, inclusive em termos de intercâmbio de ideias e modismos advindos dos centros mais desenvolvidos. Depois de vencidas as barreiras que impediam a navegação, houve a entrada dos vapores no porto pinheirense.

A navegação a vapor pela costa litorânea do norte maranhense iniciou-se em 1922, com a Companhia de Navegação Large e Irmão, que tinha sede no Rio de Janeiro. A navegação costeira estreitou a relação econômica, social e cultural da cidade de Pinheiro com cidades do norte e a capital do estado, o que deu ao cotidiano da cidade uma nova fase. Logo Pinheiro exaltava-se pela sua trajetória rumo ao progresso, pois:

Parece que desta vez vamos, afinal, ter uma linha de vapores, fazendo viagens regulares entre o nosso porto e o de S. Luiz.

Segundo estamos informados a empresa de navegação costeira de propriedade da firma Large & Irmão, com séde na capital da Republica, acaba de assignar um contracto com o governo do nosso Estado, em virtude do qual a referida empresa contrahio a obrigação de fazer viagens regulares, em numero sufficiente e em vapores confortaveis, entre os portos de S. Luiz e Belém do Pará, tocando em todos os portos intermediarios, em cujo numero se encontra o de Pinheiro.

E convém notar que, ao contrario do que acontecia com o contracto durante algum tempo vigorante entre o governo do Estado e os srs. J. Adonias & Cia., o documento agora assignado pela firma Large, considera porto de Pinheiro, não o do “Una” que em verdade pertence a Guimarães, mas aquelle até onde, sem, fôr possível a vinda das unidades da flotilha da empresa contractante.

Estamos que, de todos os municipios beneficiados pela nova linha de transporte maritimos, o nosso é aquelle que della mais necessita, dado a sua posição geographica notavelmente afastada da costa.

E’ o caso, pois, de nos darmos os parabens, pela introduccão, entre nós, do novo serviço de transportes com que nos vae dotar o governo, serviço cuja elevada importancia para Pinheiro, inutil seria encareecer, porquanto todos os nossos leitores a conhecem de sobra.

Dote-se Pinheiro com boas vias de communicacão, e vel-o-hemos em breve, hobreando, debaixo do ponto de vista agricola commercial e industrial, com Caxias e Codó. (PARECE, 1922, p. 9).

A navegação costeira que adentrava em um porto estuarino de Pinheiro tinha uma importância significativa para a cidade, uma vez que facilitaria o transporte para a capital São Luís e a conexão com cidades como Belém, no Pará. A companhia deveria fazer “[...] em vapores confortáveis e apropriados às necessidades, uma viagem mensal tocando em todos os portos existentes entre S. Luiz e Belém do Pará”. (NAVEGAÇÃO..., 1922, p. 3). O porto tornou-se, na época, a principal rota de escoamento da produção local e entreposto comercial da região.

Além de ser um meio funcional de trânsito de produtos, passou a ser visto como símbolo de progresso e civilização, abrindo-se caminho para regiões mais desenvolvidas. Logo Pinheiro exaltava-se por sua participação na navegação a vapor:

Pinheiro e o progresso maranhense

Após cinco annos de ausenia desta cidade, tres dos quaes passdos longe do Estado natal, é-me grate rever Pinheiro, e notar-lhe o progresso que, se não é mais rapido, não é que os seus habitantes não o desejam e não se esforvem para (***) , é que os recursos locais e a situação geral do Estado o não comportam. Uma cousa, porem é de notar, é que alem do grande melhoramento da luz electrica, cuidou-se de melhorar as condições de transporte, adaptando a solução pratica, efficiente e moderna do automovel. E’ realmente, de admirar que só agora nesta zona se tenha compreendido a facilidade de correr em auto-caminhão e ford toda a baixada maranhense, durante o verão, a facilidade de adoptar ao auto estrilhos de campo. E’ o momento agora de tratar-se de prolongar esse progresso ao transporte por agua, agora que esta a navegação maritima a vapor por meio de um pequeno rebocador e chata, para communicacão com o porto e por meio de um dos typos de embarcações adoptados aos rios typos de hervanças como é o Pericumán, e talvez de preferencia um typo de embarcação de helice áerea, que, segundo lemos, tem dado bons resultados aos

rios das colônias da África e outras regiões análogas às nossas. (PINHEIRO..., 1926, p. 1).

Foi objetivando atender às necessidades de expansão do comércio que se fez necessário criar na cidade uma base portuária, no entanto o espaço também veio a facilitar o trânsito de pessoas. Da capital ou mesmo do Norte e Sul do país, os visitantes chegavam a Pinheiro por meio dos vapores, como observamos nas notas a seguir: “De volta do Pará, é esperado amanhã no porto do Una, o vapor Itapéua, de viagem para o Maranhão” (VAPOR..., 1925, p. 3).

O vapor “Itapéua” que tocou em o nosso porto na tarde de 25 do expirante, procedente de Belém do Pará e com destino a S. Luiz, tomou no porto desta cidade os seguintes passageiros de 1ª classe:

Dr. Elisabetho de Carvalho, Manoel P. Guterres Soares, D. Santa C. Lima, Antonio Costa, Cel. Raimundo Freitas, D. Mathilde Santos, Solon Moraes.

De Belém trouxe o mesmo pacote para Pinheiro, um passageiro de 3ª classe.

Para S. Luiz, oito passageiros de classe 1a. classe e 10 de 3a. (VAPOR..., 1926a, p. 5).

A bordo do Itapéua, tomaram passagem com destino á cidade de Bragança, no Estado do Pará, os srs. Gonçalo Belém e Theophio Braga.

Com destino a Belém seguiram a bordo do mesmo pacote, que passou a 8, pelo nosso porto, o sr. Frederico Velloso e família. (HOSPEDES..., 1925, p. 5).

Com a navegação a vapor, a cidade ganhou outra e mais demarcada dinâmica. Se, do ponto de vista comercial, ganhou uma nova dimensão, o mesmo ocorreu quando a questão é observada pelo prisma do consumo de bens materiais e culturais que passaram a estar mais presentes no cotidiano da cidade, trazidos constantemente pelos viajantes, que partiam em viagens para a capital do estado, bem como para Belém.

Na figura a seguir, construímos um modelo aproximado, com base nas notícias de jornais, da possível rota de navegação a vapor que ligava São Luís a Belém, passando por vários portos de cidades menores, inclusive o de Pinheiro, no estuário do rio Pericumã.

Imagem 32 – Rotas da Navegação Litorânea



Fonte: Souza (2021b).

A partir da introdução dos vapores, percebemos um intenso movimento de pessoas de diversas localidades, sendo a navegação a principal responsável pela entrada e saída de pessoas que registravam as partidas e chegadas como observamos nas notas dos vapores:

O vapor “Itapéua”, que tocou no porto de Pinheiro, a 8 deste mez com destino a Belem, trouxe para esta cidade, os seguintes passageiros:

Manoel P. Guterres Soares, sua mulher, e trez filhos menores, Maria Guterres soares, Alice Guterres Saores, Raimunda Alves, e uma menor, dr. Grijalva Fernandes, Marietta Souza e um menor, Maria G. de Castro, Manoel Santos e Lauro Souza.

Em Guimarães, o mesmo vapor deixou, 16 passageiros adultos e 2 menores. Dentre os passageiros, encontraram-se os srs. Othon Sá e dr. Evandro Rocha

Para Cururupú viajram 12 passageiros inclusive o dr. Eduardo Pinto juiz de direito daquela comarca.

Passageiros de 3a classe: para Pinheiro, 3, para Guimarães, 5 para Cururupu, 3 para Bragança, 1 para Belem, 4.

No porto de Pinheiro, tormaram passagem para Tury Assú um passageiro da 3ª classe, e para Bragança 2. (VAPOR..., 1926b, p. 5).

Seguida a experiência da navegação costeira pelos vapores, é introduzida a navegação por lancha a motor, sob a responsabilidade dos irmãos alemães Wolff:

O esplendido resultado da viagem de esperiencia realizada pelos irmãos allemães Wolff em canoa, á motor a 25 de junho hontem findo, do porto desta cidade ao ancoradouro dos vapores da Ita, prova, em evidencia, o que havemos dito, vezes

varias, neste semanario, sobre a necessidade de uma navegação á lancha de Pinheiro ao Porto do Una. ([LANCHA...], 1928, p. 1)

Os irmãos Wolff aceitam passageiros para a viagem da sua lancha á motor, ao porto do “Una”, a 25 deste mez, quando é alli esperado o vapor do “Ita”, de retorma viagem do Pará. (LANCHA..., 1928, p. 1).

A introdução da navegação a vapor e da lancha a motor estava relacionada com o desenvolvimento da região, circulação de pessoas, crescimento do comércio, mercadorias e ideias. Dessa forma, teve importância significativa para a cidade, tornando-se o principal meio de transporte de pessoas e para o escoamento da produção local. Além de entreposto comercial, a navegação a vapor era a conexão de Pinheiro com outras regiões, e atuava como um mecanismo para estimular o trânsito de pessoas e mercadorias. Logo o porto também foi elevado pelas elites como símbolo de modernidade e de civilidade, uma vez que abriu a cidade para uma conexão mais rápida com o mundo, trazendo uma nova configuração pelo contato com um mundo mais refinado, contribuindo, assim, para a metamorfose de Pinheiro.

4.8 Pinheiro e a vida comercial: os comerciantes portugueses

As mudanças econômicas transformaram Pinheiro em um centro de negócios e, ao mesmo tempo, um local de convívio e residência da elite. No ano de 1923, a cidade já contava como 70 casas comerciais, 36 fazendas de gado *vacum*, 10 engenhos de cana-de-açúcar e 5 descaroadores de algodão movidos a vapor (VIVEIROS; ALMEIDA, 2014).

O registro da chegada dos portugueses à cidade de Pinheiro inicia-se no final do século XIX. Esses comerciantes, em sua maioria, chegaram ao Brasil via Belém. Albino Paiva, um dos primeiros portugueses a estabelecer-se em Pinheiro, nasceu em Santa Cruz, Portugal. Ele aportou em Belém, no final do século XIX, onde permaneceu, juntamente com o irmão Augusto e o tio Bernardinho Paiva, por algum tempo. Após essa permanência, Albino Paiva, viajou para a São Luís para trabalhar com Joaquim Júlio Corrêa, um comerciante da Praia Grande. Numa viagem a Pinheiro, o português viu na cidade uma oportunidade de se estabelecer e aqui criar fortuna (SOARES, 2006a). Por volta de 1920, Albino Paiva destacava-se na sociedade tendo em vista a fortuna adquirida na cidade de Pinheiro.

A Imagem 33 representa o símbolo do poder econômico daquela época. Localizado no Boulevard Federico Peixoto, a construção de um sobrado em estilo colonial tardio com traços Art Decó e eclético, no qual o térreo era destinado às atividades comerciais e o piso superior, com um grande terraço como vista para os campos do Pericumã, a moradia da família.

Imagem 33 – Sobrado comercial e residencial do comerciante Albino Paiva, localizado às margens do campo de Pinheiro



Fonte: Acervo pessoal da Sra. Sandra Mendes.

As mudanças econômicas fizeram de Pinheiro o principal entreposto comercial da região, e, ao mesmo tempo, local de residência e convívio das famílias abastadas, que transformaram a cidade, anteriormente rural, em um lugar urbanizado. As casas aviadoras, estabelecimentos comerciais de secos e molhados, abasteciam a Baixada Maranhense em troca da sua produção. Os principais aviadores eram Albino Paiva, Américo Gonçalves e Agostinho Ramalho.

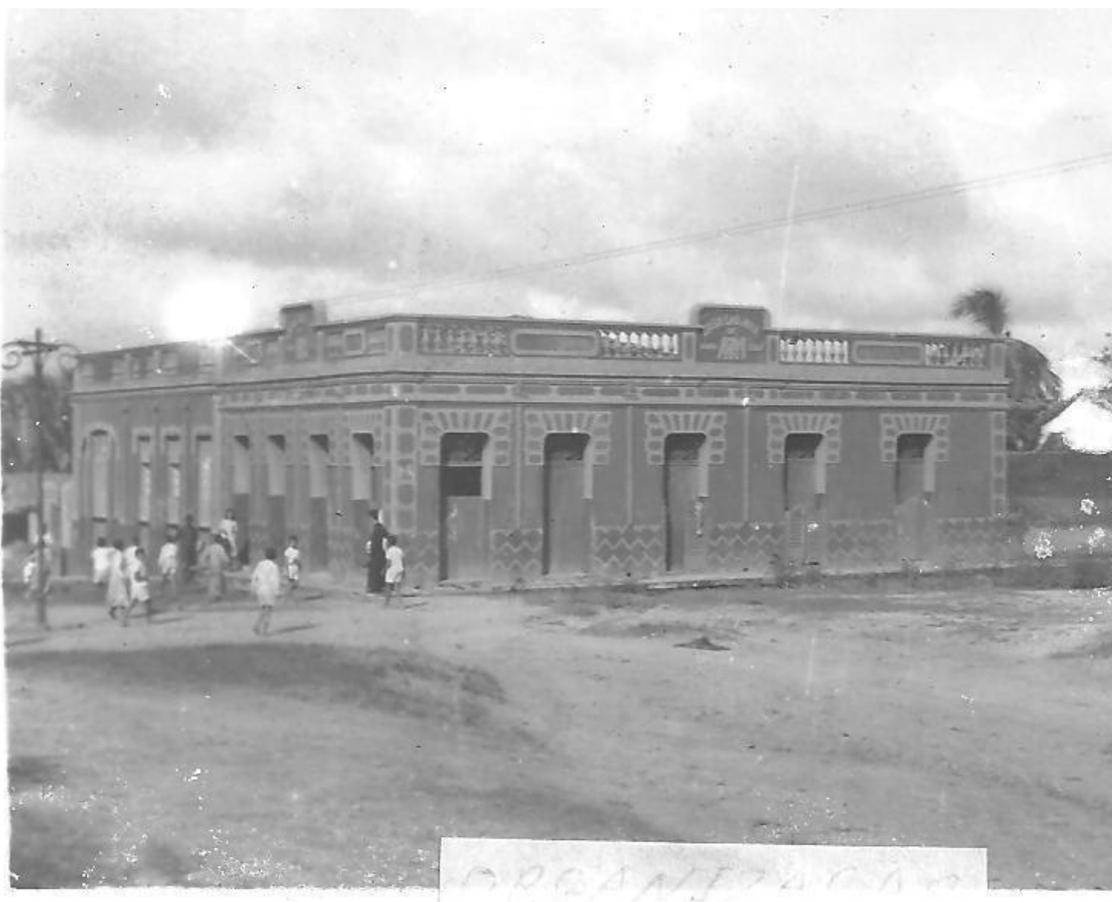
Segundo Leite (2006), a presença dos portugueses também contribuiu para a alteração dos hábitos dos cidadãos de Pinheiro. Nesse período, “[...] chegaram também a Pinheiro os portugueses e se estabeleceram, contagiando os habitantes da Vila com uma cultura diferente, com novo estilo de vida, novos hábitos e novos costumes” (LEITE, 2006, p. 47). Segundo Leite (2006), “[...] elas [as famílias] se estabeleceram e se misturaram com os imigrantes que não paravam de chegar. Abriam casas comerciais, insinuaram-se na política e fizeram a história da Vila de Pinheiro [...]” (LEITE, 2006, p. 45).

Esse grupo, composto de uma elite formada por comerciantes europeus, profissionais liberais, geralmente de famílias ricas e oriundos de outras localidades, em nome do progresso, direcionou a remodelação e reorganização dos espaços da cidade, imprimindo-lhe o brilho e transformando Pinheiro em vanguarda cultural e econômica da região da Baixada.

O desenvolvimento urbano de Pinheiro está intimamente ligado ao processo expresso por meio do desenvolvimento do comércio local e a intensificação da vida urbana. Na dinâmica da cidade, foram projetados, além do Porto, a Loja Maçônica, os teatros, escolas, a Biblioteca Pública, jornal, implantação de iluminação. Entendemos que o desenvolvimento da cidade está associado aos valores estéticos de uma classe social, comerciantes, e aos seus anseios de ter segurança e divertimento, além da ideia de progresso imprimido na época. A cidade necessitava de um espaço disciplinado, replanejado e mecanismos de regulamentação da vida social dos cidadãos, em especial às transformações urbanísticas e culturais que se processaram na cidade de Pinheiro.

A Imagem 34 representa o símbolo do desenvolvimento do comércio e, com base nisso, o desenvolvimento das construções e a remodelação das residências dos comerciantes locais.

Imagem 34 – Residência de Agostinho Marques Ramalho, vendida para a Prelazia de Pinheiro²²



Fonte: Acervo pessoal da Sra. Sandra Mendes.

²² Atualmente, a residência de Agostinho Marques Ramalho, vendida para a Prelazia de Pinheiro, é a residência do bispo e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

O Sobrado de propriedade do pecuarista Clodoaldo Costa Leite, conhecido como Sobrado do Coló, onde anteriormente era ocupado “[...] por uma velha e antiquada casa térrea na qual Albino Rodrigues Paiva instalou a sua primeira casa comercial, no ano de 1912”, deu à cidade um melhor aspecto “[...] a Praça e a rua do canto, rua que se estende até a Praça Forgata, a beira campo” (O PROGRESSO..., 1956, p. 2), o que representou um marco de modernização e modificação da estética da cidade.

Na imagem abaixo, podemos visualizar a residência após remodelação no século XX. A imagem mostra os detalhes das reformas urbanas realizadas na cidade. Acreditamos que a quantidade de portas e janelas tinha por função aumentar a circulação de ar, evitando tornar o ambiente úmido, principalmente com a construção de porão, além de garantir a manutenção do fluxo de pessoas.

Imagem 35 – Sobrado de Coló: 1ª casa comercial de Albino Paiva



Fonte: O Progresso... (1956, p. 2).

Como observarmos, a atividade comercial contribuiu para a transformação do espaço, principalmente pelas construções de casas para moradia e comércio pela elite local, o que contribuiu para o destaque de Pinheiro. A reforma urbanística visava racionalizar e disciplinar os espaços da cidade financiados, em sua maioria, pelo excedente do comércio em Pinheiro, o que permitiu a materialização de padrões estéticos e obras monumentais para os arquétipos locais.

4.9 Elisabetho de Carvalho: a personalidade pública

Elisabetho Barbosa de Carvalho nasceu em Amarante do Piauí, em 11 de novembro de 1886 e faleceu em Pinheiro, no dia 18 de março de 1966. Instalou-se em Pinheiro definitivamente em 1919, como juiz da comarca e, em 1920, casou-se com a pinheirense Fausta Gueterres Soares, filha de Abraão Soares, coletor estadual na cidade. Elisabetho de Carvalho iniciou em Pinheiro, a partir de 1920, um movimento cultural que buscava desenvolver a cidade e dar a ela características de uma cidade moderna e civilizada.

As suas movimentações no seio da elite local data de 1920, quando foi criada a primeira Loja Maçônica da região, “Renascimento de Pinheiro”, que tinha por objetivo a união da sociedade pinheirense em um propósito comum, que era o desenvolvimento e progresso da cidade. Na questão cultural, fundou, em 1921, juntamente com a esposa, o Teatro Guarany, com o objetivo de inaugurar novos hábitos culturais na cidade e excluir gradativamente os costumes considerados grosseiros e ligados às tradições locais, dando lugar a uma vida social mais intensa entre os pinheirenses.

Em parceria com Clodoaldo Cardoso e Brasiliano Barroco, em dezembro de 1921, fundou o Jornal Cidade de Pinheiro, que teve como principal função moralizar a cidade implementando um ar de progresso de civilização nos moldes das sociedades modernas. Em 1922, fundou o Instituto Pinheirense, escola secundária. Já em 1924, Elisabetho de Carvalho, juntamente com Domingos Perdigão, atuou na criação da Biblioteca Popular de Pinheiro.

Esse movimento iniciado em 1920 por Elisabetho de Carvalho teria como função, se não o incremento de um gosto cosmopolita, mas pelo menos despertaria para a sua necessidade. Ele acreditava que as instituições criadas mais a implantação da educação formal seriam capazes de civilizar a sociedade pinheirens e, com isso, transformar a vida social e cultural da cidade.

Imagem 36 – Elisabetho Barbosa de Carvalho,
juiz da Comarca de Pinheiro e
principal idealizador de uma
Pinheiro moderna e civilizada



Fonte: Acervo pessoal da Sra. Sandra Mendes.

O juiz de direito era considerado pelos pinherenses e, também, pelos visitantes como o responsável pela fase de desenvolvimento que a cidade percorreu entre 1920 e 1930, momento que iniciou um movimento cultural que visava modernizar e civilizar Pinheiro, como descreve a passagem a seguir: “Muito deve Pinheiro aos seus dois bem-feitores, os exmo. srs. dr. Elisabetho de Carvalho, deginissimo juiz de direito, e o coronel Josias Peixoto de Abreu, honrado prefeito municipal” (DOIS, 1923, p. 5).

Entre as várias ações do então juiz Elisabetho de Carvalho, destacamos ainda a intervenção para a instalação da Companhia Agrícola e Industrial de Pinheiro (COMPANHIA..., 1928). A Companhia representava a entrada em uma nova fase de progresso, uma vez que atuaria sistematicamente no desenvolvimento da agricultura local com a utilização de maquinários e equipamentos sofisticados para a produção de gêneros para o consumo e a exportação.

Elisabetho Barbosa de Carvalho desempenhou papel importante nas ações que contribuíram para o processo de transformação de uma Pinheiro rural e atrasada para uma

cidade urbana e desenvolvida seguindo o modelo de cidades modernas. O juiz, “[...] espírito forte e nobre a quem deve Pinheiro todos os benefícios realizados nestes últimos annos” (A LUZ..., 1922, p. 1), era tido como principal fomentador das conquistas e transformações que deram a Pinheiro as características urbanas e elevariam o desenvolvimento local.

A Camara Municipal desta cidade acaba de praticar um acto verdadeiramente digno de encomiosa de haver, na sua ultima sessão deste anno, dado o nome do dr. Elisabetho de Carvalho á principal e mais bela via publica de Pinheiro.

Ligados por uma estreita amizade e por uma sincera admiração ao homenageado, natural é que nos sintamos um tanto suspeitos, para nos externar a respeito da justiça que presidio áquella deliberação da nossa camara.

[...]

Quem, com effeito, existirá mais digno de ver o seu nome ligado á nossa melhor rua do que o dr. Elisabetho, esse trabalhador infatigavel, esse cidadão abnegado que, de há dois annos a esta parte, se vam revelando maior operario, de grandesa de Pinheiro.

Ninguem de certo.

Somos e sempre fomos inimigos accerrimos de veso ultimamente tão em moda, de dar-se à ruas, praças e avenidas, nomes de pessôas ainda viva.

No caso concreto, porém, a nossa opinião é que a camara de Pinheiro andou acertadamente, pois de outro recurso não dispunha para demonstrar a sua gratidão ao homem que tanto a tem auxiliado e esclarecido.

Todos nós, os que vivemos nesta terra, sem distincção de classes sociaes e de côr politica, somos testemunhas oculares do esforço extraordinario que o dr. Elisabetho tem enviado para conseguir a elevação de Pinheiro, ao plano onde pairar, os municipios mais importantes do Estado.

[...]

A fundação de uma loja maçonica entre nós, a criação, neta cidade, de uma escola gratuita para creanças pobres, este semanário, a luz electrica, a transferência do centro agrícola de Alcantara para o nosso municipio, são suas obras.

Possuidor de uma extraordinaria força de vontade, amigo incondicional do progresso, propagnador infatigavel dos grandes enmprehendimentos, o conspicuo cidadão de que nos estamos occupando não tem medido sacrificios para levantar Pinheiro do marasmo em que jazia.

[...] (A CAMARA..., 1922, p. 5).

Na Imagem 36, ilustramos a casa do juiz de direito Elisabetho Barbosa de Carvalho, localizada nas mediações da Praça José Sarney e considerado o lugar central de progresso e embelezamento. Atualmente, o prédio ainda preserva as características iniciais e é habitado por seus descendentes.

Imagem 37 – Casa de Elisabetho Barbosa de Carvalho, Juiz de Direito



Fonte: Acervo pessoal da Sra. Sandra Mendes.

Ao adotar uma postura de ordenamento dos bons costumes e da criação de uma moral educadora que faria o controle da população, Elisabetho de Carvalho, propunha não somente zelar pelo bem-estar social, mas cuidar também de aspectos da vida urbana, como o saneamento e a estética da cidade. Para isso, impunha-se a ordenação do espaço urbano por meio do disciplinamento dos hábitos da população. Nesse período, tentou implantar na cidade um processo de transformação que buscava dar ao pequeno lugarejo uma feição urbana:

Nesse tempo ele era intendente – não – uma coisa dessa, aí ele se casou aqui e aqui ficou, depois a juiz, passou muito como juiz, mais tarde, sempre dominou a política, mais tarde ele fundou o Jornal Cidade de Pinheiro, ele e Clodoaldo Cardoso, eram três, mas tarde ele foi deputado federal e sempre militou e sempre comandando a política de Pinheiro. A história dele é curta, mas sempre envolvendo a cidade. Ele tinha o cuidado, você ver que esta rua grande é reta, a da Matriz é sinuosa porque foi feita à vontade. Nesse tempo ele disse: não, faz uma casinha nesse rumo, e mandou, naquela época, o engenheiro medir, e deixar reto. Vem cá meu filho não faz essa casa aí, conseguiu esse alinhamento mais ou menos da rua, tu ver que as ruas são retas. Coisa difícil ver em interior tudo é (referência a torto)... então fundou o jornal e por fim eleito prefeito (informação verbal)²³.

O início do século XX apresentou-se para Pinheiro com vigor, poder e espírito expansionista sem precedentes na história da cidade. Semeou possibilidades de reconfigurações que deixaram marcas como signos de um período filtrados pela elite que idealizou a reestruturação da cidade sob referenciais das cidades da Europa, especificamente de Paris.

²³ Informações fornecidas por Deusdedit Leite em entrevista concedida em 19 de setembro de 2020.

As transformações empreendidas em Pinheiro objetivaram, além da remodelação, ampliação e construções de espaços públicos, a consolidação de outro tipo de sociabilidade: o perfil dos habitantes da cidade deveria estar condizente com a urbanística da *Belle Époque*.

As transformações pelas quais Pinheiro passou, engendrada em grande parte pelo comércio, significou no imaginário a materialização de uma modernidade expressa pelo investimento em obras públicas, urbanização, equipamentos culturais e a construção de um modelo de sociedade moderna.

No período que caracterizamos aqui, percebemos uma tentativa de inserção da cidade de Pinheiro nos moldes de uma ordem social da elite local: comerciantes, fazendeiros, apoiados pelas autoridades públicas, iniciando-se com a criação de equipamentos culturais e buscando a inserção de mecanismos importantes para a construção de uma cidade que teve progresso, com base em novas dimensões culturais, padrões e referências.

Ao longo deste trabalho e ao analisarmos as representações de Pinheiro, suas configurações e sua sociabilidade, podemos compreender, com base nos instrumentos urbanos, culturais e sociais, os mecanismos que estruturaram a modernização da cidade, ocorrida nas primeiras décadas do século XX e que contribuíram para a coroação do título de Princesa da Baixada décadas mais tarde.

As transformações da sociedade pinheirense do século XX tiveram implicações nas esferas cultural e social. Destacamos que esse período foi caracterizado por transformações urbanísticas e sociais, como a chegada da luz elétrica, abertura de teatros, desenvolvimento de meio de comunicação na modalidade imprensa, construção de casas e comércios com novos estilos arquitetônicos. Nesse cenário, estavam inseridos os indivíduos com seus modos de vida e desejos.

Configurou-se o início de um ciclo de crescimento e mudança: parte do excedente que se originou do comércio foi investido na área urbana, com o calçamento de ruas com paralelepípedos, na construção de prédios, como o Sobrado de Albino Paiva, e a própria expansão da *urbe* com uma nova estética.

Essa modernidade era caracterizada pela urbanização, crescimento da cidade (em área e densidade populacional), mudança de comportamento público e privado, transformação das ruas em lugares onde as pessoas circulavam e podiam exibir o seu poder político e econômico. Assistimos a uma tentativa de transformação no modo de vida e montagem de uma nova estrutura urbana para a cidade.

Observamos ainda que o Jornal Cidade de Pinheiro, que teve sua primeira edição no Natal de 1921, por iniciativa de Elisabetho de Carvalho, Clodoaldo Cardoso, foi um

importante instrumento de divulgação, controle e normatização das relações sociais na cidade, estabelecendo e divulgando as posturas a serem adotadas. Assim, Pinheiro, entre 1920 e 1930, assumia a vanguarda do movimento cultural da região da Baixada Maranhense, o que lhe rendeu o reconhecimento de mais bela cidade do litoral e a construção na memória de seus habitantes do título de Princesa da Baixada, cunhado, a que tudo indica, no ano de 1934, após uma década de implementação de equipamentos culturais e a reformulação urbana nos moldes de cidades modernas.

Pinheiro enfatizava o discurso sustentador desse processo que em marcha estavam o progresso e a civilização cujos discursos mais claros estavam nos equipamentos e nas práticas sociais da vida moderna como a higiene urbana, comunicação impressa, embelezamento, navegação a vapor, sociabilidade e atividade intelectual reflexiva dos novos tempos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou apreender e caracterizar o contexto histórico e cultural, no qual se observam profundas mudanças na cidade de Pinheiro, a exemplo da reforma urbana e nas mudanças dos comportamentos sociais e culturais cidade, na primeira metade do século XX, entre as décadas de 1920 e 1930. A necessidade de reestruturar o espaço urbano, tanto pelos equipamentos públicos e as propriedades privadas, levou a classe dominante pinheirense, formada principalmente por comerciantes e funcionários públicos, a replanejar a cidade e criar mecanismos de controle da vida social de seus habitantes em nome do progresso, da civilidade e da modernização.

Pinheiro, a partir de 1920, iniciou um projeto de total reestruturação da cidade, principalmente na gestão de Josias de Abreu, que resultou no melhoramento urbano na área central da cidade. Esse projeto trazia a adoção de duas medidas principais: a primeira seria a criação de leis que viabilizassem o ordenamento da *urbe* para a renovação urbana e estética por meio da criação de espaços públicos, abertura e pavimentação das ruas e construção de prédios em estilos arquitetônicos modernos; e a segunda, a criação de medidas de controle dos hábitos e costumes dos moradores da cidade.

Ao iniciar este trabalho, propusemos-nos a analisar a inserção da cidade de Pinheiro no movimento denominado de *Belle Époque*, investigando como esse movimento influenciou as transformações culturais e urbanísticas observadas entre as décadas de 1920 a 1930. Para tanto, buscamos investigar o contexto histórico, político, social e cultural que possibilitaram a reformulação da cidade em diferentes perspectivas da primeira metade do século XX em diante.

Em nome da modernidade, do progresso e da civilização, a cidade foi transformada, adotando características urbanas de cidades como Belém, Manaus, São Luís e, de uma forma incipiente, da distante Paris. A elite local, apropriada do excedente gerado pelos negócios agrícolas, pelo comércio e extrativismo, deixou-se seduzir pelo luxo e pela ostentação como forma de expressar o refinamento de uma classe dominante.

Observamos essa relação, com base na análise das representações existentes no periódico *Jornal Cidade de Pinheiro*, que, classificado como de interesse geral, teve como principal foco nortear a vida social e cultural da cidade. Essa conjunção de fatores demonstrou um desejo de diferentes agentes sociais de replanejar e transformar a cidade, com ênfase na criação de espaços de vivências e equipamentos culturais.

Iniciamos a escrita desta dissertação com um arcabouço teórico que pudesse

sustentar a explanação das ideias aqui expressas e subsidiar a hipótese da existência de uma *Belle Époque Pinheirense*, com base na análise das categorias fundamentais para a compreensão do processo de tentativa de modernização de Pinheiro em uma perspectiva da cultura, da história cultural e da memória. Para tanto, valemo-nos de autores como Cuche, Ortiz, Boas, Tylor, Geertz, Thompson, Eagleton, Canclini, Laraia, Chauí, Burke, Chartier, Hunt, Pesavento, Bergson, Halbwachs, Pollak, Nora, Tuan, Bachelard, Certeau, Durkheim, Moscovici, Berman, Lacroix, entre outros.

Além desse arcabouço teórico que deu base para a compreensão do contexto do fenômeno da *Belle Époque*, outro conjunto de referências centrou-se na compreensão desse período da história, que, por sua vez, foram essenciais para correlacionar vários aspectos com aquilo que observamos empiricamente em Pinheiro de 1920 a 1930 e as transformações empreendidas nesse período, que objetivaram, para além da remodelação dos espaços públicos, criar novas sociabilidades que abandonavam o modelo de uma cidade rural para uma cidade condizente com a “vida moderna”. Logo os hábitos sociais deveriam estar em consonância com os moldes da *Belle Époque* que influenciaram o cotidiano da cidade.

Ressaltamos que essa hipótese, outrora preliminar, se confirmou à medida que a pesquisa avançou, especialmente na análise documental, ao passo que as entrevistas e a consolidação dos resultados forneceram subsídios ainda mais importantes para aprofundar a construção do imaginário, que tinha como modelo de referência a *Belle Époque*.

Ao realizarmos as entrevistas semiestruturadas com os atores sociais da cidade, como também a análise das obras de caráter historiográfico e memorialista, além das notícias contidas no jornal Cidade de Pinheiro, as obras da literatura, os documentos diretivos, entre outros, concluímos que o município vivenciou um momento de transformações econômicas, políticas, culturais e sociais que refletiram na dinâmica da sociedade pinheirense. E que, com base nisso, podemos falar em uma *Belle Époque* tardia na Baixada Maranhense, tendo em Pinheiro seu expoente.

Tal leitura dá início a um novo momento na historiografia e nos estudos culturais locais que abordam a história mais recente de Pinheiro, cuja produção encontra paralelo em análises semelhantes ocorridas para as cidades que estão distantes das capitais mais proeminentes da época, como Caxias, no Maranhão e Seridó no Rio Grande do Norte. Logo podemos afirmar que houve um movimento de modernização, civilidade e progresso em regiões interioranas no norte do Brasil, acompanhando os movimentos observados em São Luís, Belém e Manaus.

Ao realizarmos a análise das fotografias e notícias do jornal Cidade de Pinheiro,

uma das principais fontes de informações quanto às representações e ao imaginário do cidadão pinheirense resultantes desse período, observamos que a construção do título até hoje entoado nos quatro cantos da cidade, a de Princesa da Baixada, esteve relacionado com uma sociedade imaginada por um grupo e que despertou na sociedade uma euforia de progresso. O imaginário, o qual investigamos não como oposto do real, mas como um “sistema de ideias e imagens de representação coletiva” (PESAVENTO, 1995, p. 9), visto que a temática é uma tendência de análise da chamada Nova História Cultural, mostrou como esses fatores confluíram na relação da *Belle Époque* e o desejo de uma sociedade moderna.

Podemos afirmar que a navegação costeira, com a rota dos vapores entre Belém e São Luís com escala no Porto de Pinheiro, no início do século XX, fez da cidade uma região próspera, apesar de ser uma das mais jovens da região, inclusive apontada como mais desenvolvida do que as mais antigas: São Bento, Guimarães, Viana e Cururupu. Tais aspectos demonstram que a cidade de Pinheiro cresceu, tornando-se um entreposto entre o litoral e os campos alagáveis, o que possibilitou as rotas tanto pelo rio quanto pela costa marítima.

A memória é um recorte que se faz daquilo que se imagina sobre um tempo que passou, e, ao aprofundarmos nas representações sobre a cidade contidas no periódico da época, verificamos que a cidade se organiza no mínimo 30 anos no desejo de se remodelar utilizando palavras de ordem como: progresso, civilização e moderno, o que legitima o título de Princesa da Baixada, estampado na memória elaborada pelos pinheirenses. Contatamos, assim, que a denominação de Princesa da Baixada já era tratada entre 1920 e 1930 por conta de uma década de melhorias contínuas em vários aspectos, o que rompe com a visão estrita da cidade e também com as narrativas de melhorias realizadas apenas recentemente.

Dessa forma, a pesquisa se configurou como uma ruptura dos discursos oficiais recentes de que a cidade experimentou movimentos de melhoria econômica e social apenas da década de 1960 em diante. A esse respeito, consideramos que um dos aspectos que tardaram a trazer a Pinheiro do início do século XX reside no fato de que os jornais da cidade nunca foram de fato explorados na sua potência. Na verdade, o que se tem são crônicas em cima dos jornais, e nós, com a elaboração desta dissertação, problematizamos e consideramos que houve, no período entre 1920 e 1930, um grande movimento de modernização e urbanização, e que, por isso, podemos afirmar sem receio acerca de uma *Belle Époque* na cidade de Pinheiro.

A esse respeito, observamos que, em cidades menores, também houve os seus movimentos de modernização e melhorias nas condições sanitárias, na urbanização e nos costumes. O que podemos ver nas décadas posteriores é uma perda no sentido do urbano, do

coletivo, e a cidade vai ganhando outros contornos, crescendo e tendo por base outros modelos de pensamento de acordo com a conjuntura de cada época.

Entre 1920 e 1930, existiu um contexto maior, que foi esse movimento de embelezamento e modernização que buscou deixar para trás o passado agrário. Logo os proprietários de terra foram envolvidos nesse movimento de modernização e progresso com referência dos grandes centros urbanos e construindo uma cidade de progresso, rica e civilizada.

Os exemplos que subsidiam esta pesquisa são muitos e foram minuciosamente apresentados em nossas narrativas. Entre eles, podemos citar: o surto de embelezamento da cidade, principalmente com o traçado das largas ruas, arborização das vias públicas, construções de casas de platibanda e tentativa de expulsar da área central da cidade os cidadãos que não eram condizentes com esse processo. A construção desses espaços era um desejo dessa elite que queria flunar com as novidades vindas dos centros urbanos: a mobília, as roupas, a moda, as sociabilidades. Pinheiro tem, na sua proporção, essas influências, visto que ela teve essa ligação, principalmente pelos vapores, com a cidade de Belém e São Luís, vindo pessoas de outras regiões, fato que oxigenava os ideais da cidade.

Esse movimento foi possível com a chegada à cidade de pessoas que tinham um pensamento considerado de vanguarda para a época, como Elisabetho Barbosa de Carvalho e Josias de Abreu, que trocavam informações com outras regiões e faziam parte de uma elite letrada. Isso se refletiu no próprio olhar que eles tinham da cidade e de suas projeções para uma nova Pinheiro.

A relação da elite pinheirense com a cidade de Belém, que estava no auge da *Belle Époque*, também pode ser um aspecto importante, o que tornou Pinheiro um centro de consumo de produtos industrializados advindos dessas regiões. Culturalmente, a cidade foi dominada pelo “feticismo”, o que se explica pelo hábito que tinham as famílias mais abastadas em consumir coisas vindas de fora, principalmente da França.

Logo o cenário da cidade foi se transformando em “espaço de mais elegante e chique”, por onde a elite desfilava e exibia o seu poder econômico. O resultado desse processo de embelezamento e remodelação da cidade é a transformação desse espaço urbano, com a expulsão dos setores mais populares para áreas mais distantes do centro.

Nesse sentido, o poder público proibia a construção de casas de palhas na área central da cidade, principalmente ao longo da Rua Nova e no entorno da Praça da República, local onde residia a elite e o que havia de mais “chique na cidade”. Além disso, alertavam os proprietários de prédios próximos à Praça da República que deveriam adequar seus prédios à

nova estética da cidade, devendo adequá-los a essa nova arquitetura. A modernização com os *boulevards*, a construção de praças e casas em estilo arquitetônico harmonioso são instrumentos decisivos para desenvolver e acelerar a civilização da cidade.

Nesse contexto de mudanças, a cidade não seria a mesma, e a emergência das novas construções causaria uma renovação da linguagem arquitetônica tendo em vista as novas técnicas e as demandas da sociedade comercial. Com ruas remodeladas e largas, Pinheiro buscava com ansiedade tudo o que referia à vida moderna: novas tecnologias com a vinda do rádio e automóvel, meios de comunicação (jornal e telegrafo), eventos da modernidade (bailes e clubes), teatro e clubes sociais de cavalheiros, como a maçonaria. Essas novidades eram cotidianamente propagandeadas pelo jornal Cidade de Pinheiro e pelos telégrafos, além de trazer notícias de outras partes do Brasil e do Mundo.

A comunicação foi aos poucos influenciando a vida social e urbana da cidade, criando formas de sociabilidade e vivências do espaço. Entre 1920 e 1930, realizaram-se eventos precursores das ideias modernas em uma cidade que financiava sua urbanização com o excedente do capital comercial acumulado na extração da amêndoa do babaçu e outros gêneros agrícolas trazidos aos comerciantes pelos aviadores da região.

As ideias de remodelação das edificações e de melhoramentos urbanos, correspondendo às aspirações sanitárias, orientaram as intervenções sobre a cidade até a metade da década de 1930. O remodelamento desses espaços tinha por objetivo a adaptação dos espaços da *urbe* e o de dar à cidade novas condições de uso desses espaços por onde a elite via e era vista, como uma forma de apresentar seu poder econômico e político.

Os incentivos para as intervenções nos edifícios privados contribuíram para o melhoramento da estética da cidade. De fato, as intervenções eram mais contundentes em prédios privados com as construções e os acréscimos de elementos arquitetônicos como as casas com platibandas e linhas verticais nas edificações de pequeno porte, uma influência da *Art Déco* vista na arquitetura da cidade, a remodelação de casas que se achavam em “ruínas”, cobertas de palhas, principalmente as localizadas no entorno da Praça da República e Rua Nova, limpeza e pintura das fachadas e construções de passeios públicos. Para garantir a remodelação do espaço urbano, era necessário que os novos edifícios fossem construídos com técnicas modernas. Dessa forma, foram criados mecanismos como a Lei nº 23, de 1923, que assim fixava o regulamento do padrão de edifícios a serem construídos, permitindo a isenção de impostos e ajuda no transporte do material para a construção.

Na década trabalhada nesta dissertação, encontramos reflexos de uma nova forma de pensar a cidade estampados nas páginas do periódico que exibia o próprio modo de vida

local. A experiência da modernidade prosseguiu no imaginário local, visto que a análise desse processo só foi possível pelo diálogo entre os escritos produzidos que nos remete ao período analisado, consubstanciado com a análise de outras fontes, como os relatos orais, as fotografias e notícias produzidas na época.

Entendemos que eles foram fundamentais por trazerem mensagens, intenções e representações que nos ajudaram a contextualizar os aspectos culturais, sociais e políticos da sociedade pinheirense de uma época em que a produção de distintos discursos sobre o surgimento de uma cidade moderna trouxe no seu cerne uma nova configuração urbana e a formatação de novos hábitos e costumes vindos de fora.

O imaginário da modernização, além dos novos hábitos, vestuários e sociabilidade, é revestido de um valor simbólico. Nesse sentido, as memórias que os relatos orais nos trazem não são apenas reminiscências, são memórias e lembranças carregadas de sentidos que compõem e permitem refletir sobre um passado.

A análise das representações contidas nos jornais, relatos orais e imagens permitiu compreendermos a relação do processo da modernização de Pinheiro aos moldes da *Belle Époque* parisiense e o contexto em que o título de Princesa da Baixada foi cunhado. Além de registrar o cotidiano de uma sociedade em processo de transformação fundamental para a construção da memória de uma *Belle Époque* local, identificamos “[...] o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada sociedade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 76). Logo, as representações elaboradas pela elite “descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que ela fosse” (CHARTIER, 1990, p. 22).

Quando problematizamos sobre o tema em questão, tínhamos uma vaga noção das dificuldades, sobretudo, no que concerne ao acesso a muitas fontes e aos poucos escritos dessa natureza na produção do conhecimento em Pinheiro. Contudo o período atual dificultou ainda mais o acesso a fontes, a realização das entrevistas e as atividades inerentes à sistematização de dados primários.

Apesar disso, continuamos firmes no propósito de analisar a conjuntura econômica, política e cultural que permitiu a cunhagem do título de Princesa da Baixada para a cidade. Fazer uma leitura sobre o passado de Pinheiro não é uma tarefa fácil diante da escassez e, principalmente, falta pela dificuldade de acesso e pela conservação das fontes de pesquisas, que, muitas vezes, se encontram deterioradas ou em posse de particulares, acarretando que o pesquisador fique à mercê da boa vontade dessas pessoas de disponibilizar o material para análise. Soma-se a isso o contexto pandêmico que vem nos assolando e que

colocou um obstáculo a mais devido à crise sanitária causada pela covid-19. Não obstante, obstáculos foram feitos para serem superados, e a finalização da jornada, iniciada há dois anos, é a prova de que a resiliência e a persistência sempre valerão a pena.

REFERÊNCIAS

- [ENCERRAMENTO das atividades da Escola Normal]. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, ano 5, n. 259, p. 5, 28 nov. 1926.
- [LANCHA à motor]. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 342, p. 1, 1 jul. 1928.
- A ARBORIZAÇÃO de acacias. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 324, p. 1, 26 fev. 1928.
- A ARBORIZAÇÃO. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 62, p. 3, 18 fev. 1923.
- A CAMARA Municipal. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 55, p. 5, 31 dez. 1922.
- A LUZ electrica. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 55, p. 1, 31 dez. 1922.
- A PROXIMA temporada carnavalesca – o casino Pinheirense os clubs carnavalescos. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 165, p. 5, 8 fev. 1925.
- ABREU, Josias. Título. *In*: SOARES, José Jorge (org.). **Coisas de Antanho**: (crônicas). Pinheiro: Academia Pinheirense de Letras, Artes e Ciências, 2006.
- AGORA. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 11, p. 5, 5 mar 1922.
- ALVIM, Aymoré de Castro. Pinheiro em Foco. *In*: ALVIM, Aymoré de Castro. **Aspectos históricos**. São Luís: [s.n.], 2006.
- ARRUDA, Ângela. Representações Sociais e Movimentos Sociais: Grupos Ecologistas e Ecofeministas do Rio de Janeiro. *In*: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (orgs). **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: AB, 1998. p. 71-86.
- AS CASAS de platibandas. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 80, p. 3, 24 jun. 1923.
- AS CONSTRUÇÕES. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 140, p. 3, 17 ago. 1924.
- AS CONSTRUÇÕES. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 29, p. 1, 9 jul. 1922.
- AS CONSTRUÇÕES. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 306, p. 3, 23 out. 1927.
- AS CONSTRUÇÕES. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 664, p. 3, 16 set. 1934.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARROS, Valdenira. **Imagens do moderno em São Luís**. São Luís: Unigraf, 2001.

BENJAMIN, Walter. Paris, Capital do Século XIX. *In*: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Tradução Irene Arone Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Tradução Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução: Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ionani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BIBLIOTHECA Popular. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 108, p. 3, 6 jan. 1924.

BIBLIOTHECA Popular. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 90, p. 1, 30 dez. 1923.

BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Tradução Celso de Castro. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Teorias da Elites. *In*: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Tradução Carmen C. Varriale, Gaetano Lo Mônaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cacaís e Renzo Dini. Brasília: Universidade de Brasília, 1998. v. 1, p. 385.

BONVINI, Mariana. This item is unavailable | Etsy. *In*: PINTEREST. **This item is unavailable | Etsy**. [S.l.], [20--]. 1 imagem. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/128845239322064950/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGA, Bruno Miranda. A cidade e suas representações: Manaus no Século XIX (1850-1883). **CLIO**: Revista de Pesquisa Histórica, Pernambuco, v. 34, n. 1, p. 163-184, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/25026/20273>. Acesso em: 27 jul. 2020.

BUENO, Eduardo. **Brasil**: uma história: cinco séculos de um país em construção. São Paulo: Leya, 2010.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade. 4 ed. 8. reimp. São Paulo: Edusp, 2019.

CARDOSO, Eliseu. Bela Princesa. [Pinheiro]: [s.n.], 30 nov. 2020. 1 vídeo (2 min 38 s). Publicado pelo canal Eliseu Cardoso. Disponível em: <https://youtu.be/cZngCBW7jxg>. Acesso em: 16 jul. 2020.

CASTRO, Fábio Fonseca de. **A cidade Sebastiana: era da borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade**. Belém: Edições do autor, 2010.

CEMITERIO S. Ignacio. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 129, p. 5, 1 jun. 1924.

CERTEAU, M. de. **A cultura do plural**. Tradução Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 2016.

CERTEAU, M. de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Mara Gsthardo. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

CHAUI, Marilena. Cultura e Democracia. **Crítica y emancipación** : Revista latinoamericana de Ciencias Sociales, Buenos Aires, ano 1, n. 1, p. 55-76, jun. 2008. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2020.

CIDADE DE PINHEIRO. Pinheiro: Elisabetho de Carvalho, Josias Abreu e Clodoaldo Cardoso, 1922-1930. 8 imagens.

COELHO, Geraldo Mártires. Na Belém da *belle époque* da borracha (1890-1910): dirigindo olhares. **Escritos**: Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, ano 5, n. 5, p. 141-168, 2011. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero05/sumario05.php>. Acesso em: 27 jul. 2020.

COMPANHIA Agricola e Industrial. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 334, p. 3, 6 maio 1928.

COSTA, Diulinda Pavão. **O cenário educacional na Princesa da Baixada (1920-1960)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2012.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Gaudêncio. **Maranhão 1908 – Álbum Fotográfico**. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 2008.

DOIS em Pinheiro. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 72, p. 5, 29 abr. 1923.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010. p. 62-83.

DURKHEIM, Émile. **Sociologia e filosofia**. Tradução de Fernando Dias Andrade. São Paulo: Ícone, 2007.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

ESSES. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 103, p. 1, 2 dez. 1923.

ESTATUTOS do Casino Pinheirense. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 171, p. 5, 22 mar. 1925.

ESTRELLA, Raimundo das Chagas. As minhas impressões. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 455, p. 1, 31 ago. 1930.

FALTA de casa. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 285, p. 5, 29 maio 1927.

FURTADO FILHO, Douglas. **Da povoação de Pinheiro à Princesa da Baixada**: história cronológica do município de Pinheiro. São Luís: Edição do autor, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRUPO escolar Odorico Mendes. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, ano 6, n. 271, p. 1, 20 fev. 1927.

HAI DUKE, Paulo Rodrigo Andrade. Crises, dilemas e ambiguidades na modernidade: o caso da Paris *fin-de-siècle e belle époque*. **Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, ano 11, v. 11, n. 1, p. 1-17, jan./jun. 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Rubí, Barcelona: Anthropos Editorial; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

HOSPEDES e viajantes. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 178, p. 5, 10 maio 1925.

HUNT, Lynn (org.). **A nova história cultural**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. [Fotografias da Cidade de Pinheiro no século XX]. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Histórias e fotos:** Pinheiro. [Rio de Janeiro]: IBGE, [1959]. 3 fotografias. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/pinheiro/historico>. Acesso em: 27 jul. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pinheiro: população. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados.** [Rio de Janeiro]: IBGE, 2019. Disponível em: ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/pinheiro.html. Acesso em: 27 jul. 2020.

ITALO. ‘O Menestrel’ de Shakespare para desejar Feliz 2018! In: ITALO. **Italo.** [Paraná], 31 dez. 2017. Disponível em: <https://colunaitalo.com.br/destaque/653/o-menestrel-de-shakespare-para-desejar-feliz-2018>. Acesso em: 29 jan. 2021.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **São Luís do Maranhão, Corpo e Alma.** 2. ed. ampliada. São Luís: Edição da autora, 2020. v. 1. *E-book*.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **São Luís do Maranhão, Corpo e Alma.** 2. ed. ampliada. São Luís: Edição da autora, 2020. v. 2. *E-book*.

LANCHA á motor. **Cidade de Pinheiro,** Pinheiro, n. 345, p. 1, 22 jul. 1928.

LARAIA. Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 22. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 1990.

LEI. **Cidade de Pinheiro,** Pinheiro, n. 73, p. 4, 13 maio 1923.

LEITE, Graça. **Lá Vêm elas! Panorama da Evolução feminina na cidade de Pinheiro.** Pinheiro, [s.n.], 2006.

LEITE, Graça. **O Sonho e o Tempo.** São Luís: [s.n.], 2000.

LIMA, Natália Dias de Casado. *A Belle époque: transformações urbanas, moda e influências do Rio de Janeiro.* In: ENCONTRO ESTADUAL DA ANPUH/SP, 24., 2018, Guarulhos. **Anais [...].** Guarulhos: [s.n.], 2018.

LIMA, Natália Dias de Casado. *Moda e Art Nouveau na Belle Époque francesa.* **Achiote:** Revista eletrônica de moda, Minas Gerais, v. 5, n. 2, dez. 2017.

LOPES, José Antonio Viana (org.). **São Luís Ilha do Maranhão e Alcântara:** guia de arquitetura e paisagismo. Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Transportes, Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 2008.

M.M. Pinheiro progride. **Cidade de Pinheiro,** Pinheiro, n. 49, p. 3, 19 nov. 1922.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa:** elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MÈRCHER, Leonardo. *Belle époque* Francesa: a percepção do novo feminino na joalheria *Art Nouveau*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL: Escritas da História: Ver-Sentir- Narrar, 6., 2012, Piauí. **Anais** [...]. Piauí: [s.n.], 2012. p. 1-11.

MILAGRE JÚNIOR, S. L.; FERNANDES, T. F. *Belle Époque* Brasileira: as transformações urbanas no Rio. **Revista História em curso**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 19-33, 2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/historiaemcurso/article/view/5337>. Acesso em: 21 ago. 2017.

MOSCOVICI, Serge. The Phenomenon of Social Representations. In: FARR, R.; MOSCOVICI, S. (org.). **Social Representations**. Cambridge: University Press, 1984.

NAVEGAÇÃO costeira. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 52, 10 dez. 1922.

NO INICIO do oitavo anno. **Cidade de Pinheiro**, ano 8, n. 367, p. 1, 25 dez. 1928.

NO LIMINAR do 2º anno. **Cidade de Pinheiro**, n. 54, p. 1, 24 dez. 1922.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Tradução Yara Aun Khoury.

O CARNAVAL. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 11, p. 6, 5 mar. 1922.

O CARNAVAL. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 112, p. 5, 3 fev. 1924b.

O CARNAVAL. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 116, p. 1-3, 2 mar. 1924a.

O CARNAVAL. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 168, p. 3-5, 1 mar. 1925.

O CARNAVAL. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 322, p. 8. 12 fev. 1928.

O CASINO Pinheirense dará hoje a sua festa inaugural, o traje. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 166, p. 1, 15 fev. 1925b.

O CASINO Pinheirense. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 166, p. 1, 15 fev. 1925a.

O CASINO Pinheirense. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 167, p. 3-5, 22 fev. 1925.

O DR. Tom Bower. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 25, p. 3, 11 jun. 1922.

O ILUSTRE jornalista carioca dr. Costa Bivar, fala á “Cidade de Pinheiro”. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 205, p. 1, 15 nov. 1925.

O PROGRESSO de Pinheiro. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, p. 2, 3 set. 1956. Caderno 2. Edição do centenário. 1 imagem.

O PROGRESSO de Pinheiro. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, p. 2-4, 3 set. 1956. Caderno 2. Edição do centenário.

ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade**: a França no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PARECE. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 26, p. 9, 7 set. 1922.

PELA BELLESA da cidade. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 247, p. 3, 5 set. 1926a.

PELA BELLESA da cidade. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 248, p. 3, 12 set. 1926b.

PELA URBS. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 11, p. 5, 5 mar. 1922.

PELA URBS. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 311, p. 1, 27 nov. 1927.

PELAS URBS. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 26, p. 1, 18 jun. 1922.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em Busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PINHEIRO e o progresso maranhense. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 261, p. 1, 12 dez. 1926.

PINHEIRO progride – o que diz sobre a futuosa cidade maranhense um jornalista carioca. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 180, p. 1, 24 maio 1925.

PINHEIRO. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 52, p. 1, 10 dez. 1922.

PISSETTI, Rodrigo Fernandes; SOUZA, Carla Farias. Art Nouveau e Art Déco: confluências. **Revista Imagem**, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 1, p. 17-24, jun./dez. 2011. Disponível em: http://revistaimagem.fsg.br/_arquivos/artigos/artigo72.pdf. Acesso em: 27 jul. 2020.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUANDO. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 142, p. 1, 31 ago. 1924.

REGULAMENTO da Bibliotheca Popular de Pinheiro. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 107, p. 5, 6 jan. 1924.

RELATORIO. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 52, p. 3, 24 dez. 1922.

RODRIGUES, Caroline. **Barcelona Cidade**. In: PINTEREST. Barcelona. [S.l.], [20--]. 1 imagem. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/502503270906170490/?autologin=true>. Acesso em: 29 jan. 2021.

RUFINO, Marcos Pereira. Carnaval brasileiro - o vivido e o mito. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 36, p. 243-252, 1993. Resenha da obra de QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Carnaval brasileiro: o vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1992. 239 p. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1993.111397>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111397>. Acesso em: 22 jan. 2021.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a belle époque: 1870-1912**. Belém: Paka-Tatu, 2010.

SELVAGERIA. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 83, p. 2, 15 jul. 1923.

SILVA, Vânia Polly da. **Identidade e distinção: moda nas revistas brasileiras na década de 90**. 2005. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Programa de Pós-graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SOARES, José Jorge (org.). **Coisas de Antanho, Josias Abreu**. São Luís: Academia Pinheirense de Letras, Artes e Ciências, 2006b.

SOARES, José Jorge. **Lugar das Águas: Pinheiro (1856 a 2006)**. São Luís: Lino Raposo Moreira, 2006a.

SOARES, Wilson. Pinheiro retrospectivo – um pouco de estatística comparada. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 523, p. 34, 25 dez. 1931.

SOARES. Pela Maçonaria. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 16, p. 5, 9 de abril de 1922.

SOUZA, Fernando Gralha. **A Belle Époque Carioca: Imagens da modernidade na obra de Augusto Malta (1900-1920)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/handle/ufjf/2922>. Acesso em: 27 jul. 2020.

SOUZA, Thiago Henrique Albuquerque. **[Localização Geográfica da Cidade de Pinheiro]**. [S.l.: s.n.], 2021a. 1 mapa.

SOUZA, Thiago Henrique Albuquerque. **[Rotas da Navegação Litorânea]**. [S.l.: s.n.], 2021b. 1 mapa.

THE CITY of Manáos and the country of Rubber tree state of Amazon, Brasil, Souvenir: of the Columbian Exposition Chicago, 1893. In: EXPOSIÇÃO Colombiana Mundial (1893: Chicago, Illinois). [S.l.], 21 jul. 2017. Disponível em: <https://archive.org/details/cityofmanaoscoun00unse>. Acesso em: 29 jan. 2021.

THIRSO. Pela URBS. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 22, p. 4, 22 maio 1922b.

THIRSO. Pelas URBS. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 26, p. 4, 16 jul. 1922a.

THOMPSON, John B. O conceito de cultura. *In*: THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 2000.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: perspectiva da experiência. Tradução Lívia Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente. Tradução Lívia Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

UM INSTITUTO de Ensino. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 21, p. 3, 23 abr. 1923.

UM MUNICÍPIO que progride. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 111, p. 3, 27 jan. 1924.

UM PEREGRINO. *In*: TUMBLR. [S.l.], 10 jun. 2018. Disponível em: <https://unpelerin.tumblr.com/post/174764886101/embora-com-grande-dificuldade-eu-tenha-chegado>. Acesso em: 29 jan. 2021.

UMA BOA idéia. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 157, p. 1, 14 dez. 1924.

UMA FESTA, que impressionou mal. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 359, p. 3, 28 out. 1928.

VAPOR Itapeua. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 171, p. 3, 22 mar. 1925.

VAPOR Itapéua. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 239, p. 5, 11 jul. 1926b.

VAPOR Itapeua. **Cidade de Pinheiro**, Pinheiro, n. 242, p. 5, 1 ago. 1926a.

VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. A História Cultural e as Fontes de Pesquisa. **Revista Histedbr On-line**, Campinas, v. 15, n. 61, p. 367-378, mar. 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640533/8092>. Acesso em: 27 jul. 2020.

VIVEIROS, Jerônimo de. **Quadros da Vida Pinheirense**. São Luís: Instituto Geia, 2007.

VIVEIROS, Jerônimo de; ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (org.). **História social, econômica e política de Pinheiro**. São Luís: UEMA, 2014. [Publicação póstuma dos escritos do Jerônimo de Viveiros].

WAGNER, W. Descrição, explicação e método na pesquisa em Representações Sociais. *In*: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (org.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 149-186.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor (a),

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada: **PRINCESA DA BAIXADA E A BELA ÉPOCA PINHEIRENSE**: aspectos políticos e culturais na cidade de Pinheiro, entre as décadas de 1920 e 1930, cujo objetivo é refletir, por meio de fontes documentais e orais, sobre o processo de inserção da cidade de Pinheiro - MA no movimento da “*Bela Época*”, por meio das transformações culturais e urbanísticas que ocorreram no início do século XX, entre as décadas de 1920 -1930, tendo em vista a construção do título da cidade “Princesa da Baixada” na memória coletiva pinheirense. Esta pesquisa tem a orientação do professor doutor Arkley Marques Bandeiras.

Por se tratar de um morador da cidade de Pinheiro e com conhecimento do movimento político - cultural do município, você foi escolhido (a) para contribuir com o desenvolvimento desta pesquisa. No entanto, ressalta-se que sua participação é voluntária o que não implicará em compensação financeira e a qualquer momento você pode desistir de participar da pesquisa e retirar seu consentimento. Vale ressaltar que sua participação nesta pesquisa não incorrerá em compensação financeira, uma vez que é desenvolvida sem fins lucrativos, não favorecendo benefícios econômicos.

Evidencia-se que toda pesquisa incorre em riscos para os participantes, porém os riscos relacionados à sua participação são mínimos, podendo ser de ordem psicológica e emocionais, uma vez que poderá haver pequeno desconforto durante a realização das entrevistas ao fornecer as informações. No entanto, se isso venha ocorrer a entrevista será encerrada. Ressalta-se que a pesquisa será agendada previamente, com dia, local e horário escolhidos por você de acordo com a sua disponibilidade.

Destaca-se que outro risco relacionado a pesquisa pode estar relacionado à interpretação das respostas do participante, ou seja, interpretações subjetivas. Porém, esse risco é minimizado tendo em vista o aporte teórico da pesquisa, cujas ambiguidades e métodos de análise prezarão pela minimização destas.

Os benefícios da pesquisa a você não serão diretos em participar, porém indiretamente você será beneficiado ao ampliar seus conhecimentos relativos à cidade que habita fortalecendo a construção de identidade e o sentimento de pertencimento à cidade além de produzir conhecimento para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Será garantido a você o ressarcimento das despesas geradas ao participar da coleta de dados e/ou quando necessário, assim como assistência, integral e gratuita, em virtude de danos causados pela pesquisa e indenização no caso de eventuais ocorrências decorrentes da pesquisa.

Ressalta-se que todos os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, nos termos da **Resolução Nº 466/2012 e Resolução Nº 510/2015 do Conselho Nacional de Saúde**. Desse modo, nenhum dos procedimentos adotados para coleta de dados nesta pesquisa implicará em riscos à sua imagem, integridade física, psicológica ou dignidade humana.

A pesquisa contribuirá na ampliação dos conhecimentos acerca dos aspectos sociais e culturais da cidade, principalmente relacionados ao título de Princesa da Baixada, o que caracteriza o ineditismo da abordagem, inclusive para a historiografia local.

Caso aceite participar desta pesquisa, informa-se que a coleta de dados contemplará a realização de uma entrevista que será gravada, se assim você permitir, e que tem a duração aproximada de 1 hora. A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a).

Você terá orientações e esclarecimentos a respeito de todo o processo de aplicação dos instrumentos. Todas as informações obtidas por meio desta pesquisa serão estritamente confidenciais, lhe assegurando o total sigilo sobre sua participação, uma vez que não serão solicitados quaisquer dados pessoais. Destaca-se que os dados coletados servirão de insumos para produtos de natureza científica (dissertação, artigos científicos, publicações eletrônicas, dentre outras), assegurando seu anonimato nas publicações desdobradas da pesquisa. Logo, os produtos da pesquisa serão divulgados com o suporte do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult), Mestrado Interdisciplinar, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Você receberá uma via deste termo, assinada por ambas as partes, constando o telefone da pesquisadora responsável desta pesquisa, para quaisquer dúvidas ou esclarecimentos que venha a ter sobre o projeto de pesquisa, sua participação, agora ou em momentos posteriores. Além disso, também, é informado o endereço e os contatos do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMA, para qualquer reclamação, dúvida ou esclarecimento. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de **FORMA LIVRE** para participar desta pesquisa. Pedimos que preencha, por favor, os itens que seguem:

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderá ser esclarecidas de forma imediata e a qualquer momento pela pesquisadora, Rosiane de Oliveira Silva, pelos telefones (98) 988358649/ CANCLINI, Néstor García. (98) 99226-0985, e-mail: rosi07rp@gmail.com, ou pela entidade responsável, Comitê de Ética em Pesquisa da UFMA, Avenida dos Portugueses, s/n, Campus Universitário Dom Delgado, Bacanga, Prédio CEB Velho, Bloco C, Sala 7 (Próximo ao Auditório Multimídia da PPPGI), CEP 65080-040. **Telefone:** 3272-8708 / **E-mail:** cepufma@ufma.br

**CASO AINDA TENHA DÚVIDAS À RESPEITO NÃO ASSINE ESTE TERMO
CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi via deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo. Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Assinatura do participante

Rosiane de Oliveira Silva

Local e data

APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA

Fase 1 - Roteiro de Temas Abertos

Apresentação da pesquisa pela pesquisadora

Apresentação dos objetivos da pesquisa

Explicação do funcionamento da entrevista (preservação da identidade do entrevistado)

Agradecimentos

Fase 2 – Entrevista com roteiro semiestruturado

Identificação (nome, local de nascimento, idade, vínculo institucional).

Qual sua atuação nesse campo de estudo (política, produção cultural, literatura, arte)?

Que tipo de narrativa você escolheria para caracterizar histórica e culturalmente a cidade de Pinheiro?

Você considera que houve um momento de efervescência política, social e cultural no município de Pinheiro ao longo de sua história? Caso positivo, você poderia situar temporalmente sua opinião?

Quais fatores podem ter levado essa efervescência cultural?

Qual a sua opinião sobre o título de “Princesa da Baixada” para Pinheiro?

Você consegue identificar o momento histórico em que o título Princesa da Baixada foi empregado para homenagear a cidade de Pinheiro?

Existiu algum movimento entre os intelectuais da cidade (artistas, literatos, políticos, professores) que possa ter contribuído para a elaboração/ utilização do título de “Princesa da Baixada)?

Em relação ao passado e presente você poderia listar os equipamentos culturais existentes e que já existiram (teatro, cinema, clubes) que já existiram em Pinheiro?

O surgimento desses equipamentos pode ser atrelado a qual movimento que a sociedade estava vivenciando?

Preambulo: Estou trabalhando com o conceito de “Belle Époque” Pinheirense entre as décadas de 1920-1930. Em que a cidade ganha equipamentos culturais, além do embelezamento da cidade. Em que medida o crescimento desordenado de Pinheiro pode ter influenciado na desagregação de um comportamento urbano voltado para as artes, culturas e cuidados com os equipamentos públicos?

Você acha pertinente na contemporaneidade o título da cidade de “Princesa da Baixada”?